$6⁰⁰

Fóra daqui os cães, e os que dão veneno, e os impudicos e os idolatras e todo o que ama e obra a mentira.

APOCALYPSE.

Ah ! porque te adorei, ó minha patria
Porque souhei-te grande, amei-te bella,
E votei-te o porvir, o sangue e a vida !?...
Teus tyrannos pisaram-me cruentos
E me lançaram nos recintos humidos
Dos calabouços onde o sol não entra.

F. VARELLA.

Ayons foi ! affirmons ! l'ironie de soi-même c'est le commencement de la bassesse.

V. HUGO.

SONHO NO CARCERE

SONHO NO CARCERE

DRAMAS DA REVOLUÇÃO DE 1893 NO BRAZIL

POEMA

Pelo Primeiro Tenente reformado da Armada Imperial o Engenheiro Constructor Naval

Atanagildo Barata Ribeiro

condecorado por serviços de guerra com
o Habito da Imperial Ordem da Rosa e com as medalhas da
Campanha do Paraguay, passador n. 2, de
« Ao Valor e Constancia » da Republica Argentina etc.

RIO DE JANEIRO

CASA — MONT'ALVERNE — RUA DO OUVIDOR 82

—

1895

Este livro não foi escripto para tecer elogios áquelles que souberam cumprir com o seu dever, porém para apontar á posteridade a cabilda de thuribularios e defensores da Tyrannia e do Crime.

O Author.

INDICE

SONHO NO CARCERE

Dramas da revolução de 1893 no Brazil

Dedicatorias........ XIII
Um perfil governamental........ XXV
Explicação preliminar........ XXVII
Prologo........ XLI

CANTO PRIMEIRO

O PESADELO

Primeira parte : As agonias no Sul........ 1
Segunda parte : No coração da patria........ 75

CANTO SEGUNDO

Dedicatoria........ 115

SONHO ALADO

Sonho alado—Nos braços do passado........ 117

CANTO TERCEIRO

O despertar—No seio do futuro........ 163

EPILOGO

Em extasis........ 171

NOTAS

Explicação necessaria........ 176
Notas da primeira parte do canto primeiro........ 177
Notas da segunda parte do canto primeiro........ 209

APPENSOS

Defeza do Primeiro Tenente reformado Atanagildo Barata Ribeiro, no conselho de guerra a que respondeu em 14 de Fevereiro de 1895........ III
No estado de sitio........ VII

OS SERVENTUARIOS DA TYRANNIA

Relação dos deputados que a 26 de Junho de 1894 apresentaram o projecto de prorogação do estado de sitio.. XXI

Relação dos deputados que a 29 de Junho de 1894 apresentaram o projecto para adiamento da sessão do Congresso Nacional........ XXIII

Relação dos senadores que votaram a favor do projecto de adiamento da sessão do Congresso Nacional.............. XXIV

Relação dos cidadãos que desempenharam cargos de confiança durante a Dictadura Floriano Peixoto............. XXVI

Relação dos officiaes de marinha promovidos por serviços prestados durante a Dictadura Floriano Peixoto......... XXX

Relação dos officiaes das classes annexas que serviram na esquadra do Dictador, e dos Aspirantes que não acompanharam o Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama........ XXXVII

OS DEFENSORES DA CONSTITUIÇÃO

Relação incompleta dos officiaes do exercito que o governo mandou considerar desertores por suspeitar que estavam servindo á Revolução Rio-Grandense de 5 de Fevereiro de 1893, no «Exercito Libertador» e dos cidadãos civis que serviram como officiaes n'esse mesmo exercito........ XLV

Relação incompleta dos officiaes de terra que estiveram presos nos presidios desta Capital, por suspeitos de adeptos ás Revoluções, Rio-Grandense de 5 de Fevereiro de 1893 e de 6 de Setembro do mesmo anno....... LIV

Relação dos officiaes de marinha e aspirantes que o Governo mandou considerar desertores, por suspeitar que estavam servindo á revolução de 6 de Setembro de 1893. LVI

Relação dos officiaes de marinha e aspirantes que estiveram presos nos diversos presidios politicos como revolucionarios e que não figuram no relatorio do Almirante João Gonçalves Duarte, secretario dos Negocios da Marinha do Dictador Floriano Peixoto................ LXVII

Relação dos officiaes de marinha que se reformaram e pediram demissão excusando-se assim a prestar serviços ao Governo do Dictador Floriano Peixoto.................. LXIX

Relação dos officiaes de marinha e aspirantes que succumbiram durante a revolução de 6 de Setembro de 1893.... LXXII

Relação dos navios de guerra, mercantes, fortalezas e pontos fortificados de que constituiu-se o material bellico dos revolucionarios de 6 de Setembro de 1893........ LXXIII

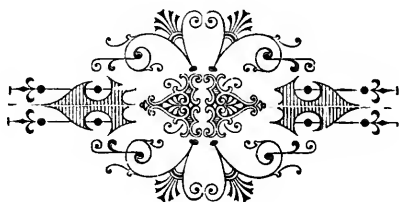
VICTIMAS E ALGOZES

Relação incompleta dos cidadãos que foram, por ordem do Dictador Floriano Peixoto, assassinados a tiros de fuzil, por seus prepostos em diversas localidades LXXVII
Relação incompleta dos cidadãos que falleceram, enlouqueceram e tentaram suicidar-se, devido aos máos tratos que recebiam do administrador da Casa de Correcção d'esta Capital, onde se achavam presos, o Capitão reformado do exercito e Coronel honorario do sitio, Aureliano Pedro de Farias...LXXXVII
Relação das mães de familia que foram forçadas e das menores que foram defloradas em sua presença, pelos defensores da honra, da legalidade e do progresso da republica do Dictador Floriano Peixoto.................... LXXXIX
Relação incompleta dos individuos indigitados como tendo feito parte da notavel quadrilha de saqueadores, defloradores e assassinos, ao mando do immortal Marechal de Sangue Floriano Peixoto XC

SALDANHA DA GAMA

Carta dirigida ao proprietario da *Gazeta da Tarde*, em 7 de Julho de 1895.. CI
Uma lagrima sobre a memoria do nobre e invicto Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, morto gloriosamente em combate no Campo Ozorio a 25 de Junho de 1895.. CV
Errata.. CVII

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Retrato do autor ao sahir da prisão III
Cubiculo da Casa de Correcção em que esteve encarcerado o Dr. Atanagildo Barata Ribeiro preso politico durante o governo do Marechal Floriano Peixoto........... XXXIX
O mandatario dos assassinatos perpetrados no Estado de Santa Catharina e algumas de suas victimas.............. XLIV
O mandatario dos assassinatos perpetados no Estado do Paraná e algumas de suas victimas LX
Principaes indigitados como mandatarios dos assassinatos perpetados, durante e depois da revolução, em diversas localidades, e respectivos executores.................... XCII

Á MEMORIA

DE

GUMERCINDO SARAIVA

Valente lutador de bronzeos musculos,
Alma de heroe em corpo de granito,
....

FAGUNDES VARELLA.

Á MEMORIA

D'aquelles que succumbiram na luta contra o Governo

DO

DICTADOR FLORIANO PEIXOTO

....

Quanto ha nos Céos esperançoso e bello,
Quanto ha no abysmo tenebroso e triste,
Quanto ha nos mares magestoso e vago,
Hoje te invoco! ....

A. HERCULANO.

Aos Defensores das Liberdades publicas do Brazil

Os Federalistas Rio Grandenses

E

REVOLUCIONARIOS DE 6 DE SETEMBRO DE 1893

...................O sangue dos gigantes
Latejava febril nas veias palpitantes
D'esses bravos que só, em nome do futuro,
Arrojaram ao chão o tenebroso muro
Que lhes interceptava a estrada do ideal.

JAYME VICTOR.

AOS IMMORTAES MARINHEIROS

DE

WILLEGAIGNON

Eram os poucos, que jamais vencidos
Os dias seus contavam por batalhas,
....
....
Poucos que se não rendem ; — mas que morrem !

G. DE MAGALHÃES.

A SEUS COMPANHEIROS DE PRISÃO

UM BRADO DE ANIMAÇÃO

CONSTANCIA

E

ESPERANÇA NO FUTURO

É mister não confundir aqui os Alfredos de paiva ou de barro, que mais tarde, vieram confirmar pela imprensa a legitimidade da desconfiança que pesava sobre elles, de fazerem parte da execravel quadrilha de secretas que o Despotismo destacou até para as prisões e que corrompiam o ar desses antros, então purificados pelo halito da innocencia, da honra, do patriotismo e do mais acrysolado amor ás liberdades e instituições patrias!

O Author.

AO DEDICADO AMIGO E GUARDA FIEL

DE

S. M. O IMPERADOR

O

Marechal Floriano Vieira Peixoto

POR LICENÇA IMPERIAL

FLORIANO PEIXOTO

OFFERECE O

AUTHOR

Como insignificante prova do quanto lhe póde ainda ser util.

A historia da America do Sul registra o dominio de Rosas, de Francia, de Lopez e de outros, mas o Marechal Floriano quer offuscar-lhes a nefasta gloria e a sua tyrannia já traz escriptos com letras de sangue, nas suas paginas negras os mais atrozes documentos da nossa deshonra.

A historia tem seus tigres. Ella impede que elles morram, ella os guarda com todo o cuidado, diz um dos maiores publicistas d'este seculo. Não os mistura com os seus chacaes. Reserva a parte as bestas immundas.

O Marechal Floriano não é, nem será jamais um tigre da historia. Elle tem mais do chacal e da hyena.

O tigre na sua ferocidade, tem alguma cousa de audaciosa coragem. O chacal e a hyena são a covardia, a perfidia e a podridão cadaverica. Trabalham pelo silencio da noite na sombra, rastejando asquerosamente nos campos de combate e nos cemiterios. Tem receio da vida e da luz.

O Marechal Floriano trabalha pelo silencio da noite no Itamaraty, rastejando á traição, arma ciladas, faz cahir a preza e só se ceva na carne putrida das victimas, mandando desenterrar os cadaveres como em Tijucas, como no Rio Grande do Sul, para insultal-os, mutilal-os e dar pasto á sua histeria de Bertrand.

O Marechal Floriano não será um tigre da historia. Quando muito uma fera immunda, asquerosa e traiçoeira, da ordem dos chacaes e das hyenas.

Não terá a jaula dos leões, trará ao pé a grilheta curta e pezada das alimarias que lambem a mão do domador ao receber no focinho os golpes infamantes do latego da condemnação universal.

JACQUES OURIQUE.

(*O Drama do Paraná*.

UM PERFIL GOVERNAMENTAL

SONETO

May the grass wither from thy feet! the wood
Deny thee shelter! earth a home! the dust
A grave! the sun his ligth! and heaven her god!

BYRON (CAIN)

Seu porte é regular, seu corpo é reforçado,
Que o craneo alagoano é, ve-se n'um momento:
Seu passo tardo e curto é de homem pachorrento,
E o traje assás correcto, até mesmo adamado.

Na languidez do olhar, que lembra um emborrachado,
Bem faz para velar seu negro pensamento ;
Mas seu sorriso alvar, mentido, amarellento,
Um ser logo revela ao sangue afeiçoado.

Vendeu seu velho rei ; mas só após certeza
De ter desse acto infame o soldo garantido,
Depois mais almejando, então essa inteireza

De um companheiro seu trahiu como um bandido
Sem alma ou consciencia !
É filho da Baixeza
Co'o Mal, e só dos vis amigo estremecido.

O AUTHOR.

De um escarro de Caim surgiu um sapo : este sapo és tu Marat.

V. Hugo.

Explicação Preliminar

Cowards die many times before their deaths ;
The valiant never taste death but once.
Of all the wonders that I yet have heard,
It seams to me most strange that men should fear ;
Seeing that death, a necessary end,
Will come, when it will come.

SHAKSPEARE.

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

> Nunca aos tyrannos faltam escravos
> nem instigações ás tyrannias.
>
> LAMARTINE.

Não ha effeito sem causa. Este livro é um effeito; precisemos-lhe a causa.

No dia 30 de Janeiro de 1894, no momento em que sahia de minha residencia para os affazeres quotidianos, fui intimado por um valdevinos, dos muitos que desempenhavam então o papel de policias secretas d'esta Capital, a comparecer na Policia, para explicações que de mim desejava receber o chefe d'essa repartição.

A Capital, como grande parte d'este paiz, estava nessa epoca em estado de sitio, sob pretexto da revolução levantada a 6 de Setembro d'esse anno pela nossa marinha de guerra, contra a serie de attentados á constituição da Republica praticados pelo pseudo-chefe do poder executivo o Marechal Peixoto.

Segui portanto o meu intimante, sem lhe pedir explicação alguma sobre tal intimação, acompanhado por um filho meu, de doze annos de idade, de nome João dos Santos Ribeiro, o qual achava-se na occasião em minha companhia.

Chegando á Policia, quiz mandar o menino para casa; impediram-me de assim proceder, alguns esbirros, ponderando-me que havia ordem de prisão tambem contra elle.

Isto passou-se entre seis e sete horas da manhã. Ás dez horas foi o menino retirado da sala onde eu me achava, que começava a encher-se com as levas de presos do dia e outros cidadãos, e só ás nove e meia da noite, approximadamente, me appareceu de novo para despedir-se de mim. Foi então que tive sciencia de que haviam-no retido, por ordem do mimoso gomorrheano o bacharel Guido de Sousa, o qual o tinha coagido a depôr sobre a conspiração de que me accusavam, por julgal-o depositario dos segredos d'ella!!

Durante esse dia deram-me alimento pela primeira vez ás seis horas da tarde!

No dia 1 de Fevereiro fui interrogado por esse mesmo futuro estadista do presidencialismo patrio e no dia 2, ás tres horas da tarde, remettido para o Quartel General do exercito e d'ahi enviado, sem mais formalidades, para a Casa de Correcção, já transformada em prisão de estado pelo Caligula alagoano; esse mesmo que, para mostrar-se mais prodigo que o seu homonymo romano, em falta de consulados, distribuio, pouco tempo depois, pelos seus muitos devotados «Incitatus» as curús do Congresso de seus vastos dominios! E eis, em synthese, o processo e julgamento bastantes, para que fosse eu encarcerado em um cubiculo da Casa de Correcção!

Ali chegado, fui apresentado ao administrador dos galés, o Capitão reformado do exercito e Coronel honorario

do sitio, Aureliano Pedro de Farias, a quem, por suspeitar da sorte que me aguardava, entreguei aberta uma carta que escrevi, com sua authorisação, á minha familia, pedindo-lhe roupa e livros.

Logo depois fui conduzido, conjunctamente com mais seis companheiros de sorte, escoltado por doze praças de armas embaladas (!) para o interior do estabelecimento, até a parte do edificio que serve de prisão principal e d'ahi, depois de revistado e espoliado de um pequeno canivete, uma thesoura de unhas, um chapéo de sol e um frasco de remedio, armas reputadas perigosas, fui acompanhado por dous guardas até o terceiro andar, onde finalmente deixaram-me trancado no cubiculo cujo desenho se acha á pag. 38.

E foi n'um d'esses antros, transformados pela Infamia em prisões de estado, que. durante longos mezes, jazeu encarcerada, sem sol, sem luz, nem ar, soffrendo as maiores privações e insultos, e supportando o sorriso alvar e asqueroso d'esse microbio da dor (1) chamado Aureliano Pedro de Farias, a flor da sociedade brasileira, (2) sem

---

(1) Foi com tal qualificativo que designei esse despresivel serventuario da tyrannia quando em sessão do Supremo Tribunal Federal, tive a palavra para desenvolver a minha defeza.

(2) Infelizmente o numero das excepções a esta regra nem foi pequeno nem constou sómente de cidadãos pouco conhecidos; até conselheiros de estado nelle figuraram.

Sirva de exemplo o Bacharel Silva Costa que acaba de aceitar o encargo de advogado de defesa desse incomparavel Capitão dos galés, no processo contra o mesmo instaurado aliás por um seu companheiro de sorte o general Honorato Caldas.

Será para pagar-lhe assim os muitos favores que recebeu gratuitamente (?) do mesmo durante sua estadia na Casa de

outro libello alem da delação infamemente encommendada pelos thuribularios da Depredação e do Despotismo (1), para satisfação de privados odios ou de ambições inconfessaveis; sem outro processo alem dos irrisorios inqueritos commettidos aos cuidados de uma caterva de inconscientes, e sem outra sentença alem da despotica vontade de uma mentalidade obcecada pelo vicio, de uma alma gangrenada pela traição, de um aborto social emfim,

---

Correcção, e entre os quaes figura um de que aliás gozavam ali diariamente os galés — passear nos jardins desse edificio? Se foi é bem bom... Passeavam todos igualmente...

(1) O meu denunciante foi o Cabo do Regimento de Cavallaria da Brigada Policial Antonio Cabral Pinheiro. Esse individuo, a quem eu *apenas conhecia de vista* por ter sido um dos ordenanças do Dr. Candido Barata Ribeiro, quando Prefeito do Districto Federal, jurou tel-o eu convidado para tomar parte em uma conspiração cujo intuito era atacar as prisões de estado, libertar os respectivos presos, e com elles e forças de mar combinadas *ad rem* e outras atacar os morros fortificados pelo Governo, fazendo na occasião voar a dynamite os paioes de munições que o mesmo Governo tinha na cidade! O Coronel Valladares, então Prefeito, prestou-se a rectificar essa denuncia por carta ao Chefe *da Policia de então.*

Desempenharam os papeis de testemunhas o Commandante do Batalhão Municipal, o Tenente-Coronel do Sitio Luiz Accacio Vieira Roso, que *até affirmou* haver-lhe eu pedido para me arranjar armamento com os seus soldados (!) e o Tenente do mesmo batalhão Antonio Pinto da Silva Valle: dous dos muitos valdevinos, então agaloados e aos quaes nem de vista eu conhecia!

Para dar força a essa denuncia, foram tambem accusados como meus cumplices mais seis individuos, dos quaes, com dous somente eu tinha relações: o Sr. Alberto Bouças, um velho camarada e companheiro de luctas eleitoraes, e o incomparavel Coronel honorario de engenheiros Aristides Arminio Guaraná.

— Este antigo Capitão de engenheiros que se fez compadre e amigo privado do Conde d'Eu, para angariar a protecção da corôa, como de facto angariou, e que a 15 de Novembro se declarou — *historico* — para obter rapidamente o seu coronelato honorario e esse tabellionato dos... protestos de que ora vive! O mesmo

secundado em seus nefastos crimes por essa quadrilha desvairada de agaloados que a dous tristes annos devasta, com deshonra para o nosso exercito e marinha, este inditoso paiz, pregando o estupro, a gazua e o veneno!

Foi nesses antros que falleceram, á mingoa de tudo, muitos cidadãos distinctos, cujos gemidos pungentes de agonia echoavam lugubres pelas abobodas dos corredores desertos, emquanto a habitação da alma microscopica do

---

que ainda por protecção do compadre Conde obteve a nomeação de director de uma colonia no Espirito Santo, mas que nunca conseguiu durante a Monarchia o seu sonho dourado — o tabellionato — pois tendo entrado para aquella Colonia simples capitão pobre e da lá sahido proprietario de doze sesmarias de terras teve de empregar seus principescos esforços, com prejuizo do tabellionato, para obter absolvição em um processo a que foi submettido por ter sido accusado como prevaricador da fazenda publica! O mesmo finalmente que, por ter sido ferido *na palma da mão* no momento em que *heroicamente* avançava contra o inimigo na guerra do Paraguay, tornou-se bastantemente conhecido pela falta d'essa mão, que substituiu por outra de páo, rasoavelmente empellicada, como era de justiça, de preto.

Esse miseravel, tendo sido accusado pelo mesmo Cabo de ser o chefe d'essa conspiração, possuio-se de um terror tal, por se ver encarcerado na Casa de Correcção, que pediu e consegiu ser nella sujeito a um segundo interrogatorio. Foi então que, entrando na sala para tal preparada, com o semblante semi-lacrimoso, começou exclamando: «eu preciso, *seu* Doutor, me defender dessas accusações, pois ellas são de ordem tal que são capazes até de mandar fuzilar a gente» (é textual); em seguida, em torpe dueto com um rapazola de nome Manoel do Amaral Segurado, com o qual se havia conluiado antes na galeria da prisão, desdizendo-se ambos do modo o mais vergonhoso do que haviam deposto na Policia e assumindo os papeis de denunciantes, para assim merecerem a complacencia da tyrannia (ser traidor era ser nobre), tornaram-se testemunhas das accusações contra mim feitas por aquelle mesmo Cabo, dando quasi lugar á ordem de ser eu assassinado a fuzil!

Esse peralvilho, que promette para o futuro, visto ter agora apenas desenove annos, nada conseguiu da tyrannia, não obstante ter declarado então que, por ter faltado ao seu

capitão dos galés estrudia com o alarido informe dos avinhados e sumptuosos banquétes pagos com o ouro accumulado, a expensas de nossas lagrimas e das lagrimas de nossas familias.

Nesse exiguo espaço de dezeseis palmos de altura, por dezeseis de comprimento e oito de largura, onde apenas penetrava a luz coada atravez de uma estreita porta de ferro de fortes dimenções, estufava então o calor, que attingira o seu maximo em nossa latitude. Estavamos em pleno Fevereiro.

---

juramento no primeiro interrogatorio, ia nesse *fallar sua verdade* (tambem é textual).

O velho coronel, porém—o que tinha medo que mandassem fuzilar a gente—este, como traidor de primeira agua e covarde, foi posto em liberdade, pouco tempo depois desse acto de benemerencia, pois, a prôl de sua liberdade secundaram-no ainda os pedidos incessantes que mandava, pela propria esposa e filhas menores, fazer á esposa e filhas do grande Marechal, e depois de livre, era quotidianamente encontrado no palacio Itamaraty, esquecido de que os revolucionarios do Estado do Espirito Santo lhe tinham suffragado o nome para a vaga de Senador por aquelle Estado, por julgarem-no adepto á revolução, e que o seu chefe, o venerando Barão de Monjardim, ainda se achava foragido no Rio da Prata para evitar a perseguição do Despotismo!

Pustula! Sentina da traição e da calumnia! Covarde, em cujo collo me assentaram quando criança e que por isso me habituei a respeitar, eu não te escarro nas faces para não envenenar a minha saliva.

Na pagina dos appensos, eu fiz inserir a defeza por mim apresentada ao conselho de guerra a que respondi, pois sendo d'ella testemunhas seus respectivos membros, fica assim demonstrado de um modo incontestavel que para defeza das imputações que se me faziam não accusei ou denunciei quem quer que fôsse; do mesmo modo que o procedimento infame desse Coronel mão negra, foi tambem testemunhado por alguns dos cidadãos accusadas de terem tomado parte na conspiraçãs de que fui denunciado, por *terem presenciado* o alludido interrogatorio.

Matar o tedio da solidão em que me via tão bruscamente abysmado era meu unico ideial, constituia um dever ; e foi isso que deu origem ao trabalho que ides ler e cuja elaboração amenisava com a leitura dos livros que, ora recebia de minha casa, ora me eram emprestados pelos companheiros de prisão.

Não me era porém possivel escrever então mais do que um esboço do presente livro, não só pelo receio de serem os cubiculos inesperadamente sujeitos a uma busca, como já se tinha dado algum tempo antes, e não poder eu occultar um manuscripto de grande volume, como tambem porque, quando mesmo tal busca se não effectuasse, ter-me-ia sido impossivel transportar qualquer trabalho de outro modo que não fosse amarrando-o em volta do corpo, como de facto fiz com este, para livral-o da indecente revista, a que sujeitavam as bagagens dos presos que iam sendo postos em liberdade e que só tinha por intuito espolial-os de producções litterarias e até de objectos de uso.

A 17 de Setembro de 1894, depois de passar e ver passar, durante sete e meio longos mezes, por toda sorte de soffrimentos, fui finalmente posto em liberdade por decisão do Supremo Tribunal Federal, ao qual havia requerido habeas-corpus dias antes.

Foi então que tive ensejo para completar este trabalho. Para tal, porém, era-me indispensavel não só conhecer os factos mais notaveis da revolução e possuir as photographias dos seus principaes heroes, algozes e victimas, para illustral-o, como dispor ainda de tempo bastante para tanto ; e infelizmente, sobre pouco se

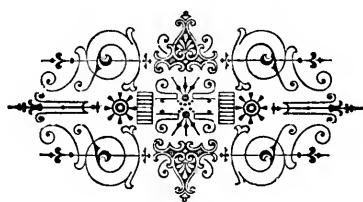
conhecer de positivo com relação áquelles, bem parco foi o etmpo que, para tal commettimento, me permittiram o estado depauperado de minha saude ao sahir da prisão e os meus muitos affazeres.

Como porém, com a publicação d'este livro, não tenho a pretenção de fazer o historico da santa cruzada em defesa das liberdades publicas d'este paiz, nem obter os foros de litterato, resolvi leval-a a effeito, por maiores que fossem e sejam as suas lacunas, apenas pelo desejo que tenho de fornecer alguns dados para a historia e, aproveitando-me de tal ensejo, sollicito dos interessados o maior numero de informações que poderem ministrar-me, a par das photographias dos algozes e victimas que figuraram em tão triste tragedia. Ficarei assim habilitado a corrigir e completar esta obra, se o favor publico me aconselhar, por ventura, a publicação de novas edições.

Descrente de mais para pretender adquirir amigos com os elogios que a narrativa historica dos factos dispensa n'este livro a alguns chefes e membros da Revolução, devo mais declarar que não me arreceio tambem dos sicarios a que essa mesma narrativa rasoavel e fatalmente esmaga, condemnando á execração da posteridade; pois, se por ventura, em vez de procurarem angariar o perdão publico para seus nefastos feitos por um arrependimento sincero, continuando no desempenho de seus papeis de assassinos, me ferirem traiçoeiramente, conscio de haver cumprido um nobre dever com a publicação deste livro, morrerei satisfeito dirigindo-lhes, ao expirar, a mesma phrase que, a pouco mais de um seculo, dirigio

Mme. Roland a seus algozes, ao ouvir d'elles a sentença de morte : « Je vous remercie de m'avoir trouvé digne de partager le sort des grands hommes que vous avez assassinés. »

Rio de Janeiro, Maio de 1895.

Atanagildo Barata Ribeiro.

PROLOGO

Such pain, such anguish to relate
Is o'er again to feel behold
But charg'd as'tis my heart must speack
Its sorrow out, or it will breack.

TH. MOORE.

PROLOGO

....

> Os exercitos permanentes nascidos do absolutismo e só para elle, com elle deviam ter passado para o mundo das tradicções.
>
> A. HERCULANO.

Ha duas ordens de phenomenos sociaes que, com quanto se apresentem as mais das vezes sob a mesma apparencia, são comtudo perfeitamente distinctos, quer pelas causas que os originam, quer pelos effeitos que produzem no seio das nações: as revoluções e as fermentações populares.

Aquellas, producto sempre genuino dos mais nobres sentimentos, brado legitimo de protesto contra as mais nefastas tyrannias, irrompem tambem sempre altivas, em um momento dado, do seio dos povos, que assim as levam em triumpho até ás portas dos palacios, onde estrudem as bacchanaes dos Neros e dos Caligolas, ou aonde tripudia infamemente na sombra a hypocrisia satanica de um Phelippe II, ou a ambição sordida de uma Isabel de Baviéra.

Dellas foi que nasceram as sabias reformas productoras dos progressos humanos, e que surgiram os grandes vultos executores dos muitos commettimentos que têm

engrandecido e robustecido os povos do universo. Foi assim dellas que, ao baquear das negras oppressões, nasceram, radiantes, as constituições que robusteceram os organismos populares, infiltrando nelles a seiva das mais almejadas liberdades, e que surgiram tambem os Lincolns e os Napoleões Primeiros.

Emquanto que estas, producto enfezado e morbido sempre dos conluios na sombra, grito satanico do vicio, sómente comparavel á voz de saque das antigas victorias do barbarismo, apenas se arrastam trefegas até o local onde repousa descuidosa uma Joanna d'Arc, ou onde trabalha confiante um Marnix de Santa Aldegonda. Foi por sua vez dellas que se originaram todas as tyrannias e foi tambem de seu seio que foram atirados á face das nações os monstros executores de quantos attentados e crimes têm enlameado certas epocas da historia da humanidade! Foi assim dellas que, ao prantear da honra e da virtude, nasceram offegantes as Inquisições e Anarchismos, que têm depauperado os organismos populares, envenenando-lhes os seus mais importantes orgãos de acção; e foi de seu seio tambem que surgiram os Duques d'Alba, os Borgias e os Arbues.

O Brazil não passou, nem está passando por uma revolução popular; mas tão somente por uma fermentação do genero destas e, consequentemente, das mais nocivas ao seu desenvolvimento material e moral!

Este seu estado morbido, porém, comquanto se tenha accentuado mais nestes ultimos annos, nem data comtudo de então, nem é o resultado de um envenenamento subito.

Elle tem sua origem em um passado mais longinquo; são-lhe causa as leis atavicas que o sobrepujam.

Producto genuino do cruzamento da escoria de um povo, já em periodo de decadencia, com uma das raças mais boçaes da superficie da terra — a africana — não teria sido o Brazil inscripto, na epoca em que o foi, no quadro das nações independentes, se a curteza de vistas de um monarcha ambicioso e o desejo estulto de reinar a todo o transe sobre o quer que fosse, não tivessem coagido sua população a desempenhar tão importante papel entre os agrupamentos sociaes em que um tal qualificativo bem assente.

É certo que, a par da população eivada d'esse vicio de origem, formou-se tambem uma sociedade distincta, proveniente por sua vez dos mandões da epoca e dos elementos de outro genero que com elles conjunctamente haviam emigrado; este, porém, alem de representar uma fracção diminutissima da totalidade, ou foi se imbuindo nos vicios d'aquella, ou se foi pelo menos eivando d'essa indolencia e horror ao trabalho, productos quer das commodidades que lhe proporcionavam sua abastança e posição social, quer da existencia do elemento escravo, unico para o qual até então não se julgava ser deshonra o labor.

Nem venha agora a myopia patriotica taxar-me de exagerado, por quanto acabo de dizer, pois, pela estatistica da população escrava, por mim organisada em 1884, com os dados officiaes existentes, attingia esse genero á enorme quota de quinze por cento da população geral, em sua

maioria aliás composta de mulatos ou de cousa ainda peior — do fructo d'esses dous elementos já mencionados com outro talvez mais detestavel—o indigena selvagem! O elemento branco legitimo, com exclusão das provincias do extremo sul, constituia uma verdadeira raridade; era até objecto de luxo, e tanto assim que, mesmo em Pariz, um dos centros de civilisação mais importantes e mais entrelaçados com o Brazil, se perguntou a muitos brazileiros, que lá estiveram em 1872, se o nosso Imperador tambem não era negro!...

Comprehende-se, portanto, que sómente uma força superior poderia sustar os impetos naturaes de tal bando ao commettimento de quantas baixezas e crimes lhe eram suggestionados, a cada instante, pelo elemento morbido que, em virtude dessas leis atavicas, o sobrepujavam, e envenenavam-lhe o sangue de um modo latente; e que uma vez liberto d'essa força, nada mais logico e fatal que vel-o enveredar pelo caminho de seus naturaes instinctos!

Se este povo, portanto, manteve-se com certa decencia, affectando virtudes que não possuia ou comprehendia, foi devido á superioridade de espirito do Monarcha que, pelo facto casual mas para elle desastrado de ter nascido n'este deserto da America do Sul, teve a loucura de dedicar-lhe uma existencia inteira de affectos, trabalhando para o seu progresso e felicidade, e ensinando-lhe o caminho da honra pelo exemplo da mais illibada probidade e pelo exercicio das mais acrisoladas virtudes!

Esse estado de coisas, porém, não podia durar muito. Os soffrimentos desse nobre ancião, obrigando-o a ausentar-

se da patria, por longos periodos de tempo, foi pouco a pouco entregando este povo a seus proprios instinctos, por isso que, se áquella que o substituia sempre nas redeas do poder, sobravam toda sorte de dotes que devem ornar uma Imperante, faltavam-lhe comtudo, não só a isempção de espirito necessaria para dispensar quanta gloria se tornasse incompativel com os interesses da Corôa que deveria herdar e da propria nação cujos destinos assim temporariamente dirigia, mas ainda outras qualidades e energias indispensaveis a todos quantos têm o dever de assumir tão culminante posição social.

A mentalidade Imperial, enfraquecida pela molestia, já havia deixado que, confundida a liberdade com a licença, campeassem impunes por entre as massas populares os *Corsarios* e outros atropelladores da Lei e do Direito, aquelles disfarçados com as vestes civilisadoras da imprensa e estes sob a mascara sympathica de defensores das liberdades e igualdades populares; e emquanto se ia o povo assim imbuindo n'essas theorias subversivas a toda ordem social e moral por uns e outros pregadas, o amor á gloria atirava por terra o mais sagrado de todos os direitos — o direito de propriedade! (1)

A onda avolumou-se então; o desrespeito a esse

(1) Em um projecto de lei que elaborei, tratando da eliminação do elemento servil no paiz, e que apresentei ao publico quando em 1884 me apresentei candidato á deputação geral pelo então 2º Districto eleitoral da Côrte, provei claramente que para transformação, mesmo subita, do elemento servil não havia carencia de desrespeitar-se o sagrado direito de propriedade, como se desrespeitou com a celebre Lei do Sr. João Alfredo e da Princeza Regente.

direito foi a porta aberta a todos os abusos, a todas as offensas á lei e á justiça, e até a grande numero de depredações! Foi então que até os ministros da Regencia começaram a commetter actos que, se não peccavam por francamente deshonestos, causavam pelo menos esse geral reparo e indignação que sóem attrahir sobre si as acções governamentaes a que deixou de presidir toda lisura.

Foi então que os corpos militares, que tinham a pretenção de representar a supremacia nacional e de serem seus unicos deffensores, começaram tambem a se impôr aos governos, reclamando sua parte de leão, e que deante das mais absurdas exigencias o poder publico, já tambem transformado em cordeiro da epoca, foi abdicando vergonhosamente de suas prerogativas, com grande prejuizo para sua força moral.

Emquanto isso se dava, o cambio, esse grande regulador do credito dos povos do papel moeda, lá se ia tambem por um plano inclinado, ameaçando em sua queda as classes proletarias! Nada mais logico: da louca reforma da Regencia surgiam as difficuldades financeiras, e a necessidade da uma solução prompta ao problema financeiro despertava como sempre o problema social.

Ha muito portanto que o Brazil encetara o seu periodo de dissolução moral!

Ha muito que o desamor á justiça fazia-se sentir com todo o seu lugubre cortejo de desrespeito á lei e ao principio da authoridade, moveis bastantes para ruina de qualquer organismo social!

Ha muito finalmente que o abuso de uma mal defi-

nida liberdade, habituando o povo á mais desordenada licença, impellira-o insensivel e fatalmente ao estado de anarchia, para repressão da qual torna-se quasi sempre indispensavel aos governos adoptar o funesto e selvagem regimem do despotismo !

Foi n'esse estado de geral exacerbação de espiritos que foi chamado para tomar conta das redeas do governo um dos nossos mais illustrados estadistas, o Exm°. Sr. Visconde de Ouro Preto. Para tanto sobravam-lhe certamente o prestigio que lhe davam seus innumeraveis serviços publicos e a robustez de sua intellectualidade e conhecimentos, os quaes o haviam imposto á Corôa para tão culminante posição social ; sobravam-lhe ainda a energia que emana da consciencia de uma vida dedicada ao exercicio de todas as virtudes civicas ; mas faltavam-lhe por sua vez o machiavelismo e a calma indispensaveis para o estabelecimento da unica força que poderia então abafar os desmandos da epoca — a temporisação. —

Ouro Preto não era portanto o estadista talhado para aquelle periodo de effervecencia moral.

Abafar o problema social que se ia avolumando, por uma solução prompta ao problema financeiro que o havia despertado, devia ser e foi incontestavelmente o primeiro cuidado d'esse notavel estadista.

Era, porém, tarde de mais.

O pequeno nucleo de republicanos que existia, não podia deixar passar o momento feliz da fermentação que se elaborava no seio do povo, e que procurava robustecer, insuflando contra os governos as iras das guarnições mili-

tares d'esta Capital. Entre elles alguns desejavam, é certo, a republica pela republica, mas queriam-na feita pelo povo, e quando pela marcha natural dos acontecimentos terminasse o segundo reinado: são os ainda perfeitamente reconheciveis pelos paletós surrados com que os veio encontrar este — novo estado de coisas — a que outros que almejavam-na pelo amor ao poder e aos cofres da nação denominaram impropriamente de «Republica» — esses illustres desconhecidos de todos os tempos e de todos os partidos, e actualmente os homens notaveis, os influentes politicos, os capitalistas da epoca, esses emfim que a queriam a todo transe, mesmo quando levantada, como foi, sobre a lapide ensanguentada do brasileiro que mais amor e sacrificios dispensou a este paiz — o Sr. D. Pedro de Alcantara.

Era tarde, repito.

O ouro que regorgitava no thesouro e se tornara encommodo sob o ponto de vista de sua portatilidade, para um povo como este por demais affeito ao papel moeda, tendo levantado o cambio acima do par, em consequencia de um coefficiente de valorisação convencional e excepcional a que denomino — *de incommodidade publica*, —ao passo que causava espanto aos mais ingenuos, deslumbrava esses taes republicanos soffregos, os grandes deffensores das liberdades publicas de que estamos actualmente gosando !

O movimento de 15 de Novembro de 1889, por tanto, que só fora combinado para derribar um ministerio que havia incorrido no desagrado da força armada, não podia

parar n'isso, por isso que não satisfazia as ambições dos pregadores d'esses direitos e liberdades populares!

Era mister banir da nação aquelle que sem se ter jamais intitulado — guarda do thesouro — não permittia comtudo que o assaltassem, pela força que resultava de sua illibada conducta e de suas virtudes civicas.

E assim, no meio da mais abjecta indifferença (1), foi este malfadado paiz conquistado por cerca de dois mil soldados boçaes, amotinados nos quarteis d'esta Capital!!

Estava triumphante a almejada Republica dos representantes da raça africana (2), dos megalomaniacos, dypsomaniacos e coprafagiacos, dos novos guardas do Thezouro, dos restauradores emfim da fortuna publica! Deodoro era o seu Presidente, dirigia-lhe os negocios do interior o *immortal* Aristides Lobo, Bocayuva e Glycerio retalhavam o corpo d'este *excelso gigante* e outros finalmente sugavam-lhe o sangue! (3)

---

(1) Foi a esse estado apathico da população desta Capital, que Aristides Lobo applicou, como sua, a phrase com que Victor Hugo descreveu o panico do povo francez, quando metralhado por ordem de Napoleão 3º «...... le peuple assistait embeté».

(2) Comprehende-se facilmente que homens como José do Patrocinio, João Severiano da Fonseca, Deiró, Rebouças e alguns outros, pela robustez de sua intellectualidade e pela nobreza de seu procedimento são excepções que confirmam legitimamente a nossa opinião.

(3) Para se avaliar da estatura dos homens que constituiram o governo provisorio basta citar a viagem do Sr. Quintino ministro dos estrangeiros á Republica Argentina com approvação de *todo* o ministerio afim de solver amigavelmente a questão das missões.

Em que paiz do mundo se vio um ministro reduzido á posição de encarregado de negocios?!!

O presidente daquella Republica ao saber da chegada do —extraordinario emissario— a Montevidéo, retirou-se de Buenos

E assim, de depredação em depredação, de crime em crime, foi este inditoso paiz arrastado para o plano inclinado em que o vemos, até cahir nas garras d'aquelle que, pela mais sordida traição, lhe cavara este novo estado de coisas, o *notavel estadista* que se intitulou elle proprio —guarda do Thesouro—e que durante dous largos annos o tem punido bastante de sua inercia culposa, esbanjando o que ainda havia de sua fortuna publica e particular, enlameando-lhe o credito com a emissão clandestina de papel já recolhido, e ensopando-o com o sangue de seus proprios filhos, ao estuar da mais cruenta guerra civil de que ha noticia na historia dos povos civilisados dos tempos hodiernos !

Não podia porém ser de outro modo.

Este povo carecia ser punido do crime de alta traição e os traidores só devem ser punidos pelas mãos da propria traição. Ás almas nobres incumbe-as sempre a Providencia de feitos tambem só nobres.

Foi durante esse periodo agonico do Brazil que mais ousada campeou a turba d'esses grandes miseraveis.

— Da delação que rastejava para macular ou ferir os espiritos mais nobres; do roubo, que tripudiou impune

---

Ayres para sua casa de campo no interior, comettendo o encargo de recepção ao seu secretario ao mesmo tempo que a imprensa argentina recebendo-o com artigos declamatorios, tratava o Brazil com o maior escarneo salientando sempre a humilhação e a inferioridade de posição a que se havia reduzido.

O Sr. Quintino celebrou então um tratado em que com o maior desapego cedia aquella nação a *maior parte* do territorio contestado.

Isto não é de admirar desde que se saiba que o hespanholado diplomata, jornalista e senador é de origem argentina.

entrando limpo e enluvado onde o attrahia o brilho deslumbrante do ouro, ou cevando seus desejos libidinosos na honra das esposas e filhas dos defensores das liberdades publicas conspurcadas; da calumnia que se insinuava a cada instante nos espiritos trefegos, lançando a baba da discordia por onde quer que passasse; da depravação do sentimento humano armando friamente a mão sangrenta do carrasco e preparando com cynismo os scenarios infaustos para os momentos angustiosos de suas proprias victimas, e do Pasquim finalmente! Do Pasquim que, escarnecendo da Imprensa então agrilhoada e insultando tudo quanto de nobre ainda existia no paiz, ia fazendo o panegyrico de todas essas torpezas, apresentando o aspecto de um pantheon do crime, de um pantheon em cujo frontespicio estivesse estampada a horripilante inscripção que encima a porta do Inferno de Dante — *Lasciate ogni speranza voi che' ntrate!*

Foi durante esse mesmo periodo que este paiz curvou-se, do modo o mais vergonhoso, ante as nações que o insultavam, abusando da crise por que passava, e que mais iniquamente insultou a unica aliás que soube prantear como amiga as suas desventuras, estendendo as mãos magnanimas a seus filhos no momento de suprema angustia — a grande patria Portugueza!

Mas que podia ella esperar dessa horda?

Que outro fructo podia ella colher além d'aquelle que louca e incautamente havia semeado?

Que podia ella esperar da porção d'este povo que representava o resultado de seu proprio erro — do amal-

gama que em outras éras preparara do crime com a boçalidade — do producto sordido dos seus galés de outr'ora em torpe concubinato com o elemento africano? !

O paiz porém já está completamente saqueado; suas terras publicas já estão vendidas; seu credito já foi atirado ás sentinas do despotismo e as suas forças materiaes depauperadas pelo roubo e pelo assassinato inquisitorial!... Parece, pois, que o elemento mestiço, já tem bastantemente governado e com elle os notaveis republicanos do chapéo de feltro molle!...

Que mais pretendem de nós? !

Quererão acaso transformar este pedaço da America do Sul em mais uma Republica aos moldes da de S. Salvador, Liberia ou Haity?!

Foi por esta cruel incerteza que resolvi appellar para essa pleiade de almas nobres e valorosas que ainda nos resta, e cujo sentimento mais se deve ter apurado com a serie de soffrimentos por que tem passado, e da qual uma grande parte lá se bate ainda no sul pela regeneração nacional.

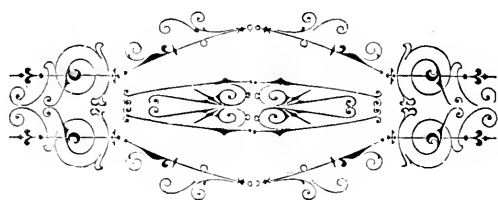
É para ella que escrevi este livro, porquanto foi devido principalmente á sua inercia no passado que o trabalho aturado dos máos conseguiu conduzir esta malfadada nação pelo caminho da mais degradante ruina.

É por ella e para ella que resolvi soltar este brado de protesto contra a serie interminavel de crimes que nos estão anniquilando.

Ella que me leia attentamente e perdoando-me a fórma pela intenção e pelo ideal, resolva-se, despertando

do longo lethargo em que se tem mantido, enfrentar a onda que nos quer assoberbar, trabalhando com todo o ardor em prol da regeneração desta desventurada patria, ha cinco longos annos entregue unicamente, á Ignorancia empavesada, ao Roubo desfaçado e ao Assassinato revoltante!

Rio de Janeiro, Maio de 1895.

Atanagilda Barata Ribeiro.

CANTO PRIMEIRO

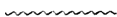
O PESADELO

PRIMEIRA PARTE

AS AGONIAS NO SUL

Á de certains moments de l'histoire humaine, aux choses qui se trament, aux choses qui se font, il semble que tous les vieux démons de l'humanité, Luiz XI, Philippe II, Cathérine de Medicis, le Duc d'Albe, Torquemada, sont quelque part là, dans un coin, assis autour d'une table, et tenant conseil.

V. HUGO.

O PESADELO

AS AGONIAS NO SUL

.... Eu quero, desgraçados,
Com versos triumphaes, candentes, inflammados
Prender uma grilheta á vossa vil memoria
E mandar-vos depois para as galés da historia
Onde de nada vale a infamia e o dinheiro.

O carcere é de bronze e Deus é o carcereiro.

G. JUNQUEIRO.

O SOL desparecera! As vividas estrellas
Vão aos poucos surgindo, alem, no céo tão bellas:
São mundos, mundos mil que do infinito, errantes,
Mandam raios de luz á terra, fulgurantes.
O pallido claror do languido crepusculo
Da noite vai morrendo ao mais suave osculo;

E em quanto um terno adeus o dia ao céo infindo
Desfere e lento vai nas nuvens se esvaindo ;
As auras de frescor repletas, docemente,
Afugentam do dia a calmaria ardente,
E pelo espaço echoar parece a melodia
Dos anjos do Senhor entoando Ave-Maria !

Tudo respira paz, tudo encanta e seduz
Nesse espreitar da noite ao fenecer da luz !
Mas nem se aqui respira os placidos perfumes
Que evolam-se da flor, dos prados e dos montes,
Nem ouve-se o carpir dos corregos e fontes,
Casado de aves mil aos trepidos queixumes
E o rocio da tardinha eivado de frescores,
Debalde, em vão procura os calices das flores ? !
Responde a Natureza á voz do Pensamento :
'*Stamos em pleno mar*, que tem por harmonias
Das vagas o bramido e o sibilar dos ventos ;
Aqui ermas de olor, sómente as ardentias
Vagueiam pelo ar, qual pelos negros campos
Á noite, a baça luz dos cegos pyrilampos !

Que noite, mesmo assim, minh'alma nesse instante
Sonhou, nem n'o sei eu!
Do lado do levante,
Qual pela madrugada, a luz do sol tão pura
Extingue, rompe o véo da noite triste e escura,
Assim frouxo claror tambem esbate, apaga
Do crepusculo agora a tinta incerta e vaga,
E, após um instante mais, saudosa e meiga a fronte
Da lua surge alem na extrema do horisonte!

Ó noite, que nasceste em meio de harmonia,
Noite de encantos só repleta e de poesia,
Tu que, eu sinto, és irmã das noites divinaes,
Tão cheias de languor dos climas tropicaes,
D'essas noites de paz, de sonhos de bonança,
De meu caro Brazil, silentes, vagarosas,
Que me ouviram cantar meus hymnos de esperança,
Tuas auras oh! dá que partam pressurosas
Rompendo o espaço e vão, de manso á patria minha,
Dos sonhos meus de amor á virgem casta e pura,
Dizer que o só pezar que agora me tortura
É a saudade que d'ella eu sinto e me definha!
E vós, ó grata luz da lua peregrina,

Que o negror esbateis de noite tão divina,
Ó zephyros subtis, ó sylphos errabundos
Num desses raios, sim, de quantos vastos mundos,
Se avistam lá no céo, subi, levai a Deos
A prece que minh'alma afflicta balbucia,
Ardendo em fé, curvada á dor da nostalgia,
Por minha cara patria e pelos lares meus !...

Emquanto os céos assim commigo eu invocava,
Vagando a esmo e só na tolda de um navio
Que para longe bem da patria me levava,
E via perpassar, como em um sonho alado,
Uma a uma ante mim, do meu ledo passado,
As imagens que amei nos meus dias ridentes,
Em cortejo funereo, esquivas e dolentes ;
Do norte refrescando o vento humido e frio
As ondas despertara, e a lua que subindo
Pelo espaço ou mansão ethereo, puro infindo,
Das estrellas que a luz já não tinha apagado,
Havia o seu fulgor ao menos offuscado ;
Brilhava a prumo então com todo o resplendor,
Vertendo ondas de luz da mais argentea côr
No mar de negro anil !...

Ó maga Soledade,
Companheira da noite, amante da harmonia,
Em cujo almo regaço o poeta se extasia
E carpe de pesar a languida saudade ;
Fonte de gozos mil, fonte eterna e vivaz
Que a crença robustece ; immaculado altar
Ante o qual se ajoelha a dor ; placido lar
Onde vive ditosa a sacrosanta paz ;
Tu és o anhelar dos seres que ao amor
Se rendem, como o orvalho o soe ser d'uma flor,
Que á mingoa ou d'alma sombra ou quer de brisa amena
Do ardente estio ao sol a fronte alfim serena
Pendeu no fraco hastil ! Tu és a força ingente
Que emprestas magestade á selva, ao mar potente !
Sem ti não tem encanto o placido ruido
Do rio que do val no fundo alem murmura ;
O trepido carpir da fonte amena e pura,
Das ondas sobre a praia o fremito, o bramido
Do dia o fenecer !
Que ente ou ser humano,
Escravo ou da virtude ou quer do vicio insano,
Te não votou na vida um queixume, um lamento,

Uma lagrima, um só suspiro ou pensamento?
Não é dos braços teus que a infancia e a virgindade
Elevam-se ao Senhor, ungidas de piedade ?
Não é nelles tambem que o crime encontra a vida
Na prece, e onde soluça a pobre arrependida?
Tu és, pois, a esperança á dor que pede um pranto,
Do pranto de pesar o asylo! A caridade
Comtigo se avigora e a fé... Ó Soledade!
Tu és filha do Céo, de Deos o doce encanto!

A noite era tão calma, o ar tão fresco e ameno,
Tão limpido era o céo, tão puro, tão sereno,
Das vagas tão cadente e doce o balouçar,
Que eu fui gozar da luz de um tão grato luar
Sentado triste e só na popa de um navio,
Num banco, junto á borda, ouvindo o murmurio
Dos marulhos do mar!
Um mundo de lembranças,
Meu cerebro cançado então triste assaltando,
Foi dentro de minh'alma aos poucos acordando
Saudades, a que luz de tibias esperanças
Mal podia esbater das magoas o negror!

Mas logo um bem estar, um placido languor,
Um deliquio senti que fez-me inconsciente
O corpo reclinar suave e docemente,
E assim fitando os céos, minh'alma embevecida
Em scismas se perdeu, estranha ao mundo, á vida!...
Sonhos, ideas vãs então somente erram
Pelo cerebro meu!... Meus labios se descerram...
Do peito meu se escapa um languido bocejo...
Mais um... outro... um suspiro esvae-se num desejo
Que a mente esquece já!... Destendem-se-m'os braços...
Depois... são luzes mil que vagam nos espaços!...
O céo, a lua, o mar, tudo uma ideia vaga!...
Tudo um cháos inconstante!... A vista se me apaga...
Foge-me o pensamento e emfim nem mais da vida
A consciencia sequer me resta esvaecida!...
Vencera-me a fadiga!... O corpo de cançaço
Do somno se atirara exhausto no regaço!...

Quando o somno, esse irmão da morte ingrata e fera,
Depois de haver vencido o nosso extenuado

Corpo, como do céo um anjo abençoado,
De noss'alma tambem suave se apodera,
É ventura o dormir, pois n'elle um doce gozo
Se encontra e ao despertar um placido repouso.
Mas se acaso, durante as horas do lazer,
Noss'alma, os males seus tentando minorar,
Perdida pelo espaço alem vai perscrutar
Scenas de alheio gozo, ou tetrico soffrer;
Nosso corpo que soe sentir do seu sentir,
Ou quer de um pesadelo ao gélido martyrio,
Ou de um ledo sonhar ao mais grato delirio,
Soffre em quanto perdura um tão mendaz dormir;
E quando da vigilia o chama a voz amiga
Agradece e desperta exausto de fadiga!

Eu tinha adormecido ali no immundo chão,
Unico e duro leito acerbo da prisão
P'ra qual me havia a mão, cruel, nefasta e fria,
Mandado collocar, da negra Tyrannia! (1)
E foi sómente assim que, ao doudo delirar
De um sonho, eu vi-me então primeiro sobre o mar
Vogando n'um batel, e após, que novamente

Sonhei que adormecera ali suavemente,
Em extasis fitando os páramos dos céos
Da mais leda saudade envolto pelos véos!
Mas ai! Quanto pezar, quanta horrida afflicção
Nessa phase cruel e nova deste sonho!
Tão grato até então, tão puro e tão risonho
Ia acerbos curtir meu pobre coração!...

Um instante passou-se e após, do seio enorme
Das vagas vi surgir uma visão disforme!
Um vulto de mulher, de fórmas colossaes,
Trajando semelhante ás pallidas vestaes,
Que, a descarnada mão pousando-me no hombro,
Emquanto eu a tremer, mudo como um assombro,
Solemne a contemplava, assim fallou-me então:

— Mixto de ignorancia e orgulho estulto e vão,
Que fazes tu ahi fitando em soledade
Os céos, ao estuar da magua, da saudade?!
Tu que immerso deixaste em somno tão profundo
Teu involucro vil, porque não vens do mundo
Commigo antes, agora, as scenas desvendar?! —

— Mas quem és tu, que assim te atreves perturbar
Do meu calmo dormir, lhe torno, os gratos sonhos,
A cujo olhar meu rosto eu sinto empallecer,
E hirta de terror minh'alma estremecer,
Ao som da tua voz e do teu rir medonhos? ! —

— Quem sou eu ? !
Para alguns o leito immaculado
Onde é crença o gozar de um grato sonho alado;
Doce balsamo á dor, ás negras amarguras
Da vida; o deparar com as placidas venturas;
Umbral mystico, sim, por onde a mão paterna
De Deos vos faz entrar na paz da vida eterna!
Para outros eu sou a duvida que apaga
Da esperança o claror no peito, e a fé esmaga,
Ora ao acre descrer de uma outra vida calma,
De outro modo de ser—do existir só d'alma;
Ora ao duro pensar que eu seja o esquecimento,
O nada, o mais não ser ou o anniquilamento,
Mera transformação continua e deleteria,
Necessaria, inherente á vida da materia!
Mas quem sou vou dizer-t'o:
Eu sou a soberana,

A rainha fatal, cruenta e deshumana
D'esse mundo ideal que, alem de ser temido
P'ra sempre dos mortaes será desconhecido.
Sou aquella que ri do amor, zomba das glorias
E grandezas do mundo estultas, transitorias!
Que dá fim ao pungir, esmaga os dissabores,
Mas, em meio tambem de tetricos horrores,
Dentro d'alma desperta os prantos do pezar
E nos labios do gozo o riso faz coalhar!
Sou quem sobe orgulhosa aos paços deslumbrantes,
E faz emmudecer as notas delirantes
Dos soberbos festins continuos da opulencia,
E desce após sem dó aos lares da indigencia
Para os estos tolher fugazes da alegria
Com o seu riso estridente, eivado de ironia!...
Aqui, quem rouba á mãe dilecto um filho amado,
Seu consolo na terra, o seu sonhar alado;
Ali, quem faz verter mil prantos doloridos
A uns anjinhos que a sós deixou desprotegidos,
Sem arrimo no mundo ou quer um só amigo,
Por lhes ter arrancado os paes que eram-lhe abrigo;
E alem o definhar, em triste soledade,

Da dor da viuvez em prantos de saudade !
Sou quem vaga sem patria ou lar pelo Universo,
Como o errante Judeo, esse judeo perverso,
Pelo filho de Deus p'ra todo o ser maldito;
Mas que sem se cançar jamais, lá do infinito,
Onde o seu throno tem de prantos e de dor,
Eternamente vela ao lado do Senhor !
Quem sou eu ? !
Sou a dor, porém, a dor vibrante !
A dor, emfim, talvez, nem mesmo, um só instante
Sonhada ! A dor acerba, a angustia indescriptivel !
O martyrio pungente, atroz, lento, indizivel,
Por que hão de os mortaes passar, sem que um gemido,
Um protesto sequer possam, jamais, sentido
Proferir, quando, após se verem abysmados
Na gelida mudez e ao poste agrilhoados
Da inercia eternal, os vermes mais nojentos,
Asquerosos e vis, famintos e sedentos,
Em doudos turbilhões as carnes retalhando,
Putrefactas, lhes for'aos poucos devorando ! —

— Quando eu te vi surgir, branca como o luar,

Do seio do oceano, o anjo das venturas
Julguei-te ser, e logo ás minhas amarguras
Pensei que poderia em teu seio encontrar
Um consolo suave, um balsamo sequer;
Mas agora, sinistro espectro de mulher,
No teu rosto mirrado e inteiramente mudo
De expressões, no desdem e indifferença a tudo
Que verte o teu olhar, tão gelido e fatal
E em tua voz emfim de escarneo, sepulchral,
Em tudo eu vejo em ti a Parca sem clemencia
A quem aprouve a Deus dotar com a negra sorte
De cortar dos mortaes o fio da existencia!
O anjo do exterminio, a eterna cessação
De todo o movimento, a justa maldição
De quantos sêres ha: a fria, a infausta Morte!
Que posso assim comtigo eu ver, alem de horrores,
Prantos, desolações, suspiros, ais e dores?!
Cala-te e vai-te, pois! Por Deus deixa-me agora
Pousar um instante só, que em breve chega a aurora! —

— Não, replicou-me o espectro, em tom de acre ironia:
Muitas horas da noite esquivas, vagarosas,

Inda hão de perpassar por ti, bem pavorosas,
Antes que a voz da aurora esperte, alegre, o dia:
Acompanha-me pois, que eu quero, os ermos ares
Sulcando, te levar, bem longe destes mares,
Aos locaes onde o Crime, a masc'ra afivelando
Da lei, e a liberdade impudico implorando,
Brinda em tripudios mil, em doudas bachanaes,
Com o sangue de um paiz, os torpes esponsaes
Entre o audaz Despotismo e a sua eterna amante,
A feroz Tyrannia, a cynica bachante! —
E fallando-me assim, tomou-me bruscamente
Da mão, e alçando um vôo altivo, num repente,
O espaço percorreu e me depoz n'um monte,
D'onde era facil ver, com a negra e hirsuta fronte
Voltada para os céos, p'r'os antros do infinito,
Um vulto esculptural, um monstro de granito,
Deitado sobre o mar, de um continente ao lado
Mas n'um somno profundo immerso, mergulhado!...

Recobrado que fui, depois de alguns momentos,
Do choque que soffri, meus olhos somnolentos
Baixei na direcção da placida atalaia,

Que muda se ostentava ali, n'essa erma praia,
E tendo conhecido o petreo e colossal
Gigante, guarda eterna ás terras de Cabral,
Esse guia seguro ao viajor que as vagas
Sulcando, em busca vem de tão ridentes plagas;
Então, um mais profundo e inquisitivo olhar
Lancei por sobre a patria e o seu ingente mar;
E eis as scenas que eu pude ali cruentas vêr,
Pungido do mais diro e tetrico soffrer,
Aos estos do luar que tudo ora avassala
Com a sua doce luz da nivea côr de opala!

Vi chorando a Justiça aos pés da Prepotencia,
E a Força-do-direito a reclamar clemencia
Do Direito-da-força, armado em guerra então!
E coberta de pó, de lama, sobre o chão
De rastros vi da Lei, não mais o vulto hiante,
Mas, apenas um espectro, exanime, arquejante!

O Vicio, o negro Vicio, a Hediondez e os Crimes
Em suas formas mil, impavidos, sublimes,
Campeavam fataes!... O Furto, a Rapinagem,

O Roubo á mão armada, os Saques, a Pilhagem
Eram por toda parte, impunes sempre e fortes,
Causando, sem temor, desolações e mortes! (2)

E eu vi dar-se á Traição os foros de nobreza; (3)
Vi tratar com a mais fera e gelida crueza
Os bem poucos fieis ainda á Lealdade! (4)
A Honra era utopia!... Oh! tetrica verdade!
Morrera a Consciencia, e horrida, e sombria,
Terror da Humanidade, im'prava a Anarchia!

Desde o pobre soldado, insolito e boçal,
Até o mais valoroso e nobre marechal;
Desde o simples marujo, o intrepido aspirante,
Até o mais destemido, indomito almirante;
E do menor, que a lei reputa irresponsavel,
(Que horrivel confusão, que chãos abominavel!)
Até os que julga taes a sciencia — os mentecaptos,
Entre mil privações e após mil desacatos,
Vi jazendo em commum, tragando a mesma sorte
Dos mais torpes galés — dos de crimes de morte (5)

Tudo e todos assim, com as negras mãos, sem brio,
Procurando empanar um despota, em delirio!

Depois vi recorrendo a meios mil diversos,
Aos manejos mais vis, mais baixos, mais perversos,
Quererem convencer (que almas de chacaes!)
Menores a depôr contra os seus proprios paes!
E os mais gentis, tambem, mais nobres cidadãos
Perseguidos eu vi, com o mais frio cynismo,
Por se terem negado ás mãos do Despotismo
Seus filhos entregar, amigos ou irmãos! (6)

E esse abutre infernal que a patria devastava,
Esse abutre infernal que a tudo autorisava,
Era a guerra civil, a guerra fratricida,
De irmãos que contra irmãos na luta a mais renhida
Empenhavam, fataes, as honras e existencias!
Essa luta cruel p'ra qual não ha clemencias,
Fomentada sem dó, sem pejo alimentada
Por um'alma de lodo, um'alma negregada,
Por um despota audaz, de sangue na paixão,
Do povo com o suor, com as forças da Nação!

Tudo se polluira!... Um Genio atroz, fatal,
Reinava em toda parte: — O Dominio do Mal! —
Quem já impõe a lei, dirige esse terror,
É o soldado boçal! É o covarde! O traidor!
O Juiz — é a inconsciencia alvar do mentecapto!
O tribunal — é a treva —! A pena — o assassinato!
E o que immola, o algoz, sempre a agir sereno,
— É o gelado punhal ou o perfido veneno!

De um passado cruel, nefando e corrompido,
De novo sem rebuço haviam resurgido
Os seculos fataes, os seculos malditos!...
Torquemada e Arbues já não são mais precitos!
A fera Inquisição, mais uma vez traidora,
Sua aguia funeraria erguera vencedora!
Não essa Inquisição que teve por juiz
Togado um padre então com vil sobrepeliz;
O negro tribunal que cadaverisava
Ruborisando, audaz, aquelles que immolava
Por impios e de Deus no nome, quando exangues,
Com o que restasse então de seus já frios sangues!...
— *A Inquisição Vermelha* — a santa appellidada,

Porém, qual hoje, outr'ora é sempre amaldiçoada!
Mas, uma Inquisição filha de um novo inferno,
Mais ao gosto, ao sabor de um despota hodierno! (7)
Um frio tribunal que tem por instrumentos,
Predilectos da dor, os arduos soffrimentos (8)
Moraes, que empallecendo assim vão pouco a pouco,
Do impotente furor ao esto atroz e louco,
As victimas que intenta infaustas immolar,
E que vão afinal nos braços encontrar,
Da morte a eterna paz! — *A Branca Inquisição* —,
Da covardia só producto e da traição!...

Depois vi campos talados,
Vi nobres encarcerados,
Rugindo em negras prisões;
Vi herdades consumidas,
Vi cidades destruidas
Por ferozes corações!

Ali viuvas chorando,
Alem, orphãos pranteando
Por seus esposos e paes,

Creanças as mil perdidas,
Donzellas prostituidas,
Vi por soldados brutaes! (9)

Por toda parte... nos montes,
Nos campos, prados e fontes,
Nos rios eu sangue vi!
Nas ruas ermas, nos lares,
Nas praias, e até nos mares,
Em tudo sangue! e tremi!

Tremi; um grito sentido,
Um pungente, atroz gemido
Os meus ouvidos alcança;
Era o écho de mil vozes,
Terriveis, fataes, ferozes
Que clamavam por vingança!

Mas o écho feneceu...
Ninguem, ninguem respondeu?!
Fiquei extatico, exangue!...
Uma voz escuto então,

Que me opprime o coração:
Era a voz da Tyrannia,
Que ao écho assim respondĩã:
—Quereis vingança?... Eu mais sangue!—

E logo, ao estuar de atroz anciedade,
Ouvi prantos e ais, gemidos de saudade
De uns vultos divinaes em torno a um ataúde!...
Era a Honra a carpir em côro com a Virtude
Sobre os restos mortaes da morta Monarchia
N'um doudo soluçar eivado de agonia!

Eu tambem soluçava! Um copioso pranto,
Do triste rosto meu, ao longo, mudamente,
Deslisando-se então em fio doudo e ardente,
Aos poucos dissipava o tetrico quebranto
Com que tamanha dor minh'alma avassalara!

E quem não pranteara,
Ao ver a doce Paz, a meiga Liberdade,
Pungidas de pesar, de enorme anciedade,

Desertarem da patria, e a fera Escravidão,
Apossando-se d'ella, eivar-lhe o coração ? ! (10)
Quem não se entristecera, ao vêr já desgrenhada,
Do rude proletario á porta escancarada,
Quasi a Fome a entrar, e a Guerra, a crua Guerra,
Que tanto ou mais que a Peste, assola, extingue, aterra,
Creando a Orphandade, a infausta Viuvez,
De seus golpes sem fim na gelida mudez? ! (11)
Ao ver a Innocencia, a Honra, o Heroismo,
A Gloria, a Virgindade, o Amor e o Civismo
—Emanações do Céo, lampejos de luar—
E a Velhice afinal—o encanto almo do lar—
Tudo, tudo empanar-se ao bafo pestilento
Do Despotismo ? ! (12)
Ao ver o Vicio macilento,
A Calumnia e a Traição—immenso sorvedouro
Do suor da nação—pagas a peso de ouro,
E da Morte ao clangor, fugir triste e sombria
Do coração de um povo a fulgida Alegria ? ! (13)

Em pensamentos taes eu triste me abysmava,
Quando da lua a luz que, placida e dorida,

Por sobre o meu paiz, já quasi ermo, sem vida,
Se espreguiçando, então, mais antes semelhava
Um enorme sudario, uma mortalha hiante,
Vi surgir ante mim uma visão radiante !

Era um anjo do céo a bella peregrina,
Creação do Senhor, suave de doçura,
Esplendida de audacia e de alma formosura,
Uma casta vestal, uma mulher divina !

De seu basto cabello a onda crystalina,
Na pureza do alvor, na nitida brancura,
Contrastava com a graça e a virginal frescura
De seu rosto infantil, que encanta, que fascina !

E que odores, meu Deus ! tão languidos vertia,
Cahindo em profusão na veste deslumbrante
Que cingia-lhe o corpo esbelto ! Que alegria,

Que sorriso etheral doirava-lhe o semblante !..
Não tinha mais candura a doce luz do dia !
Não tinha mais aroma o estio inebriante !

No seu vivido olhar, altivo e vehemente,
Mas repleto de amor e meigo como um afago,
Havia um certo que de indefinivel, vago,
Que trazia a lembrança, ao mesmo tempo, á mente,

Os fulgores de um sol de primavera ardente,
E a suave attracção, o ledo encanto mago,
A calma, a placidez de um solitario lago
Que a face nem turvou de um zephyro plangente!...

O vel-a, era adoral-a; era ficar captivo
D'esse ethereo sorrir e d'esse olhar tão vivo
Que parecem dizer na muda anciedade:

« Ama-me, e eu te darei um mundo de venturas;
Odeia-me.... e terás só prantos e amarguras.
Eu sou o ideal de toda a Humanidade! »

Eu era contemplando o meigo seraphim,
Quando, um profundo olhar lançando sobre mim,
D'est'arte elle fallou:

—Quem ama a liberdade,
Contra os estos da propria indomita vontade,
Não deve com ardor arcar e, se preciso,
Escravisal-a até com proprio prejuizo,
Para assim da igualdade as leis não offender,
Se do seu semelhante então reconhecer,
Que frustrar-lhe o direito irá igual que tem
Da liberdade ao gozo—esse tão grato bem?!
Proceder ao envez, não fôra, com cynismo
(E só para attender seu sordido egoismo)
Fazer da Liberdade, — um tão casto ideal,
Surgir a Escravidão, producto vil do Mal?!
Quanto as leis da igualdade, isto é, as que a presidem,
Não é na inegualdade emfim qu'ellas residem?...
Quem tentara igualar o crime e a virtude,
O sobrio e o vicioso, a molestia e a saude,
O nobre e o vil plebeu, o pobre e o abastado,
O guerreiro e o imbelle e o parvo ao letrado,
Sem logo não ferir, do modo o mais iniquo,
Os dictames do amor fraterno tão proficuo?!
E que principio ou lei, por mais severa ou dura
Que fosse, poderia ao homem, por ventura,

Crear a obrigação de amar a Covardia,
A Baixesa, a Traição, o Crime, a Tyrannia,
Para assim respeitar o divinal preceito
Que d'esse amor fraterno obriga ao doce preito?!
Ha portanto um poder que, impondo-se á razão,
E ao qual, obedecendo a vossa consciencia,
Submisso vos faz a santa escravidão
Aceitar, que provem, que emana da clemencia,
Da caridade, sim, por ser o principal
Elemento talvez da vida social.
Um poder que sentir vos faz, sem grande luta,
Que não pode igualdade haver absoluta;
Que tudo é relativo, ou que não ha leis fataes
A que devam cingir-se os corpos sociaes,
E que a fraternidade, emfim, não quer dizer
Do amor sem distinção constituir dever!....
Mas que força esta foi, que potestade ingente,
Por ventura tão clara e concludentemente,
Limitando o direito, as leis estatuiu,
E até religião, tão meiga e salutar,
Fez no cerebro humano assim desabrochar,
Salvo a Justiça só que tudo definiu,
Que tudo regulou?!

Quem d'estas utopias
Liberdade, Igualdade e emfim Fraternidade,
— Miragens do sonhar da pobre humanidade —
Podera constituir, acaso entre alegrias,
Tres dogmas de fé, tres vividas venturas,
Tão doces e tão puras,
Salvo a Justiça—a Deusa austera, sim, mas santa —
Que tanto os bons alenta e os despotas espanta?!...

Retirai pois do mundo o solio da Justiça,
Os templos destrui, eliminai a missa;
Vereis a liberdade—a grande aspiração
Do homem—produzindo a fera escravidão;
A igualdade, por ferreo e diro cataclysmo,
Transformada no mais nefasto communismo
E o sceptro de Caim, o Crime e a Impiedade
Dictando as leis do amor e da fraternidade!

D'este ingrato torrão, qual viste, sem pudor,
Foi banida a Justiça; e após, logo o terror
De todos indo, então, aos poucos se apossando,
Tudo foi, tudo emfim cruento profanando!...

Si o quer portanto ha que deva-te sorpresa
Causar, não são por certo os actos baixos, vis,
D'esse louco abortão da fria natureza,
Que sobre est'horda infame actua de servis,
E cujo nome infausto eu devo ora calar
P'ra não vir corromper d'este ambiente o ar;
Porém o modo vil por que, de coração,
Se abysmou ella assim em tanta servidão!

Pois eu que admirar sei quanto é colossal,
Quer no physico mundo ou no mundo moral,
Desde o infimo sêr que a vista apenas sente
Até o Deus creador, eterno, o Deus potente!
Desde os feitos crueis do mais vil despotismo
Até os actos viris do mais nobre civismo!
E quer da alma bonança a doce placidez,
Ou da fera tormenta a ira, a hediondez!
Eu, que assim admiro e os grandes monumentos,
Onde gozam da vida os nobres e opulentos,
Como as choças tambem que a só miseria encobre,
E onde estua-se a dor, onde definha o pobre!
Que acho excelsa Maria e Jonna d'Arc—a santa—

Das quaes tanto a pureza o mundo inteiro canta!
Que nem sei, se pasmar mais, se ante ás tyrannias
Dos crueis Mario e Sylla, ou se ante ás harmonias
De Hugo e Chénier! Se d'essa heroicidade
De Carlota Corday— o'amor á liberdade!...
Se do proprio Marat, já quasi morto, exangue,
A sêde insaciavel, sim, de humano sangue!
Que admiro em Arbues e no vil Torquemada
A fereza no crime, a vida negregada !
Que acho enorme no roubo o audaz Luigi Vampa,
Escarnindo o remorso ao descambar na campa!
Que pasmo ao relembrar dos Borgias as acções
Qual de Felippe e d'Alba—o duque—os corações!
Que admiro esse genio, esse infernal talento
De Jacques—o Estripador—no crime audaz portento!
Eu que tudo admiro emfim que é grande, ou seja
Da virtude que exulta, ou crime que rasteja!...
Não posso admirar as— *grandes pequenezes*—
Os frios abortões, as almas vãs, dobrezes ;
Estas que, pela sorte estupida elevadas
Ao cume do poder, porém, tão só votadas
A uma inercia sem nome, escravas do estupor,

Temendo a propria sombra, eivadas de terror,
Despresiveis, a vida assim vão arrastando,
Emquanto, sob a só responsabilidade
De seus nomes, campeia o crime, a magestade
Excelsa do poder dest'arte enlameando!
As tyrannias vãs, ridiculas, rasteiras,
Que, apenas indo a medo e a furto assassinar
Dos carceres na treva ou na do lupanar,
Mal podem inspirar o asco tão sómente, (14)
O nojo, ou a repulsão, emfim á toda gente
Qual no crime do roubo—os que batem carteiras!

E crês que si este bello e vasto territorio,
Por Deus votado a ser o mais ridente emporio
Da ventura e da paz, do amor e da alegria,
Contivesse em seu seio um povo, deixaria
Que esse assecla da morte, abysmo impenetravel
Do quanto haja de infame e torpe e detestavel,
Que esse mixto de histrião, de tigre e de serpente
Estivesse a insultal-o assim tão loucamente?!

Quanto vês a teus pés, porém, uma nação

Não é ; falta-lhe um povo, a vida, o coração !
Estes grupos que vês confusos, espalhados,
Aqui, ali e alem, formando povoados
Diversos, não são mais do que hordas errantes,
Que pousam tão sómente apenas, por instantes ;
Bandos sem lei, nem fé, nem crenças, dissolutos,
E a que faltam de um povo ainda os attributos !

O homem após nascer, da vida na carreira,
Tomando uma mulher fiel por companheira,
Dotou primeiro o solo aonde inconsciente
Sorriu-lhe o sol da vida affavel e ardente,
Com esse bello conjuncto, esse ideal chamado
Familia, assim fundando o lar abençoado.
Esse o germem foi dos povos, o embryão
Que a existencia lhes deu, formou-lhes coração.
E o germen avultou !...
Os naturaes instinctos
Induziram mais tarde o homem a tirar
Da mutua protecção a força salutar,
Que dos mil animaes ferozes e famintos,
Podesse-os proteger ; e então formou-se o bando,

A horda se formou que, pelo mundo errando,
Por seculos andou, sem ter um ideal,
Sem ter um só prazer, sempre evitando o mal!
Desta vida em commum, da vida em sociedade
Surge a luta e d'ahi nasce a necessidade,
Da existencia de um ser que a horda respeitasse
E pelo bem geral solicito zelasse;
E tendo idea tal, tão nobre, tão sublime,
Franco apoio encontrado, um chefe se nomeia
A quem todos fieis se curvam, e que o crime
Ora pune, e a virtude e o bem ora premeia.
E foi no meio assim da fera barbaria
Que, mais pura e vivaz que a doce luz do dia,
Encetando a Justiça o seu reinado, austera
Definiu o direito e a lei criou severa.
D'esse arduo viver porém, triste e errabundo,
Sem patria a divagar perdida pelo mundo
Cança-se a horda enfim!
Os homens, querem lar,
Querem um pouso certo, um sitio onde encontrar
Sempre junta a familia, e aonde hajam certeza
De as iras evitar da propria natureza!

Então ordena o chefe, e logo um aldeiamento
Se forma, choças mil se erigem n'um momento!
O bando faz-se tribu, e a tribu toma um nome
Que o perpassar nem já dos seculos consome!...
E foi d'est'arte, sim, que inconscientemente,
Sem nada alimentar até então na mente,
Os homens n'um deserto, e d'uns torrões disformes
Fundaram das nações as Capitaes enormes!
Foi deste modo, agora em doce e leda paz,
Agora ao estuar da guerra a mais vivaz,
Mas sempre a commetter constantes desvarios,
D'esse agreste viver nos varios estadios,
Que firmaram-se as leis, crenças, religiões,
Costumes, fé, governo e tudo quanto ergueu
A humanidade emfim, da fama ao apogeo,
Que não podem destruir da sorte os vis baldões,
E ao qualificativo assim direito dão
De—povo— a antiga tribu, e ao sólo de—nação!

Mas d'esse *ajuntamento illicito de gente*,
Qual a religiâo, responde, o ideal,
A fórma de governo, a crença, e finalmente

Os costumes e leis, se ainda nem do mal
Sabe o bem discernir;
Si nem tem um fanal que o guie p'r'o porvir?!...
Quanto vês a teus pés, portanto, inda não é
Nação, nem povo tem, mas uma vil ralé
Que baniu de seu seio o amor e a justiça,
Que só a escravidão aceita submissa,
E se curva sem brio ao relho e á palmatoria
Como o hão de attestar as paginas da historia! (15)

Escuta poeta:
Um dia.... á doce hora da tarde,
Á hora em que desperta a negra noite alarde,
Descuidosa e feliz a fera Barbaria
Que a seus instinctos máos entregue então vivia
Nestes vastos sertões,
Estava alem fruindo em calma, á beira mar
O madido frescor das gratas virações,
Quando ao longe avistou, sósinho a divagar
Tambem, mas triste e a esmo, ao longo d'estas plagas,
Onde o viera atirar de sobre iradas vagas
Ingente vendaval, um nobre filho meu!

Triste como o carpir d'um amor que se perdeu,
Na selva em doce endeixa o meigo rouxinol
Com o seu canto saudava o descambar do sol,
E pelo espaço infindo e prenhe de perfumes
Vagavam doudamente em bando os vagalumes!
Ao vêl-o a Barbaria atonita e alarmada
Reune os chefes seus em volta de um terreiro,
E vibrando rouquenha a voz solemne irada,
Reclama a morte então do ousado aventureiro,
Que se atrevera assim vir devassar-lhe os lares;
P'ra que de seus avós attenta á velha usança
Servisse o corpo seu de pasto sem tardança!...
E para o vil banquete os feros canibaes
Os aprestos concluindo estavam já finaes;
Quando elle, apercebendo então pelos olhares
D'essa filha feroz e altiva do deserto
A sinistra intenção; erguendo um olhar incerto
Para o placido céo, no frio humido solo
Silente ajoelhou, em supplice oração,
E tomando um fuzil que tinha a tiracollo,
Com ancia o disparou na mesma direcção
De uma garça que então passava n'esse instante

Por sobre o grupo vil, mas firme e confiante.
Do tiro ao estampido, e ao ver cahir sem vida
O aligero viajor na relva, espavorida,
Se prostra a Barbaria, eivada de terror,
Com a face sobre o chão, e exclama com fervor:
« Tu és o Deus do fogo, a ideação do Bem,
Tens as côres do sol!... Tens de Tupan o porte!...
Commandas o trovão!... És o senhor da morte!...
Comtigo, pois, irei, por este mundo alem,
Como escrava fiel!... Ordena e aos mandos teus
Submissa eu serei!... Tu és do fogo o Deus!...

....

Mas quando após alguns momentos de delirio,
De extasis de amor, de novo a filha austera
Do deserto soergueu a face hirta, severa,
Com um quadro deparou cruel como um martyrio,
E que aos estos a fez da mais dira amargura
Para os antros fugir de novo da espessura,
Fixando o negro mar, solemne e entristecida
Como um ultimo olhar d'um adeus de despedida;
— Um homem macilento, esqualido, andrajoso,
Saciando o prazer, mais torpe, mais immundo,

De uma vil africana ao seio nauseabundo,
Aos estos de um amor nefasto e asqueroso:
O homem... era um galé da patria de Cabral!
A negra... a Escravidão, producto vil do Mal!...

De tão sordido par proveio esta immundicia
A que de um louco rei sómente a estulticia
A par da mais nefasta e sordida ambição
Podera appellidar de — povo ou de nação —
E como tal, sem pejo, em vez de—horda escrava —
Ao mundo apresental-a, inteiro que o presava!...

....

Alguns annos depois est'horda mesma, alvar,
D'esse rei infeliz a um nobre descendente,
A quem devia a vida, a paz e finalmente
Os creditos que tinha, e até a liberdade
Que sempre usufruiu, então, sem piedade,
Qual era de esperar,
Depois de o condemnar á dor do ostracismo,
E vêl-o se finar com o mais frio cynismo,
Volveu ao seu estado antigo de — horda vil — (16)
Tal a historia que sei do teu caro Brazil!

— Mas quem sois vós, dizei,
Que de um povo fallaes que tanto acata o mundo
Com todo esse desdem, desprezo tão profundo?!

— Vou dizer-te quem fui, quem sou e quem serei:

Fui as taboas da lei, que do alto do Sinai,
Descendo do Infinito, envolto em sarça ardente,
Condoendo-se então do povo seu, clemente,
A Moysés entregou nosso Divino Pai,
E que ha-de a humanidade inteira dirigir
Até á consumação dos seculos por vir.

Fui David o cantor e o sabio Salomão,
Semiramis a bella, Alexandre o intemerato,
Scipião, Cesar, Cyro, Annibal, Pisistrato,
E Socrates, Zenon, Thucidides, Platão,
O mundo a transformar, alguns com heroicos feitos,
Outros com o seu saber, com os seus leaes preceitos.

Assim, de Athenas, Roma e Sparta a valorosa,
Ora inspirado eu fui o cerebro e profundo

D'onde a sciencia emanou que ennobreceu o Mundo,
Ora a espada brilhante ingente e gloriosa!...
Mas tambem fui a magoa, o pranto ermo e presago
De Mario a soluçar nas ruinas de Carthago!...

Mas quando um dia eu vi entregue a humanidade
Á idolatria só, fazer de tudo um deus,
Excepto o proprio Deus, erguendo os olhos meus
Aos Céos de amor repleta e santa piedade
Fui o brado, o perdão que, ao expirar, Jesus
Aos homens enviou dos braços de uma Cruz!

Depois fui Constantino, entrando triumphante
Da capital do Mundo ás portas alterosas,
E d'entre acclamações, as mais estrepitosas,
A doutrina do Christo, ainda vacillante,
Firmando com o maior possivel brilhantismo
Sob as ruinas finaes do fero paganismo!

Fui de Aetios tambem mais tarde o gladio ingente
Que do barbaro atroz, que do genero humano
—O flagello de Deus— se appellidou insano,

O sceptro espedaçou— do Attila—o potente !
E do conquistador, d'esse immortal Martell,
Fui a mão que esmagou o arabe Abdell !

Fundei com Carlos Magno o grande e vasto Imperio
Que mais tarde partiu-se em multiplas nações,
Fazendo resurgir da morte as legiões
Dos Cesares da Roma antiga, por mysterio
Que a Deus pertence só, poeta, e que jamais
Desvendar ser-me-ha dado aos miseros mortaes.

Preguei a guerra santa, as celebres cruzadas,
Pelas crenças de então sómente consagradas
A posse do sepulchro humilde e sacrosanto
Do filho do Senhor ! Depois, para às levar
A seu fim, mas de modo honroso e salutar,
Do céo que ora me escuta então, por mago encanto,
Adrede me encarnei em Pedro o Ermitão,
Godofredo, Luiz Sete e Coração de Leão ;
Felippe, Balduino, Artois, Carlos, André,
São Luiz e demais christãos que ardendo em fé,
Para as terras da Syria ardente e Palestina,

Partiram, tendo ao peito o signo da Cruz
E nos labios o nome ungido de Jesus!
N'essa missão, porém, tão nobre e tão divina,
Na qual eu me empenhei, com a mór dedicação,
Para a obra encetar da regeneração
Do homem; n'esta estoica e santa romaria,
Emquanto se alentava a audaz cavallaria
E triste definhava á voz do christianismo,
O tyranno poder do velho feudalismo,
Foi que enfim consegui, por um mesmo ideal
Reunindo legiões de força sem igual,
Com filhos de nações até semi-selvagens,
E costumes e leis diversos e linguagens,
Os povos do Universo então confraternar!

Era mister porém essa obra completar
De regeneração de toda a humanidade;
E foi p'ra tal que então com grande magestade
Eu tres brados soltei qual d'elles mais potente:
O primeiro é o que fez na gelida Inglaterra
De Carlos, fragil rei, cahir, fria por terra
A cabeça, talvez, quem sabe se innocente,

Mas cujo sangue nobre e altivo certo vinha,
Com mais força firmar uma conquista minha :
—Acabar de minar do feudalismo as bases
Fazendo a humanidade entrar em novas phases!
O segundo é o que foi ao Continente Novo
Levar a liberdade a um nobre e grande povo!
Com o terceiro... o Universo então todo se humilha!...
Foi com elle que eu fiz cahirem da Bastilha
Esses muros fataes, funestos, negrejados
Pelas dores crueis dos seculos passados,
Esmagando na quéda, e sceptros e nações
Costumes, crenças, leis e até religiões!...

Mas quando, em meio já de tão tetrico e horrivel
Cataclismo geral, eu vi (magoa indizivel!)
Surgirem sem pudor, dos antros da Torpeza,
Robespièrre e Fouché, Saint-Just, Couthon, Marat,
Tallien, Carriér, Danton, Collot-D'Herbois
E outros monstros crueis, nefastos sanguinarios,
Espectros do terror té mesmo dos nefarios,
A fazerem pasmar a mesma natureza!
Quando ouvi de Roland o brado de protesto

Contra os crimes de então, da excelsa Liberdade
Ao passar pela estatua ! e compungido e mesto
Vi cahir Chénier—o poeta—sem piedade,
Ás mãos do Despotismo, a dira e negra sorte
Maldizendo que assim, tão cedo o dava á morte !
Quando vi sobre o cepo,—alma de Mirabeau !—
A vida se extinguir do nobre Vergniaud
E d'esses corações que cheios de nobreza
Cantavam, como adeus final, a Marselheza !
E vi que ess'onda atroz destruiria o mundo,
Se eu com o meu poder, com o meu amor profundo
D'esses monstros fataes não lhes tolhesse a mão :
Então... fiz de Corday—o anjo—uma heroina ;
Armei Robespièrre—o vil—contra Danton ;
Apontei Robespièrre á Méda por Bourdon,
E, lançando por terra assim a guilhotina,
O braço então armei do heroe Napoleão,
Cujo sceptro calquei, mais tarde, indignada,
Aos pés, como um castigo á vida desregrada,
Em que após se abysmou,
Fazendo-o tristemente cahir em Waterloo !...

....

Foi do cerebro meu que, pura como a flamma,
Surgiu immaculada a Lei que a todos ama
E a Justiça, essa Deusa austera mas sublime,
Que o direito firmou, que definiu o Crime!

Eis, Poeta, quem fui.
Quem sou? !
Sou a fortuna
Aos homens apontando a Imprensa e a Tribuna
Como campo feraz p'ra todas as conquistas,
E aonde os campeões da paz, e os partidistas
Do progresso terão por só, unica espada,
A palavra vibrante, ardente e inspirada!

Sou o silvo estridente, a nota aguda e viva
Que solta no deserto a audaz locomotiva
Dos povos convidando á doce communhão
A Barbaria—a filha agreste do sertão!

Sou a charrua que poupa o suor ao lavrador;
A bussola que indica o rumo ao viajante,
O telegrapho, a luz, a força deslumbrante

Da machina motriz, escrava do vapor!
Sou a musica, o canto, a languida poesia,
Em ondas divinaes de amor e de harmonia,
Calando ao coração do homem, doce alento
Da vida lhe prestando ao fero soffrimento,
E a sciencia e o commercio; aquella desvendando
Dos povos ao olhar as luzes da verdade,
Emquanto esta lhes foi solicita apertando,
Suave e docemente, os laços da amisade!

Sou a mão que dirige ou o magico cinzel
Que fez mandar fallar a estatua inanimada
Do celebre Moysés; ou o divinal pincel
Que lançou sobre a tela inerte a avelludada
Tinta, que empresta um'alma, a vida, a expressão,
De Jeronymo o puro, á santa communhão!

Tudo quanto de bello exista e divinal,
Visão de um sonho ainda em teu torrão natal!
E hei de ser finalmente a Deusa que da terra
Esse espectro cruel denominado a Guerra
P'ra sempre ha de banir!... A Deusa da verdade

Da paz e do progresso: — A Civilisação!...
E fallando-me assim, a meiga apparição
Voou direita aos Céos!... Deixou-me em soledade!...

E eu disse inda a sonhar, erguendo os olhos meus,
N'um auge de afflicção, tristonho para os Céos:

— Ó minha patria amada,
Que pela primavera eterna és bafejada,
Tu que escutas aos pés rugir fero o pampeiro
E do Prata o bramido altivo e sobranceiro;
Que banhas teu perfil nas aguas alterosas
Do Amazonas excelso, á sombra das annosas
Mattas de castanhaes, que soem os rigores
D'esse clima dos soes calmar com seus frescores;
D'esse rio que vai tão rapido e fremente
Com as vagas enfrentar do Atlantico potente;
Tu que dormes á luz dos mais brandos luares,
Adormecendo sempre aos langues murmurios
De tuas fontes mil, de teus soberbos rios,
E gozas despertando as virações dos mares
E o langue e grato odor que evola-se das flores;
Tu que á luz de teu céo, viveste sempre puro,

Transformado estarás n'um antro agora escuro,
N'um abysmo cruel, n'um cahos tão só de horrores?!
Tu que a fronte sómente ás leis, á Magestade,
Curvavas tão feliz da excelsa Liberdade,
E foste o ledo asylo e puro e santo outr'ora
Do amor, virtude e paz—berço e tumba de bravos—
Serás acaso agora um couto só de escravos
Onde campeia o crime, onde a virtude chora?!
De escravos? De almas vis que aos pés do Despotismo
Se rojam sem pudor n'um torpe fanatismo!
Sobre o cerebro teu, que mão fatal impia
Esse philtro verteu, esse veneno forte
Que n'esse estado vil lançou-te da Apathia
Sem alma, nem pensar—nefasta irmã da Morte?!

Onde a estirpe encontrar, os nobres descendentes
Dos que a Historia chamou da patria Inconfidentes?!
D'esses grandes heroes que as frontes macilentas,
Com civismo e valor, ao cepo do verdugo
Entregaram, depois das lutas tão cruentas,
Que fizeram cahir da tyrannia o jugo
Do feroz Montenegro e de Alexandre o vil,

Onde a prole se acha altiva e varonil?!
Que é feito dos varões, dos teus filhos dilectos,
D'esses que, de amor patrio os corações repletos,
Guiados pela mão potente e confiante
D'aquelle que lhes foi Imperador mais tarde,
Repetiram-lhe em côro o brado delirante
De Independencia ou Morte—o brado nobre alarde?!
Que é da geração, da pleiade de bravos,
Que, farta de soffrer a fera prepotencia
De um monarcha estrangeiro, injusto e sem clemencia,
A morte preferindo á condição de escravos,
No auge proclamou do mais nobre furor
A Confederação notavel do Equador?!
Onde o exercito está ingente e valoroso,
Que, ao lado d'esse povo então nobre e brioso,
Esse mesmo cruel monarcha de ultramar
Fez um dia em seu filho, infante, abdicar?!
Onde os chefes estão dos feitos da Abrilada?!
Onde os bravos da luta atroz da Sabinada?!
Que é feito do valente, intrepido soldado,
Que, após de em feitos mil seu nome haver honrado,
Foi da nobre missão ainda o incumbido

De ir nas plagas do sul sustar airosamente
Esse lento soffrer de um povo tão potente;
Essa lide feroz, esse lutar renhido
Que faz lembrar de Troya, outr'ora essa adorada
Soberana do Egêo, a guerra decantada?!
Esse heroe que, ao envez de se ufanar com as glorias
De ganhar sobre irmãos forçadas, vãs victorias,
Fazendo celebrar, com hymnos e com flores,
A tão triste missão dos seus—de vencedores —
Soube o amor incutir do povo ao coração,
Punindo como pai, vencendo como irmão, (17)
E vertendo igualmente á campa do vencido,
Qual na do vencedor, seu pranto compungido?!
Que é feito dos varões que, o heroe Nunes Machado
Cahir viram sorrindo ao lado arcabusado?!
Que é dos filhos teus, d'esses que valorosos,
Ardendo em viva fé, partiram pressurosos
Para os mais desleaes, inhospitos desertos,
E lá, do arduo pampeiro aos vendavaes incertos,
Já ceifados por peste infausta que consome,
Já o frio affrontando e a sêde e a negra fome,
Já os raios fataes de um sol abrasador

— Inimigos crueis do brio e do valor —
Durante o decorrer de cinco annos fataes,
Contra um vil Dictador de um povo de chacaes,
Mostrando ao mundo inteiro a sua heroicidade,
Lá se foram bater, em crua e dira guerra,
Dos direitos a prol, a prol da Liberdade,
Cujo sceptro atirara o Despotismo em terra,
Té verem restituido á posse da nação
Um povo a longo tempo atado á escravidão?!...
D'essa turba de heroes, ingente e valorosa,
Que a fronte te cingiu com a c'roa gloriosa
Da virtude e valor, é crivel que sómente
Restasse um pobre velho esqualido e demente,
Para, após te trahir, sem alma nem pudor,
Vender seu proprio amigo — o nobre Imperador;
E que os demais heroes na noite densa e escura
Immersos se achem já da erma sepultura?!
Ó meu caro Brazil desperta n'este instante!
Se ainda no teu peito um nobre coração
Se ostenta que bem saiba odiar a escravidão,
E de véras almeje, eivado de saudade,
Os dias idos já de paz e liberdade,

Acorda os filhos teus; acorda o teu Gigante!
Quebra as cadeias já, com que pungem-te agora
E faz retroar no espaço, altivo como outr'ora,
Desde os plainos do Sul até o extremo Norte,
Teu brado salvador de—Independencia ou Morte

—Tu sacerdote ou és da sordida calumnia,
Ou teu cerebro então, na mais pungente ancia,
Delira os mais servis, mais baixos pensamentos;
Replicou-me o espectro após alguns momentos,
Esse velho infeliz que pensas ter trahido
Tua patria e o monarcha incauto haver vendido,
Jamais foi um traidor. Era um pobre soldado
Que havia encanecido ao fogo das metralhas,
Da guerra ao Despotismo em celebres batalhas. (18)
Elle foi, sim, quem deu com o—basta—á essa agonia
De um povo defraudado em suas liberdades,
Nos dez annos finaes da morta Monarchia,
Pelos que estavam já, escravos da ambição,
Os brios e o porvir vendendo da nação; (19)
Foi elle quem soltou, é certo, o ingente brado
Que fez cahir por terra um sceptro vacillante,

Sonhando assim fazer, risonho e radiante,
Surgir talvez das leis o imperio e das verdades;
Mas, n'esse proceder, não foi elle um traidor
Que vendesse consciente a Patria, o Imperador;
Su'alma de soldado, então, só almejava
A quéda de um poder que a todos humilhava
E do infeliz Monarcha o fragil throno aluia;
Seu brado foi sincero e dado á luz do dia;
N'elle firme jogou, serena a fronte erguida,
Seu passado e porvir e mesmo a propria vida!...

Traidor foi esse infame, ess'alma de vilão,
Que, em vez de defender com as forças da Nação
A velha Monarchia e o publico Poder,
Como impunha-lhe a honra, impunha-lhe o dever (20)
Tergiversando, então, com o mais frio cynismo,
Patria e irmãos entregou ás mãos do Despotismo!
Ess'alma sem igual, hypocrita, assassina,
Que lembra as podridões fataes de uma sentina,
Que traz na fronte impressa o horror das trevas mudas
Que a um tempo é Caim e o negregado Judas!
Essa fonte perenne, enfim, de deleterios

Miasmas infernaes, apenas comparaveis
Aos que, na triste paz dos ermos cemiterios,
Das entranhas sem luz, das negridões impuras
Onde pullula a vida—as negras sepulturas—
Da carne em corrupção, desprendem-se execraveis !..
Este foi o traidor : é d'elle a mão cruel
Que está dando a beber, agora de arduo fel
Repleta, a taça amarga, a taça de pezar,
A este povo covarde, indigno e alvar,
Do qual, calcando aos pés os brios e o pudor,
Se fez o mais nefasto, horrivel dictador !

Mas, se o throno cahiu, não foi só á traição
Devido, mas tambem á enorme ingratidão
De uns canalhas sem brio, uns torpes miseraveis
Esse bando infiel dos *grandes condestaveis*
A que tanto o monarcha incauto estremecia,
E que o desamparou nos transes d'esse dia !... (21)
Foi a negra ambição de alguns aventureiros
Que do *velho leão* unido aos companheiros,
O peito lhe insuflando ignaro de soldado,
E fazendo-lhe ver que um passo recuado,

Um vacillar sequer, n'uma emergencia tal,
Poder-lhe-hia á vida e á honra ser fatal;
Impelliram-no a ir alem do que em su'alma
Leal, premeditado houvera antes em calma. (22)
E essa inercia por fim do povo que, sem brios,
Deixando-se vencer por esses desvarios,
Seu Monarcha, que a pouco ardente procurava
O amor testemunhar fiel que lhe votava,
Com festas sem iguaes, doente e já senil, (23)
Deu covarde que fôsse entregue á sanha vil
Dos soldados venaes de uns pingues batalhões
E por ultimo a patria e as instituições!
Esse povo sem fé, sem alma, nem destinos
Que, após se haver curvado aos negros desatinos,
Aos insultos crueis, aos mais diros horrores
De uma turba infernal de vis salteadores,
Concorreu sem pudor qual um bando villão
Para a patria vender em publico leilão,
E assistindo afinal, que fôssem derrubados
De seu culto, um por um, os symbolos sagrados,
Sem uma queixa ou protesto ao menos proferir,
Que sua crença attestasse ás gerações por vir,

Se assim constituiu a mais nefasta escoria,
Legitima excepção dos povos na historia,
Como um povo qual é, servil, fatal producto (24)
Do africano boçal com o portuguez corrupto!

Mas não penses que eu tenha em vista absolver
Quem da honra olvidou-se, ousado, e do dever.
Esse velho soldado ingrato e ambicioso,
A quem teu infeliz monarcha tanto amou,
Nem só foi d'esse crime torpe e vergonhoso
Quem primeiro sem alma as messes lhe gozou;
Mas, aquelle que, após, tomando ignorante
As redeas do poder, sem norte, vacillante,
Teu paiz conduzio, como um genio do mal,
Por um despenhadeiro horrivel e fatal!... (25)
E quando um dia, em breve, a Historia, immaculada
Como a estrella brilhante e casta da alvorada,
Após ter revolvido archivos escondidos
Do crime pelas mãos, ou quer mesmo esquecidos
Dos tempos no ermo pó, ante a posteridade,
Sua vivida luz lançando, intensa e pura
Sobre a noite infernal d'esse passado, escura,

Dos factos desvendar impávida a verdade;
Quando a Historia narrar os feros dissabores,
As maguas sem iguaes, os tetricos horrores,
Que opprimiram de resto a tua vil nação
No lustre que seguiu-se a tão negra traição;
Então d'esse soldado ingrato e detestavel
Seus crimes um a um verás, entre os apôdos
Dos homens do porvir, enumerados todos
Por essa Deusa, a excelsa, a justa, a implacavel.

Mas porque te has de tu em scismas abysmar
De um passado que foi?! Se podes encontrar
Alento á tua dor nas scenas do presente,
Por que tua attenção concentras tão sómente
N'esses que affeitos já de ha muito á escravidão,
Da honra e do dever perderam-lhe a noção?!
Porque só attentar no horror, na covardia,
No crime e na traição que ferem de emboscada,
Quando tambem fulgura a calma, a galhardia
E a virtude a mais pura, a mais acrysolada?!

Acaso pensas tu que os seres enlutados
N'esses crimes não tem já sido castigados?!

O louco Marechal, ess'alma ingrata e fria
Que indirecta causou a morte á monarchia,
De seu crime já teve a pena de Talião,
Ao ver o proprio author d'esta horrida traição,
Esse infame vampiro, um dia sem clemencia,
Como sempre traidor, traidor por excellencia,
Vendel-o e aos seus leaes, mais intimos amigos,
Sem escrupulo algum, se unindo aos inimigos
Que cavaram-lhe a quéda, após ter, sem pudor,
Jurado-lhe adhesão, com o mais firme fervor,
Quando fôra por elle ouvido, consultado
Sobre o passo por dar—o audaz Golpe de Estado. (26)

Os grandes generaes e toda essa nobreza
Que juravam constancia ao throno, amor, firmeza,
A justa punição não tem já recebido,
De n'esse crime atroz haverem consentido,
D'esse mesmo traidor que, após ter usurpado
O poder deprimido os tem e assassinado?! (27)
E essa horda servil, covarde e corrompida
Que viu aparvalhada a quéda dolorida
D'esse nobre Monarcha, enfim, tão acremente,

Não está sendo tambem agora lentamente
Punida pelas mãos do mesmo usurpador
Que, tornando-se d'ella um *justo* dictador,
Aos poucos dizimando a vai, já pela guerra
Civil, já pela fome atroz que a ceifa e aterra?!

E julgas que esse abutre, ess'alma de chacal
Não está já tendo o premio emfim de tanto mal?!
Diz': Que pena maior, mais negra e horrorosa
Que sorte mais cruel, mais ardua, mais penosa
Querias p'r'o traidor que tem ensanguentado
O teu pobre paiz, do que ver-se execrado
Por todo um povo, e após, coagido a transformar
N'uma ferrea prisão seu maldiçoado lar; (28)
Para ahi consumir o resto de seus dias
Sem amigos, nem paz, nem gratas alegrias?!...
E logo e sempre a noite... a noite lutulenta,
Onde a luz do socego e paz jamais alentá!
A noite do remorso... a noite triste e escura
Que synthetisa a dor, que esmaga, que tortura,
Que não deixa dormir os impios, os traidores,
Mas, que os faz definhar coados de terrores

Em meio de uma orchestra horrisona de prantos,
Queixas, imprecações e tresloucados cantos
De uns espectros que aos mil, fataes, hirtos, disformes,
Relembrando lhe vão os crimes seus enormes!...
—Um martyrio cruciante, em que se perde a vida,
Sem nunca haver da morte o osculo homicida?!...

E pensas tu tambem, que a mão da caridade,
Doce como o luar, meiga como a saudade,
Solicita não tem, com o seu balsamo santo,
Sustado muita dor, tolhido muito pranto;
E que d'esta nação, d'esta aviltada terra,
Os filhos seus outr'ora impavidos na guerra,
Descendentes viris de teus antepassados,
Tenham todos curvado as frontes, a cerviz
Qual de escravos, um bando agora, desbriados
Ao despota cruel!

Acaso julgas, diz'
Meu pobre sonhador, que o unico vivente
Que, com sinceridade, agora n'alma sente
D'este povo infeliz tão justo e atroz martyrio
És tu nos sonhos teus?!

Ha bravos que, em delirio,
Por crimes tantos, taes, tão negros, affrontados,
Nos plainos lá do sul e em pontos destacados
D'este enorme paiz, fieis á lealdade,
Se batem já de ha muito a prol da liberdade.
Ergue essa fronte, pois, desterra de tu'alma
A tristeza que a punge, o coração acalma,
E vem commigo ver primeiro o ingente Estado
Que jamais supportou o jugo dos tyrannos,
E que tem sustentado, a dous bem tristes annos,
Uma guerra sem tregua ao dictador ousado,
Que a todo transe o quiz, zombando do direito,
De um sicario impudente ás leis o ter sujeito.

E fallando-me assim, com a mão fatal e fria
Me apontava os heroes aos quaes se referia:

—Aquelle é Gumercindo o intemerato irmão
De Apparicio Saraiva, o audaz como um leão!...
Foi elle quem feriu, primeiro em Serrilhada
E após no Serro do Ouro, as celebres batalhas,
Em que desbaratou a tiros de metralhas

Com valor sem maior, com calma denodada,
Os negros esquadrões que, a mando do tyranno,
Ostentavam-se ali com um despotismo insano!
Foi elle o Commandante em Chefe d'essa heroica
Phalange, que invadiu, com uma bravura estoica,
O solo tão feraz de Santa Catharina
E do grão Paraná que n'elle se confina,
Tendo a frente do corpo audaz de infanteria
O bravo Piragibe, e da cavallaria
O Laurentino Pinto, o inclito, e o denodado
Juca Tigre, o que assim foi sempre appellidado
Por seu brio e valor !
Essa immortal cohorte,
Formada de Titans e mais qne os mesmos forte,
Que conseguiu ganhar as celebres victorias
De «Tijucas» e «Lapa,» immorredouras glorias (30)
D'est'arte conquistando; e após ver libertados
Das despoticas mãos dos servos sem pudor
Do necrophago mor do infausto Dictador,
Com sacrificios mil, esses fiéis Estados,
E sob a guarda os pôr dos bravos Capitães,
Heroes, Leite Salgado e Prestes Guimarães,

Continuando então em marchas triumphantes,
Entre hosannas do povo e seus fieis infantes,
As margens attingiu do ingente «Itararé»,
Onde estava acampada a languida ralé;
Qual de Alexandre outr'ora o exercito potente
Que a conquista firmou notavel do Oriente! (31)

Esses outros varões que ahi vês embuçados,
Ao claror do luar que em cheio os illumina,
E que estão n'este instante em scismas abysmados,
São os bravos Cabeda e Marcelino Pina,
O Guerreiro Victoria e o bravo e destemido
Joca Tavares--tal—de todos conhecido,
O nobre vingador da negra e dira morte
De dois sobrinhos seus, e da cruenta sorte
A que foi condemnado o seu brioso irmão,
D'elles tão terno pai—ao ermo da prisão!
Almas cheias de brio e de constancia e fé,
Taes os grandes heroes do cerco de Bagé,
Do encontro em « Jararaca e do Inhamduhy »,
Da luta em « Quarahim, Pedrito, Pirahy,
Pedras Altas » e mais innumeras victorias

De que facil não fôra esmerilhar as glorias! (32)

Isto dizendo o espectro, um instante só parou,
E após, com voz tristonha, assim continuou:

—Não vês aquelle vulto altivo de ancião
Encarcerado ali n'aquella erma prisão;
Mudo como o silencio, austero como a sorte,
Triste como a saudade e immovel como a morte?
É o irmão d'esse heroe de cuja ingente gloria
Ja te ha pouco fallei. É Facundo Tavares,
Que ahi definha a sós, pungido de pezares!

Foi elle que enfrentou, do vão de uma janella,
Secundado tão só por uma audaz donzella
E pelas frageis mãos de dous mancebos mais,
Dilectos filhos seus, o grupo de chacaes
Que o fôra então prender em sua habitação,
Como um dos que forjara a audaz conspiração
Contra esse tyrannete insolito e boçal
D'esta guerra de irmãos o movel principal;
Esse germen do mal, que transformou no Sul

O solo Rio-Grandense em tetrico paúl,
E que só poderia haver por protector,
O — desgraça da patria—o micro-dictador! –
Durou um instante só, porém, tal resistencia:
O grupo dos nefarios,
Depois de a coice d'arma a velha residencia
Forçar do nobre ancião, qual bando de sicarios,
Cruel arremetteu contra esses quatro heroes,
Que, em luta desigual satanica, feroz,
Bateram-se com fé.
No auge do prazer
Eu tinha suffocado ali num fero abraço
Muitos d'esses chacaes,
Quando ouvi, a tremer,
Do Altissimo a voz dizer-me:
« Has feito assaz;
Cumpre a vontade minha agora; em teu regaço
Recebe esses Titans. Na terra está cumprida
Sua nobre missão. Tu és a piedade,
Vai guial-os que é tempo á paz da eternidade.»
E eu disse a soluçar p'r'os dous jovens dilectos,
Cobrindo-os com os meus mais languidos affectos:
« Segui-me á eterna vida.»

Porém do pobre pai, Senhor, sobre os algozes
E sobre a sua infame e negra geração,
Ouvindo a minha prece e da virtude as vozes,
Lançai infamia eterna, eterna maldição. (33)

E do velho o pezar, ao ver a prole amada
Pender sem vida, então, a dor foi tão cruenta,
Que insensivel cahir deixou da dextra a espada !
Depois tornar-se, eu vi-lhe a face macilenta,
E qual cedro gigante a que ferisse um raio,
Preso do mais funesto e horrido desmaio
Sobre os corpos, cahiu, sem vida, enregelados
De seus filhos então, com os olhos empanados,
Qual se eu n'essa hora infausta houvesse-lhe deposto
Um osculo tambem no seu palido rosto !...
Foi n'esse estado, sim, que o resto dos bandidos,
Deixando ao desamparo os seus irmãos feridos,
Conseguiu dominar o invicto leão,
E afinal transportal-o á tão negra prisão ! ?... (34)

Agora que já viste a pleiade de bravos,
Que tem sempre batido a turba de ignavos

Soldados do Tyranno, eu vou te conduzir
Aos locaes onde as mãos um dia do porvir
Ha de estatuas erguer
Ao conjuncto de heroes que foram immolados
Ahi pela facção dos assalariados;
Estes martyres do amor á Lei, á Liberdade,
Á Honra e ao Dever ;
Para assim os levar ante a Posteridade,
Condemnando d'est'arte á eterna execração
Seus algozes crueis, escorias da Nação !... (35)

E, depois de externar tão nobre vaticinio,
Assim continuou o anjo do exterminio:

Não vês, mesmo a teus pés, na base d'este serro,
Uns escombros que a lua, agora que declina
Já dos montes por traz, apenas illumina ?
É a bella cidade outr'ora do Desterro
Que, após ser convertida em horrida necropole,
Foi mais tarde chrismada então de Florianopole
Por um'alma de lama, em honra do Tyranno
Por quem tanto verteu-se ali o sangue humano !

Foi lá, com os corações ralados de saudades
De seus filhos ou paes, esposos ou irmãos,
Que cahiram do crime ás negregadas mãos,
Após insultos mil, mil torpes crueldades,
Lorena o destemido, o velho Marechal
Barão de Batovy, o nobre e tão leal
Carvalho, um seu irmão, e um sem numero mais
De paisanos sem conta e bravos officiaes,
Pelos quaes hade sempre a Patria consternada
Chorar eternamente, em luto, desolada,
Ao relembrar de Motta a ordem destimida
Dando de— fogo — a voz que o arrancou da vida! (36)

—Mas quem foi o author de tal carnificina ? !
Onde a justiça está, responde-me, divina,
Que assim fria deixou que fôssem immoladas
Vidas tanto á virtude e á Patria devotadas?!...

— Um vampiro que tem do celebre guerreiro
Cezar, o nome augusto ; um torpe aventureiro,
Um infame, um covarde, um gasto libertino,
Um microbio da dor, um cynico assassino ! (37)

Um grilheta social, por Deus o condemnado
P'ra ser do Despotismo o algoz agaloado!
Um frio executor de quanto mando vil
Forjava o Dictador em seu negro covil!
Um maldicto do Céo, da mãe que deu-lhe o sêr,
Que me faz de terror, de asco, estremecer,
E, p'r'o qual dores hei de ter como jamais
Fiz soffrer um sequer dos miseros mortaes,
Se Deus, que tudo póde, emfim, me não livrar
Do cruento pungir, que tanto me arreceio:
—O ter de corromper com os restos seus meu seio,
Quando seja coagida ás faces lhe escarrar!

Esta hyena ou chacal, precito do Senhor,
Este espirito alvar, lacaio amaldiçoado
Do crime e da traição, só foi p'r'aqui mandado,
Depois de demonstrar ao monstro Dictador
Seus instinctos cruentos,
Servindo de carrasco á cerca de duzentos
Irmãos teus, entre os quaes, os bravos marinheiros,
Que o invicto Saldanha e os seus bons companheiros
Não puderam levar comsigo, quando a sorte

Cruel lhes indicou, como severo Norte,
O dever de deixar o posto onde sómente
Teriam de cahir fatal e ingloriamente! (38)

Alem d'este, porém, ha outros scelerados,
Outros—pustulas mais, leprosos gangrenados,
Com garras de panthera e risos de jaguar
Que nada a elle tem, poeta, que invejar:
E se no fundo, alem, d'esses despenhadeiros,
Que ali vão confinar no rio São João,
E que de Curitiba a dez legoas estão,
Lançares teu olhar; verás inda os vestigios
De alguns dos crimes, sim, dos horridos prodigios
Do Quadros-General, do *grão* Major Barreiros
E do João de Albuquerque, um sujo, um indecente
Aquelle um mandarim, o outro um assistente
E este o negro algoz, o frio executor
Da scena que narrar te vou, cheia de horror! (39)

Foi ali que da noite á sombra pavorosa,
Mas de uma noite escura e gélida e chuvosa,
A tiros de fuzil, foram assassinados,

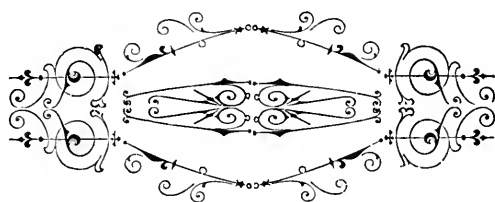
Um por um, e depois no abysmo arremessados,
O nobre cidadão Barão do Serro Azul
E mais cinco irmãos teus, leaes filhos do sul;
Após haver parado um trem que os conduzia
Coados de terror, de frio e de agonia,
Para esse infausto sitio, aonde, por lamentos
Tiveram o estertor indomit) dos ventos,
Por ultima oração, os mais baixos insultos,
E por tumba... (que infamia!) os corpos insepultos!... (40)

Mais longe, d'esse nobre e ;rande Paraná,
Na villa do Rio Negro e de Paranaguá
E Curitiba alem nas placid us cidades,
E nos plainos do Sul, emfin , onde com gloria
Mil heróes fazem frente ai da á vil escoria,
Depois de supportar crueis mpiedades,
Foram mortos tambem a tir s de fuzil,
Por ordem d'essa mesma l yena infame e vil,
Mais outros cidadãos incau os, entre os quaes
Vi tambem figurar diversos officiaes!— (41)

....

....

Emquanto eu escutava, afflicto e triste, tudo,
Do espaço onde pairava enregelado e mudo ;
Em seu curso fatal, a terra indifferente
Perpassarem por mim fazia suavemente
Todos esses locaes infausto apontados
Para a perpretração dos crimes já narrados !...

——— ——

CANTO PRIMEIRO

O PESADELO

SEGUNDA PARTE

NO CORAÇÃO DA PATRIA

Quand les gouvernements ont été ridicules, il est presque inévitable qu'ils soient atroces, car ils se persuadent bientôt qu'il n'y a plus que le sang versé qui puisse leur rendre l'ancien respect.

EDGARD QUINET.

Eis aqui o logar onde eclipsou-se
O Meteoro fatal, as regias frontes!

MAGALHÃES.

O PESADELO

NO CORAÇÃO DA PATRIA

E n'essa hora em que a gloria se obumbrava,
Alem o sol em trevas se envolvia !
Rubro estava o horisonte, e a terra rubra !
Dous astros ao occaso caminhavam ;
Tocado ao seu zenith haviam ambos ;
Ambos iguaes no brilho, ambos na queda
Tão grandes como em horas de triumpho !

MAGALHÃES

......Tripudiae sandeus.
Que não existe forca e não existe Deus!
Vamos ! escancarae a gargalhada alvar !
Ponde Nero no throno e Judas sobre o altar.

GUERRA JUNQUEIRO.

— Já de ha muito que lá do Sul n'essas campinas
Que têm de Rio-Grande o nome, e onde o pampeiro
Dá a tempera rija ao homem, de guerreiro,
Continuou o espectro, a voz, de novo, altiva,
Erguendo e proseguindo em sua narrativa,
Commettiam-se acções heroicas e divinas.

De ha muito já que, ali,de seus inclitos filhos,
N'esses plainos sem fim, ridentes, verdejantes,
Corria o nobre sangue, em ondas abundantes,
Com o sangue negro e vil, de envolto, dos caudilhos,
Dos mercenarios, sim, de um despota que havia
Pela mão sido imposto ali da Tyrannia
Que impera em teu paiz, e a quem a Historia e a Fama
Hão de um dia chamar— covarde, alma de lama !

De ha muito, sim, que as mãos da excelsa divindade
Guiava os campeões ali da Liberdade ;
Quando Mello, que a pouco havia se eximido
Do cargo de Ministro,
Por n'elle não haver de todo conseguido
Fazer qu'esse Tyranno estolido e sinistro
Terminasse com a luta atroz cuja authoria
Lhe attribuida foi ; depois de se apossar
Da esquadra surta aqui e mais vasos mercantes
Que logo aprisionou em alguns poucos instantes, (1)
Repleto da maior, da mais viva alegria,
Da mais nobre altivez, o fez logo intimar
Que deixasse o Governo ; e em ancia muda, então,

Nos topes desfraldou dos mastros, com urgencia,
No anniversario sim da patria independencia
D'esta santa crusada o niveo pavilhão,
Branco, pois só visava uma conquista— a Paz—
Em vez da guerra surda, horrivel e voraz
De irmãos só contra irmãos— o amor da Tyrannia !...
....
....
Tinha morrido a Noite e despontava o Dia !

Soberbo !... exclamou logo o Despota... e sorriu...
Eu quero sempre sangue... e muito... e resistiu.

Foi então que explodiu a luta atroz e dura,
Da qual só resultou prodigios de bravura,
Mas que manchou de sangue o casto e puro alvor
Da bandeira da paz, sublime em fé e amor !

Alguns dias depois, Saldanha, que prezava (2)
Sua classe, porém que a todos procurava
Mostrar indifferença á tal revolução,
Bem que por seu leal e nobre coração,

Preso á ella estivesse, enceta as suas obras
Na fortaleza então da grande Ilha das Cobras,
(Da qual tomara o mando, ao ser evacuada
Pelo bravo Coutinho) a aguia immaculada (3)
Da santa cruz vermelha, ali com alacridade
Desfraldando, p'ra logo após, com caridade,
Tratar, sem distincção, de ambas as facções
Dos feridos, a par dos doutos cirurgiões
Castro Gomes, Thomaz, Pereira Guimarães,
Bicalho, Braulio, Amado, Augusto, Magalhães, (4)
E mais outros talvez que faltam-me á memoria
Mas que d'elles menção fará por certo a Historia.

Mas, quando soube, sim, das ordens expedidas,
Mandando envenenar as aguas remettidas
P'r'o gasto dos leaes, dos nobres marinheiros
Da audaz Willegaignon, por terem-se mantido
Neutros á luta atroz em que viam perdido
O prestigio de seus tão bravos companheiros,
Se ajudassem a ser seu chefe derrotado ;
Quando soube que o vil Tyranno, ao seu leal
Contendor, enviara um album malfadado,

Uma bomba contendo ou *machina infernal*; [5]
Foi tal seu desespero, e tal o odio seu,
Que, indignado, emfim, a *Aguia branca* ergueu,
E desde então, guiando os seus bravos, infantes
— A turma dos noveis, heroicos Aspirantes —
Logo o mando assumiu de tão santa cruzada,
Pela invicta Marinha—a nobre—iniciada;
Emquanto Mello e alguns de seus cabos de guerra
Partiam para o Sul alegres, pressurosos,
P'ra confraternizar ali com os mais garbosos,
Destemidos heroes, talvez, que ha sobre a terra!

Esses vultos que vês boiando sobre o mar,
Destroçados agora, e alvos como o luar,
Os restos d'esta são, excelsa e sobranceira
Marinha brazileira,
Que, depois de ter sido aqui abandonada
Pelos bravos dos quaes te agora vou fallar,
Com acerto, mandou de branco então pintar [6]
O irado Usurpador, ess'alma desgraçada,
Algoz d'esta Nação,
Por escarneo de certo ou gélida irrisão;

Convertendo-os d'est'arte em horridas mortalhas,
Pois tinha a receber a turba dos canalhas,
Fezes d'esses heroes que a patria defendiam,
E já, sem pundonor, sorrindo, elles trahiam!

Naquelle—o « Aquidaban » —o Mello e os immortaes
Lorena—o destemido—e o bravo Alexandrino, (7)
Secundados por seus tão nobres officiaes,
Com denodo affrontando as iras do destino,
Forçaram « Santa Cruz », « a Lage » e quantos Fortes
Guardavam-lhe o caminho, e foram com as cohortes
De seus bravos irmãos, immediatamente,
Unirem-se no Sul com uma alegria ingente!

Aquelle é o « Esperança » aonde—o enorme Graça,
Pelo fogo aturdido e pela atroz fumaça,
De um incendio que um tiro infausto de canhão
Ateara em seu bordo, o Graça—o audaz leão—
E esses bravos Duarte e Barros e Ribeiro,
Zombando, sim, de um fogo, horrivel e certeiro,
Lá se foram p'r'o Sul, tambem, onde esperados
Eram por seus irmãos, de louros coroados! (8)

Estes dois são o « Marte » e o « Marcilio Dias »
O « Republica » esse outro, aquella a « Iguatemy »
E mais alem o grande, o invencivel « Pallas ».
N'elles muda, abysmada e em ancias, assisti
Por sob uma infernal aboboda de balas,
Forçarem com denodo as fortes baterias
Que queriam tolher-lhe a intrepida derrota,
Os nobres campeões Lindolfo, Mattos, Motta
E Lara e o Graça ainda e outros destemidos,
Doutos officiaes de todos conhecidos,
Entre os quaes Pio Torelly — o louco — appellidado
Por seu grande valor, seu brio denodado! (9)

Este outro é o valoroso «Uranus» ; n'elle altivo,
Costa Mendes tambem — o louco, o redivivo —
P'ra mais presto evitar as balas dos duendes,
Das quaes quarenta ou mais haviam-lhe o costado
De tão fragil batel, certeiras, perfurado ;
— O excelso Costa Mendes — (10)
Soltando com valor e impavidez o panno
De seus mastros, assim, sereno, altivo, insano,
Conseguiu perpassar taes Fortes calmamente,
Zombando do meu sceptro e meu furor ingente!

Foi d'esse bordo, sim, que alguns prisioneiros,
Trahindo (que loucura!) a vigilancia então
De uns pobres marinheiros,
Por crerem que encontrar iriam protecção
Entre os seus (no momento em que Mendes tratava
De ás pressas reparar as muitas avarias,
Que soffrera ao forçar a barra, e que o privava
De seguir para o Sul), fugiram p'r'as sombrias
Praias de Sepetiba
A nado, para ali, depois de trucidados,
Serem sem piedade emfim assassinados,
Qual foram teus irmãos na bella Curitiba,
Por um negro carrasco, um certo Marcos Curio!
Um ser que lembra só á mente o filho espurio
Que podesse provir do amor incestuoso
Entre negra panthera e vil jaguar raivoso! (11)

Mais alem está o fero e infausto « Guanabara »,
Onde quiz o destino, a sorte impia, avara,
Que perdessem a vida ás mãos dos vis escravos
Diversos irmãos teus, dos mais nobres e bravos;
Os quaes, ao fallecer, da santa Liberdade,

Saudavam sempre a causa, aliás com phrenesi,
Qual succedeu no ingente e grande « Javary »
Que immerso quasi já, com um tiro de canhão,
Mandava á Tyrannia um adeus de piedade ; (12)
Ou do « Venus » na triste e horrida explosão
Que á Patria roubou mais, um vulto colossal:
— Vasconcellos, o bravo, o nobre, o immortal ! (13)

Foi secundado, sim, por esses companheiros
E pelo corpo audaz dos bravos marinheiros,
Que Mello, o ingente heroe, terror do despotismo,
Personificação do brio e do civismo,
Foi, do sul, ajudar os nobres e invenciveis
Filhos a arrancar das mãos diras, terriveis,
Dos carrascos do algoz da Patria os dois Estados
De Santa Catharina e após do Paraná,
Que estavam sendo então vilmente massacrados ;
D'aquelle indo fundar na bella capital
De seu novel Governo a séde principal,
E n'este indo aportar mesmo em Paranaguá,
Que de assalto tomou, batendo a guarnição
Da praça, onde depois salvou (que nobre acção !)

Cento e seis cidadãos, por Pego — o algoz insano —
Votados ao fuzil, em honra do Tyranno! (14)

Agora eu vou mostrar-te mais, alguns logares,
Onde esses homens, sim, que a luz tostou dos mares,
Zombando do veneno e quanta mais traição
O Despota engendrava, o horrivel Dictador,
Para os anniquilar, p'ra lhes causar terror,
Laboraram na obra ingente e meritoria
Da salvação da honra e brios da Nação,
Entre applausos do mundo e canticos da Gloria!

Esta ilha que vês, coberta de ruinas,
Que da noite se occulta agora entre as neblinas,
É Willegaignon — a grande, a excelsa, a immortal!
Foi ella com valor, com calma sem igual;
Que intrepida enfrentou durante muitos mezes,
Soffrendo sem carpir milhares de revezes,
O forte bombardeio, o metralhar constante
E de fuzilaria o fogo cruciante
Do « Pico, Graguatá, da Lage, S. João,
Santa Cruz, Mocanguê, da Ponta da Armação »

E um bom numero mais de Fortes situados (15)
Todos em torno della e bem fortificados;
Cahir vendo da Patria os seus mais caros filhos
Sob as balas dos vis, do Despota caudilhos!

Foi ali que assisti do Pelico Belchior,
Do Rosa, Lessa, Antão, Colona, Bacellar,
Liduinio e outros mais Titans, glorias do mar,
Uns golpes de bravura e calma sem maior!...
Um feito que por mais que busques na Historia
Igual, jamais, poeta, encontrarás em gloria (16)

E no entanto, (que horror!) quando esses malfadados,
Invenciveis leões, de magua atroz ralados,
Entregaram-se ahi, da guerra confiando
Nas sabias, santas leis, sem resistencia, ao bando
Nefasto dos *Legaes*, por não terem podido,
Com seu chefe tão nobre, altivo e destemido,
Seguir e seus leaes e bravos companheiros
Para o theatro, onde ainda a guerra do Heroismo
Ganhava nas lições que dava ao Despotismo;
Quando essa legião de invictos marinheiros,

Aos quaes qualquer nação emfim se orgulharia
De chamar filhos seus com garbo e galhardia,
E fazer procurara até que um tal azar
Constituisse então seu ultimo pezar ;
Quando esses immortaes Titans, deuses da guerra
Cahiram ! (Quéda atroz que fez tremer a terra !...)
D'essa imprensa venal que falla em tom rouquenho,
Onde escreve Azeredo, Almeida, Soromenho,
Um Borges (Frederico), um celebre Quintino,
Que a patria quiz vender, um tal Guanabarino,
Medeiros, Salamonde e quantos mais vilões
O crime á lama alija ;
Da imprensa de bordel, de lama, sevandija, (17)
Só insultos crueis tiveram, maldições !
E depois..... quando ainda o tetrico alarido
Pelo espaço echoava, atroz, das bachanaes
Que ao Caligola erguia a — *Horda dos Legaes* —
Então sim !... dous a dous, o dorso ao dorso unido,
Amarradas as mãos, lá foram p'r'o supplicio
Levados, sendo algoz o vil Capitão Mauricio
De Lemos ! Uma acção que fez o proprio Inferno
Carpir, cobrir-se em luto o seculo hodierno,

Mais que a Torpeza torpe e que a Villeza vil:
— Lama eterna atirada á face do Brazil ! (18)

D'esta cidade ali que tem de Nictheroy
O nome, outr'ora bella e agora arruinada
Pelas balas de obús e tiros de granada,
No littoral Saldanha — o immortal heroe —
Com trezentos, não mais, de seus bravos marujos,
Por ultima lição aos covardões sabujos
A soldo do infame e sordido bandido,
Que a esse povo pagar tem feito arduo tributo
De ao Monarcha trahir, cobrindo-o de luto,
Sugando-lhe o suor ; Saldanha — o inabalavel —
Cavalheiro e soldado a um tempo—o vencedor
Dos assaltos e mais batalhas sanguinarias,
Em que desbaratou as tropas mercenarias,
Nas Ilhas «Bom Jesus» e do «Governador»,
Do «Engenho», «Mocanguê» e em quantos pontos mais
Com os marinheiros seus, outr'ora — os Imperiaes —
Por Carvalho e Antão guiados e por Pinna,
E Heraclito Belfort, cujo valor fascina, (19)
Teve o feliz ensejo, a horrida ventura,

De em forças se medir, mostrar sua bravura;
Saldanha —o General— saltando na « Armação »
Da mais sublime fé repleto o coração,
Com esses bravos leões, Alipio, Oscar, Rangel,
Raul, Celso, Bulhões, Ribeiro, Raphael, (20)
Antão, Conrado, Cunha, Alexandre, Borges, Souza,
E muitos outros mais que um dia a mão da Historia
Ha de justa elevar ao apogêo da gloria,
E dos quaes sobre alguns já pesa a fria lousa
Da sepultura; sim, Saldanha— o lutador—
Jamais vencido, ali, por ultimo prazer,
Bateu esses venaes imigos do dever
Que, transidos de medo, eivados de terror,
Em numero maior de quatro mil (ralés)!
Após tão vergonhoso e collossal revés,
Fugiram ante os d'elle, em douda debandada,
P'ra virem tarde então, com a voz rouca, avinhada,
Cantar ante a Nação— Victoria!

Miseraveis!...

Raça torpe e servil de escravos execraveis!... (21)

....

Era um ultimo appello ao povo!... e o povo tudo,

Tudo presenciou aparvalhado e mudo!...
Estatua do terror, synthese do assombro,
Do Despotismo a cruz pesava-lhe no hombro!...
....

E tinham-se queimado os ultimos cartuchos!...
Já viveres não ha!... Não ha mais munições!...
Aos tiros que dispara em ancia o Despotismo,
Succede o écho só!... Responde-lhe o Mutismo!...
Não trôam de Saldanha os horridos canhões!...

E Mello sem chegar!... « Será entre os gaúchos?...»
Perguntava o silencio agonico e sombrio
D'esses lobos do mar em doudo desvario!

« Mello não chega mais, que um'outra Potestade,
Outra Força maior domina-lhe a vontade »
Murmura a voz funesta e fria do Destino !

E elle, o immortal, tornou-lhe em desatino:
« Eu quero me bater, quero morrer com gloria ! »

« Não ! » lhe responde logo em voz solemne a Historia !
« Não ! » clamou-lhe o Porvir ! «Pára !» bradou-lhe Deus !

É minha a tua espada, os feitos teus são meus! (22)
Tu, a quem, affrontando o fogo das metralhas,
Eu vi buscando irmãos, feridos das batalhas
No mais renhido então, qual anjo do Senhor,
Esquecido da vida, em extasis de amor,
Não has de pertencer aos lobos carniceiros,
Mas, só aos teus leaes, teus nobres companheiros.
Parte, que o mando eu: que aqui... só ha escravos!
E lá no Sul te espera a pleiade dos bravos!..»

Então, á voz do Céo rendido, e entre pezares,
Que tu, que a mente humana, em sua pequenez,
Mal podem conceber; solemne, hirto, feroz,
Tragando esse pezar com fria impavidez,
Quebrou a rija espada e a projectou nos mares!...
....
Deus fora-lhe juiz! A patria era-lhe algoz!
....
Estava escripto no céo!... Cumpria o seu fadario,
Grande como Jesus na noite do Calvario!...
....
— Mas então não venceu a pleiade de heroes?!
Uma sombra empanou tão radiantes soes?!..

E prostrados assim da santa Liberdade
Os defensores mil, triumpha a Iniquidade,
Exulta a Tyrannia, e a torpe Escravidão
Avassala este povo, opprime esta nação?!...

-- Que importa ao vendaval terrivel que perpassa,
Negro como o pezar, ferreo como a desgraça,
E que tem de varrer indifferente tudo
Quanto na vastidão se vê do mar sanhudo,
Quem seja o que primeiro esmague em seu furor?!

Todos têm de pagar, o inutil crime insano
A que votado foi teu grande Soberano,
Nos ultimos quarteis da sua nobre vida,
Por esta vil nação, sem alma, corrompida! (23)
Mas quem te disse, falla! ó louco sonhador,
Salvo o acerbo pungir que agora te quebranta,
Que a audaz Revolução com elles feneceu,
E assim da Liberdade a causa sacrosanta
Com ella se perdeu?!

Sabe, que aqui cahindo, os teus irmãos já muito
Ganharam, conseguindo o seu mais nobre intuito:
—Impedir que o nefasto e audaz Usurpador
Se fizesse acclamar da patria Dictador,
Como sempre intentou o infame, e vitalicio!
E lá no Sul, bem vês, tambem quanto propicio
Vai sendo a teus irmãos e á sua nobre terra
Das armas o destino em tão cruenta guerra!

Os arcanos do Céo ninguem perscrutar póde,
Porém á minha mente agora, poeta acode,
Que assim que esse Tyranno acabe de cumprir,
A missão de punir
Esse povo culpado, emfim, qual foi do Eterno
A suprema Vontade, ao certo ha de o castigo
Haver, por só do Bem ter sido atroz imigo,
Hntre maguas, porém, mais negras que as do inferno,
Na propria maldição d'aquelles que sem brios
Serviram como algoz em seus vis desvarios! (24)

Mas, silencio! Que eu quero aqui fallar-te agora,
Em que offenda aos que o Vicio adoram, muito embora,

De um grande vulto, sim, de um'alma divinal,
De um filho nobre e audaz do velho Portugal.
D'aquelle que attendendo á voz do coração,
E dando ao mundo inteiro a mais nobre lição
De virtude e honradez, no seu fluctuante lar,
Onde ao sopro da briza, a aguia portugueza
Ostentava-se então com toda a singelleza,
Recebeu com doçura esses Titans do mar,
E para longe bem das garras do nojento
Tyranno os transportou em paz, a salvamento !

Eu quero p'ra que tu jamais, poeta, o esqueças,
P'ra que o ames emfim, que o nome ora conheças
De um anjo salvador, do excelso marinheiro
Que tanto honrou da patria o nome, sobranceiro ;
De Castilho, de quem debalde a sanha rude
Da Infamia ha de tentar o brilho da virtude
Impotente empanar, e cuja alma nobreza,
Cuja calma e valor n'esse famoso dia,
Que de odios fez bramir vencida a Tyrannia,
Ha de um dia cantar a Historia com certeza !

E eu disse em pensamento, em extasis de amor,
Banhado em pranto, erguendo os olhos p'r'o Senhor,
E afflicto o coração sentindo referver
No peito, do pezar em luta com o prazer,

Salve! mil vezes salve! ó inclito Castilho, (25)
Da Honra e do Valor, altivo e bravo filho;
Inimigo dos vis, amante da bravura,
Dos bons consolação nas horas de amargura.

Salve! Tu que do sol roubando o ardor e o brilho
Seguiste da virtude o seu mais arduo trilho,
Dando um pouco de luz á douda desventura,
Sem temer dos truões a negra catadura,

Salve! Mas quando, já bem longe, uma saudade
Chegar-te ao coração, repleta de alma dor,
Sabe que é nossa, sim — ó tu que a Heroicidade

Guiaste á leda paz; ó synthese do amor,
Da honra e da mais santa e terna caridade,
Salve! Mil vezes salve! amado do Senhor!

Tu não és filho, não, do Portugal de agora,
D'esse que um rei possue que offende a Realeza,
Que aos Fortes se curvando, escarne da Fraqueza,
Que ante o hysterico ardor de um despota descora!

Mas d'esse Portugal dos grandes reis de outr'ora,
Soberbos p'r'os Titans p'r'os Fracos gentileza,
D'esses que, ao proceder, curvavam-se á Nobreza,
Bramisse o Despotismo irado muito embora.

Da patria de Pacheco e Vasco e de Cabral,
Sebastião, Affonso, Henrique, e de Pombal
Que deu na Inquisição o golpe derradeiro!

Sim, d'essa Patria só; e ao certo descendente
D'esse povo de então que a sós, nobre e potente,
De seu seio baniu Napoleão Primeiro!

—Basta, tornou-me o Espectro; e d'esse outro Almirante,
Que já por uma vez, com o mais alto civismo,
Tua patria arrancou das mãos do Despotismo, (26)
Escuta o quanto a sorte, emfim, foi-lhe inconstante:

Algum tempo depois d'esse ominoso dia,
Em que tripudiou no crime a Tyrannia,
O audaz batalhador, tambem de munições
Já falto; Mello emfim, cavadas no semblante
As rugas de um desgosto acerbo, cruciante,
Do destino em resposta a tão rijos baldões,
Á nobre e tão leal Republica Argentina,
Que com vero pezar carpia-lhe a ruina,
Sua esquadra entregou, outr'ora tão potente,
Depondo assim solemne essa brilhante espada,
Que jamais deshonrara ou quer fôra empanada,
E foi, dos filhos seus ao seio nobre e ardente,
Conformado buscar, p'ra tão cruel martyrio,
O balsamo do olvido em seu triste delirio!...

....

....

E como outr'ora Deus, ao vêr morrer na Cruz
O seu filho dilecto, o candido Jesus,
Por elle entregue ás mãos, entregue á impiedade,
Dos homens, p'ra remir do crime a humanidade,
Fez os mares e a terra indomitos tremer,
De nuvens se cobrir o céo e escurecer;

E do somno mandou lethargico da vida
Eterna, resurgir o Lazaro e outros varios
Mortaes envoltos inda em seus brancos sudarios,
P'ra d'est'arte, alterando as leis da natureza,
Mostrar de sua magoa os estos, a grandeza;
Assim, ao vêr cahir em transes tão infaustos,
O audaz Mello, e Saldanha, o bravo, o heroe sublime,
Votados, sim, por elle a esses holocaustos,
P'ra Marinha, afinal, remirem d'esse crime
De ajudar a vender, sem alma nem temor,
Quem de nobre a chamava — o velho Imperador —
Cobriu tambem de luto o Céo, e em pranto ardente
Com seus anjos chorou no Empireo amargamente
D'esses bravos o mal profundo e dolorido;
Quem sabe se um momento, um só, arrependido
De ter de teu paiz, com tão duros castigos,
Ferido os dous talvez seus mais veros amigos!

De Saldanha, porém, a intrepida jornada,
Prescripta pelo Céo, não era inda acabada;
E foi portanto assim, que, entregue ás mãos da Sorte,
Foi unir-se no Sul dos bravos á cohorte. (27)

Foi d'esses factos, sim, que tendo antes sciencia,
E querendo um histrião tambem p'r'o seu scenario,
Com o mais frio cynismo, a mais crua inclemencia,
Por ultima irrisão, o Dictador falsario,
A esse povo mandou, sem pejo annunciar
Que um combate ia dar-se intrepido no mar,
E fez logo uma esquadra entrar de papelão
N'essa bella bahia—um fructo da ambição—
Que tinha officiaes, em parte a laço feitos,
Outros uns garotões á palhaçada affeitos!
Uma esquadra de vis, ao mando de um farçante, (28)
De outros tempos é certo um bravo commandante,
Um leal vingador dos brios offendidos
Do Imperio, e defensor de um povo de opprimidos; (29)
Mas agora—um vilão—um Judas que vendia,
Suas crenças, que não, por ser um Lovelace,
Mas, do passado seu, as glorias, sua classe,
E seus proprios irmãos p'r'os quaes antes sorria,
Não por *trinta*, porém, tão só por *um* dinheiro
Bastante p'ra fazer-se um grande fazendeiro!
—Um Judas, pois, de mais cordato ou razoavel,
Porém não menos torpe, infame e detestavel! (30)

Foi com tal D. Quixote e taes *Capitães Tiberios*, (31)
Que exhibiram-se aqui as scenas de um combate
Contra as sombras somente, emfim, d'esses heroes
Que então se achavam já dos mares sob os soes!...
Um feito que me fez sustar meus versos serios,
E que para o cantar compete a um outro vate.

Por ultimo, poeta, eu vou narrar-te agora
Um poema de amor estoico, amor sublime;
E depois, por final, as scenas mais de um crime,
Para então te deixar, que em breve chega a aurora.

Não divisas alem, á sombra magestosa
De um roble, uma mulher sentada, esbelta, airoza?
É um anjo do bem; é a Mirena Fortes. (32)
Foi ella que occultou ás rabidas cohortes
Um sem numero, sim, de pobres creancinhas,
Do ninho maternal perdidas andorinhas,
Quando essa infame turba a —*Horda dos legaes*—
No seu banquetear de tigres, de chacaes,
Após, sem coração, ter espingardeado
Invalidos até, que havia arrebatado

De mais de um hospital de seus leitos de dor,
Cruel arremeteu no auge do furor
Contra d'essa Magé o povo que deante
Fugia d'ella então inerme e offegante! (33)

Foi ella, sim, quem fez surgir gratas e mansas
N'essas almas gentis um mundo de esperanças,
Roubando-as á morte e ao frio que consome,
E ao mais fero supplicio—ao estuar da fome—
Quando ess'horda sem lei—*o Bando dos Vilões* —
Ao mando de um nefasto e infame libertino,
Que tem de Godolphim o nome, um assassino,
(Um covarde, pois só mulheres e infantes
Ali assassinou e velhos mendigantes!)
Com seus officiaes á frente (uns vis ladrões) (34)
Sugeitaram por mais de vinte longos dias
Do saque esta cidade ás lentas agonias!... (35)
Facto virgem talvez dos crimes na historia
E que os deve cobrir de immorredoura *gloria*. (36)

N'esse outro sitio alem, chamado «Imberibeira»,
Ao lado d'essa bella e colossal mangueira,

Impenetravel mesmo aos raios té do sol,
E perto d'esse velho e tetrico paiol,
Não divisas tambem seis cruzes carcomidas, (37)
Tristes, da côr da noite, e agora esclarecidas,
A merencorea luz da lua, que de manso
Declina em busca já do placido remanso
Das aguas, longe, alem?

São os seis pobres jazigos
Onde juntos, fieis aos seus bravos amigos,
Gozam d'esse lethal dormir que nos liberta
P'ra sempre do soffrer, do qual se não desperta,
Cinco victimas mais do santo patrio amor
E o seu inclito chefe, um invicto luctador!
Silvino — esse leão — que em dia memoravel,
Como simples sargento então, mas, denodado,
Mas, astuto e vivaz, após ter sugeitado
Praças e officiaes d'esse inexpugnavel
Forte de «Santa Cruz», e honrado haver seu nome
Com glorias e laureis que o tempo não consome,
Fez por dias tremer de medo o Despotismo,
Mostrando-lhe quão pode o brio e o heroismo! (38)

Silvino — esse titan — gigante inda menino,
A quem coube o castigo, o tetrico destino,
Depois de ser-lhe *até* negado de beber,
Quando proximo á tumba e prestes a correr
P'r'o seio do Infinito e da Posteridade,
De abrir com as proprias mãos (cruel perversidade!)
O fosso, a cova, emfim, a negra sepultura,
Onde ia um termo achar p'ra sua sorte dura!
Esse bravo que foi, por ordem do lascivo,
Do vil Leite de Castro, entregue ao repulsivo (39)
E alvar Bellorophonte, e que ao nascer do dia,
Ali se assassinou, em honra á Tyrannia;
Mas, que a esse leproso, a esse miseravel
A ess'alma de lama, ess'alma abominavel,
Que tanto se empenhou p'ra ser d'elle o carrasco,
A esse alferes venal, a quem já com bem asco
Beijei, não deu sequer ensejo a um tal prazer,
Pois que soube voar á mim sereno e forte,
Commandando elle proprio a escolta cuja sorte
Foi ouvir os finaes os ultimos gemidos,
Do mais sincero amor á patria ainda ungidos,
D'elle, o da Gloria esposo, o escravo do Dever!

Cessara de fallar o Espectro!...
Eu, repassado
De indizivel pezar, sentindo o coração
No peito a referver de justa indignação
Eivado, então solemne, em ancias, exclamei :

—Senhor! Dai-me o chorar, que eu quero em basto pranto
Esta dor affogar cruel, antes que assome!
Arranca de meu peito esse horrido quebranto!
Apaga de meu craneo a sombra d'esse nome!

Estende sobre mim balsamico, o teu manto;
Mas, se do anjo etheral, d'esse anjo que consomme
Tudo que existir soe com o seu beijo tão santo
E vero o quanto diz, Senhor! Não dês que tome,

Que arranque elle do mundo ess'alma detestavel,
Authora atroz, fatal de tantas desventuras ;
Mas, faz, como ao Judeu das santas escripturas,

Que jamais elle toque um ser tão miseravel,
Por pena atroz lhe dando assim a eterna vida,
Mas, sob o agonisar de dôr jamais sentida!

Porém, se o que te pede agora com fervor,
De indizivel pungir minh'alma ao esto ardente,
Nas raias que tu proprio ao teu poder ingente
Limitaste, não é ; oh ! faze então Senhor !

Que nem mesmo da morte ao seio redemptor
Calma possa encontrar esse execravel ente
Que assassinos, ladrões, e escravos tão somente
Na terra distinguiu ; e sinta a crua dor

Dos vermes vis que então, famintos, aos milhões
Lhe forem devorando a carne, emquanto houver
Sobre a gelida ossada um atomo sequer;

Das victimas que fez ouvindo as maldições,
E, vendo, do terror nos braços torturantes,
De seus espectros mil, os lividos semblantes !

E mais dizer não pude então, pois que o disforme
Espectro as minhas mãos ligeiro segurando,
E pelo espaço logo um vôo após enorme,

De novo e mais veloz que o vento retomando,
Assim continuou:

— Eu vou levar-te agora,
Antes que perturbar nos venha a bella Aurora,
Ao sitio onde inda a pouco, em leda soledade,
Tu fruias do doce amargo da saudade,
Aos balouços da vaga esquiva e preguiçosa,
E ao suave claror da lua esplendorosa;
P'ra que assistas de ali ao rapido e fremente
Espectaculo atroz, sinistro, mas ingente,
Da Tormenta que, em breve, ardendo em amor insano,
Sedenta se atirando ao seio do Oceano,
Vai desejos cevar de gozos sensuaes,
Em espasmos febris, em ancias infernaes,
N'um dos passos — a terra — ingentes, deslumbrantes,
Da Natureza, a mãe d'esses fataes amantes,
Ao medonho bramir dos horridos Trovões,
Entre as dansas febris dos rijos Aquilões,
E á luz sinistra e fria, á luz phosphorescente
Do raio a recortar o espaço, o céo tremente!
E depois... quando ali, na mais dira agonia

Tiveres tressuado, então, grata alegria
Irás por fim libar nos braços do Passado,
Ao doce delirar de um novo sonho alado.

Isso dizendo o Espectro, eu vi-me transportado
Ao batel de onde a pouco eu fôra arrebatado,
E no mesmo local em que eu então me achava;
Mas, d'essa paz em vez que ali calmo gozava,
Senti qual se em meu peito uma pesada mão
Me estivesse a tolher o arfar do coração,
E o silencio cruel, e o tetrico negror
Que havia em torno a mim, me enchiam de pavor!...

Tudo se conflagara!
As nuvens, conglobadas
Em cumulos nos céos, moviam-se enfunadas,
Negras como o pezar, tristes como lamentos;
E qual bando fatal de corvos agourentos,
Aos poucos destendendo as azas pavorosas,
De onde as trevas eu vi surgirem pressurosas,
Iam da noite então á basta cabelleira
Velando uma após outra e até á derradeira

As estrellas sem conta, as gemmas de agua pura
Do diadema eternal que a fronte orna-lhe escura!
O ar quente, pesado, extenuante e bruto,
Tinha o que de lethal, de perfido e corrupto!
Da lua que era quasi a fronte macilenta
A tocar do horisonte a fimbria pardacenta,
Uma esteira de luz já pallida e sombria
Sobre o pelago altivo apenas espargia,
E momentos depois, envolta em densos montes
De nevoas, se afundou nos fulvos horisontes!
O mar, o negro mar, o mudo mar enorme,
— Jaguar que espreita audaz, leão que nunca dorme —
Parecia aguardar impavido e fatal
A chegada do fero, insano vendaval!
De quando em quando o céo abria a fauce hiante,
E cuspia da noite á face horripilante
Uns escarros de luz! e após, tardo ruido
De longe vinha, então, triste como um gemido,
O silencio abafado e tetrico quebrar
Que pairava no espaço e sobraçava o mar;
E a noite triste, logo, as azas retalhadas
Por mil raios fataes, enormes, negrejadas,

Desdobrava por sobre o abysmo ermo, impassivel,
E tudo regressava á quietação terrivel!

N'isso um brusco clarão, brilhante como o aço,
Rebenta do infinito, e as negridões do espaço,
Seus desertos sem fim, com jorros illumina
De macilenta luz sinistra e repentina;
Um medonho estampido escala as amplidões
Do ether rarefeito, e os rijos aquilões,
Desabridos, crueis, talando os rubros ares,
Vêm doudos se atirar no seio hirto dos mares!
Mais ferozes que os meus pensares cruciantes,
Irrompem do occidente os ventos soluçantes,
Rugem os furacões... e altiva e desgrenhada
Gargalha convulsiva, em ancia a trovoada!
Já nem ha mais negror, que a luz phosphorescente
Do relampago vem, continuadamente
Encher com o seu claror os ambitos sem termos
Da terra e as vastidões dos rijos mares ermos!
Então se encrespa logo o portentoso pelago,
Arranca um brado, um só, de seu ingente amago,
Flexivel seu dorso empina, urra, braveja;

E ora em ondas se eleva altivo, ora rasteja,
Para erguer-se de novo em montes iracundos,
E de novo ir após nos antros mais profundos
De seu peito arrancar mais furias, mais tormentos
Com que possa zombar do latego dos ventos!...

Minh'alma, do terror mais negro e atroz escrava,
Senti que no meu peito, então, se ajoelhava
Afflicta ante o Senhor!
Jamais, jamais na vida,
Podera eu cogitar que o placido oceano
No peito tal furor guardasse, tão vesano,
P'ra bater da tormenta a ira desabrida!...
Parecia uma luta atroz de mil hyenas
Bramindo ao crepitar do céo feito em gehenas!
Parecia que mil duendes monstruosos,
De um furor sem igual, já nos paroxismos,
Firmando os negros pés nos horridos abysmos,
Que cavavam no mar os aquilões raivosos,
Procuravam fataes, com as mãos ambas fechadas,
Rasgar o espaço e os céos, brandindo mil espadas!
Parecia que o mar se havia convertido,

Ao ouvir da procella o tetrico bramido,
Em um numero enorme, um numero infinito
De serras, de alcantis, mais duras que o granito ;
As quaes, n'esse lutar feroz se entrechocando,
E ora os antros do céo solemnes topetando,
Ora se indo abysmar em negros socavões,
Como quem de uma dor se esvae nas convulsões,
Das fauces, sem cessar, em jorros despediam
Ondas de espuma só, que então se coloriam,
Do raio ao estrugir, na rubra côr do sangue,
Como a espuma que verte o labio alvar, exangue,
De audaz gladiador que soluçante cae
Desferindo ao morrer seu derradeiro ai!...

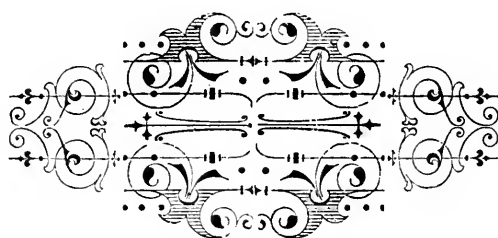
Nosso fragil batel, que eu via, ora elevar-se
No dorso de uma vaga ingente, ora atirar-se
Nas cavas só negror do pelago fremente,
De subito estacar senti!...
Pelos espaços
Reboam logo uns sons de um corpo que em pedaços
Desfaz-se!... Orchestra atroz, satanica, gemente!...

Foi d'est'ancia infernal que, em meio, aos meus ouvidos
Chegou um côro então de gritos e gemidos,
De envolto e já com mil fataes imprecações
E já com o estampido horrivel dos trovões!
Depois... em torno a mim senti mover-se tudo!...
Estatua do terror e como o assombro mudo,
Nem mais pude escutar o tetrico bramir
Da tormenta sequer; nem mais tambem sentir,
Salvo um igneo olhar, que n'essa hirta agonia,
Sem dó, me acompanhava, eivado de ironia!...

....

....

Junto a mim... era ainda a fórma deleterea
D'esse espectro fatal! D'ess'alma sem materia!...

....

Á MEMORIA

DE

Suas Magestades Imperiaes

O Senhor Dom Pedro Segundo

E

Dona Thereza Christina Maria

Multorum calamitate vir moritur bonus.

PUBLIUS SYRUS.

E eu vi a Fé perder o seu calix, a Esperança a sua ancora e a Caridade os seus miseros filhinhos.

CHATERTON.

CANTO SEGUNDO

SONHO ALADO

NOS BRAÇOS DO PASSADO

São precisas muitas gerações humanas para se passar de uma forma de governo á outra. Antes de ter uma cidade, tende cidadãos.

DANTON.
(discursos)

SONHO ALADO

NOS BRAÇOS DO PASSADO

> Le véritable exil n'est pas d'être arraché de son pays; c'est d'y vivre et de n'y plus rien trouver de ce qui le fesait aimer.
>
> EDGARD QUINET

O vento já não uiva, os tetricos ruidos
Do mar já não se escuta, e agora aos meus ouvidos
Só chega um som que lembra a nota que na praia
Se espreguiçando solta a onda que desmaia!

Senhor onde estou eu?! Que luz tão doce e pura
É esta que de manso aos olhos meus se ostenta?!
Que zephyro plangente é este que murmura?!
Que placido calor é este que me alenta?!

Que essencias tão subtis, que madidos odores
São estes que em meu peito infiltram-se?! Que aves
São essas que eu escuto ao longe, tão suaves,
Em threnos divinaes cantando os seus amores?!

Que montes esses são cobertos de arvoredos
Que parecem dos céos tocar nas brancas brumas?!
Que plagas, que alcantis são esses; que rochedos
Banhando-se do mar nas nitidas escumas?!

E que anjo ou mulher é este que eu diviso,
Que a minha prece ouviu, que acode aos meus lamentos?!
Senhor! Acaso após tão feros soffrimentos
Minh'alma transportaste aos Céos, ao Paraizo?!

Emquanto eu procurava assim coordenar
Os pensamentos meus, triste como o pezar
O anjo caminhava; e tendo emfim chegado
Ao local onde eu mudo e só permanecia,
Palpou-me o corpo todo inerte, enregelado
E a minha face após, tocou pallida e fria!
Mas minh'alma era então de magoa tal escrava,

Que, alheio inteiramente a quanto me cercava,
Só pude discernir que o meigo cherubim
Se havia debruçado afflicto sobre mim,
Quando no peito meu pousar senti-lhe a mão,
Como quem busca em ancia o arfar de um coração,
E pela face algente os soffregos bafejos,
O halito apressado e os fervorosos beijos,
Com os quaes ella tentava, essa vestal dos céos
Á vida me chamar!
Depois, por entre uns véos
De nevoas que o meu torvo olhar escureciam,
E emquanto os membros meus se desentorpeciam,
Como em sonhos ainda, os labios seus senti
Collarem-se nos meus n'um doudo phrenesi,
E um sopro divinal, entrando-me no peito,
Que o frio enregelando á morte houvera affeito,
Deu-me alento e gozar me fez, já esperto a meio,
Do prazer de assistir á fulgida alegria
Com que, ao ver-me ella emfim, de tão longa agonia
De todo resurgir, ao seu virgineo seio
Meu corpo conchegando, exhausto de fadigas,
Tentava alevantar com as meigas mãos amigas!

Como é grato sentir o peso da existencia,
Dentro d'alma sentir que a vida não se apaga,
Quando a morte nos quer roubar da vida a essencia,
E já com a fera mão, algente nos affaga!
Sentir ao trabalhar das mãos da caridade,
Que a nossa vil materia, a nossa carne impura,
Que era estranha já quasi á sensibilidade,
Vai aos poucos volvendo á dor, á desventura!
É que o auge no gozo, ou quer no soffrimento,
Só é dado sentir do modo o mais ardente,
Quando o gozo nos chega após logo um tormento,
Ou nos fere o pezar após prazer ingente!

Fiz um esforço mais... firmei-me nos meus braços...
Na praia me assentei... tristonho nos espaços
Lancei um vago olhar!... Depois olhei em torno!...
Fixei timido os céos! Palpei meu corpo morno,
E deixando escapar um longo e entrecortado
Suspiro de meu peito ainda acabrunhado,
Á virgem, que eu ali sorrindo via então,
Perplexo perguntei, com a mais viva emoção:
— Casta filha do Céo, porque me despertaste

Do meu ferreo dormir, já quando a mão da morte
Pesava sobre mim?!... Porque me não deixaste
Os estos evitar da minha ingrata sorte?!...
Porque vieste assim chamar de novo á vida
Minh'alma já sem fé, minh'alma já descrida?!—

Ao som da minha voz, as nuvens de pezar,
Com que a duvida atroz de ver-me despertár
De tão longo desmaio, havia de repente
Do anjo empallecido as faces, docemente
Transformarem-se eu vi n'uns trepidos lampejos,
Que imploravam febris, mil puros, castos beijos ;
N'uns toques de carmin suaves, divinaes,
Como as tintas subtis de auroras boreaes;
N'uns effluvios de luz, que lembram da manhã
O rubor quando a face o sol beija louçã!
Aos labios seus, umbraes de um templo de harmonias,
Que velava um collar de perolas esguias,
Um sorriso assomou, puro como o surgir
De um ledo madrigal da noite ao esvair;
Sincero como a dor da mais viva saudade,
Quando o peito se enluta aos véos da soledade,

E franco como a voz que evola-se tão mansa
Dos labios virginaes, gentis de uma creança!

Passado esse fugaz momento de almo enleio,
Durante o qual seu puro e primoroso seio,
Em ondas, compassado eu vi cadente arfar,
Como a face anilada e placida do mar,
Quando a grata bonança o affaga por momentos,
Após ter supportado o latego dos ventos
Ou beijos da tormenta; o casto seraphim
Curvou-se novamente um pouco sobre mim,
E entre as suas subtis, mimosas mãos delgadas,
As minhas hirtas mãos cerrando enregeladas,
Ajudou-me a erguer da praia humida e fria,
Onde ainda abysmado em scismas eu jazia;
Dirigindo-me então palavras mais suaves
Que os idyllios de amor, que o madrigal das aves,
Quando, em doudo chilrar, saúdam do arvoredo
O alegre despontar de um dia calmo e ledo!

Havia em sua voz, fresca qual madrugada,
E pura como a luz da estrella da alvorada,

Um mundo divinal de messes e esperanças,
Que qual bando feliz de brancas garças mansas,
Pairavam no ambiente affavel e risonho
D'este novo sentir, d'este encantado sonho !

Eu não pude entender a placida harmonia
Que su'alma gentil, seu seio de innocente,
Harpa eolia do céo, arfando, desferia ;
Mas, emquanto fallou, com um longo olhar, contente
As formas lhe envolvi.
Seu talhe era gentil.
Seu porte magestoso, e grego o seu perfil.
A sua carnadura ardente e palpitante,
Qual osculo de amor, dado por louco amante,
Tinha a languida côr do jambo, quando a messe
De um bemfazejo estio as faces lhe enrubece ;
E do collo a belleza inebriava mais
Que a luz de seu olhar, bondoso, mas vivaz,
Por uns cilios fataes tão languido velado
E sobrancelhas côr da noite sombreado !
As suas mãos subtis, esguias e sedosas
Venciam em primor ás petalas das rosas,

E os pequeninos pés, de fórmas arqueadas,
Lembravam de uma fada as plantas delicadas.
Tudo quanto de bello exista e esculptural,
Desde a Eva, tão casta, ou mesmo essa ideal
Hebe do povo grego, até á bella Esther,
Mal podem definir, lembrar podem sequer,
As formas sensuaes, a languidez divina
D'essa filha de Deus! D'essa formosa Ondina!

A loura Puberdade apenas acábara
De retocar com zelo os seus langues contornos,
Fazendo pullular do peito esses adornos,
Que a menina, em mulher, suave e docemente,
Transformam descuidosa, em somno de innocente,
E cingindo entre as mãos, depois, ciosa e avara,
A sua delicada e languida cintura,
P'ra dos bastos quadris dar vida á curvatura.
Mas quando lhe imprimiu os seus ultimos beijos,
Esses que acordam n'alma os sensuaes desejos,
Da bocca divinal, que uns labios de carmim
Mal deixam divisar uns dentes de marfim,
Qual de rosa um botão, mimoso, aberto a meio,

As lagrimas de orvalho occultas em seu seio,
Aos cantos derramou-lhe uns laivos de volupia
Ao empanar-lhe o olhar com o virus da lascivia !
Nos olhos seus, assim, brancos, d'esse brancor
Da neve, quando o céo, do anil lhe empresta a côr,
Nadavam-lhe fataes, eivadas de negrumes,
Vertendo raios mil, repletos d'essa luz
Ardente, que inebria, encanta e que seduz,
As pupillas, trahindo o mundo de ciumes,
De delicias de amor, velados em su'alma,
Qual sobre um céo de anil, dous pontos repassados,
De horrivel negridão, na muda e fria calma,
Os vendavaes que ao seio occultos traz irados.

Ella estava vestida á moda deslumbrante
D'essa Deusa do Olympo—a Venus fascinante !
Assim : frouxo sendal, de renda orlado e arminho,
Tecido em gaze azul de seda da mais pura,
Apertando-lhe o talhe em torno da cintura
E nos hombros colhido em fórma de regaços,
Do corpo lhe cahia ao longo em desalinho,
Deixando a descoberto uns torneados braços,
Com braceletes de ouro ornados e pulseiras,

E um collo onde alentava, ingenua e inconsciente,
Entre os pomos da vida, o Deus do Amor, dormente!
Um diadema de ouro e pedras verdadeiras
Adornava-lhe a fronte.
Os luzidos novelos,
Repletos de negror, de seus bastos cabellos,
As espaduas e em parte o alabastrino seio
Inundavam-lhes, vindo até do porte a meio,
Do mais puro setim em ondas copiosas!
Completava-lhe o traje um par de primorosas
Sandalias, sob os pés mantidas, com primor,
Por presilhas azues, em torno entrelaçadas
Das pernas tão gentis, e abaixo fixadas
Dos joelhos, emfim, por laços de igual côr.

Da veste sua o odor que em ondas se exalava
Era em tal profuzão, que o ar embalsamava!...

Ao ver-me mudo assim, attonito a mira-la,
Como um ser a que a dor roubado houvesse a falla,
O casto seraphim, que uma tristeza estranha
De novo annuviara o rosto, com meiguice,

Depois de me fazer signal p'ra que a seguisse,
Com a dextra me apontou, então, de uma montanha
Que ficava da praia á proxima distancia,
Para um ponto, onde a rama escassa do arvoredo
Deixava a descoberto a face de um rochedo,
E em sua direcção se encaminhou com ancia.

Era ahi de uma gruta ou crypta natural,
Tapetada a capricho e ornada com primor,
Que habitava em seu vasto e bello interior
Esse adoravel ser, esse anjo divinal,
A par de uma mulher sublime e magestosa
Que estava ao lado seu ; e foi d'esse tão rude
Santuario do amor, da paz e da virtude,
Que eu ao lado erigi, á sombra portentosa
De um roble secular, a tenda onde, entre flores,
Eu mais tarde frui dos mais ledos amores !

. . . .

Pertinho d'esse sitio, e no sopé de um monte
Coberto de arvoredo agreste e secular,
De um ponto da espessura, onde o calor solar
Não podia attingir, jorrava de uma fonte,

Entre pedras occultà, um'agua crystalina
Que, depois de correr veloz pela campina,
Em zig-zag, então, n'uma espaçosa vargem
Se espraiava, formando um lago, cuja margem,
As gratas virações do mar com seu frescor,
Vinham sempre afagar nas horas do calor.

....

Quanto tempo eu gozei tão ledo paraiso,
D'esse almo cherubim bebendo no semblante,
Na luz de seu olhar ardente e inebriante,
Na sua doce voz, no seu mago sorriso,
O amor que após frui no seio seu em calma,
Nem no sabe dizer quem o sentiu — minh'alma —

Á hora matinal do despertar dos ninhos,
Quantas vezes contente eu fui pelos caminhos,
Correndo ao lado seu, colher as delicadas,
Meigas flores do val, de orvalho inda aljof'radas?
Quantas vezes tambem, ao vel-o enrubecido,
Ao vel-o, a pezar seu, prostrado dos cansaços
Das corridas ao sol, tomando-o nos braços,
E levando-o assim, feliz, esmorecido,

Para junto da gruta ; ali, á grata sombra
De vetusto arvoredo, a relva por alfombra,
Em grata solidão, após com todo o zêlo
Depol-o em sua rede, alegre e com desvelo,
Não fil-o adormecer ao som langue e saudoso
Que do meu bandolim tirava mavioso?

E quando á noite, após inhospito lutar
Com homens e animaes, eu vinha procurar,
Desalentado e triste, exhausto de fadiga,
Um pouco de repouso, um pouco de lazer,
Em minha humilde choça ; o meu maior prazer
Era ver seu semblante, ouvir-lhe a voz amiga.

. . . .

Uma tarde, meu Deus, que tarde venturosa!
Na abobada celeste, a lua quasi cheia
Brilhava ha muito já, e a onda sobre a areia
Se espreguiçando, então, deixava languorosa
Ouvir seu bocejar ;
E eu era divagando ali, á beira mar,
Gozando do frescor das auras do levante,

Quando a sós avistei, sentada de mim perto,
Num marco sobre a praia, a virgem do deserto
Meu sonho de ventura, a minha casta amante!

Então, sem já poder guardar o atroz segredo
D'esse amor vehemente em cuja flamma viva
Ha muito eu me abrazava, ao vel-a pensativa,
Em scismas absorta assim, cheguei-me a medo,
E aos pés me ajoelhando ali d'essa creança,
Que tanto estremecia e cujo amor tornava
Minh'alma de su'alma inteiramente escrava,
Sentindo o coração de timida esperança
Pulsar dentro em meu peito, os meus castos amores
Confessei-lhe tremendo, e após da minha vida
Lhe haver narrado em ancia as lutas e os horrores,
Em voz que a mais ardente e viva commoção
Tornava quasi extincta e trefega e sumida,
Pedi-lhe me tornasse o ente o mais ditoso,
Fazendo-me o seu guia, o seu feliz esposo.

E a virgem, logo após ouvir-me, a dextra erguendo,
Do monte me apontou p'ra gruta, e enrubecendo

D'est'arte se expressou:

—Alem, reside aquella
Que póde conceder o que teu peito anhela,
Que me deu a existencia, e a quem minh'alma adora
Como a flor ama, após um sol de ardente estio,
Da noite ao despontar, os beijos do rocio!
Se queres possuir-me pois, vai sem demora
Fallar-lhe mesmo ali, onde em recolhimento
Agora ella se acha a sós neste momento.
Ella a muito que viu no teu olhar a flamma
Do amor que me juraste, e como a um filho te ama.
Parte portanto, e lá... que te proteja Deus,
Que te faça feliz— taes são os votos meus!

Parti, fui ter com a mãe da minha bella amada,
Contei-lhe o meu viver tambem, meu coração
Lhe abri, e após lhe haver, com a voz entrecortada,
Descripto por Dijalma o meu amor, a mão
De esposa lh'a pedi; jurando n'esse instante
Sempre os conselhos seus, solicito escutar

E ás suas sabias leis zelozo me curvar,
Como quem desejava um filho ser-lhe amante.
—Já que me queres ter por guia, e obedecer
Ás minhas doces leis, viver do meu viver,
Tornou-me pressurosa a velha com bondade,
Mas, sempre com seu ar de grave magestade,
Vou livrar-te do jugo em que tens perpassado
Tua longa existencia, e dar-te o gozo alado,
A liberdade e a paz que a tanto tempo invoca
Tu'alma, d'esta vida, agreste e rude, em troca;
Fazer-te emfim, feliz, nos laços do hymeneu
Seu amor divinal ligando ao amor teu.
Para tal é mister, porém que ora consintas
Em lavar com prazer essas nojentas tintas
Com que adornas o corpo, e as vestes da decencia
Acceites, logo após trocando com coragem
As settas que possues e o arco de selvagem
Por armas mais viris e que essa Independencia
Que sonhas usufruir
Garantam-te p'ra sempre; agora e no porvir!

Ao ouvir tal discurso, attonito e afflicto
Mirei-me logo todo, e qual me havia dito

A velha do deserto, immediatamente,
Com profundo pezar então reconheci,
Que em tudo eu semelhava um misero tupy ;
Em tudo, o mais boçal selvagem !...

Minha mente
Perdia-se a pensar n'esse intrincado sonho,
Que após por tanto tempo haver me consumido,
E tornar-se afinal tão grato e tão risonho,
Parecia querer meu pobre coração
Sujeitar á uma nova e dura provação ;
Quando ao ver-me assim mudo, em scismas embebido,
A velha perguntou-me, em voz um pouco austera :

—Consentes ?...

—Sim mulher, pois que eu sempre almejei
Ser livre e ser feliz.

Minh'alma sempre a lei
Respeitosa acatou, e a virtude ama, e o bem.
—Então partamos já, nobre mancebo, e vem

Ao local do hymeneu, ao sitio onde te espera
A mais grata ventura, o gozo o mais vivaz:
Aquelle que libar no seio irás da paz!

E a virgem que tristonha e em ancias escutava,
Silente e cabisbaixa, o rapido colloquio
Entre mim, por quem já seu coração pulsava
De certo ha muito, e aquella a quem devia o ser,
Ouvindo essa resposta, exclama com prazer,
N'um delirio de amor, em alto solliloquio:

— Quanto eu hei de o fazer feliz; quanta ventura
Em troca lhe hei de dar, da sorte austera e dura
Em que tem definhado!
E como uma creança,
Brilhando-lhe o olhar a luz d'alma esperança,
Tomou-me pela mão, e após, pela campina
Seguiu a velha mãe silenciosamente,
Do lago em direcção!...
A estrella vespertina
Já se via fulgir vivaz sobre o nascente!...

É a hora do mysterio! A hora das magias
Da saudade vivaz
A hora das subtis, das gratas harmonias,
Da soledade e paz;
A hora em que dos bons desperta doce e calma,
Ungida de esperança, a prece dentro d'alma!

É a hora do mysterio! Alem do antro escuro
Do vicio e da maldade,
Acorda o odio vil, o perfido, o perjuro,
A negra crueldade!
E os torpes corações que os crimes só aninham
Libam gozos... fataes, que matam, que definham!

É a hora do mysterio! A noite, no nascente,
As nuvens affastando,
Retesa os braços seus, boceja languemente,
E os olhos descerrando,
Com as mãos lança no espaço as sombras e os negrores,
E as horas faz surgir dos placidos amores!

E logo após, desperta, eleva a negra fronte,
Encara altiva o céo !
Mimosa assenta os pés no gelido horisonte,
Do rosto arranca o véo ;
E aos poucos destendendo os seus ebaneos braços
Sobraça totalmente os lobregos espaços !

E o dia triste, a tez, da tarde delirante
Pendendo ao casto seio,
Do crepusculo á luz tristonha e bruxoleante,
N'um almo e longo anceio,
Sentido adeus desfere á terra, ao céo infindo,
E calmo e langue vai nas nuvens se esvaindo !

Então os veios d'agua, as trepidas cascatas,
E os corregos tambem,
Desparecem do olhar, confundem-se nas matas !...
As auras logo vem,
Fagueiras, osculando as resequidas veigas,
Rociar-lhes de leve as langues flores meigas.

E as brumas vão se erguendo, avultam-se recrescem,
Affectam fórmas mil !
Gigantes, monstros são ! mas logo se esvaecem !...
No puro e negro anil
Dos ambitos dos céos, os astros vão surgindo
Seus lumes divinaes aos poucos espargindo !

E os zephyros de leve, amenos perpassando,
Murmuram na folhagem...
As aguas longe, alem, soluçam despenhando
Do valle na voragem...
Na carreira que faz por entre as meigas flores
Segreda-lhes o rio a medo os seus amores !

É a hora do mysterio ! Á beira do caminho,
Ligeira saltitando,
A rola somnolenta, afflicta busca o ninho,
Por vezes adejando ;
No vôo, desferindo um langoroso canto,
Suspira pelo sol, da noite ao mago encanto !

E esta nota de dor se mescla aos repetidos,
Suaves balbucios
De outros cantores já no val quasi adormidos;
Emquanto tristes pios
Desfere o mocho então, cortando as amplidões !
Piar que no imo vem vibrar dos corações !

Depois, no espaço, alem, mil vozes se levantam,
Mil canticos de amor !...
São hymnos, que em concerto os meigos anjos cantam,
Louvando ao Deus Senhor !...
Idilios divinaes que, ao som de Ave-Maria,
Crêa em placido arroubo, a douda phantasia !

E da brisa, o murmurio, esquivo, confundido
Da rola ao suspirar ;
Da trepida cascata o languido gemido,
Do rio o segredar,
E os cantos divinaes dos anjos, tão suaves,
Do mocho o frio silvo, e os brandos pios d'aves :

Ah ! tudo, tudo fórma, emfim, tanta harmonia,
Concerto tão dolente ;
É tal o encanto, n'alma impera tal magia,
Que nem define a mente,
Se ao dia que se morre, um côro é de saudade,
Se á noite que desponta, um hymno é de amisade !

....

Chegamos bem depressa ás margens do regato,
Onde grato echoava o tenue murmurío
Da fonte longe, occulta a sombra erma do matto...
Os zephyros gentis no trepido cicio,
O lago, o firmamento, o mar, a selva, a flor,
Tudo respira paz... tudo transpira amor !...

....

Do consorcio feliz, com o casto seraphim
Que eu tanto idolatrava, a ceremonia emfim
Foi rapida e singela !
Após haver quebrado
Minhas settas, e o arco alegre, arremessado
Para longe de mim ; das tintas multicores

Que cobriam-me o corpo, em gozos mil sonhando,
Com ancia me lavei, nas aguas só frescores
D'esse ingente regato, e um trage então tomando
De guerreiro que d'elle a velha fez na margem
Deitar, o completei cingindo logo a espada,
E fui com a minha noiva ali ter, que encantada,
Recebeu-me e, commigo e a velha mãe, a vargem
Virente atravessando, emfim tomou ligeira
O trilho que levava á gruta da montanha.
Ali chegados, logo a virgem, prazenteira,
Uma salva tomou de sobre uma peanha,
Foi enchel-a apressada á fonte crystalina
Da rocha, e após me haver com ella docemente
A cabeça banhado, então com a voz tremente
De emoção murmurou, tão pura e tão divina,
Sorrindo, e apresentando a fronte aos beijos meus:

—Agora que és já nobre e bom, e que és christão,
Recebe o meu amor, recebe a minha mão,
E guarda-te fiel, que eu tenho crença em Deus,
Que d'este mutuo amor, por fructo, hade provir,
Teu progresso e fortuna um dia, no porvir.

Ouvindo uma tal jura, eu ia, ebrio de gozo,
Na face lhe depor meu osculo de esposo,
Quando transfigurar-se eu vi, com grande pasmo,
A sua meiga mãe, n'um nobre cavalheiro
Que, de sobre um ginete, em vestes de guerreiro,
Dirigindo-se a nós, com grande enthusiasmo,
Ergueu a dextra aonde eu via tremulante
Um pergaminho, e assim, clamou com voz vibrante :

—Guerreiro, já que emfim, christão és, nobre e forte
Repete este meu brado: « Independencia ou Morte! »
E eu juro defender-te emquanto me restar
Um sopro só de vida !...

E pelo denso ar,
Em jubilos arfando, immediatamente,
O echo eu logo ouvi, mas em delirio então,
Os termos repetir de tal proclamação !...

....

Chamava-se « Ipiranga » o corrego fremente!...

....

Depois, foi um fruir de gozos inauditos,
De prazeres sem fim, na mais suave calma,
Ora o fervido amor libando de Dijalma
Ao seio, ora as lições e os muitos e eruditos
Conselhos com que a sua amante mãe bondosa
Da vida me aclarava a senda inda brumosa.
Mas quão pouco durou tão placida ventura!
Quão depressa o furor nefasto da desgraça,
Feroz como o sirôco horrivel que perpassa
Por sobre um quedo mar, no mar d'essa existencia
Tão calmo até então, me havia sem clemencia
De as vagas levantar da dor e da amargura!...

. . . .

Um dia: era a tardinha; eu tinha-me assentado
N'um marco junto ao mar, cantando ao bandolim
Umas trovas de amor.
O sol, de ha muito nado,
Iriava com o mais suave e almo carmim
As nuvens do poente, e merencorea e bella
Já seus raios de luz tremente e argentina
Vertia do infinito a estrella vespertina,
Quando ao longe avistei o vulto de uma véla

Entre as brumas confuso, alem, no immenso mar!
Então, n'alma surgir sentindo uma saudade
Por minha cara patria e por meu doce lar,
Meu canto interrompi; e para a immensidade
Apontando do espaço o ponto onde vogava
O fagueiro batel, ao peso de um pungir
Cruento, murmurei, em prantos e a sorrir,
Para a minha adorada esposa, que se achava
Sentada junto a mim, ouvindo extasiada
Meus idylios de amor, com a fronte reclinada
Mimosa no hombro meu:

—Quanto eu fôra feliz,
Se tu, minha Dijalma, ó minha casta flor,
A quem votei a vida e o meu primeiro amor,
Quizesses junto aos teus partir p'r'o meu paiz!
Então nem mesmo a dor da fera nostalgia,
Que vem meu coração por vezes enlutar,
Jamais o opprimiria;
A vida vendo assim suave deslisar
Descuidosa a teu lado e sempre, até ao fim,
Oh! meu anjo do bem, meu meigo cherubim.

—Quero viver aqui, ouves Conrado,
Tornou-me a meiga filha do deserto,
Aos céos erguendo um triste olhar, incerto
Como os pensares que lhe iam n'alma ;
Aqui, mas junto a ti, meu bem amado,
Teus affectos gozando, em doce calma .

Por patria, eu quero ter sempre estas plagas,
Que me viram nascer e onde felice
Os meus dias passei de meninice ;
E esses prados ridentes, e esses montes,
Que se espelham no azul, puro das vagas,
Enamorando os vastos horisontes!

Por lar, esta choupana construida
Á beira da montanha, ali pertinho
Do lago onde desagua o ribeirinho ;
E por tecto, este céo sempre anilado,
Sob o qual venho, á tarde, embevecida,
Ouvir ao bandolim teu canto alado !

Aqui, á grata sombra d'estas mattas,
Aos estos d'estes soes, d'estes luares,
E ouvindo esse carpir langue dos mares ;
Mas, sempre adormecendo aos teus carinhos,
E despertando á voz d'estas cascatas,
Ao hymno matinal dos passarinhos.

Aqui, onde não reina a vil mentira,
E altivo o odio, imigo das traições,
Só ataca de frente os corações ;
Onde dictam-se as leis com castos beijos,
Quando a mente de amor arde e delira,
N'alma acordando um mundo de desejos !

Aqui, onde tem spectro a Liberdade,
Não se curvam servis os nossos peitos
Á leis filhas de estultos preconceitos ;
Mas livre o coração, sem vãos temores,
Se avigora na sã felicidade
Libando os mais angelicos amores !

Esta flamma tão pura e vehemente,
Que parte de teus olhos langorosos,
Entre suspiros divinaes saudosos,
É o oleo que vem-me a luz querida,
Grato em minh'alma se infiltrando e ardente,
Alimentar, da lampada da vida!

Sem ti, minh'alma, pois, da tua escrava,
Nos antros rolará, frios, da morte,
Tal como a onda que, alterosa e forte,
Ao rijo sopro do tufão fremente,
Sobre os abysmos que a seus pés lhe cava,
Se verga e rola n'um gemido ingente!

Foi assim que fallou-me esse anjo de candura,
Palmeira solitaria erguida no sertão,
De perfumes em meio, á sombra da amplidão;
Das noites meu luar, meus sonhos de ventura,
Botão de rosa em flor, que eu fiz desabroxar
Aos castos beijos meus, á luz de meu olhar!
Depois, parou um instante, um só, com triste anceio
Levou ambas as mãos de manso ao mago seio,

Como que p'ra sustar assim, com tal pressão,
O brusco palpitar do meigo coração ;
E após lançando um olhar tristonho, mas ardente,
Ora p'r'o mudo céo, ora p'r'o mar gemente,
Contou-me descender de um rei de sua terra
Do throno despojado após cruenta guerra ;
Narrou-me dos avós as lutas, as façanhas,
E me indicando ao longe um grupo de montanhas,
Que se iam projectar no puro anil do céo,
Assim findou, com a voz extincta, entrecortada
E já empanado o olhar, de prantos por um véo :

—A minha infeliz mãe, do throno despojada
Por ti, alem definha em triste soledade,
Ralado o coração á dor de atroz saudade !

—Por mim ? ! Mas eu deliro ! ou quanto ora proferes
Dijalma, dize, sim, que apenas são manejos,
Com que tu ver me queres,
Após curto pezar, rendido aos teus desejos,
Para sempre ficar aqui, da patria ausente,
Esquecido, por ti, por teu amor sómente ! . . . .

E o anjo retorquiu-me, impressas no semblante
As sombras de um pezar profundo e lancinante :

—Estas scenas de amor, mancebo, e grato gozo,
Que estar pensas fruindo á par de almo repouso,
São apenas a doce e rapida miragem
De um tempo que se foi—do teu ledo passado —
Ao regaço do qual por Deus foste atirado
Agora, ao delirar de um prazenteiro sonho ;
E eu—tua Dijalma—apenas uma imagem
D'esse mesmo passado, outr'ora tão risonho,
Durante o qual sorriu-te o amor, paz e ventura,
Sob as leis da mulher que tanto te prezava,
Que tanto inda te preza, e longe agora e escrava
Da mais acerba dor, se morre de amargura ;
Da minha infeliz mãe que, já no fim da vida,
Foi, qual disse, por ti de junto a nós banida !
E quando em breve a mão de teu sonhar as scenas
De toda a tua vida, algumas tão serenas,
Te for uma após outra aqui reproduzindo,
Té que sem dó te atire ao triste e arduo viver
De agora, então verás emfim se converter

Este gozo, na dor que estava te opprimindo,
Ao acerbo estuar, do mais amargo pranto!

E n'isso o sonho meu mudando por encanto,
Novamente eu me achei por sobre os céos de anil
Da minha pobre patria, esse infeliz Brazil!
Porém, qual bem Dijalma havia-me predito,
De indizivel soffrer, ao tressuar maldito,
Perpassarem por mim, de novo, lentamente,
As imagens eu vi do pesadelo algente,
Que tanto me opprimira, e logo hirta e fatal,
Dentro d'alma senti bradar-me agra saudade
Por essa amada esposa, esse anjo divinal,
De quem com a mais brutal e atroz perversidade,
Após lhe haver constante e eterno amor jurado,
Tão brusca e feramente eu via-me arrancado!...

Então com o coração ralado de tristezas
E preso de crueis, de acerbas incertezas,
Ancioso sulcando os procellosos mares,
A distancia quebrei que d'essa creatura

Tão meiga me affastava, a ver se inda os seus lares
Poderia encontrar —o sitio da ventura...

....

Quando ali aportei o sol puro e brilhante
Tocava no zenith; e as brizas do levante
Agitavam passando, as folhas do arvoredo,
Á cuja grata sombra as trefegas cigarras
Seu canto tão sonoro, alegres e bizarras,
Desferiam saudoso!...

Acabrunhado e a medo
Da praia pela riba agreste, erma e arenosa,
Subindo, dirigi-me logo em direcção
Á margem do pequeno e solitario lago,
A ver se surpr'hendia ali minha amorosa
Esposa a divagar.

Um sentimento vago
De indizivel tristor me enchia o coração!...

....

Tudo estava no mesmo :

A crypta do monte
Á fralda solitaria; erguida d'ella em frente
A minha humilde choça; alem, a fresca fonte,

Mais longe, a lagoinha, o corrego gemente...
Mas, a fonte, a lagoa, o corrego que outr'ora
Tinham tanto attractivo, ali ermos agora,
Cobertos de algas só, jaziam sem belleza !...
As aves, no seu canto, esquivas, só endeixas,
Notas cheias de dor soltavam, agras queixas,
Que acordavam-me n'alma a mais negra tristeza!...
Dos zephyros subtis a mystica linguagem,
Da selva ao agitar a trefega folhagem,
Pareciam conter somente vãos suspiros,
Tristonhos perpassando em tão mudos retiros ;
E o echo do murmurio, ao longe, da cascata,
No valle despenhando em ondas cor de prata,
Apenas respondia á minha voz sentida,
Por Dijalma a clamar, como quem pede a vida !...

Afflicto de encontrar assim tudo deserto,
Á gruta dirigi meus passos.
Quando entrei
Ali, a velha immersa em scismas encontrei!
Cahi-lhe logo aos pés, beijei-lhe extasiado
As mãos que tanta vez havia-lhe beijado,

E em ancias perguntei-lhe, um pouco já liberto
De parte do pezar que tanto me opprimia,
Porém, inda abysmado em atroz melancolia :

—Onde está minha esposa, a minha agra saudade?
Oh! dize-me, que eu quero, em leda soledade,
Cerrando-a de encontro ao peito, os mil tormentos
Narrar-lhe que passei, e os duros soffrimentos,
Des que arrancado fui, t'o juro a meu pezar,
D'esta queda mansão, do nosso doce lar,
Do seu regaço emfim !...

—Dijalma ! ?...

Jaz ali,
Murmurou-me, com a voz pungida de amargura,
A velha, me apontando um ponto na espessura
Occulto...

—Mas que phrase é esta que te ouvi ? !...
Dijalma jaz ali, disseste !...

Certamente
Passeia da floresta á sombra, e seus frescores

N'ella goza, colhendo as primorosas flores
Agrestes, qual, feliz, outr'ora, alegremente
Fazia ao lado meu.
Oh! dize-me por Deus,
Que quanto eu triste ouvi dos frios labios teus,
Foi somente um castigo a que me condemnaste,
Julgando-me culpado emfim de haver sem alma
Aqui desamparado a candida Dijalma !

— Enganas-te. Esta esposa a quem vil despresaste,
Minha filha inditosa, ali jaz sepultada !

— Sepultada ?!..
E de que fanou-se a minha flor,
Meu sonho de ventura, o meu mais santo amor ? !

— Fanou-se do pezar de ver-se abandonada
Por ti que tanto amava, e a quem seu coração
Votava a mais sincera e calida affeição !
Não ves como esse lago e o languido regato,
Que tinham d'ella os mais solicitos cuidados,
Sem seus carinhos já, de todo despresados,

Aos poucos, de algas mil cobrindo-se e de matto,
Nem as faces sequer, como um signal de vida,
Mais deixam divisar? Assim, quando esquecida
Dijalma viu-se aqui, su'alma delirando
Á dor de agra saudade, aos poucos se empanando
Tambem foi, té que emfim, sumiu-se d'estes ermos...
Foi, quem sabe, no céo fruir gozos sem termos
Ao lado, do Senhor !...

Emquanto ella fallava,
Eu bem via o pezar que o peito lhe escavava
Transparecer no olhar, na voz titubiante,
No seu tão macerado e pallido semblante !...

— Mulher ! tornei-lhe eu, tem dó do meu quebranto!...
Esmaga-me essa dor !... Desecca-me este pranto !.....
Por Deus que ora me escuta, ó dize-me o que devo
Fazer, para dar fim ao tão funesto enlevo,
Que roubou-me a ventura ; e o meu ledo passado
Restaurando, volver feliz, de novo, agora,
Aos braços de Dijalma, ao meu viver de outr'ora ;
E eu juro que essa dor, que traz angustiado

Teu nobre coração, e o mal que te causei,
Teu nome bemdizendo, eu logo findarei.

Ao ver meu desespero, a velha, com o olhar
Onde prestes se via um pranto a borbulhar
Respondeu-me :

— Teu mal, tu proprio foste, escuta,
Quem incauto causou, n'essa cruenta luta,
Em que vil te empenhaste, ao seio hirto e lodoso
De *publica mulher*, n'um gozo incestuoso
Querendo achar o amor, sem dó d'essa consorte
De quem ias assim cavando a negra morte !
Agora esse teu pranto e dor são vãos, inuteis,
Esta supplica louca, esses desejos futeis !
Pois, para que o passado emfim possas de novo,
Qual queres, restaurar, no que tanto eu te louvo,
É-te ainda mister que as iras d'essa amante
Soffras por algum tempo, assim a tão constante
Affeição, honras, gloria e paz avaliando

Tão caras que perdeste !...—

E como delirando,

Como presa talvez, quem sabe, da loucura,
Tomou do bandolim, com o qual eu costumava
Outr'ora acompanhar-me ao canto, e co'amargura,
Assim poz-se a cantar, com voz sombria e cava :

— Da tua amada esposa em cujo seio
Só venturas e paz ledo gozaste,
D'esta que ingrato e louco desprezaste
Por outra, pela qual com tanto anceio
Suspiravas a pouco, quando um sonho
Teu dormir povoava tão risonho ;

Agora que a perdeste, e em triste luto
A pranteias, recebe essa lembrança
Que ella deixou-te—a pomba de esperança—
Voando pura ao céo ! o debil fructo
D'esse amor conjugal, anjo inanido
Á mingoa do materno amor perdido !

Ella me disse que tu tinhas n'alma
Phrases mais doces que o chilrar das aves
Saudando o arrebol ; fallas suaves
Mais que o consolo que o pezar acalma,
Mais do que os threnos da ideal Poesia
Do Amor tão casta filha e da Harmonia !

Que á tarde, quando o sol triste e saudoso,
Se escondia no mar, e docemente
As auras vinham gratas do occidente
As flores oscular, tu, amoroso,
Tinhas cantos mais doces que o murmurio
D'essas filhas do ar, n'este tugurio !

Se assim é, quando vires que nos braços
D'essa amante, após tantas amarguras,
Jamais poderás ter paz e venturas ;
Então quebra sem dó tão ferreos laços,
Faze a separação, que assim terás
Nos meus lares de novo o amor e a paz !

Mas agora, suffoca dentro d'alma
A dor que te anniquila e sê constante,
Que em breve uma outra nova esposa amante
Verás n'alma encarnar d'essa Dijalma!...
E... parte! e o resto vai d'esse teu fado
Cumprir, que has de volver cedo ao passado!...

E eu que a escutava, ao ver um negro cofre
Mesmo junto a meus pés, então machinalmente
Baixei-me, e após havel-o pallido e tremente
Do solo alevantado, o abri logo de chofre,
Sentindo me vibrar no peito uma esperança
De encontrar de Dijalma ali outra lembrança
Bem diversa d'aquella a que no dolorido
Cantar se havia a velha a pouco referido.
Mas ai!... N'elle sómente o corpo de um infante
Jazia, enregelado, esqualido, expirante!.....
Meu sangue se gelou!...
Não sei se a dor da morte
Mais tetrica será, agonica, nem forte,
Do que a magoa cruel, indomita, indizivel,
Que de mim se apossou, perante tão terrivel

Prova do crime meu !...
Fugi pois..... desolado
Em direcção a praia !... O sol era já nado !.....

....

....

E eu disse, ao embarcar, tristonho, no escaler
De um barco que depois, por tempo que nem sei,
P'ra longe d'esse sitio, em que eu tanto gozei,
Devia me levar :
— Perdoa-me mulher
Os males que eu causei á divinal Dijalma
E a ti que d'ella és mãe !...
Selvagem como eu era,
Não podia gozar, assim na primavera
Da vida, tanta paz !...

E essa infeliz creança,
Que eu tanto idolatrei... fanou-se ! (que agonia !)
Á dor de uma saudade estagnada n'alma,
Á mingua do claror sequer de uma esperança !

....

E do cantar da velha, o echo inda se ouvia,

Triste qual de minh'alma a gelida saudade
Ao longe repetir enchendo a soledade :

. . . .

. . . .

—E... parte! e o resto vai d'esse teu fado
Cumprir, que has de volver cedo ao passado !...

. . . .

E vós que me ides ver, em breve, ó meu leitor
Do meu sonho surgir, sabei que o sonhador,
É esse povo servil cuja infernal loucura
Condemnou a curtir tão tetrica amargura!
A velha do deserto, é a nobre Monarchia ;
Dijalma, é a leda Paz, de cujo seio amante
Seu progresso nasceu que vê ora expirante ;
Seu grato sonho alado, o rir que a Ironia
Lhe cospe impiedosa ás impudicas faces,
Quando o vê, procurando em gozos só mendaces,
A saudade occultar que tem de seu passado ;
E o ferreo pesadelo, a vida de prescito,
Que a cinco annos fataes, como um povo maldito
De Deus, entre afflicções crueis tem arrastado !.....

CANTO TERCEIRO

O DESPERTAR

Quando o crime baixa ao tumulo a humanidade respira e é a festa da caridade.

DORFEUILLE.

A eterna desgraça dos homens que mancharam seu nome com o sangue de seus semelhantes é não poderem lavar-se nem mesmo com o seu proprio sangue.

LAMARTINE.

O DESPERTAR

Teu castigo será gemer de balde
Buscando o somno que o sudario deixa,
....
Roam-te o odio, a maldição, o olvido;
E quando as turbas um dia resurgirem,
— Apparencias de Deus ! para afundar-se
No seio d'Elle, ardentes de alegria,
Surdo sejas aos echos da trombeta
Em teu leito de pedra enregelada ;
Findem-se os mundos, e a existencia tua
Fria se apague na soidão do nada !

F. VARELLA.

Da abobada celeste ha muito já que os astros
Tinham desparecido, e pallida, e de rastros
Ia a noite, ao poente, o seu tristonho manto
De sombras recolhendo !...
O resplendente sol
Começava, a tingir com as tintas do arrebol,
De violacea côr o anil dos céos, e o canto
Das aves que, acordando, em madrigal de amores,
Saudavam da floresta á sombra, entre frescores,
O grato despertar de um deslumbrante dia,

Ouvia-se echoar repleto de harmonia!...
Da erma estrella d'alva, a luz casta e divina
Desmaiando ia já nos ambitos dos céos,
Das nevoas da manhã envolta em brancos véos;
E da madida aurora aos beijos innocentes
Occultava a corolla a trefega bonina,
Fechando entristecida as petalas trementes!
A brisa, ao perpassar nas perfumosas comas
De outras flores gentis, dos mais tenues aromas
Se impregnando, esquiva, após vinha adejar
Em torno á mim que, immerso em tetrico pensar,
E pungido da mais apathica tristeza,
Divagava por entre os tristes monumentos
De um vasto cemiterio, emquanto a natureza
Procurava acalmar, sorrindo, os meus tormentos.

Eu só, sim, mais ninguem se via n'esses ermos,
Onde, mesmo ao nascer da aurora, só pairava,
Como á face de um'alma a que desgraça escava
Com seu bafo lethal, um soluçar sem termos!
E eu era caminhando assim, curvado a meio,
Como quem procurava em doloroso anceio,

Taciturno e afflicto, o quer que fôsse ali,
Quando subitamente eu d'entre as tumbas vi,
Ante mim, levantar-se um vulto, que impossivel
Me foi reconhecer de todo, e que terrivel,
O silencio quebrando austero e magestoso,
Que até então reinava, assim falou-me iroso :

— Que fazes tu aqui, n'este logar sagrado,
Pisando as flores mil de sepulturas tantas,
E d'estas louzas, sim, partindo as cruzes santas
Com os teus nefastos pés ?!...

—Procuro angustiado
Sobre ellas um nome infausto, o de um traidor
Que vendeu minha patria e que a cobriu de luto ;
De um ser bastardo, um tigre, um coração corrupto
Que jamais fez um bem, jamais sentiu o amor,
Pois, quero lhe escarrar na negra sepultura,
A ver se assim minoro a dor de uma amargura,
Que a muito me baniu, sem dó, do peito a calma,
E que lenta acabando aos poucos vai-me a vida :
— As saudades crueis d'aquelles que, sem alma
O infame, assassinar mandou por uns villões.

Escoria d'este povo, uns feros corações!...
Mas que tens tu que ver, tu, sim, que eu não conheço,
Com os feitos meus aqui?!
Não vês quanto eu padeço?!...
Deixa-me pois em paz, que eu quero o coração
Satisfazer, cumprindo essa horrida missão!...

E já, do dia ainda, á luz mesmo indecisa,
Eu ia proseguir na minha ardua pesquiza,
Quando gelido ouvi, de novo, claramente,
Do vulto colossal, vibrante, a voz, austera,
Bradar:

— A mão fatal eu sou, a mão severa
Que pune e que premeia o forte e o impotente!
É-me esposa a Justiça — a mais casta mulher
Por Deus talvez creada! É seu nobre dever
Commigo ir escavar, té mesmo nos covis
Mais negros do passado, o Crime ou mesmo o Vicio
Onde quer que occultar se vão, para ao Supplicio
Cruel os entregar, seus nomes torpes, vis,
Nas paginas deixando, apenas, da historia,
Para condemnação sómente da memoria!

Eu chamo-me — Futuro — e pois, não te era dado
Mesmo ouvindo-me a voz, sentindo-me a teu lado,
Reconhecer-me.
Não:
Meus mysticos arcanos
Não podem desvendar os miseros humanos !...

Foi por vires cahir, sonhando, em meu regaço,
Do tempo a consumir um não pequeno espaço,
Que cavaram-te o rosto as rugas prematuras
Da velhice, e ao pungir de negras amarguras,
De alguem que crias morto ha muito, aqui vieste
Ver se achavas o nome á sombra de um cypreste !
Mas sabe que esse afan, que esses desejos teus,
Coroados jamais serão nos braços meus !
Quando a hora final soar d'esse maldito,
Assassino e venal, d'esse infeliz prescito,
O seu nome que, em vão, buscar agora ousas,
Dos sepulchros aqui por sobre as frias louzas,
Jamais encontrarás ; porquanto, aos miseràveis,
Aos infames, aos vis, aos entes execraveis,
Logo que a fria mão potente —a mão da Morte—
Corrompe os corpos seus, serena excelsa e forte,

A Justiça tambem de cada qual consomme,
Impavida, a memoria, o detestavel nome !...
Apaga pois da mente a luz de tal lembrança ;
Abafa no teu peito a vóz d'essa esperança,
E surge, esperta já !..
Tu tens soffrido assás,
Mas espera, que em breve eu dar-te-hei a paz !.....
....
E logo eu despertei !...
De manso resonando,
Os companheiros meus de sorte inda dormiam
Em torno a mim, no chão... talvez tambem sonhando !...
....
De facto da alvorada as luzes já fulgiam
Na sala da prisão !... Vinha surgindo a aurora!...
Mas, da modorra ao esto, ainda eu hirto ouvi
Do sonho o mesmo vulto, emfim, com phrenesi.
Solemne me bradar, em voz firme e sonora :

—D'esse escarro do inferno, esse horrido abortão,
Que buscas, quando a Morte o corpo corromper,
No seio meu somente eu lhe hei de conceder :
Por tumba...—a lama só—por louza—a podridão.—

EPILOGO

..................................Que luzeiro é esse
Que entre as sombras da noite resplandece
Offuscando os fulgores,
Apagando o clarão
Dos cirios immortaes da vastidão?

F. VARELLA.

EPILOGO

Não, eu não sou d'aquelles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
Debruçam-se a chorar!

F. Varella

Die welt wird alt und wird wieder jung
Doch der Mensch hofft immer Verbesserung

Schiller

(POEMETO)

Eu queria cantar, e em vez de um canto alado,
Repassado das mais suaves harmonias,
Mal um quadro esbocei!
Se é mera phantasia
De poeta, ou visão de um cerebro cançado;
Se é de um sonho o romance, ou mesmo a imagem pura
De um facto, não n'o sei, minh'alma não n'o jura.

O Brazil, sobraçando o corpo inanimado
Da mãe que deu-lhe o ser, da velha Monarchia,
Com um sorriso forçado e cheio de agonia,

Interroga o Destino extactico a seu lado,
Apontando-lhe a erma e triste sepultura
Do Passado, onde jaz tambem morta a Ventura!

Mais longe, á tanta magoa alheio, indifferente,
E emquanto, agrilhoada, e em supplice oração,
Encara a Liberdade os céos estoicamente ;
Da Tyrannia ao seio, impavido o Presente,
D'essa do Despotismo amante, com paixão
Requinta-se n'um gozo insolito, maldito!...
E ao centro... erguendo a Deus sereno o olhar bemdito,
A placida Esperança aponta a Evolução,
Com o Futuro a sorrir... dos antros do Infinito!...

NOTAS

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

As notas que se seguem avantajam tanto a data em que terminei este trabalho e assim rubriquei os respectivos « Explicação Preliminar e Prologo » que ficariam em completa contradicção com o mesmo, se não tivesse esse facto uma explicação razoavel e cabal no lapso de tempo dispendido para sua impressão, o qual permittiu-me colleccionar uma grande parte das informações que apresento e alludir a factos que, n'aquella época, ou não me eram conhecidos, ou estavam ainda por succeder.

ATANAGILDO BARATA RIBEIRO

NOTAS

DA

PRIMEIRA PARTE DO CANTO PRIMEIRO

(1) Eu, o Barão de Maia Monteiro, o Major Hermenegildo Alves, os Drs. Conselheiro Silva Costa e Theophilo Alves de Araujo, os empregados publicos, Juvencio Monte e Manoel Martins Torres, os empregados da Carta Cadastral, Augusto de Oliveira Xavier, Manoel do Amaral Segurado, Antonio Alves de Mello Cardoso e Antonio Luiz Pereira, os negociantes, Pinto Bastos e Alberto Bouças e os Srs. Carlos Bandeira e Dr. Hypolito de Araujo, todos presos por suspeitos de connivencia com a Revolução ou de restauradores, fomos conservados durante dous dias na policia em uma pequena sala, em cujo assoalho — unico leito que se nos proporcionou — nos estendemos para repousar durante as duas noites d'esses dias, sempre guardados por duas sentinellas e dous secretas, que por sua vez cochilavam estendidos sobre algumas cadeiras, que na mesma sala se achavam !

(2) Não cabe certamente nos estreitos limites de uma nota a narrativa da serie de ultrages, furtos, roubos, e outros crimes que, com todo seu cortejo de horrores, foram impunemente praticados pela horda de janizaros ao serviço do Dictador ! Citarei entretanto os seguintes como prova do quanto affirmo :

O desrespeito aos membros das familias dos presos cujas casas varejavam para revistas, e das quaes *até roupas de uso roubavam*; como succedeu com o Sr. João Dabovich e muitos outros que apenas salvaram a roupa que tinham no corpo quando foram presos !

O furto no custo dos comestiveis e outros generos comprados para os presos politicos pela Administração da Casa de Correcção desta Capital.

A rapinagem de navalhas de barba, canivetes, chapeos de sol e outros objectos tomados d'aquelles que para ali entravam.

E finalmente a revista passada na bagagem dos que obtinham liberdade, e que era ordinariamente executada em sua ausencia, para palmeação de diversos objectos de uso e *mesmo* (!) de trabalhos litterarios, até agora em mão d'esse *cavalheiro*, que ainda administra aquelle estabelecimento ; como se deu com os Srs. Alberto Bouças, Leopoldo de Freitas, Angelo Jorge Resard e outros.

Referindo-se a crimes d'essa ordem, assim se exprime Jacques Ourique em seu livro — *O Drama do Paraná* :

« Miseraveis restolhadores de cadaveres, cães famintos dos cemiterios abertos, ladrões dos campos de batalha; só pedis mortos, porque os mortos tem despojos ; tem sobre o peito aberto pela bayoneta fratricida dos seus pretorianos o medalhão de ouro com o retrato da mãe, da esposa, da filha querida ; tem o relogio, tem a carteira, e bem podeis vender essas joias, oh ! Fredericos Borges, oh ! Salamondes, oh ! Medeiros de Albuquerque, oh ! corja baixa e infecta, capaz de todos os crimes, de todas as passividades ! »

(3) Diversos individuos de ambos os sexos e de elevada posição social fizeram parte da quadrilha de secretas que infestavam esta Capital durante o governo do terror, e na qualidade de seus legitimos serventuarios, procuravam provar-lhe dedicação commettendo as mais odiosas perseguições !

Para não enlamear, porém, demasiadamente as paginas

d'este livro com os nomes d'estes condemnados á execração publica, limitar-me-hei a mencionar dous d'elles: o incomparavel Coronel Valladares, então Prefeito Municipal e o não menos notavel Coronel Valladão, Chefe de Policia d'esta Capital:

Aquelle tornou boa a denuncia que, contra mim e outros cidadãos, se mandou forgicar por um cabo de policia, seu ordenança, pesssimo chefe de familia e conhecido desordeiro, bebado e pederasta :

Este, para demonstrar sua dedicação á causa do Despotismo, ordenava o maior numero de prisões, sem consideração a sexo, idade ou condição, e para tal fazia boas *até* as denuncias por carta anonyma !

D'est'arte estiveram presos e soffreram toda sorte de insultos grande numero de cidadãos inteiramente innocentes, muitos dos quaes eram soltos por empenho ou pelos effeitos da *mola real.*

Entre os que soffreram, citarei :

Meu filho João dos Santos Ribeiro, de doze annos ; o filho do Coronel Luiz Augusto de Carvalho, que apezar de ter apenas quatorze annos, passou seis mezes em prisão cellular na Casa de Correcção (!) ; os septuagenarios, Major Mariano Leonel Ferreira (por ser fazendeiro rico), General Magalhães Castro (por ser millionario) e Ricardo Baptista da Cunha, cujo estado melindroso de saude só lhe permittia alimentar-se em leite e ovos ; as Snras. Durand e Bertha (!) e a viuva Isabel Dillon, da qual insiro nos « Appensos » um artigo, que não foi publicado por causa do sitio, e no qual ella mesma descreve o tratamento que recebeu dos esbirros d'esse inimitavel cynico,que o deputado Annibal Falcão melhor que ninguem qualificou, cognominando-o — mictorio do Marechal Floriano Peixoto !

(4) Alem de muitos factos, que fôra longo enumerar lembro o das demissões dos Ministros da Marinha e da Guerra —Al-

mirante Firmino Rodrigues Chaves e Marechal Barão do Rio Apa, por terem reclamado, como constou, (tardos assomos de honra!) contra o regimen applicado aos officiaes e demais cidadãos presos por suspeitos de auxiliares da Revolução ou de restauradores; a reprehensão verberada contra o General Conrado Niemeyer, por não ter acceito um logar, para o desempenho do qual teria de servir sob as ordens de um seu inferior, e finalmente, esse aviso hysterico mandando occupar as fortalezas da marinha e os navios de guerra por praças e officiaes do exercito!

(5) Nas galerias onde estive preso achavam-se tambem: Luiz Augusto de Carvalho Junior, Victor Berna, Mario Espinola e Angelo Jorge Rezard, todos menores; Domingos José Nogueira Jaguaribe, conhecido maniaco n'esta Capital; os Barões de Santa Tecla e Paraná; os Generaes Caldas e Maciel; os Almirantes Legey e Lima Campos; os representantes da Nação, senador Galvão e deputados, José Mariano e Jesuino; vice-governadores, banqueiros, negociantes, caixeiros, e individuos da mais baixa esphera social, todos em commum!

Na enfermaria — a *igualdade* — era ainda maior; pois n'ella os presos politicos conviviam juntamente com os galés!

(6) O Dr. Guido de Souza, um dos serventuarios mais boçaes da tyrannia, conservou na Policia das seis e meia da manhã ás nove horas da noite um filho meu, de doze annos, de nome João dos Santos Ribeiro.

Esse capacho, depois de empregar todos os recursos para impellir o menino a depor contra mim, lançou por ultimo mão da mais abjecta infamia para conseguir o seu *desideratum*: affirmou-lhe já ter eu confessado os crimes que me eram imputados, e que o melhor meio para ver-me livre, era affirmar tambem, ser tudo verdade!

Nada conseguindo porém, o miseravel, da creança, nem pelo terror, nem pelas promessas, concedeu-lhe finalmente liberdade,

tendo-lhe dado alimento apenas uma vez no dia (!) e,ao subir para o salão onde me achava em companhia de diversos presos politicos, teve o cynismo de narrar seu procedimento, e pretendendo deprimir o caracter do menino, concluiu exclamando: «Vejam que boca dura! se elle agora que é tão creança, já é perverso assim, imaginem o que não será para o futuro!»

Que pustula!

Esse mesmo miseravel, por occasião do interrogatorio a que sugeitou o Sr. Firmino Martins Sá, convidou-o a depor contra seu proprio irmão, tambem preso, o cidadão José Martins de Sá, promettendo-lhe que, se assim procedesse, seria immediatamente posto em liberdade!

Por esse mesmo — Dom Queixote de tamancos — foram ameaçados a rewolver, com a voz de — mato-os! — o subdito austriaco João Dabovich, e o carregador (!) Manoel da Silva Bouças; o primeiro para affirmar que me conhecia e aos Srs. Aristides Arminio Guaraná e Alberto Bouças, e o segundo para, alem d'isso, declarar mais, que era irmão de Alberto Bouças, quando não existia aliás entre esses dous Bouças nem os laços sequer de simples comprimento!

E era assim, que se arranjavam testemunhas para prova de crimes imaginarios!

(7) Os carrascos do Marechal Peixoto infringiam ás suas victimas, antes de as matar, toda sorte de torturas.

A uns obrigavam a abrir a propria sepultura, como fizeram ao infeliz Francisco Manoel da Silva Braga e seus companheiros, ao Sargento Silvino de Macedo e seus camaradas, e a outros.

Muitos foram insultados, vergastados e até mutilados, como aconteceu com o inditoso Dr. Francisco Antonio Vieira Caldas, que teve as faces escarradas, e a lingua e as mãos cortadas antes de ser assassinado!!

Outros, finalmente, como os Drs. Aarão da Rocha Miranda, João Pinto do Couto e alguns mais, pereceram lentamente das

molestias contrahidas nas prisões, no meio das mais atrozes dores, fechados nos carceres, e tendo como unica prece em seus ultimos momentos, alem do pranto dos companheiros de infortunio, o riso escarninho e alvar d'esse pustula social, d'esse miseravel, d'esse tarimbeiro asqueroso e servil, d'esse infame Judas, o repugnante histrião — Aureliano Pedro de Farias!

(8) Para torturar as familias dos presos politicos privaram-nas de se communicarem com elles (salvo raras excepções), e faziam até constar o seu fuzilamento! E para que passassem por todas as especies de martyrios, entregaram a Administração dos presidios destinados a recebel-os, a individuos conhecidos pela baixesa do caracter, perversidade dos instinctos ou extremada adhesão á causa do despotismo, quando não pelo conjuncto d'essas tres qualidades.

Eis a causa porque deram a administração da Casa de Correcção d'esta Capital ao capitão reformado Aureliano Pedro de Farias, então honorificado em Coronel.

Esse individuo — um esbofeteado em publico — tinha como ajudante um perdoado de sentença, por crime de incendiario e ladrão, a quem um feliz acaso, se não um outro crime, marcou com a falta da orelha direita.

Foi assim que por occasião da invasão do beri-beri nas prisões, muitos presos politicos falleceram á mingoa, por isso que esse asqueroso Ajudante, de nome *Madeira*, só os deixava comparecer á visita medica, depois de estarem — *promptos e bem gordos.* — Era a phrase habitual com que designava o ultimo periodo d'essa molestia.

Outros estorciam-se em dores e ataques durante horas, sem que podessem sequer ser soccorridos pelos proprios companheiros, fechados como elles!

As reclamações eram respondidas com ameaças, como se deu com um preso que por ter reclamado banho foi ameaçado de fuzilamento!

A correspondencia dos presos, no gozo de tal favor, quando não era extorquida pela propria administração, só era por ella entregue depois de aberta e lida.

As refeições d'aquelles que as podiam mandar vir de fóra, eram recebidas completamente revolvidas, sob pretexto de se impedir a remessa de correspondencia por taes vehiculos. As roupas lavadas, por identico motivo, chegavam amarrotadas e nodoadas com o sujo dos dedos do guarda da revista, e os envolucros que trouxessem qualquer phrase escripta, por mais banal que fôsse, como por exemplo — lembranças de seu filho Fulano, todos ficamos bons, etc., eram dilacerados !

As refeições constavam de carne má e pessimo arroz, que por via de regra, ou vinha em partes cozido e cru, ou com resaibo de kerosene; e eram servidas, irregularmente, duas vezes ao dia, em nojentas marmitas de folha de Flandres, para serem comidas em pratos de louça branca com talheres de ferro. Completavam-nas um infame café, trazido em regador tambem de folha, e servido em um caneco do mesmo metal ! Esse caneco, uma tarimba com um caixão de pinho branco para travesseiro, um balde de cobre para fezes, uma vassoura de palha sem cabo, e um pipote de um palmo cubico de capacidade, para agua, constituiam a mobilia e utensilios de cada cubiculo, onde, fechados noite e dia, sem ar, nem sol, soffriam os presos toda a sorte de insultos, sendo que em algumas galerias até se lhes privava da acquisição de fumo e alcool para aquecerem café nas horas fóra das refeições ! !

E tudo isso se fazia, sempre com um sorriso escarninho nos labios, e repellindo os protestos dos mais impacientes, (como occorreu com o General Honorato Caldas), com ameaças *de morte* ! que tinhamos, aliás, sempre deante dos olhos, quer nos rewolvers dos guardas das galerias, quer nos saccos de cal collocados por traz dos cubiculos, quer nos tiros de espingarda de vez em quando disparados em direcção ás janellas que os enfrentavam, pela desenfreada e sanguinaria patriotada da Tyrannia !

(9) Seria longo enumerar a serie de monstruosidades d'esse genero praticadas pelas fôrças legaes! Citarei no emtanto as seguintes, que reputo sufficientes para demonstrar até que ponto chegou a perversidade e depravação dos agentes do governo !

Por occasião da tomada da Ilhota, (é um logar assim denominado em Itajahy, no Estado de Santa Catharina) tendo d'ali fugido o chefe politico, cidadão Manoel Pereira, vulgarmente conhecido por Maneca Pereira, um grupo de soldados dos notaveis bandidos (como os chamavam os federalistas) Pinheiro Machado e Rodrigues Lima, invadiu a residencia d'aquelle cidadão e, por se haver a familia escusado a declarar onde se achava o mesmo, dezoito d'esses canibaes saciaram seus desejos libidinosos na inditosa esposa de tão distincto brasileiro, emquanto alguns satisfaziam-se em suas duas filhas, de nove e onze annos de idade, por elles barbaramente defloradas, (!) e outros utilisavam-se *até* de seu inditoso filho de oito annos ! ! !

Deste acervo de crimes, que podem ser attestados pelo vigario da localidade, um respeitavel ancião de mais de sessenta annos de edade e por diversas pessoas gradas do Estado, alem das proprias victimas por ventura subsistentes, resultou a morte immediata da menina mais moça e a completa invalidez de seu infeliz irmão.

Facto igual occorreu com a inditosa esposa do cidadão Mathias Becker, que por não se haver prestado a denunciar o escondrijo de seu marido, teve, depois de soffrer os maiores insultos, e ser açoitada e violentada, de assistir ao defloramento de suas duas filhas!

Os executores d'esta scena de canibalismo dizem ter sido o Alferes do exercito José da Fonseca Moraes, e os officiaes da Guarda Nacional do Estado, o capitão João Pedro de Loyola e Tenente Nicoláo Bolley Neto. Vide as notas sobre esses nomes na secção dos "Appensos" *Victimas e Algozes.*

Mandará acaso a *prudencia* que fique tudo isso impune, e que continuem os estados de « Santa Catharina e Paraná » como desgraçadamente, continuam, sob o dominio dos mesmos despotas?!

(10) Desde a queda da Dictadura Deodoro, que se converteu o Governo em verdadeira — Calamidade Nacional — merecendo, portanto, não só a execração publica, mas, a de todo o mundo civilisado !

O regimen do despotismo iniciado pela usurpação do cargo de Presidente da Republica, e aliás sanccionado por uma camara de inconscientes, continuou sua marcha triumphal pelos Estados, com exclusão do Estado do Pará, derrubando a ferro e fogo, Governadores, Constituições e corpos legislativos e judiciarios; e accentuou-se mais desfaçadamente reformando, ao primeiro brado de indignação, os treze officiaes Generaes do Exercito e Marinha, authores d'elle, e deportando-os mais tarde, conjunctamente com alguns representantes da Nação (10 de Abril), sob pretexto de uma revolução que « coube toda n'um bond », como tão bem a definiu o Senador Dr. Ruy Barbosa.

Pouco depois explodiu a heroica revolução do Rio Grande do Sul, e por ultimo a da Esquadra (6 de Setembro), que determinou o continuo estado de sitio, durante o qual se desenvolveu a serie de attentados de que o publico só teve uma noção vaga, por terem sido as folhas que criticavam o Governo, ou suspensas, ou reduzidas a publicarem somente o que lhes permittisse a Policia ; e só ficarem campeando as unicas mantidas pelo erario publico para endeosarem os crimes do Governo !

(11) A guerra de cinco annos que mantivemos contra o Dictador do Paraguay não consumiu tantas victimas e haveres, como a lucta de irmãos, promovida por esse nefasto Despota, e que fez a libra esterlina, que n'aquella epoca só elevou-se a 17$000, attingir á enorme importancia de 27$000, tornando a vida quasi impossivel para o proletario.

(12) Dos cidadãos que não adheriram á causa da Dictadura, só escaparam-lhe á sanha os que se refugiaram no Estado de Minas, onde não chegou o sitio, ou os que se condemnaram ao

maior silencio e indifferença sobre os revezes do Governo e seus crimes; pois, toda a manifestação contraria ao despotismo era logo punida com prisão, qualquer que fosse o sexo, idade ou condição do réo!

Até menores, decrepitos e meretrizes foram presos!!

(13) N'essa terrivel fermentação social vieram á tona, como era de esperar, todas as immundicias occultas no seio d'este povo, e as portas do Thesouro foram abertas de par em par para satisfação de quantas ambições illegitimas surgiam na occasião!

Foi durante esse delirio de saque, que *até* os Secretarios do Dictador assaltaram o erario publico, e que organisaram-se sociedades para compra de mandados de liberdade ás victimas das denuncias *valladarianas*, *valladadas*, *guidianas*, etc.

Tudo tornou-se licito para acquisição de dinheiro, tudo! E tudo se prostituiu, inclusive a mocidade, que, sendo em todos os tempos a real defensora dos opprimidos, tornou-se n'esses calamitosos dias, algoz da honra, do heroismo, da virtude...

A moda era unicamente ganhar dinheiro, e ser *uma coisa* a que se dava o qualificativo de — Jacobino!

Uma nuvem, porém, mixto de tristeza e de terror confrangia a physionomia deste povo, outr'ora tão alegre e feliz!

Para demonstrar até que ponto os desmandos d'essa epoca fizeram baixar o nivel do caracter brazileiro, e destruiu em alguns os laços mesmo do amor á familia, base de todas as virtudes, abaixo transcrevo uma carta que recebi do Snr. Augusto Camisão de Mello, a quem mais de uma vez procurei para que me emprestasse uma photographia de seu digno irmão, assassinado em « Santa Catharina », o Primeiro Tenente da Armada Carlos Augusto Camisão de Mello, afim de figurar no quadro á pa. 70. Eil-a:

« Capital Federal, 17 de Junho, 95. Cidadão Dr. A. Barata Ribeiro. Tendo deprehendido de nossa conversa de hontem que não tendes em vista publicar um livro historico contendo feitos e acontecimentos relativos aos revoltosos de 6 de Setembro, mas

sim um opusculo em que são invectivadas e censuradas as authoridades que lhes offereceram a resistencia da Lei, communico-vos que não posso acquiescer ao vosso pedido sobre o retrato de meu irmão.

E pedindo que me desculpeis tal resolução, filha de uma calma reflexão, espero que não insistireis em um tal pedido, que não se coaduna com o meu caracter nem coherencia politica. Saude e fraternidade.—*Augusto Camisão de Mello.*»

Apesar d'isso, o retracto d'esse official foi-me offerecido por um amigo, e figura no alludido quadro.

(14) Ha factos em que a pequenez no procedimento do Governo foi tal, que, se não estivessem no dominio publico, difficilmente se lhes poderia dar credito, por não ser facil admittir que a — Magestade do poder descesse tanto! Taes são entre outros os seguintes:

Mandar-se encarcerar em um cubiculo da Casa de Correcção o menor, Aspirante Joaquim Barcellos Garcia, que esteve ao serviço da Esquadra revolucionaria, e isso, depois de haver o *proprio Marechal* tomado perante o pai do mesmo Aspirante o compromisso de que, se o fôsse buscar a bordo e o fizesse apresentar ao Governo tudo lhe seria relevado! (Traidor sempre.)

Fazer assentar praça como soldado raso, e remetter para o matadouro do Sul, o Aspirante tambem menor Oscar de Alencastro, filho do preso politico, Capitão Coriolano de Alencastro, depois de o fazer soffrer nove mezes de prisão, em cubiculo da Casa de Correcção, pelo crime de suspeito de ser sympathico á Revolução!

Deixar esbofetear em publico por seus inferiores, officiaes de patente, cobertos de condecorações por feitos da guerra do Paraguay, como praticaram, deante do proprio Ajudante General do Exercito e Ministro da Guerra, com o Major Modestino Roquete, Capitão Manoel Carrero da Silva e com outros, que fizeram atravessar, em mangas de camisa, as ruas mais

publicas d'esta Capital,e que deixaram encarcerados nas enxovias da Policia, sem alimento, por espaço de dois dias ! !

(15) Deve-se ao Coronel Vespasiano, Director da Estrada de Ferro Central do Brazil, ter dado a este povo... o que este povo merecia : — o carro n.136 V — onde os salutares effeitos produzidos com a restauração do antigo regimen das éras da escravidão, isto é : — o do chicote e palmatoria — vieram demonstrar á saciedade que, para os effeitos da paz e ordem interna, podem essas armas substituir vantajosa e economicamente á espingarda e o sabre, até agora empregados como armamento das praças de pret do exercito e armada, uma vez que assim o determine o Governo, pois bem humilde e satisfeito as acceitou o povo !

Lembro mais para os officiaes a substituição do rewolver por manoplas de couro, mas com ordem de esbofetear o povo a torto e a direito, para ver se assim lhe faz subir um pouco de rubor as faces.

Será bem bom.

(16) Para demonstrar que a verdade é ainda muito mais triste do que a descrevemos, basta lembrar que só entre os povos barbaros da mais remota antiguidade, os selvagens, os indigenas ou os africanos, é que os vencedores costumavam levar a seus chefes, como tropheos,as cabeças ou cabelleiras dos inimigos illustres *por elles derrotados em combate* ; não constando, porém, que jamais profanassem sepulturas para insultar os cadaveres dos mortos em acção ; emquanto que, entre nós, quando as tropas *legaes* conseguiram descobrir o logar onde fôra enterrado o por elles jamais vencido General Gumercindo Saraiva, para vingarem-se das innumeras derrotas que o mesmo lhes havia infringido, exhumaram o cadaver e depois de trucidal-o, arrancando-lhe os olhos e os dentes, e cortando-lhe a barba, fizeram as tropas, ambulancias e carretas passarem-lhe por cima ! ! !

Que despresiveis canibaes !

(17) Quando o Barão de Caxias conseguiu a terminação da guerra civil que devastou a heroica Provincia do Rio Grande do Sul, mandou celebrar officios funebres por alma dos que haviam fallecido n'essa lucta, sem distincção de partido, tendo antes reprehendido severamente diversos officiaes por quererem saudar com festas as ultimas victorias das forças legaes.

São dignas de menção as seguintes palavras com que terminou então sua proclamação ao povo :

« Maldição eterna a quem ousar recordar-se de nossas dissensões passadas. União e tranquilidade sejam de hoje em diante nossa divisa ! Viva a religião !... etc. etc.

E hoje ?... Manda-se assassinar a tiros de fuzil os bravos marinheiros de Willegaignon *que se renderam confiados nas leis da guerra* ; entrega-se a indefesa cidade de Magé ao assassinato e ao roubo ; manda-se prepostos para devastar dois Estados do Sul, e abrem-se os cofres publicos á imprensa dos garotos, aos tocadores de foguetes e aos organisadores das *marches aux flambeaux*, para cuspirem sobre os cadaveres ainda quentes das victimas a muita lama que lhes pesa sobre os corpos gangrenados pela lepra !... Infames ! Miseraveis !

(18) Esse general fez a campanha do Paraguay, onde, pelo seu valor, conquistou os postos e condecorações que tinha. Era amigo particular do Imperador, que o tratava com extrema distincção e, quando fez o movimento de 15 de Novembro, só visava a quéda do Ministerio.

(19) Refiro-me ao ultimo ministerio conservador do tempo da Regencia, durante o qual commetteram-se os maiores absurdos.

(20) Por occasião da proclamação da Republica, era Ajudante-General do exercito o Marechal Floriano Peixoto, o mesmo que alguns mezes antes, para demonstrar ao Governo sua dedicação

ao Imperador, dirigiu ao Dr. Chefe de Policia de então, o Conselheiro Basson, a seguinte carta, datada de 17 de Julho de 1889:

« Ex. Amigo Dr. Chefe — O nosso Imperador, bem que estimado e venerado, deve ser vigiado de perto por certo numero de amigos de toda confiança, que façam sustar todo e qualquer desacato.

« Sei que V. Ex. tomará as medidas precisas, mas eu quizera secundal-o com um pequeno mas forte contingente, que entender-se-ha com as authoridades do serviço.

« Se acceita esse concurso, peço que a começar de hoje remetta-me um bilhete de cadeira e duas entradas geraes todas as vezes que S. M. tenha de assistir representações theatraes.

« Com V. Ex. irá entender-se o meu delegado.—De V. Ex. sempre amigo velho e obrigado, *Floriano Peixoto.*»

Esse mesmo Marechal, para demonstrar ao Governo sua sinceridade, dirigiu ao Conselheiro Candido de Oliveira, então Ministro da Justiça, a seguinte carta:

« Rio, 13 — 11 — 89. — Exm. Amigo Sr. Conselheiro. — A esta hora deve V. Ex. ter conhecimento de que *tramam algo por ahi alem; não dê importancia, tanto quanto seria preciso, confie na lealdade dos chefes, que já estão alerta. Agradeço ainda uma vez os favores que se tem dignado dispensar-me. — Floriano Peixoto.* »

No dia 14, chamado pelo Visconde de Ouro Preto para tomar providencias sobre o levante de tropas já descoberto, depois de varias respostas para explicar a falta de providencias por elle tomadas, despediu-se do mesmo Visconde, *assegurando-lhe que podia contar comsigo*! No emtanto, desde o dia 13, trahia o Governo, como asseveram as cartas publicadas pelo Tenente Coronel Jacques Ourique, sobre os acontecimentos de 15 de Novembro, pois, desde esse dia, estava a par de todo o movimento que se tramava, por communicação que lhe fizera o proprio General Manoel Deodoro da Fonseca, a quem a pedido fôra procurar na propria residencia.

Para mais detalhes sobre este assumpto consulte o leitor o notavel trabalho d'onde extrahi esta nota — « O Advento da Dictadura no Brazil. » — É da pena de um dos nossos mais illustrados e conhecidos estadistas e uma gloria do Brazil : — O Exm. Sr. Visconde de Ouro-Preto. (Os griphos são meus).

21 Bem poucos conservaram-se fieis á honra no infausto dia 15 de Novembro de 1889, e entre esses sobresahem os seguintes :

O Conde de Motta Maia que acompanhou o velho Monarcha na qualidade de seu medico ; o Dr. Rebouças, que apezar de pauperrimo tomou conta da educação dos principes infantes ; o preclaro e venerando ancião Senador Fernandes da Cunha, que repellio o insulto com que pretendeu feril-o o Governo Provisorio, offerecendo-lhe uma pensão, por conhecer-lhe a falta de meios de subsistencia ; o integro Visconde de Ouro Preto, seu distincto irmão, Dr. Carlos Affonso e seu talentoso filho Dr. Affonso Celso Junior ; os Conselheiros, Senador Visconde de Taunay, Lafayette Rodrigues Pereira e João Alfredo ; os Barões, de Loreto e de Penedo, o Conde de Nioac ; os distinctos cidadãos, Tito Franco, João Mendes de Almeida, Eduardo Prado, Carlos de Laet, Joaquim Nabuco, Andrade Figueira, e outros que a Historia registrará.

Cumpre-me aqui mencionar o nome do nobre Visconde Alves Machado, cidadão portuguez, que poz á disposição do Imperador toda a sua fortuna.

Entre os desleaes, merecem especial menção o Marechal Deodoro da Fonseca e o Dr. Benjamim Constant, ambos educados a expensas do Imperador, que amparava *até* a familia do primeiro com uma pensão !

(22 A sedição dos officiaes e praças do exercito commandados pelo Marechal Deodoro da Fonseca apenas deliberara depor o ministerio Ouro-Preto. A proclamação da Republica só foi resolvida mais tarde.

A historia um dia ha de lançar sobre tudo isto sua luz.

(23) Por occasião do regresso de S. M. o Imperador da Europa, onde foi buscar allivio aos graves soffrimentos que o acabrunhavam, o povo recebeu-o com festas delirantes, que duraram de 22 de Agosto de 1888, dia de sua chegada ao Rio de Janeiro, a 25 do mesmo mez.

(24) Portugal no intuito de expurgar seu solo de criminosos, remetteu para o Brazil, logo depois de sua descoberta, todos os galés que lhe enchiam as prisões. D'esses individuos, em concubinato com o elemento africano, proveio principalmente o grande povo brazileiro!

(25) Logo depois da proclamação da republica, cada ministro, procurando demonstrar habilitações para o desempenho do cargo a que fôra guindado, tratou de executar o maior numero de reformas. D'est'arte foram derrocados a Constituição, codigos e leis, sob os quaes gozavamos de uma liberdade apontada e invejada por todo o mundo, e substituidos por um conjuncto de absurdos que atiraram a nação á anarchia, e originaram o regimem do despotismo. Seguiu-se o saque aos cofres publicos, que teve seu inicio na indemnisação paga aos concessionarios da estrada de ferro de Pedro I, e continuou com a tentativa de venda do territorio nacional á Republica Argentina e pelos esbanjos e presentes do Despota, que cynicamente se intitulou — Guarda do Thezouro — deprimindo o credito publico com a emissão de papel, já recolhido!

(26) Quando o Barão de Lucena, em nome do Marechal Deodoro da Fonseca, foi consultar o Marechal Floriano Peixoto sobre o «Golpe de Estado» que pretendia dar, recebeu d'elle a seguinte resposta:

«Diga ao Manoel que estou de pleno accordo com elle, de quem nada mais sou que o carneiro da musica do batalhão...» e n'essa mesma hora tramava a quéda do velho companheiro!... Que requinte de cynismo na traição!

(27) Esse castigo começou com a deportação para Cucuhy do Almirante Wandenkolck e dos doze generaes signatarios do manifesto de 10 de Abril de 1892; continuou com as deposições dos Governadores dos Estados pela força armada, e terminou com a serie de attentados praticados durante e depois da Revolução de 6 de Setembro de 1893, e dos quaes difficilmente se acharão similares na historia, mesmo dos estadios da vida selvagem dos povos.

Foi notorio o proposito com que o Despotismo tentou acanalhar tudo e todos, zombando dos mais nobres sentimentos, pretendendo deprimir todas as classes sociaes, nas pessoas de seus mais conspicuos cidadãos, e chamando para direcção de importantes cargos publicos os mais despresiveis caracteres! Deixo á Historia enumeral-os em tempo.

(28) Pouco antes de deixar o poder, o marechal Floriano Peixoto fez acquisição, no alto do Pedregulho, de uma grande chacara, que mandou cercar de elevados muros, e revestir com espessas grades de ferro todas as janellas do respectivo predio, inclusive as do salão de visitas e as dos andares superiores!

(29) A revolução que explodiu no Rio de Janeiro a 23 de Novembro de 1892, e que depoz o Marechal Deodoro da Fonseca, author do — Golpe de Estado — irrompeu antes no Rio Grande do Sul, com a deposição do Dr. Julio de Castilhos, Governador d'aquelle Estado, como um dos adherentes a esse acto inconstitucional. Comprehende-se portanto que tendo a mesma revolução procedido para com seus filhos como Saturno, restituindo Castilhos ao poder pela força armada, dava consequentemente a este ambicioso vulgar ensejo e armas para tirar de seus inimigos politicos a mais completa vingança inaugurando, n'esse Estado, o regimen de um despotismo sem igual!

(30) Sobre a tomada de «Tijucas» assim se exprime o bravo e intelligente Coronel Jacques Ourique:

« A historia do ataque, cerco e rendição de «Tijucas» é uma epopeia de actos de valor e de ensinamentos proveitosos, quanto aos processos militares empregados, etc.»

Foi em um dos ultimos dias do cerco da Lapa que as forças entrincheiradas n'essa cidade, sob o commando do Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro, fizeram renhido fogo sobre as familias de Bernardino Monteiro, Franscisco Xavier, Geniplo Ramos e Sechelero, compostas de cerca de vinte pessoas, quando tentavam fugir para o acampamento dos revolucionarios, e teriam sido victimas d'esse acto de selvageria, se entre ellas e os sitiados não se tivesse interposto uma força ao mando do heroico Coronel Torquato Severo, que em tão boa hora chegou ao local e impediu que se realisasse o vergonhoso attentado.

(31) Refiro-me aos seguintes cidadãos: Gumercindo Saraiva, Apparicio Saraiva, Antonio Carlos da Silva Piragibe, Dr. Laurentino Pinto Filho, José Joaquim de Castilhos (Juca Tigre), Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado e Prestes Guimarães.

É digna de especial menção a seguinte carta dirigida pelo penultimo d'elles ao marechal Floriano Peixoto:

«Marechal—Como brasileiro, e sobretudo como Rio Grandense, não posso por mais tempo ficar neutro diante da miseranda e excepcional situação de minha terra natal.

« De um lado — um governo sem orientação politica, sem patriotismo, abafando liberdades, violando direitos e dirigindo os destinos do grande e glorioso Estado do Rio-Grande do Sul, como um dos mais audazes tyrannetes dos tempos modernos, ali infelizmente nascido e creado.

« Sedento de sangue, e faminto de vinganças, esse Rio-Grandense desnaturado está servindo-se das forças da União e do prestigio de seu governo para tripudiar sobre ruinas; plantar a discordia entre seus conterraneos e irmãos; saquear e incendiar as

propriedades dos que não se curvam ao imperio de sua caprichosa vontade; talar os campos que entretiveram a industria e o commercio; perseguir a ferro e fogo, fazendo viuvas e orphãos e finalmente trucidar até aquelles que a pouco mais de um anno se levantaram em torno da bandeira nacional, combatendo pela Constituição da Republica, golpeada pelo vosso antecessor, e elevando-vos ao fastigio do poder.

« De outro lado:—a alma afflicta e desesperada da Patria, encarnada nos peitos valorosos dos que afinal se arrojam á temeridade de uma nobre e santa reacção, e depois de oito mezes de cruciante exilio e das provações mais dolorosas, regressam ao lar com as armas nas mãos para derrubar a tyrannia em todo o seu cortejo de males, restabelecer o direito conculcado; firmar a paz, base de todo o progresso; garantir a liberdade, que é a alma da democracia, e desafrontar a honra da Patria envilecida.

« A estas condições supremas, que os acontecimentos vão cada vez mais aggravando e que reclamam desenlace immediato, não vacillo, não posso vacillar no caminho a seguir.

« Coronel do exercito, e até hoje ao serviço da nação, perante a justiça e a magnitude da causa pela qual batem-se meus conterrañeos, abandono esse posto honroso, sem medir as consequencias, e corro pressuroso a lutar nas fileiras do glorioso — Exercito Libertador do Rio Grande do Sul — sob o commando do denodado General José Nunes da Silva Tavares.

« Tranquillo, com a minha consciencia de patriota, a Deus entrego a minha sorte, confiado na sacro-santa causa que passo a servir.

« Quando abatida a tyrannia, ficai certo, marechal, jamais negarei méus serviços, quer de simples soldado, quer de cidadão, á patria brazileira, servindo-a sempre como soube servir, com abnegação e civismo.

« Se porém dias mais luctuosos ainda nos esperam, por castigo inescrutavel da Providencia; e contra a ordem natural da civilisação dos povos, acontecer que a ominosa tyrannia triumphe

na lucta actualmente travada, prefiro morrer pela patria ou esmolar no estrangeiro o pão do exilio, aguardando melhores tempos, que infallivelmente hão de chegar, a servir de algoz aos meus irmãos e debil instrumento ao brutal despotismo contra que me revolto resoluto e impavido.

« Rio 19 de Março de 1893. — *Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado.* »

(32) Peço desculpa á patria Rio Grandense da falta em que incorro deixando de mencionar os nomes de todos os seus heroes, e dos feitos com que se immortalisaram n'essa campanha, em defesa das liberdades patrias. O estylo escolhido para tratar d'este assumpto, a defficiencia nas noticias que nos chegavam á prisão e a ignorancia da verdade historica dos factos e escassez de tempo, foram as causas de semelhante lacuna, que a Historia ha de um dia preencher, enumerando cada um d'esses feitos e consignando com justiça os nomes dos que n'elles se distinguiram e que pertencem consequentemente á Posteridade.

Os cidadãos a que me refiro n'este trecho são os seguintes: Raphael Cabeda, Marcellino Pina de Albuquerque, José Maria Guerreiro Victoria e José Bonifacio da Silva Tavares. Todos serviram no « Exercito Libertador ».

(33) Chamam-se José Facundo da Silva Tavares Junior e Facundo da Silva Tavares, esses dous inditosos mancebos.

A heroina que os sobreviveu, e que constitue a alegria de seu venerando pae, chama-se Cecilia.

(34) Já estava concluido este trabalho, quando aqui chegou vindo do Rio Grande do Sul, em virtude de requisição do Supremo Tribunal Federal, o nobre ancião Coronel José Facundo da Silva Tavares, o qual, depois de mais de dois annos de prisão, sob as garras do tyrannete do Sul, foi aqui posto em liberdade por esse egregio tribunal, a 8 de maio de 1895.

A narrativa que, de viva voz, me fez o mesmo Coronel sobre a luta que se deu em sua residencia, por occasião d'esse attentado, só differe da que aqui faço, guiado pelas escassas noticias que chegavam-me á prisão, no que concerne aos detalhes. Não alterando ella, porém, a essencia do facto, julguei desnecessario modifical-a.

(35) Por informações emanadas de pessoas gradas, d'esse Estado, fui informado do seguinte :

Que o governo estadoal nomeiou duas *juntas* compostas de tres membros para deliberarem sobre os assassinatos á perpetrar : uma civil que os indicava, e outra militar que os sanccionava ; sendo executor o *celebre* Coronel Antonio Moreira Cezar, então *dono* do Estado ; e o logar para as execuções, o infausto Forte de « Santa Cruz ».

Eram membros da junta civil os cidadãos : Francisco Tolentino de Souza (ao qual se attribue o assassinato do Coronel Luiz Gomes Caldeira de Andrade), o Dr. Candido Valenciano da Silva, Juiz Federal do Estado e Gustavo Richard, cidadão de origem franceza e então Consul da França n'essa capital. É a este cidadão que attribuem a indicação do assassinato dos subditos francezes Etienne e Buette, cujas mortes foram assumpto de reclamações por parte do respectivo Governo ; e affirmam que o cargo que ora usufrue, de senador federal por esse Estado, foi-lhe conferido como premio dos *serviços* d'essa especie que prestou á *causa da legalidade* !

Quanto a junta militar, consta que se compunha do Coronel Antonio Moreira Cezar, Capitão Joaquim Augusto Freire e Alferes Manoel Bellorophonte de Lima.

Os nomes por inteiro das victimas a que me refiro n'este trecho acham-se na secção dos « Appensos » *Victimas e Algozes.*

(36) O executor d'essa tragedia, o Coronel Moreira Cezar, foi a principio coadjuvado pelo Capitão Joaquim Augusto Freire e treze alumnos da Escola Militar do Ceará, e mais tarde pelo

Almirante Jeronymo Francisco Gonçalves e um official de Marinha. Figuraram tambem em alguns assassinatos os commissarios de policia Eloy Flores e Antonio Scheneider, e serviram de assistentes, por mero prazer, alem de outros, o Capitão de Mar e Guerra Gaspar da Silva Rodrigues, que se immortalisou com a seguinte inolvidavel phrase dirigida a seu companheiro de classe, o Capitão de Mar e Guerra Lorena, de quem era desafecto, quando o iam assassinar:

« Então Lorena as pedras encontram-se quanto mais as creaturas, não é verdade?...» (Miseravel!!...)

Foi ahi que se commetteram os actos do mais repugnante canibalismo!

O *immortal* Coronel Moreira Cezar, ia sempre assistir o córte de suas victimas, convidava-as por escarneo a tomar parte no lunch com que saudava de antemão esses dramas de sangue que mandava executar na nefasta Fortaleza de «Santa Cruz», por elle convertida em — Coliseu — da cidade do Desterro, razoavelmente chrismada mais tarde com o nome de «Florianopole», e depois ordenava-lhes abrir as proprias covas que as deveria receber!!!

Ahi foram assassinados pelas costas, o filho do Barão de Batovy e um dos irmãos Carvalhos, quando abraçavam os corpos ainda agonizantes, aquelle, o de seu velho pae, uma gloria do Paraguay, com 70 annos de idade; e este, o de seu inditoso irmão, ambos filhos do Capitão Tenente honorario da Armada Trajano Augusto de Carvalho, velho servidor d'este paiz, e que por ser-lhes pae foi encerrado em um cubiculo da Casa de Correcção da Capital Federal!!

Ahi finalmente cortaram as mãos e a lingua do respeitavel] Dr. Francisco Antonio Vieira Caldas, cujo supplicio terminou com um tiro de canhão que atirou o cadaver ao mar!!!

Os nomes dos heroes d'esta tragedia e os de suas victimas acham-se na secção dos « Appensos » *Victimas e Algozes.*

(37) Sobre este Coronel eis o que diz o intelligente Dr. Seabra, deputado pelo Estado da Bahia, em seu livro «A Tyrannia no Brazil» :

«Moreira Cesar em 1887, quando encarregado da policia de Jaguarão, fronteira do Brazil com o Estado Oriental, depois de consentir ao consul Oriental Velasques que se retirasse com sua familia para aquelle Estado, mandou fazer-lhe uma descarga de fuzilaria, no momento em que se effectuava essa travessia ; e depois de amarral-o e trazel-o preso, saqueou-lhe o que havia em sua bagagem.»

É portanto por esse acto de heroismo na infamia e no canibalismo, e provavelmente como remuneração d'essa proesa e de outras de igual natureza prestadas presentemente em Santa Catharina, que o actual Governo ainda ali o conserva no seio da sua «Florianopole», como Commandante das armas, emquanto o Governo Francez reclama do Brazil prejuizos e damnos pelos assassinatos por elle praticados nas pessoas de seus compatriotas, os engenheiros Buette e Etienne ; e exige que seja o mesmo submettido a processo por tão vergonhoso crime !

Em compensação, segundo me informaram, continua-se n'aquelle Estado a honrar o nome de sua bella capital — a Florianopolis — com actos dignos d'elle...

Mas que fazer? A França é um paiz civilisado e nós... Até quando teremos o governo de sitio e promptidão ?...

(38) Foi ainda o Coronel Moreira Cezar quem, antes de ser mandado para executar a hecatombe de Santa Catharina, encarregou-se n'esta Capital, secundado pelos officiaes do Exercito Mauricio de Lemos, Joaquim Ignacio e outros, do assassinato dos varios cidadãos e marinheiros que, por falta de conducção, viram-se coagidos a ficar nas fortalezas, ilhas e navios abandonados pelo Almirante Saldanha da Gama e sua officialidade; e que foram considerados prisioneiros de guerra pelas forças do governo pseudo legal !

Não me foi possivel até o presente consignar os nomes de todos estes infelizes, porque, quando o governo passou a fortaleza de «Willegaignon» para o Ministerio da Guerra, o primeiro acto dos que foram dirigil-a, foi requisitar do Ministerio da Marinha o *Livro de Soccorros* do corpo de marinheiros nacionaes (é o livro onde se registram os nomes das praças) e queimal-os, na crença de que destruiriam assim os vestigios de tão repugnantes crimes. Comquanto, saibamos pois que o numero de taes victimas é superior a duzentas, de bem poucas comtudo pudemos dar os nomes na respectiva secção dos « Appensos » *Victimas e algozes.*

Esta tarefa, porem, por difficil que me fôsse não o é comtudo para S. Ex., o actual Sr. Ministro da Marinha. Basta, para realisal-a, mandar confeccionar uma nova relação das praças que existiam em 1893, pelas folhas de pagamento de então, necessariamente archivadas na repartição a cargo deste serviço, e comparal-a com a relação das praças subsistentes ; a differença indicar-lhe-ha, deduzidos os mortos na revolta (o que é facil obter), o numero das victimas.

Cumpre portanto a S. Ex. mandar executar sem demora esse serviço, pois d'isso depende o direito e a justiça de muitos orphãos e viuvas de irmãos nossos, todos pauperrimos e desprotegidos : — os filhos e esposas d'esses inimitaveis heroes mortos em defesa das liberdades publicas conspurcadas.

(39) Sobre estes assassinatos, eis as informações, que me foram ministradas por pessoas gradas da localidade.

— Quando a columna federalista, sob o commando do general Gumercindo Saraiva, investiu sobre a cidade de « Curitiba » Capital d'esse Estado, o Governador, Dr. Vicente Machado e o commandante do districto militar, o general Ewerton Quadros, fugiram para as margens do Yapó, de onde só regressaram, quando souberam que o general revolucionario havia desamparado aquella cidade, por ter recebido a noticia da retirada do Almirante Saldanha da Gama do Rio de Janeiro ; e o fizeram protegidos pela divisão, vinda de « Itararé », na fronteira do Estado de S. Paulo,

sob as ordens do coronel Pires Ferreira, que achou mais prudente recolher-se á Curitiba, que ir ao encalce das forças de Gumercindo, em retirada.

Foi então que o governador Vicente Machado, em accordo com o Coronel Pires Ferreira e o general Quadros, resolveu levar a effeito um plano de vinganças; ficando este General para isso incumbido de escolher um logar tal, para perpetração dos homicidios a realisar, que se tornasse impossivel descobrir-lhes os vestigios; e aquelle de effectuar sem alarma, a prisão dos infelizes indigitados ao supplicio, os quaes confiados na sua palavra e no manifesto do Governador, permaneciam tranquillamente na Capital, bem que alguns occultos.

Foi assim, que, enquanto o *grande* general Quadros tomava um trem especial, e escolhia como local para realisação dos futuros crimes o «Pico do Diabo», por ser um despenhadeiro cuja base profundissima e inaccessivel occultaria perfeitamente os cadaveres das respectivas victimas; os coroneis Luiz Ferreira de Abreu e Firmino Pires Ferreira (o primeiro, sobrinho, e o outro *velho amigo* (!) do Barão do Serro Azul), garantindo á esposa d'esse venerando ancião, que nada lhe succederia, conseguiram que, sahisse de seu escondrijo e se entregasse á prisão; e *assim o mantiveram preso sob palavra*, no quartel onde residia o segundo d'estes officiaes, que o entretinha muitas noites jogando o solo, e que ora tranquilisava-lhe a esposa dizendo-lhe: « o Barão, minha Senhora, não é meu prisioneiro, porém meu hospede »; ora lhe respondia com phrases chistosas, quando a boa senhora pensando tratar com um amigo, com elle gracejava dizendo: «Veja como são miseraveis estes officiaes, que até velas para jogar, sou eu quem compra.»

Uma vez seguras, por processos similares a este, as seis victimas a que aqui me refiro, e dadas as ordens para captura e execução de muitas outras, entre as quaes trinta e duas constantes de uma relação emanada do Rio de Janeiro, e levada para esse Estado pelo Alferes da guarda nacional Joaquim Augusto

Freire, (vide a nota sobre este nome na secção dos «Appensos» *Victimas e algozes*), removeram o Barão para o quartel do 17º, onde já se achavam os outros cinco companheiros de sorte, e depois de avizarem-nos que se preparassem para seguir para o Rio de Janeiro, fazendo assim que a maior parte d'elles se munisse *até de dinheiro para esta supposta viagem*, transportaram-nos, escoltados por uma força de *quarenta* praças (!) para a Estação da E. de ferro de Paranaguá á Curitiba, na noite de 21 de Maio de 1894, e os fizeram embarcar em um trem especial, que os devia conduzir ao supplicio, e que levou como commandante o Tenente Fileto de Oliveira Pimentel, e como executores o Tenente José da Silva Moraes e o Alferes João Leite de Albuquerque.

Um acaso providencial porém, não permittiu que tanta infamia, que tanto requinte no crime ficassem envoltos no mysterio.

A noite tempestuosa fez que os executores d'esta satanica bachanal de sangue não reconhecessem o local onde deveria parar o trem, e tendo isso se dado um kilometro alem do «Pico do Diabo», os cadaveres das victimas, depois de espoliados, por seus algozes, *mesmo da roupa do corpo* (!), foram arremessados, não no abysmo escolhido e só accessivel aos corvos, porém, no descalvado de outro despenhadeiro menor, de onde na manhã seguinte eram vistos pelos passageiros do expresso diario.

(40) Eis a descripção que sobre esta scena de sangue faz o Coronel Jacques Ourique:

«Voltemos á casa da rua da America:

Por volta das dez horas da noite apresentou-se ali um official que, separando o Barão, José Lorenço Schleder, José Joaquim Ferreira de Moura, Rodrigo de Mattos Guedes, Balbino Carneiro de Mendonça e Priscilliano Correia, declarou-lhes que seguissem immediatamente.

Os presos seguiram a pé á estação da estrada de ferro no meio de uma escolta commandada por um official..........

O comboio tomou a direcção de Paranaguá pouco antes das onze horas.........

Passava de meia noite quando o comboio suspendeu sua marcha lugubre, proximo ao kilometro 65.

Ali a esquerda dos trilhos, existe uma esguia esplanada, limitada pela crista de profundo despenhadeiro.........

Continuava a cahir a garoa fria e cortante de Maio paranaense; intenso nevoeiro cobria as quebradas da serra, e o silencio sinistro d'aquellas paragens desertas só era interrompido pelo murmurio soturno das aguas a correr apertadas entre as gargantas estreitas das montanhas, pelo chiar estridente do vapor da locomotiva, pelas vozes curtas e incisivas dos algozes, pelos soluços, pelos gemidos e pelas supplicas das victimas que já então conheciam toda a extensão de sua terrivel desgraça.

Os carrascos do Marechal Floriano Peixoto tem d'esses requintes na arte negra e rubra do assassinato.

Não são simples carniceiros que arremangados atiram o golpe á victima junto a qualquer muro, atraz de qualquer pardieiro, sem preocupações do scenario.

Não.

Elles escolhem o local com o meticuloso cuidado, com a fria calma da malvadez que dilacera e rompe as carnes, que tortura e abate o espirito antes de tirar a vida.

A morte simples, o assassinato rapido é para elles uma incorrecção, um erro.

A victima deve abrir a cova onde tem de ser enterrada, e tomar á beira d'ella posição conveniente como em Curitiba, ou assistir ao supplicio prolongado dos companheiros, com as carnes rudemente açoitadas pelas gotas geladas da chuva, no meio do pavoroso silencio da floresta, longe de qualquer auxilio e martyrisada pela indisivel agonia da expectativa da sua vez.

Alguns de joelhos, pediam, imploravam... e elles os algozes os arrancavam á força do wagon e os arrastavam um a um, ao patibulo improvisado á beira do abysmo.

Uma descarga despertava os échos dormentes da serra e a scena lugubre recomeçava.

O moço Mendonça, allucinado pelo terror, negou-se a sahir do wagon—arrastaram-no brutalmente.

No momento de descer, agarrou-se com toda a força ás columnas da plata-forma; quebraram-lhe a coice de armas os punhos, e o levaram aos empurrões até á crista da esplanada donde foi precipitado no abysmo pelas balas homicidas.

Quem por ali passou no dia seguinte, conta que viu ainda seu cadaver fortemente seguro aos arbustos do começo da rampa, olhando para a estrada com os olhos sem brilho, empanados pela morte, e tendo gravados na physionomia os traços do mais indescriptivel terror que se póde imaginar.

De certo o desventurado lembrara-se no momento extremo da esposa e dos dez filhinhos que deixava na miseria a mais completa.»

Cabe-me aqui abrir tambem um parenthesis, para fazer a narrativa das desditas pelas quaes os algozes do inditoso cidadão e zeloso empregado publico, José Joaquim Ferreira de Moura, uma das victimas d'esta carnificina, tem feito passar os membros de sua familia, reproduzindo quanto de viva voz d'elles ouvi.

Quando a noticia do assassinato de Moura e seus companheiros chegou á Curitiba, alarmou de tal modo a população e principalmente ás familias dos apontados como victimas, que cada qual procurou logo saber da verdade, inquirindo directamente os membros do governo, indicados como mandatarios de taes crimes, outros recorrendo ás relações que tinham, e que estavam em contacto com aquelles.

Entre os primeiros figurou a filha mais moça de Moura, D. Roza Hortencia Ferreira de Moura, a qual, era dotada de actividade, intelligencia e argucia bastante, para collocar os carrascos de seu pae em serios embaraços, quando se viam coagidos a recebel-a em suas repartições.

Foi por isso que o General Quadros, procurando desvencilhar-se d'essa moça, cuja insistencia em querer descobrir o paradeiro de seu pae, não diminuia, e cuja presença lhe era um re-

morço vivo, affirmou-lhe, que Moura havia sido remettido para o Rio de Janeiro, a fim de responder a processo, que provavelmente seria absolvido (que infame Judas !) pois era innocente, e que estava prompto a dar-lhe um salvo conducto e passsagem para aquella Cidade, caso ella desejasse vel-o !

Acceitando esse offerecimento, partiu a inditosa moça para Paranaguá em companhia de sua irmã mais velha D. Julia de Moura, não podendo acompanhal-as em tão santa peregrinação, sua desolada mãe por achar-se bastante doente.

Chegadas a Paranaguá, eram tantas as asseverações de que Moura jamais ali estivera, para seguir para o Rio; que Rosa e Julia, vendo-se ludibriadas, regressaram para Curitiba de onde, ainda a mais moça, inquebrantavel sempre na resolução de saber do destino de seu pae, dirigiu ao General Quadros, uma carta, em que o accusava do desapparecimento d'elle, e em que exigia com termos ameaçadores inteiral-a do destino que lhe havia dado.

Foi devido a essa carta, sem duvida, que, dias depois, a inditosa moça viu-se aggredida na rua, em pleno dia, pelo soldado Simão Biallé que, depois de errar um tiro de espingarda com que tentou matal-a, arremessou-lhe um grande tijolo, que ferindo-a gravemente na cabeça, a prostrou banhada em sangue ; e depois fugiu atemorisado, pensando ter consumado o intentado assassinato, exclamando : «É pena, mas, eu não tenho culpa porque sou mandado. » (!)

Se Rosa, porém, não estava morta, o maldito despenhadeiro do killometro 66, no entanto, tinha carencia de mais victimas !

Restabelecida do ferimento, e já então sciente da triste e dolorosa verdade sobre a sorte de seu pai, pediu Rosa permissão para visitar o fosso onde o haviam enterrado a qual obteve, *mas sob condição de o fazer ás occultas e em conducção fornecida pela policia, especialmente para esse fim.* (!) Não era pequeno crime esse pranto continuo, a exigir da Lei e da Justiça então agrilhoadas, a justa punição de tão nefandos crimes !

Rosa andava, porém, sempre armada com um pequeno rewolver, pois, receiava a cada instante um novo Biallé; e isso trazia aterrorisados os intemeratos: General Quadros, o bravo, e o Senador Dr. Vicente Machado, esse intrepido, que até se apeiava dos bonds onde entrava a moça, que entretanto apenas contava 18 primaveras!.....

Um dia, de volta de uma d'essas visitas ao fosso onde jazia seu pae, para ali depor algumas flores, cahiu tão desastradamente da *draizina* em que se achava com sua irmã, que quando esta atirou-se do mesmo, para soccorrel-a, apenas conseguiu, toda contundida, receber nos braços o seu cadaver completamente mutilado pelas rodas do funesto *wagonete*.....

Foi assim que essa victima do amor filial e sua desditosa irmã, chegaram á Curitiba, onde as recebeu, louca de dor sua enferma e já desolada mãe!....

Quando o tempo e os affectos e cuidados dos amigos e da medicina conseguiram dar um pouco de saude e alento a estes dous ultimos membros da familia de Moura, elles deixaram o Paraná sua terra natal, e partiram para esta Capital, onde actualmente se acham, *implorando ainda* justiça (que vergonha!) para o assassinato de seu esposo e pae, e o montepio por elle feito em seu proveito, e que as guardará de serem coagidas a implorar a caridade publica para se manterem.

E o que tem feito o Governo? Que lhe compete fazer?

É bem simples:—Dar ao General Quadros uma commissão á Europa, para esparecer d'essas lembranças tristes, como já se fez com o assassino de Silvino e seus companheiros; e nomear para o Paraná algum dos membros da quadrilha do kilometro 65, a fim de; ou dar sumiço á Simão Biallé, ou liquidar o resto da familia Moura. O mais ficará aos cuidados do terror que infunde n'aquelle Estado o indicado como chefe d'essa carnificina, Sr. Vicente Machado, e da inercia d'este povo de escravos.

Os nomes das victimas e dos officiaes ajudantes d'essa carnificina acham-se na respectiva secção dos «Appensos» *Victimas e algozes*.

(41) Emquanto os defensores d'esse governo, que se intitulou da Legalidade e Salvador da Republica, commettiam tantos crimes e qualificavam os revolucionarios—de bandidos e inimigos da Republica, sem lhes apontar porém, um só acto que os tornasse merecedores de taes epithetos; elles, ao contrario, tratavam com toda a urbanidade até os officiaes que aprisionavam nos combates e concediam-lhes a liberdade, mediante o *unico* compromisso (que só um cumpriu) de não pegar mais em armas contra a Revolução.

Entre outros que fôra longo enumerar, eis os nomes de alguns officiaes que certamente não se atreverão a negar que gozaram de taes favores, como consta do já citado trabalho do bravo Coronel Jacques Ourique «O Drama do Paraná»:

O General Isidoro Fernandes, o Coronel Pantoja e toda a officialidade do 28° de infanteria, que cahiram prisioneiros do General Silva Tavares no combate do Rio Negro. O primeiro d'estes, aliás celebre pelas crueldades contra os prisioneiros Federalistas, como fôsse o covarde assassinato do Capitão Cezario dos Anjos Garcia, cuja farda deixou pendurada em uma forquilha ao lado do cadaver insepulto, e o de um pobre velho de oitenta annos, por simples suspeita de ser correio dos Federalistas, emigrou mais tarde para o Estado Oriental:

Cumpre observar que depois d'esse combate, as forças do governo despeitadas com a derrota, mandaram fuzilar todos os prisioneiros Federalistas, entre os quaes o Alferes Senna Braga.

A officialidade do 6? regimento de cavallaria, prisioneira do mesmo General Silva Tavares, na tomada de D. Pedrito. Esta, alem de posta em liberdade, foi levada até á cidade de Bagé por um piquete de cincoenta praças; mas faltou ao seu compromisso de honra tomando parte no combate de Inhanduhy:

Os Coroneis Santos Filho e Serra Martins e os Tenentes, José C. da Silva Muricy, prisioneiros, o primeiro no combate de Jararáca, proximo á cidade de Alegrete, e os outros, da Esquadra revolucionaria, que os transportou no *Pallas* para o Rio de Ja-

neiro. (Desembarcaram em S. Sebastião). Estes faltaram tambem á sua palavra, aquelle indo commandar as forças do Governo no municipio de Palmeiras, e estes tomando parte nos combates de « Lapa » e « Tijucas » onde capitularam :

O Coronel Castello Branco e toda a officialidade do 25 de infantaria, os Capitães A. M. da Silva Coelho, Julio C. da Silva Lima, Luiz Ignacio Domingues e os Cadetes Coelho Junior, João Machado e Hygino, que capitularam na tomada do Desterro e adheriram mais tarde á revolução :

O Coronel Marinho, prisioneiro do coronel Salgado no combate do Serro do Ouro, o qual, alem de posto em liberdade, foi tambem mandado, a seu pedido e a expensas do Governo da Revolução, para a cidade do Desterro, e d'ahi para Montevidéo, de onde, soccorrido com a quantia de duzentos pesos suppridos pelo Dr. Demetrio Ribeiro, passou para a fronteira :

E finalmente o Coronel Alencastro da Fontoura e o Tenente Camisão de Mello, prisioneiros : aquelle, na tomada de Quarahim, do Coronel David Martins, e este, capitulado na cidade do Desterro, e que, fugiram sem necessidade e foram se unir de novo ás forças do Governo.

NOTAS

DA

SEGUNDA PARTE DO CANTO PRIMEIRO

(1) Vide o artigo «A marinha de guerra da Revolução» na secção *Appensos*.

(2) O Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, Director da escola de marinha.

(3) Quando explodiu a revolução, o Capitão de Mar e Guerra Eliezer Coutinho Tavares, então commandante do Corpo de Fuzileiros Navaes, embarcou com este contingente para os navios, desamparando a Fortaleza da Ilha das Cobras cuja artilharia encravara.

(4) Os nomes desses bravos cirurgiões são: Contra-almirante, Chefe do Corpo de Saude, José Pereira Guimarães; Capitães de Fragata Severino Braulio Monteiro e Galdino Cicero de Magalhães; Primeiros tenentes, Lucas Bicalho Hungria, José Amado Coutinho Barata, Affonso Henrique de Castro Gomes, Thomaz de Aquino Gaspar Junior e Augusto Pereira da Silva Lima.

(5) Os factos quer do envenenamento da agua remettida para Willegaignon, quer do album enviado ao Almirante Custodio

José de Mello, foram publicamente denunciados, em dous manifestos dirigidos ao povo pelas duas intentadas victimas. No manifesto de Mello, apresentava elle como testemunhas, os Almirantes estrangeiros então a bordo dos respectivos navios surtos n'este porto, os quaes acquiesceram com o seu silencio ao papel a que foram appellados.

(6) Quando o Governo tomou conta dos navios de guerra desamparados pelo Almirante Saldanha no porto do Rio de Janeiro, mandou-os pintar de branco.

(7) Capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena e Capitão de Fragata Alexandrino Faria de Alencar.

(8) Primeiros tenentes, Alvaro Ribeiro da Graça, Viriato Duarte Hall, Augusto Clemente Monteiro de Barros e Ignacio Joaquim Ribeiro.

(9) Capitães tenentes, Lindolfo Malveiro da Motta e Candido dos Santos Lara; Primeiros tenentes, Francisco de Mattos, Alvaro Ribeiro da Graça e Pio da Silva Torelly e Guarda Marinha Alvaro Monteiro da Motta.

(10) Primeiro tenente reformado Francisco Cezar da Costa Mendes.

(11) Da *Gazeta da Tarde* extrahimos o seguinte :

« Um Capitão do exercito, commandante do Cruzador « Centauro », ao serviço do governo pseudo-legal, reclamou do commandante da linha de vigilancia de Sepetiba, vinte e dous individuos de dezoito a vinte annos de idade, que tinham sido aprisionados pelas forças ali estacionadas, de bordo do vapor « Uranus » que servia aos revoltosos, por occasião de ter esse

vapor encalhado para reparar as avarias soffridas quando forçou á barra do Rio de Janeiro.

Esses individuos foram todos fuzilados, sem processo, na ilha da « Pescaria », para onde foram levados, não obstante terem declarado serem prisioneiros dos revoltosos, de cujo bordo haviam fugido.

Suas sepulturas podem ser vistas n'aquella Ilha.»

Antes d'estes cidadãos foram tambem ali assassinados, por deliberação do mesmo Capitão Marcos Curio e do Capitão Tenente honorario da Armada Luciano de Abreu, diversos individuos. A relação incompleta d'essas victimas acha-se na secção dos «Appensos» *Victimas e algozes.*

(12) Este navio sustentou tão vivo fogo contra as baterias do governo que, por desconjuntamento de algumas chapas do fundo, foi a pique em frente ao Arsenal de Guerra.

Foi n'essa occasião de suprema angustia que, ainda sob o fogo de metralha, sua heroica tripulação, ao ser apupada pelas forças do Governo, respondeu-lhes disparando contra esses agonisantes moraes o seu ultimo tiro de honra !

(13) Este meigo e distincto amigo e chefe de familia, para descripção das qualidades do qual seriam poucas todas as palavras de encomio que podesse dirigir-lhe, fez toda a Campanha do Paraguay de onde regressou com o peito coberto de condecorações. Era uma gloria patria. Chamava-se Affonso Augusto Rodrigues de Vasconcellos e era Primeiro tenente reformado da Armada.

(14) Por occasião do primeiro ataque dirigido por Mello contra Paranaguá, explodiu uma insurreição na cidade que deu logar á prisão de cento e seis cidadãos.

Sobre elles eis os tellegrammas trocados entre o miseravel

General Pego Junior, commandante da Praça, e o seu igual General Enéas Galvão, então Ajudante General do Exercito.

« Ajudante General, Rio — Peço-vos ordem mandar fuzilar principaes chefes Federalistas, Paranaguá. — *General Pégo* ».
« General Pego, Curitiba.— Podeis fazel-o após conselho de guerra (farçantes !) porque o governo aprovará tudo.— *Marechal Enéas.*»

Esses infelizes foram postos em liberdade pelas forças revolucionarias no dia seguinte á occupação d'aquella cidade, e o *grande* General Pego veio parar em um cubiculo da Casa de Correição, como traidor, e como tal respondeu a conselho de guerra !

Este facto está descripto com mais detalhes na obra já citada, do bravo Coronel Jacques Ourique.

(15) Entre fortalezas e pontos fortificados, das praias e morros, rodeavam Willegaignon desenove baterias ao todo !
E ella a tudo resistiu estoicamente ! !

(16) Primeiros tenentes, Silvio Pellico Belchior, Luiz Timotheo Pereira da Rosa, Leonisio Lessa Bastos, Antão Corrêa da Silva, Alipio A. Dias Colona, João Huet Bacellar Pinto Guedes e José Liduino Castello Branco.

(17) Segundo me informaram pessoas insuspeitas e dignas de todo conceito, até o Sr. Dr. Candido Barata Ribeiro, esquecido talvez de que é neto de uma das muitas victimas da tyrannia do seculo passado,—o venerando brazileiro Dr. Cyppriano José Barata de Almeida, — prestou-se tambem a defender este governo, a que os homens de bem, aliás, só deveriam *já então* qualificar de —governo do punhal, da gazua e do veneno—collaborando em um dos «*Corsarios*» da epocha, o incomparavel «Diario de Noticias», esse mesmo jornal cujo redactor principal, o Dr. Azeredo, teve mais tarde de fugir, porque pensando já ser tempo de apagar a vela ao Deus de então—a Tyrannia—para acendel-a ao Diabo tam-

bem de então—a Revolução—atreveu-se a publicar cousa que desagradou ao Despota.

Esta nova causou-me sorpresa porquanto,se o facto de ter sido o Sr. Dr. C. Barata membro do governo, na qualidade de Prefeito do Districto Federal, o poderia absolver de tal procedimento; mais alto deveriam bradar-lhe a que procedesse de qualquer outro modo, não só o facto de haver-lhe o Almirante Saldanha restituido um filho que cahira prisioneiro das forças da Esquadra no combate de Mocanguê, onde as tropas do governo, de que fazia parte como soldado patriota, foram completamente desbaratadas; mas ainda por não poder chamar-se á ignorancia,sobre a serie vergonhosa de crimes de toda ordem praticados pelo governo e já do publico dominio; a menos que não preferisse abdicar do conceito em que soubera se manter, de — civilisado, honesto e intelligente.

O que porém sorprehendeu-me sobre modo, foi que só a 7 de Fevereiro de 1895 viesse o Sr. Dr. C.Barata, em seu compridissimo «Manifesto á Nação»,declarar-se a favor dos Federalistas, esquecido que a Revolução Federalista, que explodira a 5 de Fevereiro de 1893, perdurou durante todo o tempo em que S. S. na qualidade de Prefeito do Districto Federal, servia á Politica d'esse governo de bandidos e canibaes !

O que me sorprehendeu sobre modo,foi que para tão tarda confissão viesse S. S. a golpes de grosseiros sophismas, pretender seccionar, em dois grupos distinctos, a pleiade dos immortaes defensores da honra e liberdade publicas d'este inditoso povo—Os Federalistas no Sul e a Marinha de Guerra Brazileira n'esta Capital — qualificando os primeiros (eu lhe agradeço por elles) de defensores da Constituição,e os segundos, de violadores da paz publica; para assim indicar ao actual governo a absolvição d'aquelles, e apontar estes como factiveis de qualquer punição !

Valha-lhe ao menos que acaba de encontrar echo n'esse Barão, que a 15 de Novembro defendeu a Monarchia de rewolver em punho, e que depois da missão á China veio, meigo como um cor-

deiro, ajoelhar-se aos pés de Floriano Peixoto, isto é ; do traidor que ajudou a banir essa mesma Monarchia, da patria.

E tudo isso sorprehendeu-me, porque no silencio bem poderia S. S. encontrar modo honesto de furtar-se a offender áquelles a quem deve mais que a vida do seu filho, (por dever-lhes os carinhos de toda ordem que lhe foram dispensados quando ferido, e prisioneiro da Esquadra) e para os quaes pedia no seu Manifesto punição, desejoso talvez de que essa Tyrannia da gazua e do veneno, envergada na sobre-casaca verde e enfeitada de guizos amarellos, viesse substituir uma outra mais digna d'esse povo : a dos Vespasianos e Godolphins, isto é; a do—Chicote e Palmatoria—mas, trajando a *toilette* simples dos boçaes — jaqueta e tamanco !

(18) Esta scena de sangue, conforme me informaram pessoas insuspeitas, foram executadas do modo seguinte :

O Coronel Moreira Cezar, d'ella encarragado, a pretexto de precisar de gente para as obras militares em andamento na Ilha do Boqueirão, reclamava do Commandante da Fortaleza da Ilha das Cobras, onde se achavam presos esses infelizes marinheiros e outros cidadãos, que lhe mandassem o numero de presos que pudessem. Os infelizes eram-lhe então remettidos por grupos, convenientemente escoltados, e ao chegarem á infausta Ilha, eram, acto continuo, assassinados a tiro de fuzil, depois de preparados, conforme descrevo !

D'esse crime deve ter conhecimento o então Commandante da Fortaleza da Ilha das Cobras, o qual, alarmado por não lhe serem devolvidos esses presos, que estavam sob sua guarda, dirigiu-se ao Itamaraty para communicar o que se passava, e ao voltar de lá, resolveu pedir exoneração do commando que exercia, o que lhe foi concedido.

Os nomes d'estas victimas e respectivos algozes acham-se na secção dos « Appensos » *Victimas e algozes*,

(19) Primeiro tenente Antão Correia da Silva e Guardas-

marinha, Trajano Galvão de Carvalho Bulhão, Antonio Dias de Pinna Junior, Heraclito Belfort Gomes de Sousa e outros.

(20) Primeiros tenentes, Alipio A. Dias Colona, José Martins de Moura Rangel e Antão Correia da Silva; Guardas-marinha, Oscar d'Avila Muniz Ribeiro, Conrado Luiz Heek, Mario Cesar Borman de Borges, Ignacio Joaquim Ribeiro e Raphael Brusque e Aspirantes, Ernesto Frederico da Cunha, Alexandre Coelho Messeder, Carlos Alves de Souza, Raul Tavares, Celso Gonçalves e Othon de Carvalho Bulhão.

(21) Esta derrota foi completa. Os revolucionarios tiveram o pavilhão branco arvorado na *Ponta d'Areia*, *Armação* e outros pontos da cidade de Nictheroy, durante muitas horas, e só depois de desampararem estes pontos, por verem que n'elles não se poderiam manter, é que as forças do governo os vieram occupar de novo, cantando victoria!

O author d'essa comedia foi o *valiente* General Argolo, que ganhou por isso seu *espadim* de ouro, e teve manifestação... sim senhor!

(22) Magalhães diz em seu poemeto a Napoleão:

« Basta guerreiro! Tua gloria é minha;
Tua força em mim 'stá. Tens completado
Tua augusta missão. És homem; pára.»

(23) Depois do exilio de S. M. O Imperador, deram-se factos que não podem deixar de chamar a attenção de qualquer espirito observador. Taes foram entre outros os seguintes:

O do Capitão Tenente Guilherme de Souza Serrano que ao voltar da Europa, da commissão de transportar o Imperador para o exilio, só gozou saude o tempo bastante para assistir a morte de suas duas filhas, acommettidas de variola confluente, tendo

succumbido logo depois dellas, de longa enfermidade e no meio de atrozes soffrimentos :

A quéda do grande propagandista Silva Jardim, na cratera do Vesuvio, quando em *viagem de recreio* pela Europa, para fugir ao abandono que lhe dispensava sua filha predilecta, a recem-nascida *republica* :

O delirio do Dr. Bejamim Constant, tambem republicano historico e Ministro do Governo Provisorio, fazendo que, nos ultimos dias de sua penosa enfermidade, só tomasse medicamentos, quando lhe affirmavam que assim o determinava S. M. O Imperador :

O incendio do Lyceu de Artes e Officios, devorando os diversos utensis pertencentes á familia Imperial, que haviam sido *arrematados* (?) pelo Director d'aquelle estabelecimento, o Dr. Bittencourt da Silva, *em um leilão já anteriormente embargado :*

O accesso de coprophagia (de *χόπρος* exerementos, e *φαγᾶς* comedor) que acommetteu o Senador da Republica, Dr. Aristides da Silveira Lobo, um dos mais acerrimos detractores da familia imperial, e Ministro do Governo Provisorio :

O accesso de loucura megálo-maniaca (de *μεγαλο* grandeza e *μανία* furor) de que foi victima o Dr. Vicente de Souza, tambem propagandista republicano :

O facto de ter sido o Estado do Rio de Janeiro e esta Capital, que tão indifferentes se conservarám deante da quéda da Monarchia, os que mais tem soffrido durante a republica; aquelle com a revolução que hostilisou a cidade de Nictheroy de modo a obrigar o governador do Estado a refugiar-se em Petropolis, (a cidade imperial) para onde mudou a séde da Capital ; e esta com diversos desastres, como fôssem — a explosão das carroças que conduziam polvora para as forças do Despota, em serviço na mortona, e que destruiu grande extensão do bairro da Saude ; o incendio da barca de Nictheroy em pleno dia; os continuos descarrilhamentos na Estrada de Ferro Central ; o enorme incendio da Ilha dos Melões, etc. :

A revolução de 6 de Setembro, servindo para esmagar a Marinha que contribuiu, pela sua desidia, para a proclamação d'esta *republica*, dando assim ganho de causa ao Dictador, que punia este povo, ensanguentando-o e arruinando-lhe os haveres:

E finalmente o facto da morte d'esse mesmo Dictador, que foi o traidor do throno, ter tido logar, logo depois de uma molestia que lhe robou a razão nos ultimos de vida, no dia de S. Pedro e fóra d'esta Capital, para que, devendo seu cadaver ser para ella transportado pela Estrada de Ferro Central e mais tarde para casa de sua familia no Pedregulho, tivesse de passar, como de facto passou, pela outr'ora quinta imperial, ao estampido dos foguetes e outros fogos de artificio queimados em honra do Santo d'este dia.

Quem, alem d'esses factos, attentar, que o vapor «Alagoas» que transportou o Imperador ao exilio, foi o mesmo que conduziu tambem os treze generaes deportados para Cucuhy, e que recebeu e abrigou diversos revolucionarios da Esquadra:

Quem attentar ainda que o Almirante Custodio José de Mello, que atirou o principe brazileiro nas costas da França em obediencia á revolução de 15 de Novembro de 1889, foi tambem atirado nas costas de um paiz estrangeiro pela revolução de 6 de Setembro de 1893:

Quem attentar mais que, assim como a revolução republicana sacrificou no exilio o nosso Imperador, como seu *agnus-dei*, assim tambem a revolução intitulada restauradora immolou no exilio Saldanha da Gama, como legitimo *agnus-dei* da Marinha:

Quem attentar finalmente que esta *incomparavel republica tem já custado* ao Brazil cerca de trinta e cinco mil almas, sacrificadas em guerras civis e desastres, e um milhão esterlino em accrescimo de divida publica, ha de forçosamente por sceptico ou livre pensador que seja, perguntar como eu:

« Quando se viu jamais o Céo tão proximo da Terra ? ! »

E a punição, que não pára, ha de ficar completa, esperamos nós; pois, se Gumercindo e Saldanha, esses *escolhidos*

para remir com o seu nobre e limpido sangue o crime de uma parte das duas collectividades sociaes traidoras ao Throno e á Nação—o Exercito e a Armada—cahiram; outras espadas não menos fulgurantes ahi ficaram, abatidas é certo, porém immaculadas e fulgentes bastante, para continuarem a grande obra da libertação d'este povo, já fartamente punido pelas mãos do Despotismo, do Estellionato e da Depravação.

(24) O tempo veio demonstrar esta predicção.

Ainda em vida do Tyranno, já um de seus ministros, o Dr. Felisbello Freire, ao ser accusado de prevaricações, protestava sua innocencia en longos artigos em que procurava atirar toda a responsabilidade de seus actos criminossos sobre elle. Depois de sua morte então, foi uma vergonha!

O General Quadros protesta não ter responsabilidade alguma dos assassinatos do killometro 65, que affirma terem sido executados por ordem emanada do Rio de Janeiro; o Coronel Pires Ferreira e Dr. Vicente Machado ambos Senadores, procuram isemptar-se da responsabilidade que lhes cabe em taes crimes, proferindo impagaveis discursos no Senado!

Quanto a apostazias politicas, nem fallo n'ellas, pois seria fastidioso enumeral-as!... Um paiz podre!

Poderemos acaso appellar para a geracão nova, educada e edificada por tantos e tão *nobres* exemplos? !

(25) Refiro-me ao Capitão de Fragata Augusto de Castilho, commandante da corveta portugueza.

(26) O Espetro refere-se á revolução de 23 de Novembro de 1891, á cuja frente se achou o Almirante Custodio José de Mello, e que apeou do governo o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, signatario do primeiro (?) acto de despotismo na Republica—o Decreto dissolvendo o Congresso Nacional *de sua eleição*.

(27) O Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, logo que chegou a Montevidéo, onde desembarcou da Corveta portugueza com os officiaes e praças que se haviam n'ella aqui refugiado, foi apresentar-se ao Commandante em chefe das forças revolucionarias do Rio Grande do Sul, o qual commetteu a gentileza de empossal-o immediatamente de seu commando. Uma honra que o futuro e os factos encumbiram-se de demonstrar quanto era elle digno de acceital-a.

(28) O governo desconfiando sempre da lealdade dos officiaes de marinha que se lhe conservaram fieis, fez embarcar em cada navio um certo numero de cadetes e officiaes do exercito que serviam de verdadeiros espiões d'aquelles, e tripulou por sua vez outros, somente com officiaes e praças do exercito, para melhor garantir-se. E tudo isso foi acceito com boa cara por esses *immortaes* servidores da Tyrannia, cujos nomes acham-se assignalados com uma *, em uma das relações da secção dos « Appensos » *Os serventuarios da Tyrannia*, para que passem á posteridade. São poucos, mas todos *heroes*, e como taes foram promovidos !

Nunca se cogitou porém que a tanto podesse descer, nem mesmo, por pequena que fôsse, uma parte da gloriosa Marinha brazileira!... Ha porém uma mercadoria de que ainda se não conseguiu abrir mercado : o brio.

(29) O Espectro allude aos serviços prestados na guerra do Brazil contra o governo do Paraguay, por este official, a quem nenhum outro exedeu então em valor, constancia, e brio militar.

(30 O Espectro refere-se ao Sr. Almirante Francisco Jeronymo Gonçalves, que n'essa epoca ainda não havia acceitado que o Dictador Peixoto propuzesse á Nação pagar-lhe com dinheiro os serviços por elle prestados contra seus irmãos de

classe, os revolucionarios da Armada, enviando á Camara de seus illustres designados— os representantes do sitio e do terror— uma mensagem pedindo que lhe fôsse concedida, por taes serviços, a quantia de duzentos contos de reis!

Essa mensagem que passou em uma tal Camara para vergonha da Civilisação, mas credito d'ella, cahiu felizmente no Senado, para honra da nossa patria e d'aquelles que a regeitaram.

(31) O Espectro refere-se a conhecida comedia *O Phantasma Branco.*

(32) É a esposa de um dos nossos companheiros de prisão o Sr. Luiz José Rodrigues Machado.

(33) O Governador do Estado do Rio, a que pertence esta inditosa cidade, que dista apenas duas horas de viagem quer da sua capital quer da capital da União e onde se commetteram os mais degradantes actos de selvageria, era o doutor em medicina José Thomaz da Porciuncula; o mesmo que respondendo a uma reclamação da commissão da Camara Municipal de Therezopolis, pedindo subvenção para construcção de uma estrada ligando esta cidade a Petropolis, para onde fora mudada a capital do Estado, ameaçou-a dizendo, que se continuassem a importunal-o com exigencias d'essa ordem, mandaria proceder para com aquella cidade como se havia procedido para com Magé!

Cumpre observar que toda essa brutalidade não passava de um —legitimo assomo de aspirações a despota— visto tratar-se de um individuo nullo, prejudicial, e ao qual o Governo não dava importancia superior a que lhe mereciam os muitos capachos d'essa ordem com que se servia.

(34) As delapidações não foram somente praticadas por officiaes e praças deshonestas, não:

Na cidade da Lapa o proprio *governo da legalidade* mandou

vender em hasta publica as propriedades do Dr. José Pacheco, apoderou-se da importancia realisada, superior a trezentos contos, e prohibiu que as familias fizessem manifestações publicas de pezar quando soubessem do asssassinato de qualquer de seus membros.

(35) O saque começou no dia 21 de Fevereiro de 1894, sob a direcção do coronel Manoel Joaquim Godolphim que, ao chegar a essa cidade, disse : « Eu fui pr'aqui mandado para destruir ; quem quizer que venha depois reconstruir. » Durante o tempo de seu commando as reclamações eram punidas a pranchadas, e os mais recalcitrantes assassinados a tiros de fuzil, como teve logar com os inditosos Antonio Foriél Muniz, Camillo José da Silva e outros que o tempo descobrirá. Continuou com menos crueldade do dia 28 de Fevereiro em deante, isto é, quando a guarnição da cidade foi entregue ao Tenente-coronel João Justiniano da Rocha, o qual aliás iniciou sua administração, castigando tambem com pranchadas, em praça publica, os cidadãos que se queixavam dos roubos que soffriam, como succedeu com o negociante turco Jorge Suliva, que foi punido com cincoenta pranchadas, por desejar saber com quem ficara a quantia, superior a 1:000$, que lhe fôra roubada pelo alferes Adelino Guaicurus Piranema ; e terminou no dia 21 de Março, data em que foi commandar a guarnição da inditosa cidade, o caridoso e distincto brazileiro, o coronel Luiz Vieira Ferreira, um dos bravos da campanha do Paraguay.

D'esta tragedia de esbordoamentos, perseguições,roubos, vinganças de passados odios, defloramentos, profanação de templos, assassinatos e quantos mais attentados occorreu ao canibalismo d'essa soldadesca, foram principaes comparsas, como se póde verificar pelos depoimentos dos mais distinctos habitantes desta cidade, trazidos a publico pela redacção do *Jornal do Brazil* (mezes de Janeiro e Fevereiro de 1894), os seguintes cidadãos :

No recinto da cidade o Major Augusto Amorim e os notaveis defloradores de menores, os Alferes, J. S. Carneiro e J. A. Teixeira,

cabo Apolinario e outros; e nas propriedades circumvizinhas os Alferes, Lima e Silva e M. Gago Quintanilha e o *incomparavel patriota*—Francisco José da Cunha (este tornou-se até *exportador* de generos e negociante de cavallos), á frente de cem praças, todos commandados pelo *grande* Major Jeronymo Dias de Oliveira, que irrompia pelas fazendas, exclamando: «Camaradas, agora estamos em territorio de revoltosos e podemos saquear e matar livremente»; sendo que este nem sequer respeitou os templos, pois despojou as imagens da capella da fazenda do «Engenho Velho» de quantas joias encontrou!»

Os nomes já conhecidos do maior numero desses *herócs* acham-se na «Secção dos Appensos» *Victimas e algozes*. Eu ahi os consigno, leitor, para que, assim conhecendo-os, possaes abotoar o vosso casaco e engatilhar as vossas pistolas se por acaso tiverdes a desventura de vos encontrardes com tão *illustres cavalheiros*...

(36) Attila, o notavel tyranno que se appellidava—o flagello de Deus— que dizia-se mandado á terra para castigar a humanidade, e asseverava que não cresceria mais a relva dos campos onde passassem as patas de sua alimaria, foi menos selvagem por certo, tratando com povos estrangeiros inimigos, do que o foram para seus proprios compatriotas esses canibaes, que no emtanto se intitulavam— *defensores da lei e salvadores da Republica*—qualificativo improprio com que pretendem apresentar ao mundo civilisado esse estado de menospreso de todas as virtudes civicas e de consummação dos mais inacreditaveis crimes, sob as garras dos quaes se debate ha cinco longos annos nossa inditosa nacionalidade.

De facto, Attila, ora recuava deante da palavra inspirada do santo arcebispo de Loup, assim poupando Troyes do furor de seus soldados, ora respeitava a bella Paris, movido pelo discurso sagrado de Santa Genoveva, ora estacava deante das portas de Roma ante o signo sacrosanto da Cruz do Redemptor,

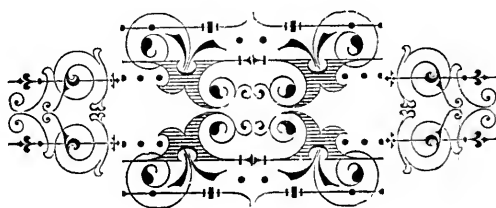
que d'ali supplicante lhe apresentára a figura veneravel do velho S. Leão Primeiro; emquanto que, para esses bandidos, não houve pranto de mãe, supplicas de orphãos, lagrimas de virgem, invalidez, decrepitude, nada, nada, emfim, que lhes tolhesse o furor: — elles tinham ido *á inditosa Magé para destruir e podiam portanto, roubar e matar livrémente* !!

(37) Esses infelizes foram todos enterrados em um só fosso! As cruzes a que o Espectro se refere são as que certamente a Posteridade collocará algum dia sobre seus novos jazigos.

(38) É um dos factos mais notaveis para a Historia da Dictadura Militar no Brazil.

Este sargento, de desenove annos apenas, com uma sagacidade, presença de espirito e bravura admiraveis n'esta edade e em um espirito tão pouco culto como o seu, conseguiu trancar na sala das refeições da Fortaleza de Santa Cruz todos os officiaes d'esta praça de guerra, a mais importante do Brazil, e depois, mandou intimar o Marechal Floriano Peixoto que entregasse o poder que havia usurpado, em face do art. 41 da nossa Constituição! Esse bravo teria conseguido seus intuitos se não lhe tivessem falhado outros elementos, de ante mão combinados, entre os quaes a propria Marinha com que contava e que faltou-lhe á ultima hora. Mesmo assim o Governo da Tyrannia tremeu por alguns dias!

(39) São muito conhecidas no Brazil as aventuras galantes d'esse idoso general, pelas praias de Olinda. Essas aventuras e as tentativas para execução de outras de egual natureza, aliás repellidas pelas familias do Recife, afastaram-no do convivio da sociedade Pernambucana, nos ultimos tempos de sua administração militar, no Estado de Pernambuco.

A relação incompleta das victimas d'esse general e dos executorés de suas ordens acha-se na secção dos «Appensos» *Victimas e algozes.*

APPENSOS

Du Verbe de Dieu est sortie la création des êtres, du verbe de l'homme sortira la société des peuples.

V. Hugo.

DEFESA

DO

PRIMEIRO TENENTE REFORMADO, ATANAGILDO BARATA RIBEIRO

no Conselho de Guerra a que respondeu, em 14 de Fevereiro de 1895

Illms. Srs. Presidente e mais membros do Conselho de Guerra.—Tendo sido intimado para responder ao Conselho de Guerra, por vós constituido, por suspeito de haver commettido crimes interessando á revolução, que ultimamente alarmou o paiz ; peço-vos vénia para sujeitar á vossa apreciação as presentes considerações que me induzem a protestar contra essa deliberação do Governo, a que aliás me curvo, pelo acatamento que sempre me mereceu e merece o principio da authoridade constituida, que ora representa o mesmo governo.

Por occasião da discussão dos requerimentos em que diversos officiaes reformados, presos politicos, pediram habeas-corpus ao Supremo Tribunal Federal, um dos seus membros, o Dr. José Higino, demonstrando á evidencia em seu luminoso e integro parecer, que o foro civil era o unico legal para o julgamento dos crimes, porventura commettidos por taes officiaes, quando no exercicio de sua vida civil ; implicitamente affirmou que, só com grande irreve-

rencia ao direito constituido, poderia o Governo determinar em contrario.

O Supremo Tribunal Federal, por sua vez, com o accordão pelo qual me concedeu habeas-corpus, não só reconheceu tambem implicitamente a competencia do foro civil para os casos da minha especie, mas eximiu-me outro-sim de responder a qualquer sorte de processos, com a declaração de me haver concedido liberdade, por não ter encontrado nas peças accusatorias que me diziam respeito, prova para o longo tempo de prisão a que fôra submettido aliás sem culpa formada.

Quando porém esses factos não tivessem força bastante para elucidar o direito estabelecido na lei que regula o assumpto de que se trata, o proprio codigo da Marinha de Guerra o firma de modo claro e inconcusso, porquanto

Quer na distinção que faz dos culpados, quer na classificação que estabeleceu dos crimes (inclusive dos *Crimes contra a segurança interna da Republica* » colleccionados no capitulo 1° livro 2°) usa sempre da mesma phrase quando trata das pessoas a que se refere, dizendo : **Todo individuo ou pessoa ao serviço da marinha de guerra.**

Este Codigo, portanto, estatue assim de um modo tão insistente que o foro militar só deve ser applicado aos julgamentos dos cidadãos civis ou militares ao serviço da Marinha de Guerra, que, consequentemente, exclue desse numero os militares retirados do mesmo serviço, como occorre commigo e muitos outros officiaes reformados da armada e do exercito. Assim demonstrada em face da lei e do despacho do Supremo Tribunal Federal, quer a improcedencia do pro-

cesso a que vou ser submettido, quer a incompetencia do foro que me deve julgar, vou finalisar as presentes considerações occupando-me por ultimo da defeza dos actos que me foram imputados.

Felizmente para mim, nem encontrei necessidade de apresentar-vos testemunhas de defeza, nem tenho carencia de demonstrar a falsidade das accusações de que fui victima, porquanto : para occorrer á primeira d'essas urgencias, servem-me as proprias testemunhas da accusação, e para resolver a segunda supprem-me os seus respectivos depoimentos.

De facto, e conforme fiz ver, quando interrogado sobre o assumpto :

Ou me sobrava talento e actividade para concepção e realisação do plano de ataque que, contra o Governo fui accusado de estar desenvolvendo, e nesse caso manda a sã razão reconhecer a falsidade dos depoimentos das testemunhas da accusação, por não caber a nenhum espirito lucido admittir que tivesse eu communicado tão importante quão reservado plano de conspiração a individuos com os quaes não entretinha relações, como se infere de seus proprios depoimentos; ou ao contrario as accusações de que se trata synthetisam a verdade, e eu de facto inteirei taes individuos do alludido plano de conspiração ; e n'essa hypothese, aliás absurda, mandaria o simples bom senso, em commum accordo com a mais severa justiça, que fosse eu submettido a uma junta de psychiatras para um exame de sanidade, mas, nunca intimado a comparecer perante um tribunal de qualquer ordem que fôsse.

Taes são as considerações, que julgo opportuno exarar com relação, quer á intimação que soffri e a vossa nomeação para este conselho, quer ás peças juridicas a que acabo de me referir, e que submetto ao vosso esclarecido e criterioso julgamento.

Capital Federal, 14 de Fevereiro de 1895.

ATANAGILDO BARATA RIBEIRO.

NO

ESTADO DE SITIO

O *O Paiz* de 11 de Outubro de 1893 publica uma carta assignada pelo cidadão João Pinto Pimentel onde se lê o seguinte trecho :

N'esta deploravel pendencia quando se quer convencer a opinião com tiros de canhões, não admira que n'essa pequena cidade, completamente desguarnecida, fôssem ameaçados o lar e a vida de uma indefeza mulher, com a força bruta de vinte marinheiros e seus respectivos commandantes.

Certamente o cidadão Pimentel e a redacção do *O Paiz* não sabem que aqui, em plena Capital Federal, debaixo das vistas do *patriotico e justiceiro* Governo do Marechal Floriano Peixoto, foram commettidas as maiores violencias contra uma mulher indefesa, só pelo grande crime de ter feito viagens á Ilha de Paquetá, quando não havia absolutamente prohibição do governo, e a estrada do Norte continuava a levar e a trazer passageiros todos os dias !

Eu pretendia, acabado o *Estado de Sitio,* trazer ao conhecimento do publico todas as violencias e afrontas que soffri.

Recebi ordem de prisão no dia 2 do corrente ás nove horas da noite, ao saltar de um bond, no Largo da Lapa; vinha de Villa Isabel, e observei aos beleguins encarregados de prender mulheres, que eu ainda não havia jantado e que portanto era mister ir em casa; consentiram, depois de grande reluctancia, exigindo os Srs. agentes que eu jantasse na sala de visitas, em presença d'elles. Acabada a minha ligeira refeição, segui para a policia acompanhada de quatro *secretas*. Foi isso uma das muitas gentilezas que fiquei devendo ao Sr. Dr. Chefe de Policia; as outras citarei no correr de meu artigo, para que fique bem patente a delicadeza com que fui tratada; e para que o publico compare o procedimento do Sr. primeiro Tenente Francisco de Mattos, em Angra dos Reis, com o procedimento da policia da Capital Federal, vou continuar o historico de minha prisão.

Cheguei á policia ás dez horas da noite, ahi permaneci até ás onze horas na sala dos *passos perdidos*, como muito bem appelidou o Dr. Martinho Garcez; a essa hora os mesmos agentes que me tinham conduzido, convidaram-me a voltar á minha casa, sem saber sequer a razão porque tinha sido incommodada na tranquilidade de meu lar. Na minha volta acompanhou-me, alem dos quatro agentes, o Dr. Ernesto Cohn, delegado; eu estava curiosa pelo desenlace d'essa comedia que já estava se prolongando; sentia-me fatigada, e fiz ver aos agentes que não iria a pé da rua do Lavradio á rua da Gloria; esperamos portanto o bond, não sem um protesto do Sr. Dr. Delegado Cohn, que achava muito luxo para quem era conspiradora. Só então fiquei sabendo do que me accusavam, e fiquei sabendo mais que

os conspiradores devem vencer grandes distancias a pé ; é um castigo moderno inventado pelo Dr. Ernesto Cohn. Cito o autor para que não furtem o privilegio de S.S.

Chegando á minha casa, o Sr. Dr. Delegado perguntou pelos meus aposentos, e acompanhado de um *secreta* começou a busca, emquanto os outros agentes ficavam na sala de visitas e no corredor.

Não posso deixar de registrar aqui a insolencia, o máu humor e a falta de delicadesa que o Sr. Dr. Delegado revelou durante o tempo da busca.

Foram abertos todos os moveis, remechida e lida a minha correspondencia e a de pessoas de minha familia que estavam ausentes ; toda a casa foi devassada, e o Sr. Dr. Delegado, no seu papel de Javert mercenario, não se esqueceu do caixão do lixo e dos vasos nocturnos : tudo S. S. remecheu, entretanto não achou uma unica prova de conspiração. Sentia-se desalentado, pois, segundo me disseram, o joven Delegado estreiava essa noite, e certamente queria se distinguir encontrando alguma prova material do meu crime. Lamento a derrota de S. S. e prometto para outra vez preparar alguma prova que distingua esse Javert da situação.

Terminada a busca que foi demoradissima, S. S. intimou-me a voltar para a policia afim de ser interrogada ; protestei allegando que já estivera lá.

Era muito tarde e sentia-me por demais fatigada : pedi que guardassem a minha casa e me consentissem repousar até o dia seguinte, e que então eu iria submetter-me ao interrogatorio.

Alleguei mais que tinha em meu poder uma criança de oito mezes que não podia prescindir dos meus cuidados durante a noite: tudo foi em vão, levaram-me violentamente para a policia. Era uma hora da madrugada!

Encontrei-me de novo na sala dos *passos perdidos*; os *secretas* olhavam-me com curiosidade e insolencia, emquanto eu aguardava o interrogatorio com impaciencia; d'ahi a algum tempo fui convidada a entrar no gabinete do Dr. Corrêa Dutra que interrogou-me do seguinte modo:

« O que foi fazer a senhora a Paquetá, sabendo que a Ilha está em poder dos revoltosos? Eu respondi a S.S. que tinha ido visitar uma familia do meu conhecimento. O Sr. Dr. Delegado affirmou que eu tinha estado a bordo do *Aquidaban*, e fallava com uma convicção que parecia que tinhamos sido companheiros de viagem. Neguei a affirmativa de S. S., allegando que era muito timida para ir a bordo de um vaso de guerra; disse mais que S. S. tinha sido enganado, que eu não era conspiradora, que só havia conspirado a 23 de Novembro para ascenção do Sr. Marechal Floriano Peixoto, pela razão de pertencer n'essa epocha ao « Centro do Partido Operario »; que ha um anno me havia desligado d'esse gremio, e que não tratava absolutamente de politica; que não era *Custodista* nem *Florianista*; queria o governo que maior somma de beneficios trouxesse á minha patria, dando preferencia ao governo civil que parecia-me mais consentaneo com a indole do nosso povo; a dictadura me repugnava como republicana sincera que sou. O Sr. Dr. Delegado indignou-se e disse que eu estava pregando theorias do Sr. Almirante Custodio de Mello, e

que por isso não merecia condescendencia ; que o Sr. Dr. Chefe de Policia não me interrogava aquella noite por estar cançado. N'essa occasião o Sr. Dr. Bernardino sahia tranquillamente da sala, conversando com seus amigos.

Deixava de interrogar-me, dando ordens aos seus asseclas que me conduzissem para o *xadrez*. Eu protestei, dizendo que não era uma criminosa, que não sahiria daquella sala senão para vir para minha casa. Então o Sr. Dr. Delegado praticou um acto improprio do coração brazileiro, sempre magnanimo ; praticou um acto de selvageria, que patenteou bem os desvarios dos fanaticos e mercenarios do marechal Floriano Peixoto.

O Dr. Delegado, diante da minha reluctancia, baseada na justiça e na razão que estava do meu lado, deu ordem a dous agentes que me arrastassem para baixo ; esses homens dirigiram-se então a mim e pediram-me que obedecesse ás ordens do Dr. Delegado, que não os obrigasse ao villipendio de arrastar uma mulher, que eram subalternos, tinham de cumprir ordens, e muito lhes custaria praticar uma violencia contra uma mulher indefesa, cujo crime não estava provado.

Nesse momento senti uma grande dor, comprehendi quanto se tinha rebaixado o brazileiro que me mandava conduzir a rastros para o *xadrez*, a mim que só tenho tido uma preoccupação — a liberdade da minha patria e a consolidação da republica. — O vexame que eu soffria naquelle momento no meu pudor de mulher prestes a ser tocada por homens estranhos, era nada diante da imagem da Patria que se via tambem conspurcada por homens cynicos,

que abjuram a fé dos sentimentos naturaes e trocam o amor da Patria pelos interesses exclusivos de suas egoisticas pessoas. Segui para o *xadrez* afim de poupar ao Sr. Dr. Dutra a exhibição de um espectaculo de violencia que muito agradaria á sua indole perversa e á sua falta de educação e de gentileza. Aguardavam-me ainda novas sorprezas n'essa noite tão dolorosa para mim. Abriu-se uma porta de grades de ferro, e eu me achei de repente n'um corredor humido e infecto, a que davam o nome de sala livre do *xadrez*. O carcereiro disse-me que tinha ordem de introduzir-me n'um cubiculo que estava occupado por tres mulheres de côr preta — uma desordeira incorrigivel, outra embriagada, e a terceira louca!

Nesse momento vi por um pequeno buraco que communicava com o corredor, o antro que me estava destinado. Era horrivel! Em cima de um estrado immundo debatia-se n'uma gritaria infernal, o vicio, a prostituição e a loucura; e era ahi o logar que a generosidade do Sr. Dr. Delegado me tinha destinado! Disse então ao carcereiro que preferia ficar no corredor, pedi uma cadeira, que me concederam, como um grande obsequio, attendendo á gravidade de meu crime. Ahi passei o resto d'essa noite tão cheia de peripecias para mim.

Pela manhã a sala livre do *xadrez* foi invadida por doze homens da escoria social, gatunos, vagabundos, assassinos, todos vieram tomar logar n'um banco muito proximo da cadeira onde eu tinha passado a madrugada e onde me achava ainda aguardando a minha sorte; esperei até ás tres horas da tarde, sem dormir, sem comer, pois nem

sequer um pão me tinham mandado ! O Sr. Dr. Chefe de policia não tinha se dignado interrogar-me, poupando-me assim o supplicio da fome, pois eu teria reclamado contra esse castigo proprio de selvagens.

Ás tres horas disse ao carcereiro que mandasse-me conduzir para cima, pois achava-me muito doente e precisava ir á sala dos medicos ; após muito tempo de espera me levaram á presença de um medico, a quem me queixei que me sentia muito doente, e que acreditava que a grande cephalalgia que tinha era devida á falta de alimentação, pois não havia tomado nem uma chicara de café, e eram quatro horas da tarde !

Estava febril, tinha vertigens e uma forte inflammação de garganta, devido á humidade do solo ; pedi então ao medico que intercedesse por mim junto do Dr. Chefe de policia, para que me removessem para um logar onde eu ao menos pudesse estar só, pois estava espartilhada ha perto de vinte e quatro horas, fóra de todos os meus habitos, e privada até das necessidades naturaes. Estava no mesmo corredor com doze homens, e isto me vexava muito, me sentia offendida e não podia perdoar tamanha offensa a minha pessoa. Condemnar uma senhora educada a ouvir obscenidades, a estar em contacto com criminosos, não é proprio de um Chefe de policia moralisado. Emfim creio que o medico compadeceu-se da minha sorte ; tinha sido meu contemporaneo na Faculdade de Medicina, e isto predispoz um pouco o seu espirito a meu favor ; escreveu um bilhete e entregou ao agente que me acompanhava, dizendo-lhe que me levasse á presença do Tenente Coronel Cam-

pello, a quem eu devia pedir licença para tomar algum alimento, e para me retirar do meio dos gatunos e desordeiros. O agente pouco generoso e sedento tambem de vingança, entregou o bilhete ao carcereiro, um velho sem coração, que o guardou e me trancafiou de novo no *xadrez*, recusando-se me mandar á presença do Coronel Campello. Eram cinco horas da tarde e eu ainda me conservava em jejum !

Ás cinco e meia aceitei da generosidade de um soldado uma chicara de leite, e uma fatia de pão-de-Lot. No meio de toda a minha tristeza, de todo meu justo resentimento contra a gente de policia, ficou-me esta nota de gratidão que jámais esquecerei. Ás sete horas da noite fui chamada para cima afim de ser interrogada pelo Dr. Chefe de policia ; permaneci uma hora na sala dos secretas, exposta aos insultos grosseiros e obscenos dos expiões do Governo, pois o Sr. Dr. Bernardino estava em conferencia e ainda d'essa vez não se dignou interrogar-me.

Conduziram-me a um gabinete, e ahi fui interrogada pelo Dr. Cesario de Mello, segundo me disseram, pois não tinha o prazer de conhecer pessoalmente S. S., entretanto conhecia-o por tradicção como um transfuga do regimen monarchico, um adherente á republica, um cambista com segundas vistas de especulação, um elemento necessario emfim. O neophito da republica, prometteu-me os maiores castigos, caso eu não dissesse o que se passava a bordo do *Aquidaban*, S. S. esqueceu-se de que não sou mercenaria, e que não estou na escola dos que, para suster-se com o governo lançam mão de todos os meios reprovados ; sei mor-

rer se preciso for pelas causas que defendo, mais não sei trahir.

Disse a S. S. que me mandasse assassinar ou conduzir para a Detenção, que estavamos em *Estado de Sitio*, e que eu me submettia a tudo, menos a commetter infamias e traições. Estando eu me queixando do modo rude e cruel por que me trataram desde o momento que recebi voz de prizão, o mesmo Sr. Dr. Delegado disse que eu merecia um tratamento peior, por que me tinha communicado com os inimigos da patria.

« Quem vai a bordo do *Aquidaban* não póde esperar condescendencia, dizia o Sr. Delegado. »

E fallava com tanta eloquencia, e fingia tão bem de republicano, que quem não conhecesse a adherencia do Dr. Delegado pensaria que estava fallando com um propagandista companheiro de Silva Jardim e de Lopes Trovão. Esqueci um momento a minha situação para admirar S.S, que estava realmente sublime na sua indignação contra os inimigos da patria !

Fui conduzida á sala dos medicos e ahi fiquei esperando as ordens do Dr. Chefe de policia.

Ás oito e meia horas da noite entrou na sala onde eu aguardava a minha sorte o Sr. Ministro da Fazenda e diversos cavalheiros. O Sr. Ministro interrogou-me, e ficou admirado quando eu lhe disse que estava presa ha perto de quarenta e oito horas, sem comer, sem dormir, e me sentindo muito doente. S. Ex. prometteu-me então que eu sahiria em breve tempo, pois ia interceder por mim. D'ahi a alguns momentos fui chamada á presença do Dr. Chefe

de policia que interrogou-me, e aconselhou-me que não me mettesse em politica, nem fôsse mais a bordo do *Aquidaban* accrescentando que eu me retirasse. Santa ingenuidade, eu só esperava o conselho *paternal* do Dr. Bernardino para me retirar da politica.

Sahi da policia ás dez horas da noite quasi morta de fome, de somno e de cançaço. Tinha sido cruelmente tratada, entretanto não tive um instante de abatimento moral. Não chorei, não suppliquei, não dei aos meus inimigos o espectaculo da minha dor. Mostrei sempre um sorriso de desprezo, e creio que teria morrido impavidamente se o Sr. Dr. chefe de policia continuasse o supplicio que me impoz de dormir sobre uma cadeira de páo e não comer nem beber agua, sem ter confessado o meu crime de lesa-patria.

Fui recommendada a um *secreta* que não deixa a minha porta e que me acompanha noite e dia; é uma grande honra que eu agradeço ao Dr. chefe de policia e que dispenso de boa vontade. Se me fôsse permittido dar um conselho ao illustre chefe de segurança publica, eu diria a S. Ex. que tivesse menos *secretas* e mais hygiene no *xadrez*, pois essa grande verba que S. Ex. desperdiça, pagando centenares de agentes, serviria para alimentação dos desgraçados que são recolhidos ao carcere. Durante o tempo que S. Ex. obrigou-me a estudar de perto esse lado da sociedade que eu praticamente não conhecia, notei tres cousas que não devem tambem passar desapercebidas á S. Ex.—falta de hygiene, de alimentação e de caridade. É muito justo que se corrija o vicio, que se castigue o crime, mas não é justo que se inutilise pela infecção de um *xadrez* immundo e pela falta

de alimentação, homens que podem voltar ainda regenerados para o gremio da sociedade. Isto é atroz e deshumano, e admira que a Junta de Hygiene que se mostra tão severa quanto á limpeza dos cortiços, não comece a sua obra pelo *palacio* da policia. É o caso de dizer-se: *Casa de ferreiro espeto de páo.*

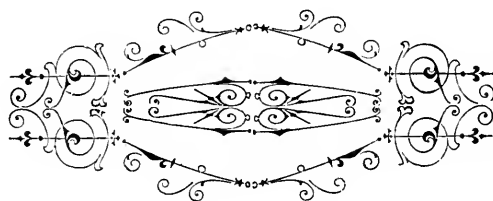
Historiando a minha prisão e tudo que observei de perto, mais uma vez peço ao cidadão Pimentel, á redacção do *O Paiz* e ao publico, que comparem o procedimento do Primeiro tenente Francisco de Mattos, em Angra dos Reis, com o procedimento da policia da Capital Federal.

Á sombra do *Estado de Sitio*, medida que só tem servido no nosso paiz para cevar os odios dos ineptos, commetteram-se as maiores violencias !

Em Angra dos Reis era um revolucionario que intimava uma funccionaria publica a deixar o seu posto ; D. Julia Cunha, resistindo, cumpria um dever de empregada zelosa do posto que lhe estava confiado. O Sr. tenente Mattos não violou o lar, penetrou em uma repartição publica.

Lá, foi apenas uma ameaça á uma senhora que reluctava em deixar o posto ; aqui foi um facto consummado de violencias e crueldades contra uma infeliz mulher, cujo crime só ficou provado nos cerebros obtusos dos aduladores do Vice-Presidente da Republica, desse tyranno que soube celebrisar-se.

No doloroso transe porque passei, ficou-me indubitavelmente no espirito a grande maxima da philosophia popular : se hoje é noite amanhã será alvorada.

ISABEL DE MATTOS DILLON.

OS SERVENTUARIOS

DA

TYRANNIA

These are the villains
Whom all the travallers do fear so much.

SHAKSPEARE.

OS SERVENTUARIOS DA TYRANNIA

Relação dos Deputados que a 26 de Junho de 1894 apresentaram o projecto de prorogação do estadode sitio. (1)

Adolpho Affonso da Silva Gordo.
Antonio Eduardo de Barredo.
Antonio José da Costa Junior.
Antonio Rodrigues Lima.
Aristides Augusto Milton.
Arthur Cesar Pio.
Augusto Montenegro.
Augusto Severo de Albuquerque Maranhão.
Augusto Tavares de Lyra.
Benedicto Pereira Leite.
Candido de Oliveira Lins de Vasconcellos.

(1) Este projecto passou na Camara por grande maioria, patrocinado pelo *leader* do Governo, o Sr. Francisco Glycerio, e no Senado pelo Sr. Quintino Bocayuva.

Carlos Augusto Valente de Novaes.
Carlos Jorge Calheiros de Lima.
Cincinato Cesar da Silva Braga.
Enéas Martins.
Feliciano de Lima Duarte.
Francisco Glycerio.
Francisco Gurgel de Oliveira.
Gustavo Collaço Fernandes Véras.
Jayme Pombo Bricio Filho.
João Augusto Neiva.
Joaquim Ignacio Tosta.
José Francisco Viveiros.
José Teixeira da Matta Bacellar.
José da Rocha Cavalcante.
Luiz Francisco Junqueira Ayres de Almeida.
Oscar Godoy.
Paulino Carlos de Arruda Botelho.
Pedro Vergne de Abreu.
Silvestre Octaviano Loureiro.
Thomaz Cavalcante de Albuquerque.
Thomas Delphino dos Santos.
Thomas Garcez Paranhos Montenegro.
Uladisláo Herculano de Freitas.

Relação dos Deputados que a 29 de Junho de 1894 apresentaram um projecto para adiamento da sessão do Congresso Nacional (1)

Adolpho Pereira Burgos Ponce de Leon.
Agostinho Vidal Leite de Castro.
Alcindo Guanabara.
Alvaro Augusto de Andrade Botelho.
Antonio José de Siqueira.
Antonio Marques da Silva Mariz.
Antonio Pinto da Fonseca.
Antonio da Trindade Antunes Meira Henriques.
Belisario Augusto Soares de Souza.
Carlos Antonio de França Carvalho. (2)
Chateaubriand Bandeira de Mello.
Francisco Santiago Gonçalves da Silva.
Galdino Teixeira Lins de Barros Loreto.
João Nogueira Penido.
Joaquim Antonio Xavier do Valle.
Joaquim Gonçalves Ramos.
Joaquim Nogueira Paranaguá.

---

(1) Ninguem poderia melhor qualificar esse grupo de serventuarios do Despotismo, do que o General Honorato Caldas, quando, em sua obra a *Deshonra da Republica*, depois de denominar o governo de então de — sentina — os cognominou com o titulo de : Disputadores á honra de chapeleta d'essa nova *City Improvements*, representantes do Terror e capachos do Dictador.

(2) Foi este Deputado, que patrocinou este projecto, aliás approvado, após grande debate.

José Americo de Mattos.
José Carlos de Carvalho.
José da Costa Machado e Souza.
José Cupertino de Siqueira.
José Izidoro Martins Junior.
Luiz Arthur Detzi.
Luiz Eugenio Monteiro de Barros.
Luiz da Silva Castro.
Manoel Henrique da Fonseca Portella.
Mariano Ramos.
Nilo Peçanha.
Rodolpho Ernesto de Abreu.
Simão da Cunha Pereira.
Theotonio de Magalhães e Castro.

Relação dos Senadores que votaram a favor do projecto de adiamento da sessão do Congresso Nacional. (1)

Abdon Felinto Milanez.
Amaro Bezerra Cavalcante.
Almiro Alvares Affonso.
Antonio Justiniano Esteves Junior.
Antonio Pinto Nogueira Accioli.

(1) Este projecto foi regeitado depois de renhido debate.

Aristides da Silveira Lobo. (1)
Domingos Vicente Gonçalves de Souza.
Eugenio Pires de Amorim.
Firmino Pires Ferreira.
Francisco Manoel da Cunha Junior.
Francisco de Paula Rodrigues Alves.
Generoso Paz Leme de Souza Ponce.
Gil Diniz Goulart.
João Cordeiro.
Joaquim Antonio da Cruz.
Joaquim José Paz da Silva Sarmento.
José de Almeida Pernambuco.
José Bernardo de Medeiros.
José Gomes Pinheiro Machado.
José Joaquim de Souza.
Manoel Ferraz de Campos Salles.
Manoel Mello Cardoso Barata.
Quintino Bocayuva, (2)
Ramiro Fortes de Barcellos.

---

(1) Está soffrendo de megálo-mania de que foi acommettido.
(2) A *Cidade do Rio*, em editorial de 10 de Julho do corrente anno, assim se exprime sobre esse *grande* senador :
« Oh ! intrujão facinoroso ; oh ! réles estopim da anarchia ; oh! secreta da imprensa independente; oh ! serviçal de traiçoeiras emboscadas ; oh ! vendelhão da alma da patria, oh ! mascate do territorio nacional.
« Falla................. oh ! hypocrita incorrigivel, que te finges positivista para mascarar a ignorancia resupina, havemos de te confundir, etc......»
Que poderia eu accrescentar para descrever essa cafilá de defensores da escravisação da Representação Nacional e seu Chefe ? Que a *Cidade do Rio* foi por demais benevola e delicada.

Relação dos cidadãos que desempenharam cargos de confiança durante a Dictadura Floriano Peixoto.

Secretarios de Estado

Marechal Antonio Enéas Gustavo Galvão, guerra, interino.
General Bibiano S. da F. de M. Costallat, guerra, interino.
« Francisco Antonio de Moura, guerra, effectivo.
Almirante Felippe F. Rodrigues Chaves, marinha.
« Francisco José Coelho Netto, marinha.
« João Gonçalves Duarte, marinha.
General Bibiano S. da F. de Macedo Costallat, agricultura.
Dr. José Felippe Pereira, agricultura.
Dr. Cassiano do Nascimento, fazenda, interino.
Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire, fazenda, effectivo.
Dr. Cassiano do Nascimento, interior, interino.
Dr. Fernando Lobo Leite Pereira, interior, effectivo.
Dr. Cassiano do Nascimento, exterior.
Dr. José Felippe Pereira, exterior.

Ajudantes Generaes

Marechal Antonio Enéas Gostavo Galvão, guerra.
General Bibiano S. da F. de Macedo Costallat, guerra.
« João Antonio d'Avila, reformado, guerra.
« Roberto Ferreira, guerra.
Almirante Francisco José Coelho Netto, marinha.
« Julio Cezar de Noronha, marinha.

Chefes de Policia

Dr. Bernardino Ferreira da Silva.

Coronel Presciliano de Oliveira Valladão.

Delegados

Dr. Cezario Antonio de Mello.

Dr. Francisco Correia Dutra.

Prefeito

Coronel Henrique Valladares.

Inspector do Arsenal de Marinha

Almirante Julio Cezar de Noronha.

Director do Arsenal de Guerra

General João Thomaz da Cantuaria.

Director da Estrada de Ferro Central do Brazil

Coronel Vespaziano Gonçalves de Albuquerque e Silva. (1)

Commandantes das fortalezas e pontos fortificados

Santa Cruz, Coronel Pedro Guilherme Alves da Silva.

São João, General Francisco R. Ewerton Quadros (2)

São João, Tenente-Coronel José C. dos Reis Montenegro.

São João, Coronel Marciano A. Botelho de Magalhães.

---

(1) Restaurador do regimem do *chicote e bolos* no carro 136 V da Estrada de Ferro Central do Brasil, como balsamo provavelmente á saudade que o opprime d'esses seus *gozos* de infancia.

(2) Foi depois tomar o commando em chefe das forças em operações no Estado do Paraná que, por aviso de 21 de março de 1894, ficaram divididas em dois corpos ao mando dos Coroneis Firmino Pires Ferreira e Manuel Eufrasio dos Santos Dias, e um regimento de artilharia commandado pelo Coronel Ricardo Fernando da Silva.

Lage, Tenente-Coronel Antonio da Ilha Moreira.
Lage, Major Manoel José de Freitas.
Gragoata, Capitão Edgard Godilho, estudante. (1)
Morro do Castello, Major Francisco de Paula Borges Fortes.
Morro de São Bento, Tenente-Coronel Nicolau C. M. Freire.
Morro da Conceição, Major Nicanor Gonçalves da Silva.
Morro da Conceição, Capitão Otavio Gonçalves da Silva.
Morro da Mortona, Tenente Ildefonso da S. Guimarães.

Commandantes das forças em operações no Districto Federal e Estado do Rio

General Antonio Gomes Pimentel.
« Conrado Jacob de Niemeyer.
« Firmino Pires Ferreira. (2)
« Francisco de Paula Argolo.
« Francisco Luiz Moureira Junior.
« João Luiz Tavares.
« Luiz José da Fonseca Ramos.
« Roberto Ferreira.

Commandante superior da Guarda Nacional

Dr. Fernando Mendes de Almeida. (3)

---

(1) Este official pertencia ao batalhão academico de guarnição n'esta fortaleza e foi demittido do commando por ter declarado que não se prestava a maltratar os prisioneiros sob sua guarda.

(2) Commandou mais tarde uma divisão em S. Paulo e Paraná, e, regressando d'ahi, consta ter sido o porta-voz e assistente dos assassinatos dos márinheiros e demais revolucionarios que se entregaram ao Governo, depois da retirada da Esquadra revolucionaria ! Um immortal !

(3) Depois da quéda do Dictador, poz-se á testa da redacção da folha diaria *Jornal do Brasil*, uma das que mais tem denunciado os crimes d'esse governo de vandalos.

Commandantes de corpos do exercito em operações nos Estados convulcionados

Marechal Izidoro Fernandes.
General Antonio Ernesto Gomes Carneiro.
« Arthur Oscar de Andrade Guimarães.
« Carlos Adolfo da F. Menna Barreto.
« Firmino Pires Ferreira, senador.
« Francisco Raymundo Ewerton Quadros.
« Francisco Rodrigues Lima. (a)
« Francisco Antonio de Moura.
« Hypolito Antonio Ribeiro. (b)
« João Vicente Leite de Castro
« Jorge Diniz Santiago.
« Manoel Eufrazio dos Santos Dias.
« Manoel Francisco Soares.
Coronel Antonio Moreira Cezar.
« Carlos Maria da Silva Telles.
« Ignacio Henrique de Gouvea.
« Ricardo Fernandes da Silva.
Patriota (?) Firmino de Paula (a)
« Joaquim Elias Amaro. (a)
« João Francisco Pereira. (c)

(a) Apontado pelos federalistas como notavel assassino e ladrão.
(b) Apontado como um dos mais celebres profanadores de sepulturas.
(c) Vide a nota sobre o Almirante Saldanha da Gama, na secção sob esse titulo.

Relação dos officiaes de marinha (1) promovidos durante a dictadura Floriano Peixoto. (2)

Por antiguidade

Almirante Francisco Jeronymo Gonçalves.

---

(1) Os officiaes assignalados com uma * serviram na *incomparavel e brava* esquadra *legal*; e d'estes, aquelle a quem coube maior provento foi o *celebre* commandante em chefe d'essa não menos *celebre* esquadra; porque, de chefe de Divisão reformado, foi elevado a Almirante e passado para a primeira classe!

(2) Na esquadra appellidada legal, composta de tres torpedeiras, uma caça-torpedeira, quatro cruzadores e tres vapores, serviram apenas os quarenta officiaes do corpo da Armada, que estão assignalados n'esta relação com uma * e o primeiro tenente João da Costa Pinto, e das classes annexas os quarenta e um da relação â pag. XXXVII.

O commando d'essa esquadra foi entregue ao Chefe de Esquadra reformado, Almirante Jeronymo Francisco Gonçalves, de quem o governo lançou mão, POR NÃO TER ENCONTRADO ENTRE OS OFFICIAES GENERAES DA PRIMEIRA CLASSE QUEM SE QUIZESSE PRESTAR Á COMEDIA QUE IA SER EXHIBIDA PERANTE AS ESQUADRAS ESTRANGEIRAS, NO PORTO D'ESTA CAPITAL.

E no emtanto, o Sr. Gonçalves Duarte, Secretario da Marinha, assim se exprime em seu relatorio á pag. 20:

« E tantos foram esses patriotas, que o Governo, para não ser injusto, teve de recorrer ao quadro extraordinario a que se refere a lei......etc. E assim foram promovidos, etc. »

Quem compulsar porém esse relatorio de pag. 171 a 208, verá que, para se guarnecer a esquadra *legal*, foi mister contractar quasi todo o pessoal, tendo então o Sr. Almirante Gonçalves occasião de empregar, alem de outros afilhados, um parente de nome, Jeronymo Augusto de Araujo Gonçalves, no posto de seu ajudante de ordens: uma propina como outra qualquer!

A campanha d'essa esquadra, em defeza da *Republica* do Sr. Floriano, constou de tres feitos, qual d'elles mais *heroico*:

1º Entrada no Porto do Rio de Janeiro, para tomar conta dos navios e fortalezas, vinte e quatro horas antes evacuadas pelas forças revolucionarias, mas sobre os quaes, para se fazer crer á população d'esta Capital que ia dar-se um combate, mandou o Governo fazer vivissimo fogo de artilharia pelas fortalezas e outros pontos de terra fortificados.

2º Receber, tripular e conduzir, do Rio da Prata para o

Vice-Almirante Joaquim Antonio Cordovil Maurity. (1)

Rio de Janeiro os navios ali entregues ao governo da Republica Argentina pelo Almirante Custodio José de Mello.

3º Ir buscar em Santa Catharina o encouraçado «Aquidaban» ali tambem desamparado pelos revolucionarios.

Sobre este *heroico* feito, eis como se exprime o immortal Almirante Jeronymo Francisco Gonçalves, na sua parte official, a pags. 127 e 128, do supracitado relatorio :

« Depois de um bombardeio de mais de duas horas, ordenei que se lançasse um foguete de côr encarnada, que, servindo de signal para cessar o fogo, assignalaria tambem a occasião de avançar a divisão das torpedeiras.

« Com effeito, a referida divisão avançou e tempos depois ouvia-se para os lados da enseada de S. Miguel, onde então se achava o encouraçado « Aquidaban » um vivo tiroteio que durou mais ou menos uma hora.» Foi nessa occasião provavelmente que sesse *bravos* por prudencia ou duvida de haver ainda a bordo revolucionarios, atiraram o torpedo que o arrombou; e depois... deixemos fallar ainda o mesmo Sr. Jeronymo Gonçalves :

« ...... Esse dia (16) reservei para repouso da guarnição. Não tendo muita confiança no exito da expedição da vespera, reservava-me para outro accommettimento, e como meu fim era cada vez mais approximar-me do inimigo, resolvi mudar o fundeadouro da esquadra para « Canavieiras », o que teve logar em 17 de Abril do corrente.

« Pouco depois de fundear a esquadra, veio á bordo do capitanea *um official da corveta allemã que communicou achar-se o Encouraçado Aquidaban abandonado e garrando...* Em vista da informação recebida, suspendi da enseada de « Canavieiras » e fui fundear proximo á fortaleza de Santa Cruz, etc.

« Em seguida fiz signal para que o cruzador «Tiradentes», sob o commando do Capitão-Tenente Mariani Wanderley, e o vapor de guerra « Santos », sob o commando do Primeiro Tenente Carino da G. de Souza Franco, abordassem o Encouraçado «Aquidaban », tendo elles encontrado o referido navio em abandono, etc.»

Só n'este final é que o illustre Almirante enganou-se, pois a bordo foram encontrados, conforme affirma o coronel Joacques Ouriques em seu livro *O Droma do Paraná*, pag. 15 *in fine*, um porco e um gallo ; e segundo póde testemunhar esse mesmo official da corveta allemã *Ancora*, um macaco tambem. Eisa guarnição contra a qual se bateu a *brava* esquadra ! ! Irrisorio !..

(1) Foi esse *honestissimo* official e o não menos *honesto* Sr. Salvador de Mendonça, nosso Ministro nos Estados-Unidos da America do Norte, (irmão do inventor dos « *homicidios legaes* » o Sr. Lucio de Mendonça, juiz do Supremo Tribunal Federal

Contra-Almirante Gaspar da Silva Rodrigues *
» » João Justino Proença
» » José Pinto da Luz

Por merecimento

Capitão de Mar e Guerra, Affonso de Alencastro Graça.
» » » Francisco Calheiros da Graça.
» » » Henrique Pinheiro Guedes.
» » » Luiz Pedro Tavares.
Capitão de Fragata Candido Floriano da Costa Barreto.
» » Francisco Manoel Ribeiro
» » Francisco Marques Pereira e Souza.
» » Joaquim José Rodrigues Torres Sobrinho.
» » José Joaquim Machado Cunha.
» » José Ramos da Fonseca.
» » Manoel Jacintho Pinheiro.
» » Othon de Carvalho Bulhão.
» » Pedro Gonçalves Perdigão.
Capitão Tenente Alberico da Floresta de Miranda.
» » Albino da Silva Maia.
» » Alfredo Pinto de Vasconcellos.
» » Antonio Mariano de Azevedo.
» » Elpidio da Gama Bentes.
» » Estevão Adelino Martins.

---

nomeiado pelo actual Governo) que fizeram acquisição dos dous navios que serviram como cruzadores na Esquadra *Legal*, com os nomes de *Nicteroy* e *Andrada*, e que foram julgados pelo Sr. Almirante João Gonçalves Duarte, Secretario da Marinha do Dictador, duas inutilidades, como se infere do seu relatorio de 1894 pag. 189 e 196; a pezar de pagos como bem bons.

Capitão Tenente Francisco Maria dos Santos.
» » Henrique Adalberto Thedim Costa.
» » Henrique Eugenio Sisson.
» » Jeronymo Ribeiro de Lamare.
» » Joaquim de Albuquerque Serejo.
» » João Augusto de Amorim Rangel.
» » João Baptista Gonçalves Tinoco.
» » José Borges Leitão.
» » Odorico Pinto da Silva Leal.
» » Pedro Paulo de Oliveira Santos.
» » Tito Alves de Brito.
» » Verissimo José da Costa.
Primeiro Tenente Antonio Nogueira.
» » Cezar Augusto de Mello.
» » Henrique de Albuquerque Feijó Junior.
» » José Francisco de Moura.
» » José Paulino Rodrigues.
» » Julio Paes de Azevedo.

Por serviços prestados em defeza da Republica

Capitão de Mar e Guerra Leoneo José da Silva Rosa.
» » » Manoel Pereira Pinto Bravo.
Capitão Tenente Herculano Alfredo de Sampaio.

Por serviços de campanha em defeza da Repuplica

Capitão de Mar e Guerra Amaro da Rocha Christalina.
» » » Antonio Alves Camara.

Capitão de Mar e Guerra Joaquim Thomaz da Silva Coelho.
» » » José Ignacio Borges Machado.
Capitão de Fragata Alfredo Luciana de Abreu.
» » Aristides Monteiro de Pinho. (1)
» » Francisco Mariani Wanderley.
» » Gustavo Antonio Garniér.
» » João Antonio Soares Dutra. *
» » João Baptista das Neves. *
» » Justino José de Macedo Coimbra
» » Luiz de Azevedo Cadaval.
Capitão Tenente Adolpho Joaquim Penna.
» » Affonso da Fonseca Rodrigues. *
» » Alipio Mursa. *
» » Antonio Coutinho Gomes Pereira.
» » Aprigio Antero de Azevedo. *
» » Atanagildo Lopes da Cruz.
» » Carino da Gama de Souza Franco. * (2)
» » Carlos Pereira Lima.
» » Eduardo de Miranda e Silva.
» » Estevão Teixeira Junior.
» » Francisco de Barros Barreto.

---

(1) Este official serviu como Secretario, ou cousa que o valha, do Marechal Floriano Peixoto, e no desempenho d'esse cargo, tornou-se o delator de varios companheiros. Por ultimo foi preso por ordem do mesmo Marechal, por ter abusado, segundo constou, de sua posição official para commetter actos de prevaricação á fazenda publica.

(2) Foi o mandatario dos assassinatos dos dois infelizes sargentos Barcellos e Garcia. Vide as notas sobre estes trez nomes na «secção dos Appensos» *Victimas e Algozes.*

Capitão Tenente Francisco de Lemos Lessa.
» » Henrique Boiteux.
» » Henrique Teixeira Sadok de Sá. (1)
» » João Adolpho dos Santos. *
» » João Augusto dos Santos Porto.
» » João Carneiro de Almeida. *
» » João de Perouse Pontes. *
» » Joaquim Carlos de Paiva
» » José Maria do Outeiro. *
» » José Thomaz Lobato de Castro. *
» » Luiz Lopes da Cruz.
» » Manoel Pereira Teixeira Junior.
» » Manoel Vieira Cortez.
» » Nicoláo Possolo. *
» » Rodolpho Ramos Fontes. *
» » Sebastião Guilhobel. *
» » Tancredo de Castro Jauffret. *
Primeiro Tenente Amazonio Deolindo Maciel. *
» » Antonio Alves Ferreira da Silva.
» » Antonio da Silva Braga.
» » Aristides Vieira Mascarenhas. *
» » Augusto Schefler Thees. *
» » Carlos Agostinho de Castro. *
» » Francisco Alves Machado da Silva. *
» » Francisco Vieira Paim Pamplona. *

(1) Serviu como Secretario do Marechal Floriano Peixoto, e era o incumbido de dar os cartões de licença ás familias dos officiaes de Marinha presos. Um papel...ão.

Primeiro Tenente Godofredo Esteves da Natividade *
» » Heraclito da Graça Aranha
» » José de Figueiredo Costa *
» » José Maria Penido *
» » Julio Cesar de Noronha Santos.
» » Mariano Gonçalves Martins.
» » Miguel Augusto Dorat.
» » Rodolpho Gustavo de Alvarim Costa.

Por actos de bravura em defeza da Republica

Capitão de Mar e Guerra, Alvaro Nuno Ribeiro Belfort.
» » » José Pedro Alves de Barros.
Capitão de Fragata, Alexandre Baptista Franco.
» » Miguel Antonio Fiuza Junior.
Capitão-Tenente, Americo Brazil Silvado .
» » Aminthas José Jorge.
» » Jorge Americano Freire.
» » Julio Alves de Brito.
» » Rodolpho Lopes da Cruz.
» » Silvinato de Moura.

Por actos de distincta bravura em defeza da Republica

Capitão-Tenente — Altino Flavio de Miranda Correia * (1)

---

(1) Este foi o *heróe* do torpedo do *Aquidabam*. Sua promoção foi das mais justas, pois, alem d'esse acto de heroismo, não foi pequena bravura estar este official servindo ao Governo do Marechal Floriano Peixoto que, ao mesmo tempo, conservava preso em um cubiculo da Casa de Correcção, seu primo irmão e amigo o Dr. Sersedello Correia, ex-ministro d'aquelle tyranno, em melhores tempos.

Relação dos officiaes das classes annexas que serviram na Esquadra do Dictador e dos aspirantes que não acompanharam o Almirante Luiz Felippe de Salpanha da Gama. (1)

Capitão de Fragata, Luiz P. de Magalhães Siqueira, c. de s.
Capitão-Tenente, João Maria Bernes de Parrabère. c, de f.
» » Joseph Backer, c. de m.
» » Miguel F. Bandeira de Mello, c. de m.
Primeiro-Tenente, Alvaro T. dos Santos Imbassahy, c. de s.
» » Antonio Ferreira da Silva, c. de s.
» » Bento da F. Pinto de O. Garcez, c. de s.
» » Domingos Pedro dos Santos, c. de s.
» » Francisco Gonçalves de Oliveira, c. de m.
» » Guilherme Pereira da S. Belmonte, c. de s.
» » João José de Sant'Anna, c. de m.
» » José Calmon de Aragão Bulcão, c. de s.
» » José Esteves da França Pinto, c. de s.
» » Julio Freitas do Amaral, e. de s.
Segundo-Tenente, Antonio de Siqueira Lopes, c. de m.
» » Carlos Gomes dos Anjos, c. de m.

(1) Os officiaes assignalados com as lettras c. de f., c. de m. e c. de s., pertencem respectivamente aos corpos de fasenda, machinistas e saude.

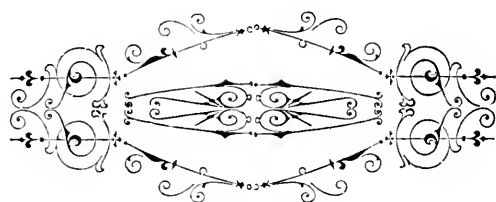
Os aspirantes assignalados com uma *, comquanto não acompanhassem o Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, talvez por prohibição de seus paes, como é de presumir, não serviram comtudo ao Governo.

Os demais prestaram-se a isso e d'estes os assignalados com um P, intitulavam-se — uma cousa — que provavelmente ainda ignoram ao certo o que exprima — Positivistas.

Segundo-Tenente Edmundo Victor Maciel, c. de f.
» » Fabiano Martins da Cruz, c. de f.
» » Henrique F. Carlos Deriquien, c. de m.
» » José da Silva Gomes, c. de m.
» » Manoel A. da Cunha Menezes, c. de m.
» » Mauricio Helmold, c. de f.
Guarda Marinha, Alfredo Augusto Ribeiro, c. de m.
» » Augusto Octavio Freitas de Castro, c. de f.
» » Bartholomeu Caetano Fontes, c. de m.
» » Carlos Arthur da Costa Bastos, c. de m.
» » Cicero Peçanha, c. de s.
» » Diogo Cupertino de Freitas, c. de m.
» » Eduardo Gomes Ferraz, engenheiro.
» » Gustavo Jacintho Martins Coelho, c. de m.
» » Joaquim Correia Dias, c. de m.
» » João Antunes Pereira, c. de m.
» » João B. de Menezes Ferreira, c. de m.
» » João de M. Pinto Junior, c. de m.
» » José de Jesus Carvalho, c. de m.
» » Jeronymo Gonçalves de Senna, c. de f.
» » Luiz Gonzaga de Souza Junior, c. de m.
» » Oscar Henrique Ferreira, c. de m.
» » Pedro Caetano Duarte Nunes, c. de f.
» » Thomaz Pinheiro dos Santos, c. de m.
» » Vital Brandão Cavalcante, engenheiro.
Aspirante a G.-Marinha, Alberto Carlos da Gama.
» » Alberto Frederico da Rocha. *

Aspirante a G.-Marinha, Alfredo Amancio dos Santos. *
» » Americo Ferraz de Castro. *
» » Antonio Candido Lessa. *
» » Antonio Pereira de S. Botafogo. P.
» » Antonio Roiz de F. Caraciolo.
» » Aristides Galvão Bueno. P.
» » Armando Augusto Gonçalves. P.
» » Armando Monteiro Esteves. P.
» » Arnaldo Siqueira da Luz. *
» » Arnaldo Rozendo Toscano. *
» » Benjamin Rodrigues da Costa. *
» » Bento de Barros M. da Silva.*
» » Carlos A. dos Reis Junior.*
» » Carlos Frederico de Noronha. P
» » Carlos Pereira Guimarães.*
» » Carlos P. Detsi Pinheiro.*
» » Cezar do Amaral Gama.*
» » Coriolano M. Coelho Cintra P.*
» » Cyro Camara.*
» » Domingos José Marques.*
» » Eduardo Justino de Proença.*
» » Firmo Alves Pereira.*
» » Francisco Naguet.*
» » Francisco Radler de Aquino.*
» » Gabriel de V. N. Machado. P.*
» » Galvão Reck Areias.* P
» » Geraldo C. Martins Junior.*

Aspirante	a Guarda-	Marinha	Heitor Gonçalves Perdigão.*
»	»	»	Heitor Xavier P. da Cunha.*
»	»	»	Hugo Mariz.*
»	»	»	Ildefonso Alves Pereira.*
»	»	»	João Augusto Garcez Palha.*
»	»	»	João de Deus Pires Ferreira.*
»	»	»	Joaquim A. da S. Ferreira.*
»	»	»	Joaquim C. de C. Carvalho.*
»	»	»	Joaquim Goulart de Andrade. P.
»	»	»	Justino Escudier.*
»	»	»	José A. d'Alencastro Graça.*
»	»	»	José F. B. Cavalcante.* P.
»	»	»	Leodigardo Heliodoro da Luz.*
»	»	»	Luiz Clemente Pinto.*
»	»	»	Manoel Giovane Colás.*
»	»	»	Manoel Viera Paim Pamplona.*
»	»	»	Mario do Amaral Gama.*
»	»	»	Noredino A. Coelho Cintra.*
»	»	»	Nuno A. Pirajá da Silva.*
»	»	»	Oscar A. Lins de Azevedo.*
»	»	»	Oscar Gitahy de Alencastro.*
»	»	»	Pedro Celestino Leivas.* P.
»	»	»	Pericles de Almeida Mello.*
»	»	»	Prothogenes P. Guimarães.*
»	»	»	Prudencio de M. S. Brandão.*
»	»	»	Randolpho E. de N. Moraes.*
»	»	»	Raul Americo dos Reis.*

Aspirante a Guarda-Marinha Ricardo Greenhalgh Barreto.*
» » » Tancredo Gomensoro.*
» » » Vicente Augusto Rodrigues.*
» » » Virgilio Pereira da Silva.*
» » » Wenceslau de A. Caldas.*
» » » Wilfrid Francis Lynch.* P.

OS DEFENSORES

DA

CONSTITUIÇÃO

Phalange heroica e brava, ah ! eu a vejo
Sempre junto de mim, ouço seus cantos
Lançando aos orbes que no espaço rolam
A epopea soberba do Futuro !

F. Varella.

Relação incompleta dos officiaes do exercito que o governo mandou considerar desertores por suspeitar que estavam servindo á Revolução Rio Grandense de 5 de Fevereiro de 1893, no Exercito Libertador, e dos cidadãos que serviram como officiaes n'esse exercito. (1)

Marechal Barão de Batovy. *
« J. José Cardozo Junior. *
General Antonio Carlos da Silva Piragibe. *
« Apparicio Saraiva. G. (2) *
« David Martins, estancieiro.
« Gumercindo Saraiva. G. *ª (3)
« João Nunes da Silva Tavares, fazendeiro. *
« José Facundo da Silva Tavares. G. N. *
« Laurentino Pinto Filho.
« Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado. *
« Monoel Machado. *
« Marcelino Pina de Albuquerque, criador.
« Prestes Guimarães, honorario.
« Raphael Cabeda, estancieiro. (4)
« José Maria Victoria Guerreiro. *

---

(1) Os cidadãos assignalados com uma * são officiaes do exercito, os assignalados com as letras G. N. são da guarda nacional, e os indicados 1ª, 2ª e 3ª serviram como officiaes das 1ª, 2ª e 3ª divisões do Exercito Libertador.

(2) Commandante do 1º Corpo do Exercito Libertador.

(3) General em chefe do Exercito Libertador.

(4) Commandante do 2º Corpo do Exercito Libertador.

Coronel Dr. Alfredo Ernesto Jacques Ourique. *
« Dr. Angelo Dourado.
« Antonio Adolpho Requin.
« Aristides Garnier.
« Augusto Menna do Amaral, estancieiro.
« Bazilio Ferreira, criador.
« Bertol Adam.
« Carlito da Gama.
« Cerra Martins.
« Cesario Saraiva.
« Cacerio Saraiva.
« Dinarte Domelles.
« Domingos Ribas, estancieiro.
« Estacio Azambuja. (1)
Francisco Colombo Leoni.
Felicio Ribas. *
« Fernando Severo.
Francisco Figueira.
« Dr. João de Menezes Doria. G. *
« José Antonio Colonia *
« José Bonifacio da Silva Tavares.
« J. Bodisack.
« J. Borba.
« José Nunes, estancieiro.
« José Seraphim de Castilhos, (2)
« Julio Cezar.

---

(1) Commandante do 3º Corpo do Exercito Libertador.
(2) Vulgarmente conhecido por Juca Tigre.

Coronel Carlos Libindo Menezes.
« Luiz Gomes Caldeira de Andrada. *
« Dr. Manoel Lavrador.
« Manoel Rodrigues de Macedo Fulião. *
« Miguel Andrade de Jesus.
« Miguel Fragoso. *
« Norberto de Amorim Bezerra. *
« Norberto Ferreira.
« Pereira Pinto.
« Sebastião Bandeira.
« Telemaco Borba.
« Teixeira de Freitas.
« Timotheo Paim.
« Torquato José Severo. (1ª)
« Ulysses Reverbel.
« Vasco Martins.
« Werneck (Medico).
« Vicente Antonio do Espirito Santo. *
« Verissimo Simões Pires, estancieiro.
Tenente coronel A. Rosani.
« « Adão Latorre. (1ª)
« « Annibal Caldeira. (1ª)
« « Antonio de Bastos Varella.
« « Antonio Martins. (1ª)
« « Bruno Jacintho Ferreira.
« « Bento Xavier da Silva. (2ª)
« « Bertholino Nunes. (2ª)

Tenente Coronel Buenaventura F. Machado.

« « Candido Simões Pires. (2ª)

« « Carlos Libindo de Menezes. (2ª)

« « Chiquinote Pereira. * (2ª)

« « David Manoel da Silva. (2ª)

« « Francisco Cabeda. (2ª)

« « Francisco Rosado. * (2ª)

« « Fidencio Ferreira. (3ª)

« « Gentil Eloy de Figueiredo, reformado.

« « Ginuca Soares. (3ª)

« « Isidoro Dias Lopes. (2ª)

« « João Gomes de Mello. (2ª)

« « João de Oliveira. (2ª)

« « João Vaz. (3ª)

« « Jorge Cavalcante de Albuquerque.

« « José de Mello Pacheco de Rezende.

« « Laurindo Machado (1ª)

« « Leonidas Damasceno. (1ª)

« « Manoel Bento. (1ª)

« « Manoel de Sá. (1ª)

« « Matheus Collares. (1ª)

« « N. Carrion. (2ª)

« « Pedro Amaro. (3ª)

« « Pedro Ribeiro. (1ª)

« « Pedro Vaz. (3ª)

« « Procopio Gomes de Mello. (3ª)

« « Romiski.

Tenente Coronel Sebastião Dutra. (2ª)
« « Sergio Tertuliano Castello Branco. *
« « Tiburcio Dias. (3ª)
« « Vasco Amaro. (2ª)
Major Abilio Gomes.
« Affonso Nunes.
« Antonio Correia.
« Antonio Rasgado.
« Antonio Rocha.
« Aristides Guahita.
« Benjamim.
« Daniel Alves de Araujo.
« Edivoci Martins.
« Francisco Emilio Julieu, engenheiro.
« Gabriel Archanjo.
« Henrique Itibéré.
« J. Hominski.
« Jacintho Lacerda.
« Januario Marìa.
« João Guedes.
« João Medeiros.
« João Silva Tavares.
« Joaquim da Silva Tavares, medico.
« José Julio Silveira Martins.
« José M. Teixeira.
« José Machuca.
« Leopoldo Engelke.

Major Lucrecio Miranda.
« Manoel Jorge da Silva.
« Norberto Ramos.
« Paulo de Oliveira.
« Pedro Amaral.
« Pedro da Silva Tavares.
« Pianelle.
« Pires Ferreira.
« Quintino Manoel do Rego.
« Roberto Ferreira.
« Saint-Clair.
« Santilhana.
« Sebio da Gama.
« Spindola, medico.
« Vicente Ferreira de Castro.
» V. Machado.
Capitão Acacio Menas.
« Acacio da Rocha.
« Alvaro Silveira Martins.
« Alfredo de Paula Freitas, medico.
« Antonio Augusto.
« Antonio Luiz Fagundes de Souza.
« Antonio Manoel da S. Coelho Junior.
« Antonio Mayr.
« Antonio Candido Molina.
« Augusto Soares da Silva.
« Claro Mineiro.

Capitão José Chiaffitella, vulgo, Grego.
« Eduardo Jacintho.
« Elisio C.
« Fabio Patricio de Azambuja. *
« Francisco Theophilo Cardoso.
« Dr. Fritz.
« Hypolito das Chagas Pereira. *
« J. F. Moraes.
« J. Plauski.
« João Rabello da Rocha.
« José Borges do Couto.
« José Moraes.
« José Valerio.
« Julio Cezar da Silva Lima.
« Luiz Ignacio Domingues. *
« Lindolfo Werber.
« Manoel Francisco Moreira Sobrinho.
« Miguiel Nunes.
« Miguiel Rosani.
« Ozorio Antonio Pires.
» Pedro Daluz.
» Policani.
» Rafael Casetti.
» Romualdo de Carvalho Barros.
» Saturnino Nicoláo Cardoso.
» Silvano A. Costa.
» Silani.

Capitão Tobias Becker. *
» Vicente Luiz Machado.
» Zeferino Xavier de Moraes.
Tenente Abel Nogueira. *
» Alfredo Garcia.
» Annibal Eloy Cardoso. *
» Aristides Olympio de Sampaio. *
» Aristides Arminio de Almeida Rego. *
» Braziliano Alves do Nascimento.
» Camillo Euzebio de Carpes.
» Cavalieri.
» Demebru.
» Duarte de Alleluia Pires. *
» Elias Tigre.
» Francisco de Paula Noronha.
» Francisco de Salles Brazil. *
» G. Guimarães.
» Ignacio Joaquim de Camargo.
» Izidoro Dias Lopes. *
» João Nepomuceno da Costa.
» José Candido Vilasco.
» José Ignacio da Cunha Rasgado. *
» Lisano.
» Manoel Joaquim Machado. *
» Milano.
» Monaco.
» Oliveira.

Tenente Othon Rodrigues Braga.
» Parmenio Martin Rangel. *
» Paulo José de Oliveira. *
» Pedro Nolasco Alves Ferreira. *
» Ribeiro.
» Terla.
» Thomaz de Aquino Carlos de Araujo.
» Vital da Silva Cardozo. *
Alferes Augusto Candido Caldas. *
» Clementino Velasco Molina.
» Gacidenio Pereira.
» João Hygino Machado de Lemos.
» Joaquim Galvão Soveral. *
» José Gomes da Silva Fraga.
» José Luiz de Souza Pires.
» Lannes Costa. *
» Leopoldo Itacoatiara de Senna. *
» Olympio Saturnino Alves.
» Tarin.
Cadete Coelho Junior. *

Relação incompleta dos Officiaes de terra que estiveram presos nos presidios d'esta capital, por suspeitos de adeptos ás Revoluções Rio-Grandense de 5 de Fevereiro de 1893 e de 6 de Setembro do mesmo anno. (1)

General Dr. Alexandre Bayma.
Francisco José Teixeira Junior.
Frederico Solon de Sampaio Ribeiro.
Honorato Candido Ferreira Caldas.
João Maciel da Costa.
Coronel Dr. Aristides Arminio Guaraná, honorario.
José Pedro d'Oliveira Galvão, senador.
Tenente-coronel Baldomero Carqueja de Fuentes. (2)
» Belarmino de Mendonça.
» Dr. Elyseu Guilherme. (3)
» Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.
» Manoel Joaquim Borges de Lima *
» Vicente Augusto do Espirito Santo.
Major Alcides Bruce.
Alfredo de Barros, honorario.
Caetano de Albuquerque.
Coriolano de Alencastro. *
Manoel Joaquim Menna da Costa Junior. *
Pedro Correia da Camara. *
Capitão Alfredo Ortiz, patriota.

(1) Os officiaes assignalados com uma * não pertencem ao exercito.
(2) Reporter do *Jornal do Commercio*.
(3) Vice-governador do Estado de Santa Catharina.

» Alvaro Antunes Baptista. *
» João José de S. Paulo Aguiar.
» José Maria Pinto Peixoto.
» Luiz Maria Pinto Peixoto.
» Manoel José Fernando, honorario.
» Modestino Roquete.
» Raymundo Por Deus.
Tenente Augusto Stallemberg.
» Domingos J. d'Albuquerque, Deputado Federal.
» Guilherme Leite Ribeiro.
» Henry Bernad.
» João Guahiva.
» Manoel Carrero da Silva.
» Pedro Alexandrino Duarte, honorario.
Alferes Alberto Anders. *
» Antonio José Meira.
» Jansen Tavares.
» Joaquim Severino Silva Filho.
» Luiz Bartholomeu de Souza e Silva.
» Luiz Solaro. *
» Olegario Pinto de Siqueira. *
» Serapião Alcides de Figueiredo. *
Cadete Alberto Lafayete.
» Celso Bayma.

Relação dos Officiaes de marinha e Aspirantes (1) que o governo mandou considerar desertores por suspeitar que estavam servindo á revolução de 6 de Setembro de 1893 (2)

NA ACTIVIDADE

Corpo da Armada

Contra-Almirante Custodio José de Mello.
» » Luiz Felippe de Saldanha da Gama.
Capitão de mar e guerra Elyezer Coutinho Tavares.
» » » » » Frederico Guilherme de Lorena.

(1) Esta relação é copia textual da que se acha á pg. 85 do Relatorio de 1894 do Secretario da Marinha do Ditador, o Sr. Almirante João Gonçalves Duarte, e n'elle foram omittidos os nomes de mais tres officiaes revolucionaos: os Capitães Tenentes Cyrillo Gonçalves Negreiros e Lindolpho Malveiro da Motta, e o Segundo Tenente José Facundo Lins.

(2) O Sr. Almirante João Gonçalves Duarte, um dos Secretarios da Marinha durante a revolução, affirmou em seu relatorio, acervo de repugnantes bajulações ao Despotismo, que apenas vinte e um por cento do pessoal da Marinha de Guerra tomou parte na revolução; e para sustentar essa inverdade teve a impudencia de mencionar como revolucionarios sómente os tresentos e cinco officiaes constantes do quadro a pag. 282 e comparar esta cifra com o numero 1423 resultante da somma dos diversos algarismos dos quadros de que se constitue o pessoal da Marinha de Guerra, inclusive do das brigadas de enfermeiros, escreventes e artifices!

Pena foi que S. Ex. não tivesse dispensado mais zelo na confecção de *sua tabella*, pois se assim houvesse procedido, não devendo ser n'ella incluidos os desesete aspirantes do 4º anno já mencionados nominalmente como Guardas-Marinha, ficaria assim a cifra dos que qualificou como desertores reduzida a duzentos e oitenta e oito e diminuida consequentemente ainda mais a *sua quota comparativa*.

Para demonstrar porém a inverdade de uma tal asserção, basta considerar que, alem dos officiaes d'essa relação, (que apenas se elevam a duzentos e cincoenta e seis, deduzindo os escreventes,

Capitão de Fragata Alexandrino Faria de Alencar.
Capitão-Tenente Alberto Jacintho Correia de Mattos.
» » Candido dos Santos Lara.
» » Emilio Carvalhaes Gomes.
» » João Velloso de Oliveira.
» » Joaquim Franco.
» » José Augusto Damasio.
» » Luiz Pinto de Sá.

---

enfermeiros, fieis e os dezesete aspirantes a que me referi, e accrescentando os tres officiaes demittidos) foram tambem adversos ao Governo, não só os cincoenta e tres da relação á pag. LXVII, que estiveram presos nos diversos presidios politicos d'esta Capital, mas ainda os sessenta da relação á pag. LXIX que pediram roforma e demissão, furtando-se assim a servirem ao Governo; e que elevando-se o seu numero a tresentos e sessenta e nove; se fôsse comparado, como deveria ter sido, como o numero 1183, que representa o quadro supracitado, com a deducção das duzentas e quarenta praças das brigadas de enfermeiros, escreventes e artifices (n'elle incluidos para illaquer a boa fé de seus concidadãos e das nações estrangeiras), seria a quota dos revolucionarios proximamente de trinta e um por cento e não de vinte e um.

Quanto ao material, vê-se tambem pela relação á pag. LXXII que todos os nâvios de guerra surtos do porto do Rio de Janeiro tomaram parte na revolução.

Cumpre porém dizer, em honra do pessoal da nossa Marinha, que se o numero de officiaes que directa ou indirectamente, figuraram na Revolução apenas attingio áquella quota, bem diminuto foi o daquelles que tomaram armas contra seus irmãos de classe para receberem da Tyrania promoções a que não tinham direito; pois, como se póde verificar pelas relações a pags. XXX e XXXVII constou de setenta e nove ou seis e meio por cento approximadamente do quadro total; d'estes sómente trinta e oito ou cerca de tres por cento pertenciam ao corpo de officiaes combatentes,e apenas onze foram promovidos por actos de—uma bravura ou distincta bravura convencional *em defeza da republica* do Dictador. (farçantes !)

O serviço dos restantes consistiu em guardar as Repartições de Marinha, mas, tendo sempre como *ordenanças* officiaes e praças do Exercito; tal era a confiança que infundiam ao Despota.

Assim demonstrado que a quasi totalidade da marinha de guerra esteve directa ou indirectamente empenhada na Revolu-

Primeiro Tenente Adolpho Victor Paulino.
» » Alberto Carlos da Cunha.
» » Alberto Fontoura Freire de Andrade.
» » Alipio A. Dias Colona.
» » Alipio de Medina Cœli.
» » Alvaro Augusto de Carvalho.
» » Antonio Accioli de Magalhães Castro.
» » Antonio João de Oliveira Sampaio.
» » Arthur Alvim.
» » Arthur Augusto de Carvalho,
» » Arthur Lopes de Mello.
» » Augusto Clemente Monteiro de Barros.
» » Augusto Theotonio Pereira.
» » Carlos Augusto Camisão de Mello.
» » Colatino Ferreira do Valle.
» » Delphino Lorena.
» » Durval Melchiades de Souza.
» » Ernesto Mafaldo de Oliveira.
» » Felinto Perry Junior.

ção, e não obstante tudo se dever esperar da sua competencia e bravura, nem por isso podia-se deixar de prever o insucesso da mesma revolução, pois para tal, alem de concorrerem talvez — quer a falta de um plano *á priori* combinado, quer a falta de união de seus chefes, cooperava ainda mais o estado de desmantellamento do nosso material naval que, tolhendo-lhes a presteza de movimentos, sobre dar tempo ao Governo para se fortificar, impedia-os de tomar as capitaes dos Estados do Norte e as respectivas alfandegas, cujas rendas facultar-lhes-hiam os recursos de que careciam e lhes eram indispensaveis á manutenção da lucta.

N. B. — Foi a este estudo que fiz allusão em uma carta que a 7 de Julho do corrente dirigi ao Sr. Moura Brito e que foi por elle inserida na folha de sua propriedade, a *Gazeta da Tarde*, a 13 de mesmo mez. Esta carta acha-se na secção — *Saldanha da Gama*.

Primeiro Tenente	Francisco de Mattos.
» »	Francisco de Souza Pinta.
» »	Francisco Thomaz Alves Nogueira.
» »	Gabriel de Mello Moraes.
» »	Gentil Augusto de Paiva Meira.
» »	Horacio Coelho Lopes.
» »	João Carlos Mourão dos Santos.
» »	João Huet Bacellar Pinto Guedes.
» »	José Antonio Coutinho.
» »	José Fructuoso Monteiro da Silva.
» »	José Liduino Castello Branco.
» »	José Maria da Fonseca Neves.
» »	José Martins de Moura Rangel
» »	José Nunes Belfort Guimarães.
» »	Leonisio Lessa Bastos.
» »	Luiz Timotheo Pereira da Roza.
» »	Manoel Pacheco de Carvalho Junior.
» »	Octacilio N. de Almeida.
» »	Olympio Pereira Gomes.
» »	Pedro Velloso Rebello.
» »	Pio da Silva Torelly.
» »	Silvio Pellico Belchior.
» »	Tranquilino de Alcantara Diogo.
» »	Viriato Duarte Hall.
Segundo Tenente	Alfredo Albino da Silva Leal.
» »	Arthur Thompson.
» »	Carlos de Alberto Witte.
» »	Eduardo de Carvalho Piragibe.
» »	Honorio de Barros.

Segundo Tenente Honorio de Lamare Kœler.
» » João Francisco dos Reis Junior.
» » Manoel Ferreira de Lamare.
» » Roberto Le Coq de Oliveira.
Guarda Marinha Alberto Durão Coelho.
» » Alberto de Sá Peixoto.
» » Antonio Candido de Carvalho.
» » Antonio Dias de Pinna Junior.
» » Armando Cezar de Burlamaqui.
» » Arthur Capell Galdino.
» » Arthur Torres.
» » Augusto Carlos de Souza e Silva.
» » Conrado Luiz Heck.
» » Heraclito Belfort Gomes de Souza.
» » Ignacio Joaquim Ribeiro.
» » Joaquim Ribeiro Sobrinho.
» » Jorge Martiniano de Castro e Silva.
» » José Joaquim Brandão dos Santos Junior.
» » José Moreira da Rocha.
» » Mario Cesar Borman de Borges.
» » Oscar d'Avila Muniz Ribeiro.
» » Raphael Brusque.
» » Trajano Galvão de Carvalho Bulhão.
Aspirante do 3º anno Agenor de C. M. V. Leite Ribeiro.
» » » » Alexandre Coelho Messeder Junior.
» » » » Alvaro Nunes de Carvalho.
» » » » Ary Fontenelle.
» » » » Augusto Cesar Burlamaque.
» » » » Celso da Cunha Gonçalves.

Aspirante do 3º anno		Damaso Pereira de Novaes.
»	»	Durval Alves de Moraes.
»	»	Emmanuel Gomes Braga.
»	»	Ernesto Fred. da Cunha Sobrinho.
»	»	Hermano Carlos Palmeira.
»	»	João Antonio da S. Ribeiro Junior
»	»	José Carlos Dias da Silva.
»	»	Luiz Augusto Diniz Junqueira.
»	»	Luiz Dias Carneiro.
»	»	Manoel Caetano de G. Coutinho.
»	»	Manoel Clementino C. da Cunha.
»	»	Mario Cesar de Castro Menezes.
»	»	Octavio Perry.
»	»	Oscar Gomes Braga.
»	»	Othon de Noronha Torresão.
»	»	Pedro Lorena.
»	»	Priamo Muniz Telles.
»	»	Roque Dias Ribeiro.
»	»	Theodureto Henrique de F. Souto.
»	»	Theophilo Oswald P. de Souza.
»	2º	Agenor Monteiro de Souza.
»	»	Alvaro Malveiro da Motta.
»	»	Arthur de Brito Pereira.
»	»	Arthur da Costa Pinto.
»	»	Arthur Echbarne.
»	»	Braulio de Araujo Braga.
»	»	Candido de Andrade Dortas.
»	»	Damião Pinto da Silva.
»	»	Durval de Aquino Gaspar.

Aspirante do 2º anno		Francisco José Pereira das Neves.
»	»	Frederico de Lemos Villar.
»	»	Henrique Aristides Guilhem.
»	»	Hormisdas Maria de Albuquerque.
»	»	Joaquim Barcellos Garcia.
»	»	Joaquim Buarque de Lima.
»	»	Joaquim Nunes de Souza.
»	»	Jonathas Rodrigues de L. Fraga.
»	»	Jorge Marques Coelho.
»	»	Luiz Cyrillo Fernandes Pinheiro.
»	»	Luiz Perdigão.
»	»	Oscar Chaves Ferreira Campos.
»	»	Pedro Manot Sarrat.
»	»	Theodoro Jardim.
»	»	William Henry Canditt.
»	1°	Alberto Nunes.
»	»	Agerico Ferreira de Souza.
»	»	Americo de Azevedo Marques.
»	»	Americo José Cardoso.
»	»	Antonio Affonso Monteiro Chaves.
»	»	Augusto Dorval da C. Guimarães.
»	»	Augusto Victor de Mattos.
»	»	Carlos Alves de Souza.
»	»	Egas Muniz da Silva.
»	»	Ernesto Alfredo Peixoto Jurena.
»	»	Eugenio Graça.
»	»	Euripedes Aureliano de Magalhães.
»	»	Fernando de Oliveira Figueiredo.
»	»	Guilherme de Azambuja Neves.

Aspirante do 1º anno Harold da Ponte Ribeiro Schiller.
» » Heitor de Azevedo Marques.
» » Hypolito Pleck Areias.
» » João Augusto de Souza e Silva.
» » José Antonio de Lacerda.
» » José Garcia d'O. d'Almeida.
» » José de Lima Campello.
» » José Machado de Castro Silva.
» » José Mattoso de Castro e Silva.
» » José de Siqueira Villaforte.
» » Luiz Pereira Pinto Galvão.
» » Mario Carlos Lameyer.
» » Octacilio Octaviano Rosa.
» » Octacilio Pereira Lima.
» » Octavio de Lima e Silva.
» » Oscar de Assis Pacheco. (1)
» » Pedro Cavalcante de Albuquerque.
» » Raul Tavares.
» » Tancredo de Alcantara Gomes.
» » Thomaz de Aquino Freitas.
» » Torquato Diniz Junqueira.
» curso previo Frederico Adrião Chaves.
» » Henrique Santa Rita.
» » José Franco Caldas.

(1) Quando as forças do governo occuparam Magé, os revolucionarios não tiveram prejuizos a lamentar, graças, por parte daquelles, ao unico sentimento que dominava o respectivo commandante o coronel Manoel Joaquim Godolfim—a sêde de depredar e assassinar—e por parte d'estes a bravura e calma d'este joven Aspirante e do Segundo tenente honorario José Felix da Cunha Menezes.

Aspirante do curso previo Miguel de Castro Caminha.
» » Manoel J. Nogueira da Gama.
» » Nicoláu Muniz Barreto de Aragão.
» » Roberto de Barros.
» » Sebastião Saldanha da Gama.

Corpo de engenheiros navaes

Capitão de mar e guerra Carlos José de Araujo Pinheiro.
Capitão de fragata Benjamin Ribeiro de Mello.
Segundo tenente Antonio Diniz de Faro Dantas.
Guarda-marinha Manoel Marques do Couto.

Corpo de saude

Contra-almirante Dr. José Pereira Guimarães.
Capitão de fragata Dr. Galdino Cicero de Magalhães.
» » Dr. Severiano Braulio Monteiro.
Primeiro tenente Dr. Affonso Henriques de Castro Gomes.
» » Dr. Augusto Pereira da Silva Lima.
» » Dr. José Amado Coutinho Barata.
» » Dr. Lucas Bicalho Hungria.
» » Dr. Thomaz de Aquino Gaspar Junior.
Guarda-marinha pharmaceutico Guilherme Hoffman Filho.

Corpo de commissarios

Primeiro tenente Francisco Alves de Paula.
» » João Teixeira de Carvalho Junior.
Segundo tenente Annibal de Paula Barros.
» » Calixto Gaudencio de Abreu.
» » João Leopoldo Gondin.
» » José Procopio Pereira Filho.
» » Marcionilio Olegario Rodrigues Vaz.

Guarda-marinha Alfredo de Alvim.
» » Francisco Marques de Lemos Bastos.
» » Francisco Roberto Barreto.
» » Jorge Masques Dubouchet.
» » José Mariano de Faria Dias.
» » Juvenal Jardim.
» » Luiz Acylino Palmeira.
» » Luiz José de Lima Junior.
» » Manoel Marques de Faria.
» » Othelo de Alcantara Gomes.
» » Pedro Nunes Correia de Sá.

Corpo de machinistas

Machinista de 4.ª classe Innocencio José de Carvalho.
» » João Baptista de Moura.
» » Manoel Ernestino da C. Moura.
Ajudante Arthur Leopoldino Arantes.
» Bernardo Joaquim de Mattos.
» João José de Bessa.
» João Teixeira Cardoso.
» Julio Maria Velho.
» Luiz Francisco da Silva.
Sub-ajudante Alberto Moreira Junior.
» Antonio Gonçalves Cruz.
» Bernardo Gonçalves da Cunha.
» Dionisio Gonçalves Martins.
» Ernesto Röhe.
» Francisco da Costa Velloso.
» Ismael Dias Braga.

Sub-ajudante José Antonio Lopes.
» Linneo Ferreira Souza de Barros.
» Miguel Moreira Junior.
» Sebastão da Costa Oliveira.
» Seraphim José Soares.
» Viriato Machado de Oliveira.
Praticante Alfredo Pinto Salgueiro.
» Angelo José Barboza.
» Juvenal Lisboa.
» Malaquias João Agostinho.
» Natal Arnaud.

FORA DA ACTIVIDADE

Reserva

Primeiro-tenente Arthur Affonso de Barros Cobra.
» » Francisco Agostinho de Souza e Mello.
Guarda-marinha João Epiphanio da Costa Ferreira.

Reformados

Capitão-tenente Targino José dos Anjos.
Primeiro-tenente Affonso Augusto R. de Vasconcellos.
» » Alvaro Ribeiro da Graça.
» » Antão Correia da Silva.
» » Arnaldo Pereira de Sampaio.
» » Clemente Lopes de Almeida.
» » Firmino Ayres de Moraes Ancora.
» » Francisco Cesar da Costa Mendes.
» » Francisco Por Deus da Costa Lima.
» » João da Silva Retumba.

Primeiro-tenente José Augusto Vinhaes.
» » José Libanio Lamenha Lins de Souza.
» » Luiz Carlos de Carvalho.
» » Manoel Pereira Vaz.
» » Thomaz de Medeiros Pontes.

Brigada de escreventes	10
» » enfermeiros	13
» » artifices	12
Officiaes d'esta relação não numerados	256
Não mencionados. Vide nota (1) pg. LVI	3
Total	294

Relação dos Officiaes de marinha que estiveram presos nos diversos presidios politicos como revolucionarios e que não figuram ne relatorio do Almirante João Gonçalves Duarte, Secretario da Marinha do Dictador Floriano Peixoto

Almirante Eduardo Wandenkolk.
Contra-almirante Euzebio de Paiva Legey.
» » Jeronymo Pereira de Lima Campos.
Capitão de mar e guerra José Victor de Lamare.
Capitão de fragata Antonio Luiz C. de Oliveira.
» » » Francisco A. de P. Bueno Brandão.
» » » Francisco Gavião Pereira Pinto.
» » » Frederico Correia da Camara.

Capitão-tenente Alexandre Galdino da Veiga.
» » Alfredo Augusto de Lima Barros.
» » Augusto Fructuoso Monteiro da Silva.
» » Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes.
» » Enéas Oscar de Faria Ramos.
» » Francisco dos Santos Matta.
» » José Carlos da Costa Barros.
» » Orozimbo Moniz Barreto.
» » Polycarpo Cesario de Barros.
» » Trajano Augusto de Carvalho, honorario.
Primeiro-tenente Alberto de Barros Raja Gabaglia.
» » Alfredo de Azevedo Alves.
» » Alfredo Oscar Short.
» » Alvaro de Medeiros Chaves.
» » Arthur de Oliveira.
» » Atanagildo Barata Ribeiro.
» » Carlos Castilho Midosi.
» » Fernando Pinto Ribeiro.
» » Dr. Ferreira de Abreu.
» » Francisco José Marques da Rocha.
» » Francisco Xavier Tinoco Junior.
» » Frederico da Cruz Secco.
» » Frederico Edel Von Hoonholtz.
» » Horacio Lemos, Commissario.
» » João Maximiano Algernon Schyfler.
» » Dr. João Pinto Couto.
» » José M. Monteiro.
» » Manuel Joaq. Nobrega de Vasconcellos.
» » Nelson Vasconcellos de Almeida.

Primeiro-tenente Paulo Ribeiro do Couto.
» » Raul Augusto Fernandes.
» » Tancredo Bulamarque de Moura.
» » Temistocles de Nogueira Savio.
Segundo-tenente Francisco Braz S. de Suza, Machinista.
» » Francisco Mattos Pitombo.
» » José Theodoro Guimarães, Commissario
» » Octavio Luiz Teixeira.
» » Raymundo Nonato.
» » Severino da Costa Oliveira Maia.
» » Tycho Brahe de Araujo Machado.
Guarda-marinha Francisco Lousada, Machinista.
» » Melchiades Vasconcellos de Almeida.
» » Pedro Luiz de Lemos, Machinista.
Aspirante Joaquim Barcellos Garcia..
» Oscar de Alencastro.

Relação dos Officiaes de marinha que se reformaram e pediram demissão escusando-se assim a prestar serviços ao Governo do Dictador Floriano Peixoto

Que se reformaram

Almirante Delfino Carlos de Carvalho.
Vice-almirante graduado Manoel Carneiro da Rocha.
Contra-almirante Carlos Balthazar da Silveira.
Capitão de mar e guerra Antonio Pompeu de A. Cavalcante.
» » » Eduardo Lemelle, Machinista.

Capitão de mar e guerra José Carlos Palmeira.
» » » José Luiz Teixeira.
» » » Manoel Augusto deCastro Menezes.
» » » Pedro Benjamim de Cerq. Lima.
» » » Pedro Nolasco da F. P. da Cunha.
Capitão de fragata Frederico Ferreira de Oliveira.
» » » José Manoel Pereira de Sampaio.
Capitão-tenente Antonio Capist. de Moura, Commissario.
» » Arthur Indio do Brasil e Silva.
» » Arthur da Serra Pinto
» » Carlos Vidal de Oliveira Freitas.
» » Franciceo Pinto Torres Neves.
» » João Augusto Delfino Pereira.
» » João Pereira Leite.
» » José Egydio Garcez Palha.
» » José Martins Toledo.
» » Leopoldo Bandeira de Gouvêa.
» » Manuel Gonçalves do Valle Guimarães.
Primeiro tenente Affonso Vicente de Carvalho.
» » Antonio de Barros Barreto.
» » Antonio Leopoldino da Silva.
» » Arthur Valdemir Cezar Belfort.
» » Caio Pinheiro de Vasconcellos.
» » Eugenio Eloy de Andrade Camara.
» » Florencio Ribeiro da Silva.
» » Francisco Alves de Mattos Pitombo.
» » Francisco de Assis Cameller.
» » Francisco de Paula de Oliveira Sampaio.
» » Horacio Nelson de Paula Barros.

Primeiro tenente João da Costa Pinto.
» » Jovino Pinto Ayres.
» » Leão Amzalak.
» » Manoel Cezar de Sá.
» » Narcizo do Prado Carvalho.
» » Olympio de Thompson.
» » Pedro Cavalcante de Albuquerque.
» » Propicio Augusto Rollim Pinheiro.
» » Dr. Prudencio Augusto Suzano Brandão.
» » Theophilo Nolasco de Almeida.
» » Dr. Venancio Nogueira da Silva.
Segundo tenente Carlos Alberto Tinoco da Silva.
» » Celso Ramos Romero.
» » Eduarde Jorge Mois, Machinista.
» » Eduardo Orlando Ferreira.
» » Joaquim Cezario.
» » José Rolon.
» » Marcos da Silva Paranhos.
» » Sebastião Jorge da Silva.
Guarda-marinha Eduardo Cortez.
» » Joaquim Gonçalves da Cunha.
» » José de Oliveira Castro.

Que pediram demissão

Primeiro-tenente Alcidio Augusto Teixeira de Freitas.
Segundo-tenente Diogenes Rodrigues de Lima e Silva.
» » Jorge Augusto Ferreira Duque-Estrada.
» » Alfredo Stelling.

Relação dos Officiaes de marinha que succumbiram durante a revolução de 6 de Setembro de 1893.

Capitão-tenente Cyrillo Gonçalves Negreiros. (1)
» » Lindolpho Malveiro da Motta. (1)
Primeiro-tenente Affonso Augusto R. de Vasconcellos. (2)
Segundo-tenente Alfredo Albino da Silva Leal. (3)
» » João Facundo Lins. (1)
» » José Moreira da Rocha. (4)
Guarda-marinha Arthur Cappell Galdino. (3)
» » Trajano Galvão de Carvalho Bulhão. (1)
Aspirante Celso Gonçalves. (1)
» Clementino da Cunha. (1)
» Dias da Silva. (1)
» Ernesto Jurena. (4)
» Fernando de Oliveira Figueiredo. (1)
» Haroldo Schiller. (1)
» Jonathas Fraga. (4)
» Othon de Carvalho Bulhão. (1)
» Pereira da Cunha. (5)
» Sebastião Saldanha da Gama. (1)

---

(1) Morto em combate ou tiroteio n'esta capital.

(2) Victima da explosão de uma peça a bordo do «Venus».

(3) Victima da explosão do pequeno paiol de polvora do cruzador «Almirante Tamandaré».

(4) O primeiro de excesso de trabalho na Torpedeira «Marcilio Dias», e os dois ultimos de beri-beri, a bordo da corveta portugueza «Affonso de Albuquerque».

(5) Victima da explosão da caldeira do «Venus» que inutilisou totalmente este vapor.

Relação dos navios de guerra, mercantes, fortalezas e pontos fortificados de que constituio-se o material bellico dos revolucionarios de 6 de Setembro de 1893.

Navios de guerra

Encouraçados : Aquidaban e Sete de Setembro.
Monitor Javary.
Cruzadores : Almirante Tamandaré, Centauro, Guanabara, Liberdade, Meteóro, Orion, Republica e Trajano.
Corveta Amazonas.
Canhoneiras : Camocim e Marajó.
Torpedeiras : Iguatemy e Marcilio Dias.
Transporte Madeira.
Brigue Imperial Marinheiro

Navios mercantes

Paquetes : Aymoré, Alagôas, Alexandria, Barão de S. Diogo, Esperança, Industrial, Iris, Itacolomy, Itapemirim, Jupiter, Laguna, Lamego, Maranhão, Marte, Mercurio, Meteóro, Ondina, Pallas, Parahyba, Penedo, Uranus, Venus, Victoria e Adolpho de Barros.
Rebocadores : Araguaya, Chaco Austral, Emperor, Gil Braz, Gloria, Guanabara, Mauro, Standart, Valente e Vulcano.
Lancha Lucy.

Fortalezas

Ilha das Cobras e Willegagnon.

Pontos fortificados (1)

Ilhas : de Paquetá, do Governador, do Mocanguê, do Engenho, do Bom Jesus, do Vianna, do Brocoió e da Conceição.

Cidades : Magé, Paranaguá e Desterro.

---

(1) Depois apoderaram-se mais da ilha de Santa Catharina e da cidade do Desterro, capital do Estado desse nome, e das cidades de Curitiba, capital do Paraná, e de Paranaguá porto de mar do mesmo Estado.

Victimas e Algozes

Quanta atroz injustiça e quantos prantos !
Quanto drama fatal ! Quantos pezares !
Qanta fronte celeste profanada !
Quanta virgem vendida aos luparares !

FAGUNDES VARELLA.

É lenta a marcha da verdade e da justiça, mas sua hora sôa sempre.

J. PÈNES SIEFERT.

Relação incompleta dos cidadãos que foram, por ordem do dictador Floriano Peixoto, assassinados a tiro de fuzil por seus prepostos, em diversas localidades. (1)

NO RIO GRANDE DO SUL

Amaro Francisco de Moura, Coronel.
Cezario dos Anjos Garcia, Capitão.
Ernesto Paiva.
Frederico Haense.
Luiz Henrique de Moura Azevedo.
Joaquim Nunes Garcia.
Julio Mamede.
Pedro Becker, Capitão.
Pianelle, Major.
Pimentel, Major.
Senna Braga, Alferes.
Um octogenario, por suspeito de ser correio dos federalistas.

EM SANTA CATHARINA

Agostinho Picapáu, quitandeiro. (2)
Alfredo Gama d'Eça, Doutor.*

---

(1) Os individuos assignalados com uma * têm os retratos no quadro a pags. 44 e 60 respectivamente ; os assignalados, alem d'isso, com a letra K, foram os victimados no kilometro 65 da E. de Ferro de Paranaguá a Curitiba.

(2) Deixou viuva e tres filhos.

Alfredo Paulo de Freitas, Doutor.* (1)
Alvaro Augusto de Carvalho, Primeiro-tenente.*
Alvaro da Motta, menor, Aspirante.* (2)
Antonio Manoel da Silva Coelho, Capitão. (3)
Arthur Augusto de Carvalho, Primeiro-Tenente.* (4)
Barão de Batovy, Marechal.* (5)
Barcellos, Primeiro sargento. (6)
Buette, Engenheiro francez.
Braziliano Alves do Nascimento, Tenente.
Brazileiro, Tenente. (7)
Bittencourt, Capitão de policia.
Carlos Augusto Camisão de Mello, Primeiro-tenente.*
Carlos Guimarães Passos, Doutor.*
Carlos Muller.

---

(1) Deixou viuva e quatro filhos.

(2) Commandou elle proprio a escolta que o assassinou.

(3) Deixou viuva e oito filhos.

(4) Testemunha ocular affirma que este official foi assassinado pelas costas, no momento em que, no auge de indescriptivel desespero, abraçava o corpo ainda quente de seu irmão, que encontrou agonisante no logar do supplicio, e dirigia á escolta de seus assassinos, acerbas recriminações.

(5) Este veterano da guerra do Paraguay não podendo quasi andar por causa da lesão cardiaca que soffria, foi conduzido de carro para o logar de seu supplicio, onde commandou elle proprio uma escolta de infames alumnos da Escola Militar, que acceitaram a negra missão de o assassinar, e que nem lhe concederam a graça de fardar-se para morrer!

(6) Assassinado a bordo em viagem d'hi para esta Capital. Vide nota (1) á pag. XCII.

(7) Este official foi assassinado pelas costas com dois tiros de fuzil, e arrastado pelos pés para ser atirado ao mar. Um sacerdote porém reclamou o seu corpo e fez-lhe o enterro.

Coelho Junior, Alferes.
Caetano Nicolau de Moura. (1)
Cezario dos Anjos Garcia, Capitão.
Constancio, Tenente de policia.
Delphino Lorena, Primeiro-Tenente.*
Elesbão Pinto da Luz.
Etienne, Engenheiro francez.
F. Cascáes.
Fausto Werner, ex-deputado estadoal.
Fernandes Goularte, Coronel.
Fraga, Alferes.
Frederico Guilherme de Lorena Cap. de Mar e Guerra.* (2)
Francisco Antonio Vieira Caldas, Doutor.
Francisco Ignacio de Mello.
Hygino, Alferes.
Israél Sá Araujo, Coronel.
João Evangelista Leal, Capitão.
João Machado Lemos, Alferes.
Joaquim Vicente Lopes de Olivéira, Doutor.
José Amado Coutinho Barata, Doutor.
José Becker.
Julio Cezar da Silva Lima, Capitão.(3)

(1) Deixou viuva e muitos filhos.

(2) Tendo-se occultado nas mattas proximas á Cidade do Desterro, quando fracassou a Revolução, foi preso por denuncia de um individuo, que recebeu por este acto cincoenta mil réis de gratificação!
Deixou viuva e sete filhos.

(3) Deixou viuva e filhos.

Luiz Gomes Caldeira de Andrada, Coronel.*
Luiz Ignacio Domingos, Capitão.(1)
Miguel Cercal.
Olympio Saturnino Alves, Alferes.
Pedro Lorena, Aspirante.
Romualdo de Barros, Capitão.* (2)
Sampaio, Primeiro Sargento.(3)
Sergio Tertuliano Castelo Branco, Tenente-Coronel.* (4)
Tobias Becker. Capitão.(5)
Telles, Alferes.

NO PARANÁ (6)

Arthur Vicente Ferreira.

---

(1) Deixou viuva e filhos em completa pobreza.

(2) Deixou viuva e tres filhos menores.

(3) Este infeliz foi assassinado a bordo, em viagem para esta Capital. Vide nota (1) á pag. XCII.

(4) Pessoa de respeitabilidade insuspeita informou-me que tendo este official protestado contra o acto de lhe haverem dado por prisão o xadrez dos presos communs, a elle chegou-se sorrateiramente o commandante da guarda, o alferes Antonio Padilha Rezende Pereira, e depois de o ferir gravemente com uma facada no ventre, em resposta a tal protesto, concluiu esse assassinato dando-lhe um tiro de rewolver. no momento em que ferido, clamava por soccorro, exclamando: «o senhor é um miseravel assassino!»
Ao governo compete syndicar de tão nefasto crime.
A victima deixou viuva e quatro filhos. Vide not. 2, pag. XCII.

(5) Era deputado estadoal e confiando-se nas promessas do governo e do nosso ministro em Buenos-Ayres resolveu-se a partir d'ahi para o Rio de Janeiro; ao passar porém pela cidade do «Desterro», actualmente Florianopolis, foi preso por traição e covardemente assassinado.
Deixou viuva e filhos.

(6) Alem das victimas d'esta relação, dizem que foram tambem assassinados a tiros de fuzil, no cemiterio publico, em

Balbino Carneiro de Mendonça.* K.
Barão do Serro Azul.* K. (1)
Candido Lopes Ribeiro.
Cypriano Motta.
Felicio Antonio de Sá Ribas.
Francisco Buch.
Francisco Manoel da Silva Braga.* K.
Francisco Braga Filho.
Gastão de Aragão Mello.
Joaquim Eleuterio.
Joaquim Eleuterio Junior.
José Antonio Colonia, Coronel.* (2)
J. J. Ferreira de Moura, Thesour. da delegacia fiscal.* K. (3)
José Lourenço Scheleder.* K. (4)
José Saldanha, Coronel. (5)
Julio Haller.
Julio Muller.

---

horas tardas da noite, mais cento e tantas pessoas que estavam encarceradas no theatro de S. Theodoro.

(1) Estava occulto, e entregou-se á prisão por ter o General Ewerton Quadros se compromettido com um parente seu, o Coronel Luiz Ferreira de Abreu, que nada lhe aconteceria.

(2) Deixou numerosa familia.

(3) Por estar gravemente enfermo foi transportado em um colchão para o trem de ferro que o conduzio de Curitiba para o logar do supplicio.
Deixou viuva e filhos, entre os quaes são dignos de menção duas angelicas creaturas que, com a maior caridade, serviram no hospital de sangue d'aquella cidade, como enfermeiras dos feridos de ambas as parcialidades belligerantes.

(4) Deixou viuva e um filho na mais completa pobreza.

(5) Era viuvo, e deixou muitos filhos ao desamparo.

Manoel Fernandes de Anhaia.(1)
Manoel Netto da Costa Magalhães.(2)
Mathias Becker.(3)
Moncles Pimpão.(4)
Nepomuceno Costa, Tenente.
Pedro Nolasco Alves Ferreira, Tenente.(5)
Porfirio.(6)

---

(1) Antes de o assassinarem foi castigado a pranchadas durante muitos dias.

(2) Deixou viuva e muitos filhos na mais completa miseria.

(3) A mulher desta victima foi açoitada para denunciar seu escondrijo, e como não o tivesse feito, violentaram-na, defloraram-lhe duas filhas menores em sua presença, e saquearam-lhe quanto encontraram em sua residencia. Vide nota (e) á pag. LXXIX.

(4) Familia composta de tres varões.

(5) Pessoa insuspeita e de todo conceito informou-me que o Tenente João Leite de Albuquerque, commandante da escolta que perpetrou os assassinatos na esplanada do kilometro 65 da estrada de ferro de Paranaguá á Curitiba, ao chegar em Paranaguá, de tão *nobre* commissão, dirigiu-se ao commandante militar d'essa praça, o então Major da guarda nacional Mauricio Leon Sunio, e apresentando-lhe uma relação com trinta e um nomes de cidadãos que o governo julgava estarem presos, exigiu-lhe a entrega dos mesmos, afim de cumprir a ordem que tinha para fuzilal-os nessa mesma noite. Elles não diziam assassinar por modestia.
D'esta relação, porém, só duas victimas estavam presas: esta, a quem negaram o pedido que fez de commandar a escolta que cobardemente a assassinou, e o major José Antonio Colonia; e ambos foram logo executados no cemiterio publico.
Os demais, cujos nomes se ignoram, affirma-se que foram assassinados mais tarde pelo *immortal* major Mauricio Leon Sunio. Eis porque, n'esta relação, eu os consigno somente em algarismos.
Deixou viuva e onze filhos. Vide notas.

(6) Segundo me informou pessoa digna de todo conceito foi este infeliz assassinado a golpes de rebenque pelo major Mauricio Leon Sunio que, alem d'esta, fez grande numero

Priscilliano da Silva Correia. * K.

Roberto Silva (1)

Rodrigues de Mattos Guedes, estrangeiro.* K. (2)

Senna Braga, Alferes.

Tiberio Ribas, Coronel.

Um inglez de nome ignorado. (3)

Virissimo de Souza Marques. *

Werneck, Doutor.

NO DISTRICTO FEDERAL (4)

Em Sepetiba

Augusto de Carvalho.

Manoel do Bomfim.

---

de victimas, entre os quaes uma mulher idosa, que, casualmente, assistira aos assassinatos do Major José Antonio Colonia e Tenente Pedro Nolasco Alves Ferreira e d'elles dera noticia. Vide a nota 4 á pag. XCIII.

(1) Assassinaram um individuo que suppuzeram ser este, e que ainda se ignora se de facto o foi.

(2) Deixou viuva e onze filhos.

(3) Dizem que este infeliz foi assassinado pelo major Arthur Barreiros, que assim procedeu, para se apoderar da mulher, a quem mais tarde desamparou em Curitiba, onde vive actualmente amasiada com um Coronel do exercito.

(4) Alem das victimas relacionadas sob este titulo, foi ainda assassinada a fuzil na Ilha das Enchadas, uma companhia de marinheiros nacionaes, por ter protestado contra a má alimentação que recebia e na ilha do Fundão mais dezenove praças, segundo me asseverou um ex-machinista da armada, que fôra tambem para ali enviado com ellas, afim de ter igual destino, mas que foi poupado pela sympathia que inspirou a um alferes do exercito, incumbido d'essa carnificina.

O author d'esse *heroico* feito consta ter sido o *bravo* capitão Mauricio de Lemos, então arvorado em commandante da Ilha das Enchadas.

Raymundo de tal.
Ventura de tal.
Xavier de tal.
Anonymo. (1)

NA ILHA DA PESCARIA (2)

Felix Gomes, Segundo sargento.
João Pereira da Silva, Cabo.
Pedro Cunha, Marinheiro.
Velloso, Marinheiro.

NA ILHA DO BOQUEIRÃO

Primeiro Sargento André. (3)
» » Antonio Pereira Campos.
» » Flodoaldo Francisco Bouças.
» » Francisco Maria da Silva.
» » Francisco Theodoro Rodrigues Pinto.
» » João de Barros Pessoa.
» » João Gonçalves de Carvalho.

(1) Um individuo que suppuzeram ser o Sr. José do Patrocinio, proprietario da folha diaria *Cidade do Rio*.

(2) Alem das victimas aqui apontadas, foram assassinados a tiros de fuzil mais vinte e dous cidadãos das forças legaes que tinham sido aprisionados pelos revolucionarios da Equadra, e que aproveitando-se do tempo em que o *Uranus* levou encalhado para reparar as avarias que soffrera ao forçar a barra do Rio de Janeiro fugiram de seu bordo, onde se achavam presos, para se apresentarem á força de linha de vigilancia n'esse local.

(3) Esta praça e as outras que compõem esta relação, são as que se entregaram ás forças legaes que foram occupar as fortalezas e navios evacuados pelo Almirante Luiz Felippe Saldanha da Gama e seus officiaes e marinhagem ; e com elles foram assassinados, tambem a fuzil, muitos paisanos e até prisioneiros das forças *legaes* ahi encontrados.

Primeiro Sargento José Alvaro Moura.
» » José André dos Santos.
» » José Ferreira Mariz.
» » Jovino Francisco da Silva.
» » Leoncio Rosa.
» » Leoncio Correia da Silva.
» » Rodrigues Lins.
Segundo Sargento Euclydes Demetrio da Rosa.
» » Felix Bastos.
» » Fraccisco Lacerda.
» » João de Deus e Silva.
» » José Francisco da França.
» » Manoel Germano Cardozo. (1)
» » Manoel Pinheiro de Lacerda.
Cabo Americo Olivio.
» Francisco Annapuros.
» Gertrude das Neves.
» João Ribeiro.
» José Gramacho.
» José Pereira.
» José da Silva Maia.
» Luiz de Araujo.
» Machado.
» Pedro de Mattos
» Rozendo Rodrigues de Oliveira.
» Saturnino Pury.

(1) Assassinado a couce d'arma.

Musico Americo da Silva.
Caldereiro Carmerindo da Silva.
Serralheiro José Rodrigues Vianna.
Taifeiro João Alves Capa.
» Julio Alves de Souza.
» Miguel Avelino.

Em Magé

Alexandre Caranguejo.
Antonio Foriel Muniz.
Camillo José da Silva.
José Camello, mentecapto, convalescente do hospital.

Na Penha

José Gaspar P. da Cunha, Pharmaceutico, estrangeiro.(1)

No Campinho

Placido de Abreu, Doutor. (2)

---

(1) A familia d'este cidadão, foi menos feliz que as familias dos subditos francezes Etienne e Buette, pois não teve como a d'aquelles *um governo* que reclamasse pelos seus direitos. Seu chefe era subdito portuguez.

(2) Não sabe-se ao certo onde foi perpretado este assassinato, do mesmo modo que ainda se ignora o numero exacto de victimas que o Marechal Vermelho, (peço desculpa do plagio ao bravo Coronel Jacques Ourique) fez cahir em «Copacabana, Praia Vermelha Nictheroy, Paquetá, Ilha do Governador», e muitas das quaes conhecem-se as sepulturas.

Sobre o que não resta duvida é que o Estupro, o Roubo e o Assassinato campearam, insolitos e impunes, por todo este inditoso Districto Federal.

Em Pernambuco

Americo Virgilio, marinheiro.
Euzebio Athanazio, marinheiro.
Ignacio Antonio Quaty, marinheiro.
João Baptista de Oliveira, marinheiro.
José Maria de Albuquerque Mello, Doutor. (1)
Silvino de Macedo, Sargento. (2)
Carlos Baptista de Oliveira, Tenente. (3)

Relação incompleta dos cidadãos que falleceram, enlouqueceram e tentaram suicidar-se devido aos maos tratos que recebiam do administrador da Casa de Correcção d'esta Capital, onde se achavam presos, o Capitão reformado do exercito e Coronel honorario do Sitio Aureliano Pedro de Farias.

Que falleceram

Antero José de Faria.
Antonio José Joaquim.

---

(1) Foi mandado assassinar pelo Governador de Pernambuco o Bacharel Barbosa Lima. Serviram de executores o Coronel Francisco Ottoni Ribeiro Franco e o Capitão do exercito Raymundo Magno, que continuam a dominar n'aquelle Estado, não obstante ter sido provado esse crime!

(2) Mandaram-no abrir a sepultura onde cahiu, como um heroe, commandando a escolta que o assassinou; com grande pezar do asqueroso Alferes Bellorophonte, que havia-se empenhado para servir-lhe de carrasco, e que felizmente já está prestando contas de seus crimes no outro mundo.

(3) Este official foi assassinado no jardim de sua residencia, na noite de 19 de Outubro de 1893, por alguns de seus discipulos, alumnos da Escola Militar do Ceará, os quaes deceparam-lhe depois do crime, um dedo, para lhe roubarem um anel de ouro!

Antonio da Silva Valente.
Aarão da Rocha Miranda, Doutor.
Carlos José de Sant'Anna.
Carlos Oach.
Comingos de Souza Vianna.
Felix Moreira da Silva Telles.
Honorio José Pinto.
João Pinto do Couto, Doutor.
João Rosa.
José Antonio de Castro.
Justiniano Rodrigues Teixeira.
Manoel Maria de Oliveira.

Que enlouqueceram

Affonso Moreira, Doutor.
Carlos Garcia, Doutor.
Raul Luiz de Mello.

Que tentaram suicidar-se

Domingos José Nogueira Jaguaribe.
Nilo Deodate, Engenheiro.

Relação das mães de familias que foram forçadas e das menores que foram defloradas em sua presença pelos defensores da honra, da legalidade e do progresso da republica do Dictador Floriano Peixoto.

Henriqueta, de doze annos, filha do cidadão Nicoláo Jordão.
Ambrozina, filha da viuva de Domingos P. a C.(a)
Olympia de tal.(a)
Amelia, de dez annos de idade, filha de Eufemia A. de Souza.(b)
A menor, Angelina Maria da Piedade.(c)
A menor, Jovita Maria de Jesus.(c)
Anna Maria da Piedade (maior).(c)
A esposa de um subdito Inglez assassinado no Paranà.(d)
A esposa e filhas do Cidadão Mathias Becker assassinado no Paraná.(e)
Louise Martin, casada.(f)

(a) Defloradas pelos Alferes da força do Coronel Godolfim, J. S. Carneiro e J. A. Teixeira. (Magé.)

(b) Deflorada pelo soldado Antonio José Cardoso, que ainda está impune !!! (Magé.)

(c) Defloradas pelo cabo Apolinario e soldados de nome Luiz e Virgilio, ambos das forças sob o commando do Coronel Manoel Joaquim Godolfim. (Magé).

(d) Violentada pelo major Arthur Barreiros. Vide notas (3) á pag. LXXXIII e (5) pag. XCIII.

(e) A primeira violentada e as outras defloradas em sua presença, pelo Tenente do exercito José da Fonseca Moraes e officiaes da Guarda Nacional, o Capitão João Pedro de Loyola, e Tenente Nicoláo Boley Netto. Vide nota (5) a pag. XCIV.

(f) Violentada por um grupo de soldados, entre os quaes um do 82º batalhão da Guarda Nacional do Estado do Rio, de nome João Grande. (Magé.)

Delfina, casada.[g]

A esposa do Cidadão Maneca Pereira.[h]

Uma filha do Cidadão » » de onze annos.[h]

» » » » » » de nove annos.[h]

Um filho » » » » de oito » [h]

Relação incompleta dos individuos indigitados como tendo feito parte da notavel quadrilha de saqueadores, defloradores e assassinos ao mando do immortal Marechal de Sangue, Floriano Peixoto.

NO RIO GRANDE DO SUL

Marechal Izidoro Fernandes.[1]

General Antonio José Maria Pego Junior.

» Francisco Antonio de Moura.

» Francisco Rodrigues Lima.[a]

» Hypolito Antonio Ribeiro.[b]

» José Gomes Pinheiro Machado, senador.

(g) Violentada pelo soldado João Grande do 82 da Guarda Nacional do Estado do Rio. (Magé).

(h) Forçadas por um grupo de soldados á mando dos Generaes Rodrigues Lima e Senador Pinheiro Machado, no lugar denominado — Ilhota — no Estado de Santa Catharina.

(1) Dos officiaes que capitularam, foi o unico que cumprio a palavra empenhada de não pegar mais em armas contra a revolução.

(a) Esse individuo tornou-se notavel como profanador de sepulturas.

(b) Mandava degollar até as mulheres que seguiam as forças federalistas, quando cahiam prisioneiras.

Major Arthur Barreiros.
» Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz [a]
Capitão Antonio Carlos Chachá Pereira.
» Joaquim Thomas dos Santos e Silva Filho.
Patriota Firmino de Paula.[b]
» João Francisco Pereira [a]
» Joaquim Elias Amaro.[b]
» Pedroso Motta.
» Portugal.
» Prevost e filhos.[1]
Doutor Fernando Abbot [2]
» Julio de Castilhos.
» Moysés Vianna.[3] [a]

Em Santa Catharina

Coronel Antonio Moreira Cezar, governador. *
General Francisco Rodrigues Lima. *
» José Gomes Pinheiro Machado. *
Almirante Francisco Jeronymo Gonçalves. *
Capitão de Mar e Guerra Gaspar da Silva Rodrigues.
Tenente Coronel Emygidio Dantas Barreto.

(a) São apontados pelos federalistas como os mais emeritos assassinos e ladrões, que devastaram o Rio Grande do Sul durante a guerra civil.

(b) Esses individuos tornaram-se notaveis como profanadores de sepulturas.

(1) Estes bandidos acompanhavam sempre as forças do Senador General Pinheiro Machado, e eram os incumbidos de incendiar e saquear as villas e propriedades ruraes do Estado.

(2) Foi nomeiado ministro plenipotenciario na Republica do Uruguay, onde permaneceu bem tempo ainda, sob o actual Governo.

(3) Era Intendente em Sant'Anna do Livramento.

Capitão-Tenente Carino da Gama de Souza Franco. (1)
Tenente Adolpho Lins.
Alferes Antonio Padilha R. Pereira, em commissão. (2)
» Maximiano Maisla.
» Manoel Bellorophonte de Lima.
Commissario de Policia Eloy Flores
» Antonio Schenaeder.
Promotor Publico Horacio Cunha.
Doutor Paula Ramos.
Ex-Governador Hercilio Luz.
Treze alumnos da Escola Militar desta Capital. (3)
Diversos » » » do Ceará (3)
Administrador das rendas em Itajahy, A. J. Scherammen.
Theodoro Katck.

No Paraná

General Antonio José Maria Pego Junior. *
» Francisco Raymundo Ewerton Quadros. *
» José Dias Delgado de Carvalho. *

---

(1) Em viagem de Santa Catharina para o Rio de Janeiro, constituindo-se Supremo Tribunal Militar, mandou executar a sentença de morte a que fez antes condemnar, em Conselho de Guerra, por crime de tentativa de rebelião e morte, dous sargentos do Exercito, que trazia a seu bordo. Um *bravo* !...

(2) Officiaes distinctos affirmam serem innumeras as suas crueldades. Vide nota (4) a pg. LXXX.

(3) Sobre essa pleiade de moços pesa indistinctamente a pecha de assassinos. Ahi fica esta nota, para que os bons se lavem de tão degradante labéu, apontando os criminosos.

General Manoel Eufrazio dos Santos Dias. (1) *
Senador Vicente Machado. (2) *
Tenente Coronel Alberto Ferreira de Abreu. (3) *
» Mauricio Leon Sunio. (4) *
Major Arthur Barreiros. (5)
» Arthur Vicente Ferreira.
» Dr. Martiniano de Arvellos Spinola. *

---

(1) Pessoas fidedignas informaram-me ser o numero de suas victimas superior a cem. Este *heroe* foi no entanto por duas vezes posto em liberdade pelas forças revolucionarias, sendo uma d'ellas em Tijucas, onde capitulou vergonhosamente, tomando o compromisso de não pegar mais em armas contra a Revolução !! Covarde portanto, perjuro... e assassino... Dizem que a mulher enlouqueceu logo que soube de seus crimes, e que nos accessos de loucura, lh'os lança em face.

(2) Na marcha que fez com as tropas *legaes* para Curitiba, d'onde fugira covardemente, quando os Federalistas se apossaram d'essa Capital ; passando pela Cidade de Castro, apoderou-se do livro de registros de nascimentos, por ser um documento que mais tarde demonstraria sua falta de idade para o cargo de Senador, que obteve desvensilhando-se, pelo assassinato do Barão do Serro Asul e de outros inimigos politicos.
Este facto foi denunciado no Senado pelo Senador Barão do Ladario.

(3) Como sobrinho do Barão de Serro Asul, pediu-lhe que se entregasse á prisão, garantindo-lhe que nada lhe succederia !

(4) Era o commandante militar da praça em Paranaguá. Pessôa de todo conceito informou-me ser um individuo de baixa esphera, e que foi trazido de França para aqui pelo Sr. Delahaute, representante da Companhia «Chemin de fer Brezilien», como seu criado de servir.
Foi elevado a Tenente-Coronel, pelos muitos crimes que praticou, e condecorado com uma fita de *campanha*, com que o Marechal de sangue costumava distinguir seus mais emeritos sicarios.

(5) Está respondendo a conselho por extravio de dinheiros alheios.

Capitão Amador Barboza. (1) *
» João Pedro de Loyla, guarda nacional.
» Joaquim Augusto Freire, guarda nacional. (2) *
Tenente Filéto de Oliveira Pimentel. (3) *
» Nicoláu Bolley Netto, guarda nacional.
Alferes Ataliba Lepage. *
» João Leite de Albuquerque. (4)
» José da Fonseca Moraes. (5) *

(1) Desempenhou o cargo de Chefe de Policia de Curitiba, durante o *terror* inaugurado pelo General Francisco Raymundo Ewerton Quadros.

(2) É empregado da alfandega da Capital Federal.

Pessoa insuspeita affirmou-me que este *heroe* foi apresentar-se á esquadra Revolucionaria, como amigo, e que depois de captar a confiança de seus chefes, e ter sido incumbido de trazer para terra communicações importantes para os amigos dos mesmos revolucionarios. os trahiu, como havia calmamente premeditado, entregando taes communicações ao Governo do Dictador. Tendo por tão *nobre acção* captado as boas graças do Despota, foi lógo promovido, e mais tarde incumbido de levar em mão, ao General Francisco Raymundo Ewerton Quadros, a lista fatal dos que deviam ser assassinados a fuzil no Paraná.

(3) Este Official desempenhou o cargo de ajudante de ordens do *immortal* General Ewerton Quadros durante o *terror*. Foi elle que, na qualidade de commandante do nefasto comboy que conduziu as victimas para o kilometro 65 da Estrada de Ferro de Curitiba, tendo visto a criada da familia de uma d'ellas na platafórma da Estação de Piraquara, quando n'ella parou para dar suas ordens ao agente, d'este despediu-se com a seguinte phrase — «Eu estarei de volta dentro de uma hora,e previno-lhe que se encontrar aqui alguma curiosa mando fuzilar!»

(4) Commissionado, n'este posto, pelo Marechal Floriano Peixoto, que é seu parente.

Desempenhou tambem o cargo de Chefe de Policia de Curitiba dúrante o *terror*.

(5) Informaram-me que este official era o incumbido de effectuar as prisões e execuções nas mattas, e como tal commandou a escolta que perpetrou os crimes contra a viuva e filhas do cidadão Mathias Becker. Fez parte tambem da commissão encarregada dos assassinatos do kilometro 65, no Paraná.

No Estado do Rio (1)

General Francisco de Paula Argolo.
» Luiz José da Fonseca Ramos.
Coronel Manoel Joaquim Godolfim.
Major Nuno Eulalio, guarda nacional. (2)
Tenente-coronel João Justiniano da Rocha.
Capitão Valerio A. de Amorim Caldas. Regimentopolicial.
» Jeronimo Dias de Oliveira, guarda nacional.
Capitão Cataldo, Regimento policial.
» Panasco, Regimento policial.
Alferes Adelino Guaycurus Piranema. (3)
» Antonio Alves Antunes, guarda nacional.
» Antonio Manoel Gago Quintanilha.
» Jacintho José Botelho, guarda nacional.
» José Augusto de Lima e Silva, guarda nacional.
» J. A. Teixeira, guarda nacional.
» J. S. Carneiro, guarda nacional.

No Districto Federal

General Antonio Eneas Galvão. *
» Bibiano Sergio de Macedo da Fontoura Costallat. *
» Francisco Antonio de Moura. *

---

(1) Os officiaes assignalados com uma * desempenharam seus papeis na Capital do Estado e os demais em Magé.

(2) Responsabilisado por extraviar dinheiros de praças.

(3) Roubou ao negociante Jorge Sulíva quantia superior a 1:000$.

Coronel Antonio Moreira Cezar. *
» Manoel Presciliano de Oliveira Valladão.* (1)
Major Francisco de Paula Borges Fortes, Morro do Castello.
» Horacio Hermeto Bezerra Cavalcante, Sepetiba. *
» Dr. Martiniano de Arvellos Spinola, Sepetiba. *
» Nicanor Gonçalves da Silva, Morro da Conceição.*
Capitão Autuliano Barreto Lins.
» Joaquim Ignacio Baptista Cardozo. * (2)
» Marcos Curio Mariano de Campos, Sepetiba. *
» Mauricio de Lemos, Ilha das enchadas e Boqueirão.*
» Octavio Gonçalves da Silva, Morro da Conceição.
Alferes Antonio Augusto de Souza.
» Antonio Alves Antunes, guarda nacional. Sepetiba.
Alumnos da Escola Militar. (3)

Em Pernambuco

General João Vicente Leite de Castro. * (4)
Tenente-coronel Francisco Ottoni Ribeiro Franco. *

---

(1) Consta ter sido o mandatario do assassinato do Dr. Placido de Abreu.

(2) Substituiu o Capitão Mauricio de Lemos no commando da Ilha das Enxadas. Era ajudante de ordens do Marechal Floriano Peixoto.

(3) Vinte e tantos alumnos d'esta escolla acompanharam o capitão Marcos Curio Mariano de Campos a bordo do cruzador *Lamego*, para desempenhar em Sepetiba os assassinatos que foram começados a tiros de espingarda e terminados a facadas, conforme affirmou o *Jornal do Brazil*. Os innocentes que apontem os culpados.

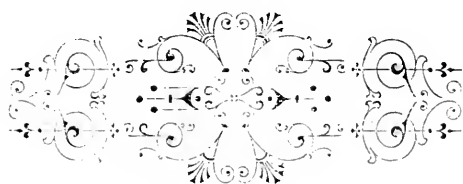
(4) Mandatario dos assassinatos do sargento Silvino de Macedo e seus companheiros.

Major Raymundo Magno. * [1]
Capitão Dr. Alexandre José Barboza Lima. * [2]
Alferes Manoel Bellerofonte de Lima. [3]

---

(1) Ajudante de ordens do Dr. Alexandre José Barbosa Lima, governador do Estado de Pernambuco, e um dos assassinos do Dr. José Maria.

(2) Governador imposto pelo Dictador ao Estado de Pernambuco.

(3) Este miseravel, depois de commetter os assassinatos em Pernambuco, foi mandado para igual commissão em Santa Catharina, onde exerceu o logar de Chefe de Policia durante a quadra do terror inaugurada pelo Coronel Antonio Moreira Cezar, e de volta d'ahi, falleceu n'esta Capital de uma congestão cerebral em casa de uma mulher publica a quem fôra procurar depois do jantar.

Saldanha da Gama

His life was gentle; and the elements so mixed in him that nature might stand up and say to all the world: « This was a man. » !

SHAKSPEARE.

He had been worth to become a god!

GEOGE LITTON.

Carta dirigida ao proprietario da "Gazeta da Tarde" a 7 de Julho de 1895. (1)

Meu caro amigo e companheiro de infortunio Sr. **Moura** *Brito.* — Quando a dor me avassala o espirito, embota-me tambem a mentalidade.

O passamento de Saldanha da Gama abysmou-me o espirito.

O amigo bem sabe que eu não tinha sómente a prantear pelo grande heroe cahido como um athleta, coberto de glorias no campo de batalha, e como sempre illesa a honra de soldado. Meu coração não tinha de enlutar-se sómente pela perda do illustre guerreiro que, depois dos combates, ia pensar com toda a caridade e gentileza seus prisioneiros feridos, com o olhar sempre empanado pelo pranto que ao mesmo tempo derramava sobre a memoria d'aquelles que inditosamente cahiam prisioneiros das forças *legaes*, e cujo fim era o assassinato irresponsavel.

Nao era sómente por uma gloria da marinha de guerra que eu, como companheiro de classe, tinha de carpir; nem finalmente pelo irmão nas lutas contra o governo do Paraguay, ou mesmo pelo Marinheiro que constituiria uma honra para qualquer marinha do universo, ou pelo filho, adorno de qualquer mae patria, que devia sangrar-me o coração como brazileiro, ao ver desapparecer para sempre da face da terra o cava-

(1) Esta carta foi publicada a 13 do mesmo mez.

lheiro e soldado, o invencivel Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama.

Não :

Um outro sentimento, menos grande talvez, porém ao certo mais delicado e terno, enuviou-me o espirito, empanou-me as luzes do cerebro : saudade dorida de um companheiro e velho camarada de infancia, a que o coração se habituara a amar com felicidade, como a um irmão, pela delicadeza do trato, pela nobreza nas acções e pela magnitude na nobreza.

Era mister portanto, carpil-o e muito. Era mister ver-lhe o niveo sepulchro regado, como tive a ventura de o vêr, pelo pranto de quanto ha de nobre nesta nossa inditosa patria, para que, um pouco apaziguado em minha dor, voltasse-me, como ora me volta, a faculdade de acção, para poder assim dirigir ao amigo a presente, com que vizo dois intuitos bem differentes, mas complementares : protestar contra o que de inverdade com que mais uma vez, abusando-se da geral consternação, se pretendeu illudir esta população ; e lançar sobre a memoria de Saldanha da Gama, mais uma lagrima sincera e sentida : ambos, protesto e lagrima ser-lhe-hão gratos.

É simples o protesto :

Em um trabalho que brevemente darei á publicidade, claramente demonstro que o numero de officiaes da armada que pegaram em armas para defender o governo do marechal Floriano Peixoto não excedeu de sete por cento proximamente de sua totalidade ; e no emtanto o *O Paiz*, descrevendo a ceremonia da trasladação do corpo, do mesmo marechal, affirma que entre as grinaldas que ornavam-lhe o feretro, havia uma com a inscripção— *Da marinha de guerra republicana !*

Pondo de parte a minha individualidade que, pelo que concerne, quer ás crenças politicas quer á posição de *reformado* que tenho na armada actualmente, ficaria dispensada do presente, pergunto :

Entre os officiaes que offertaram essa grinalda, figurariam acaso os que tomaram parte na revolução de 6 de Setembro, os que se escusaram então de servir ao governo, e os que estiveram presos, como eu na Casa de Correcção desta capital e outros presidios politicos, por suspeitos de revolucionarios ou de adptos á revolução ? !

Sendo certo que não, e uma vez que os officiaes que offertaram tal grinalda, *por modestia, nobreza d'alma, ou prodigalidade* para com os seus companheiros de classe, tinham resolvido não ornal-a, como merecia, com seus dignos e preclaros nomes ; parece-me que, devendo ella exhibir-se em publico, teria sido mais logico que lhe indicassem a origem com o titulo :—*Dos officiaes da marinha do marechal Floriano Peixoto*—, ou melhor ainda—*do Salvador da Republica*—pois que assim evitando-se quaesquer duvidas, dar-se-hia, outrosim, a Cesar o que a Cesar de direito.

Nada d'isso, porém, se tendo dado, sem duvida por estarem tão distinctos quão bravos officiaes atravessando uma quadra de indulgencias ; é-me dever o presente, pois, se nada tinha que ver no tocante á modestia d'esses illustres cavalheiros, podia comtudo attingir-me immerecidamente sua prodigalidade, como membro que sou da marinha de guerra e *filho* tambem *desta grande republica.*

E já que resolvi recolher-me, com esse protesto, á humil-

dade da minha posição, vem aqui tambem a proposito declarar-lhe mais, que esse Dr. Barata Ribeiro, que em santa romaria, lá se foi por sua vez á casa da familia do marechal Floriano Peixoto para apresentar-lhe suas condolencias pelo passamento de tão grande morto, não é o desconhecido e obscuro signatario d'estas linhas.

Eu quando quero venerar a memoria de um ente que prezei em vida, tenho por habito limitar meu procedimento a assistir os actos religiosos que se lhe mandam celebrar pelo eterno repouso, e deixando assim de cumprir com a obrigaçao, ou cerimonia da visita de pezames, sujeito-me sem protesto ao epitheto de selvagem, que aliás já pesa sobre mim, por ser oriundo do Brasil.

Sirva de prova o procedimento que tive para com a familia do meu fallecido amigo Saldanha da Gama, á qual aliás era-me talvez mesmo dever a visita a que alludo, quando mais nao fôsse, para demonstrar-lhe gratidão pelos carinhos dispensados por aquelle seu nobre parente a um sobrinho meu, filho d'esse mesmo Dr. Candido Barata, quando seu prisioneiro e ferido.

Assim clareada a confusão que por acaso se podesse dar sobre o autor de tao caridosa visita, e exarado o meu protesto relativamente á grinalda, peço ao meu amigo que, dando publicidade á presente, conceda-me mais o favor de inserir em sua conceituada folha os sonetos juntos, que dedico á memoria do meu inditoso irmão de armas—o invicto almirante de Saldanha da Gama.

Será mais um favor ao amigo obrigado.

ATANAGILDO BARATA RIBEIRO.

Uma lagrima sobre a memoria do nobre e invicto Almirante Luiz Felippe de Saldanha da Gama, morto gloriosamente em combate no campo " Osorio " a 25 de Junho de 1895. (1)

Tomou me o pasmo a vóz, quando de luto,
Vi toda uma nação, muda, em quebranto,
Ao pé de um ataude !

THOMAZ RIBEIRO.

Thow art the ruins of the noblest man
That ever lived in the tide of times.

SHAKSPEARE.

Quando o bravo cahiu por magicos encantos.
Do céo fugiu tristonho o grande rei dos astros !
A terra estremeceu. e timidos, de rastros.
Té mesmo os animaes ferozes tinham prantos !

Os anjos do senhor lançaram negros mantos
Das columnas do céo nos niveos alabastros !
E a Gloria de pezar. de suas náos nos mastros.
Fez de crepe envolver os pavilhões dos santos !

Tudo que existir soe cobriu-se em negro luto...
E a Nobreza e o Civismo em prantos com a Virtude
Carpindo em torno eu vi. do seu triste ataúde.

Era o emblema da dor. o mais santo tributo
Que a Patria então votar podia agradecida
Á memoria do heroe que tanto honrou-a em vida.

(1) Um distincto official que tomou parte no combate do Campo Osorio affirmou-me que o Almirante Luiz Felippe de

Só exultava Deos que, entrando palpitante
De jubilo no Céo, dos anjos as profanas
Demonstrações de dor sustando, e ás mundanas
Provas de amor sorrindo, ao tão nobre Almirante

Recebendo, que vinha alegre e triumphante
Dos seus feitos ainda e vãs glorias humanas
Pedir-lhe um pouso ali, dos santos entre hosannas
E cantos divinaes, assim fallou radiante:

— Tu que sempre o Valor prezaste, a Honra e a Gloria,
E a Virtude soubeste amar e a Caridade,
Teu nome venerado, *eu digo-te em verdade,*

Para sempre será nas paginas da Historia,
Sobre teres aqui, por toda a eternidade,
Meu amor, e na terra o da Posteridade.

Saldanha da Gama não foi morto pelo Tenente-coronel de *patriotas* (do thesouro) João Francisco Pereira, como se propalou, e sim pelo major Tambeiro, que o feriu com uma lançada; affirmando porém, que se o fez, foi por não conhecel-o senão de nome, visto entender que a ninguem assistia o direito, de matar um homem d'aquella estatura moral.

O que o miseravel João Francisco fez, foi, como canibal que é, mutilar o cadaver de Saldanha (de quem certamente fugiria se encontrasse com vida) cortando-lhe a orelha esquerda, que disse — *ia remetter salgada a seu chefe* Castilho, e quebrando-lhe os dentes com o cabo de um refle com o qual atravessou logo depois *de lado* a lado o pescoço da nobre victima!

ERRATA [1]

Pag. XXXVI, segunda linha, onde lê-se—o etmpo, lea-se — o tempo.
» LII, setima linha, onde lê-se — bastante, lea-se — bastamente.
» 13, decima quinta linha, onde lê-se — com o seu riso, lêa-se — com o meu riso.
» 97, decima segunda linha, onde lê-se — Sim, d'essa patria só etc., lea-se — Sim! dessa grande patria etc.
» 163 e 165, onde lê-se — O despertar, lea-se — O despertar. No seio do Futuro.
» 171 e 173, onde lê-se — Epilogo, lea-se — Epilogo. Em extasis.
» LVII, terceira linha, onde lê-se — pag. 308, lea-se pag. LXVII.
» » quinta linha, onde lê-se — pag. 313, lea-se — pag. LXIX.
» » decima quarta linha, onde lê-se — pag. 321, lea-se — pag. LXXII.
» » vigesima segunda linha, onde lê-se — pags. 274 e 282, lea-se — pags. XXX e XXXVII.

OMISSÃO

Na pag. XXXI da Explicação preliminar por engano de paginação foi omittido o seguinte periodo, que deverá entrar depois da decima quarta linha:

É em antros iguaes a este que a ignorancia e o atrazo brazileiros condemnam a morrer lentamente aquelles a que a Lei e a Justiça mandam aliás que, como punição de seu crimes, sejam simplesmente sequestrados da communhão social, ou alem d'isso sugeitos a trabalhos forçados.

---

(1) Alem d'estas, ha outras lacunas menos importantes que podem ser facilmente corrigidas pelo leitor.